

# Itaytera

NÚMERO 19

ANO 1975

*"Mas o Nordeste é um todo. Tem litoral e tem interior. Este e aquele são partes integrantes de uma só unidade geológica. As cousas se processam, no Nordeste, de modo que o interior se recusa a ficar no olvido e na distância. Ou haverá integração litoral-interior, ou o Nordeste jamais atingirá o equilíbrio e a proporção, como totalidade regional.*

*O interior tem direito a desejar suas Universidades.*

*O que não é possível é que essas Universidades surjam prematuramente e sem disciplina. Devem ser preparadas a médio e a longo prazo. Elas serão o grande veículo de integração e consolidação global do Nordeste.*

*Os que ficam nas torres de marfim, os que não querem sentir de perto a realidade do desenvolvimento gradativo do interior nordestino, continuarão a não crer nos matutos, a zombar dos sertões.*

*Eles, todavia, são mortais. Só as idéias não morrem.*

*Sobretudo, as grandes e belas idéias.*

*Quando a nossa região for comandada pela Universidade, e esta não mais pertença à beira-mar, mas uma realidade palpante em nossos sertões, nesse dia o Nordeste será o Grande Nordeste, e a Pátria será duas vezes maior.*

*Uma Universidade que se queira digna do nome há de seguir a lição dos frutos que maturam sem violência.*

*Nossa vez chegará, a despeito dos maldizentes, dos céuticos, dos donos do Saber, enfeudados em seu egoísmo exclusivista."*

JOSÉ NEWTON ALVES DE SOUSA

*in Cariri, Nordeste e Universidade*



# ITAYTERA

CRATO

N.º 19

ANO 1975

CEARÁ

DIRETORIA DO ICC PARA O ANO SOCIAL 1974-1975

Presidente  
João Lindemberg de Aquino  
Vice-Presidente  
Joaquim Lobo de Macêdo  
Secretário-Geral  
Jéfferson de Albuquerque e Sousa  
Secretário  
Antônio Nirson Monteiro  
Tesoureiro  
Antônio Correia Coelho

## COMISSÃO DA REVISTA ITAYTERA

J. Lindemberg de Aquino — Joaquim Lobo de Macêdo  
Geraldo Macêdo Lobo

## COMISSÃO DE CIÊNCIAS, LETRAS E ARTES

Padre Antônio Teodório Nunes — Napoleão Tavares Neves  
Raimundo de Oliveira Borges

## COMISSÃO DE SINDICANCIA

Pedro Pinheiro Esmeraldo — Elói Teles de Moraes  
Alderico de Paula Damasceno

## INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

Fundado em 18 de outubro de 1953  
Reconhecido de Utilidade Pública pela Lei Municipal 453, de 22 de  
setembro de 1958, fls. 96.  
Registrado no Livro A-1, do Registro Civil de Pessoas Jurídicas, sob  
o n.º 6, fls. 4/7, em Crato, em 30 de setembro de 1954

Rua Dr. Miguel Lima Verde 470  
Caixa Postal, 74 — 63.100 — Crato(Ce.)

# INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

## CADEIRAS DA SEÇÃO DE LETRAS

- N.º 1 — João Lindemberg de Aquino  
Patrono: Padre Ibiapina
- N.º 2 — Dr. Raimundo de O. Borges  
Patrono: Bruno de Meneses
- N.º 3 — Vaga.  
Patrono: José Alves de Figueiredo
- N.º 4 — Edméia Arraes de Alencar  
Patrono: Alexandre Arraes
- N.º 5 — Maria de Lourdes Esmeraldo  
Patrono: Monsenhor Esmeraldo
- N.º 6 — Padre Antônio Gomes de Araújo  
Patrono: Irineu Pinheiro
- N.º 7 — Otacílio Anselmo e Silva  
Patrono: Barbosa de Freitas
- N.º 8 — José Newton Alves de Sousa  
Patrono: Álvaro Bomilcar
- N.º 9 — Mons. Rubens Gondim Lóssio  
Patrono: D. Francisco Pires
- N.º 10 — Thomé Cabral dos Santos  
Patrono: Padre Emílio Cabral
- N.º 11 — Pedro Gomes de Matos  
Patrono: Raimundo Gomes de Matos
- N.º 12 — General Raimundo Teles Pinheiro  
Patrono: Leandro Monteiro
- N.º 13 — Joaquim Lobo de Macêdo  
Patrono: Otacílio Macêdo
- N.º 14 — Francisco Sousa Nascimento  
Patrono: Manuel Monteiro
- N.º 15 — General Joaquim P. Monteiro  
Patrono: Dr. Ratisbona
- N.º 16 — Professor Aécio Feitosa  
Patrono: Padre Francisco Pitta
- N.º 17 — Nertan Macêdo de Alcântara  
Patrono: João Brígido
- N.º 18 — José Arraes de Alencar  
Patrono: Monte Arraes

## SEÇÃO DE CIÊNCIAS

- N.º 1 — Napoleão Tavares Neves  
Patrono: Barreto Sampaio

---

Os conceitos emitidos em cada trabalho são de responsabilidade do Autor.

Accepta-se permuta com publicações congêneres, nacionais e estrangeiras

## CONTINUA A JORNADA

*Sai a lume, através da Imprensa Universitária do Ceará, dada a magnanimidade do reitor Pedro Teixeira Barroso, o 19º número de Itaytera.*

*Mais uma vez tivemos de recorrer aos préstimos da Universidade, e ela prontamente nos atendeu, reconhecendo o grande valor que representa o trabalho cultural do Instituto Cultural do Cariri.*

*Continua a jornada, encetada desde 1953, e nunca esmoecida. As dificuldades são imensas, os óbices são contínuos. Mas a pertinácia dos que dirigem o ICC, aliada à boa vontade e ao devotamento de alguns, vêm levando de vencida a dura luta pela sobrevivência, no interior, quase sem auxílio oficial, de uma instituição do porte da nossa.*

*Prestamos, no presente número, homenagem especial ao Primeiro Centenário do Seminário Diocesano S. José, de Crato, estabelecimento pioneiro do ensino de nível médio, em nossa região. Fundado a 7 de março de 1875, a velha Casa de formação religiosa, pólo de irradiação cultural dos mais expressivos, germe de onde rebentaram as maiores sementes da Educação e das Letras, no Cariri, o Seminário comemora, este ano, entre festas, o seu Centenário de existência.*

*Para celebrar mais condignamente tal evento, vasta programação vem sendo levada a efeito, desde o ano passado, culminando com a realização do Simpósio Regional de Educação (8 a 11 de junho de 1975), que trouxe ao Crato Reitores, Educadores, Técnicos e Conferencistas do mais alto gabarito*

de todo o Nordeste, e com a instalação histórica, dia 11 de junho de 1975, da Fundação Educacional Martins Filho, pedra angular de nossa futura Universidade Regional do Cariri, da qual será o órgão mantenedor.

O Instituto Cultural do Cariri associa-se, prazerosamente, a essas celebrações, e dedica Itaytera do presente ano ao Centenário do Seminário do Crato.

As nossas metas continuam sendo, paulatinamente, atingidas. Convênio foi firmado com o ex-deputado Alencar Ara-ripe, e passaremos a ocupar o prédio da Praça Juarez Távora que, depois de reformado, será a nossa sede, e onde abriremos a nossa Biblioteca ao público.

Outros convênios serão firmados, com o Instituto Nacional do Livro, e instituições culturais, para a ampliação de nossa Biblioteca.

O programa de ocupação das Cadeiras — até sua complementação — continuará. Estamos introduzindo substanciais reformas em nossos Estatutos. O ICC passará a ter vida mais dinâmica e atuante, menos contemplativa. Lançaremos, em breve, novas obras de autores regionais. Continua a jornada, incentivada pelos amigos e pelas autoridades. Nossas metas continuam de pé.

## ATIVIDADES DO ICC EM 1974

(Relatório enviado ao Exmo. Sr.  
Ministro da Educação e Cultura)

Exmo. Sr. Ministro da Educação e Cultura:

O Instituto Cultural do Cariri, sediado em Crato, Estado do Ceará, manteve, durante o ano de 1974, malgrado a escassez de recursos com que contou, o seu programa básico destinado a fomentar o folclore e as artes e a literatura em nossa região, e a fixar, documentalmente, aspectos literários regionais, com a publicação de sua revista *Itaytera*.

Os recursos, muito diminutos, foram responsáveis, diretamente, pela bitolagem das atividades, pois além de servirem para aluguéis, despesas de Secretaria, impressos etc., ainda subsidiariam parte da edição da revista *Itaytera*.

Entrou em vigor a Diretoria eleita em outubro de 1973, que encontrou o grande vácuo deixado pelo falecimento do ex-presidente J. de Figueiredo Filho, a vida e a alma a animar a instituição durante 20 anos, falecimento ocorrido em 29 de agosto de 1973.

Normalizada a vida da instituição, com a nova Diretoria, que tinha à frente o advogado e jornalista Dr. Jósio de Alencar Araripe, prosseguiram as atividades habituais. A sede, permanentemente aberta aos visitantes, a Biblioteca à disposição de intelectuais, visitantes, excursões de alunos, pesquisadores,

que sempre colheram em seus volumes as informações sobre a região.

A única verba recebida foi da ordem de Cr\$ 5 000,00 — cinco mil cruzeiros — não existindo entrada em cofre de qualquer auxílio federal de outra ordem e nenhum estadual ou municipal.

A venda de anúncios para inserir nas páginas de nossa revista oficial — *Itaytera* — permitiu a publicação do número 18, com cerca de 200 páginas, edição histórica dedicada à vida e à obra do ex-presidente Dr. J. de Figueiredo Filho, edição de Cr\$ 13 000,00 — treze mil cruzeiros — conforme recibo em nosso poder, mas que ainda ficou restante a pagar à Tipografia e Papelaria do Cariri, impressora da revista.

O Instituto Cultural do Cariri se fez representar, em Fortaleza, por enviado especial na solenidade ocorrida na sede da Associação Cearense de Jornalistas do Interior, Av. D. Manoel, 423, naquela capital, quando foram inauguradas duas salas, ali, com os nomes de J. de Figueiredo Filho e Celso Gomes de Matos, que foram Presidente e Secretário de nossa instituição, quando em vida.

O ICC co-patrocinou o lançamento do livro *A Serviço da Palavra*, em Crato, obra de autoria de monsenhor Rubens Gondim Lóssio, Magnífico Reitor da Universidade Católica de Pernambuco, e ex-Vigário do Crato, e integrante do nosso quadro social. Foi solenidade marcante, pública, e de real ressonância em nosso meio literário.

Foram concedidos títulos de Sócios Beneméritos ao ex-deputado federal Leão Sampaio e ao escritor Pinto do Carmo, grandes benfeitores da instituição.

O lançamento, em agosto de 1974, do 18º número da revista *Itaytera*, pela sua consagração e pela repercussão em todo o Nordeste, compensou os nossos esforços.

Em 26 de setembro de 1974, espontaneamente, renunciou à Presidência o Dr. Jósio de Alencar Araripe, conforme assentamento próprio no Livro de Atas, e em observância às normas estatutárias vigentes, assumiu, naquela data, a Presidência, o Dr. Antônio Nirson Monteiro.



Em 5 de outubro de 1974 procedeu-se à eleição anual, em obediência ao que rezam os Estatutos. Em 18 do mesmo mês era empossada a nova Diretoria, que ficou assim constituída:

Presidente: João Lindemberg de Aquino  
Vice-Presidente: Joaquim Lobo de Macedo  
Secretário-Geral: Jefferson de Albuquerque e Sousa  
Secretário: Antônio Nirson Monteiro  
Tesoureiro: Antônio Correia Coelho.

Foi empossado na Cadeira nº 18 o Dr. José Arraes de Alencar, em solenidade pública, na Faculdade de Filosofia do Crato, patrocinada por nossa instituição. O mesmo foi saudado pelo Dr. Joaquim Lobo de Macedo. A Presidência designou as novas comissões ora em funcionamento na Casa, que são as de *Itaytera*, Ciências e Letras e Artes e de Sindicância.

Procedeu a Diretoria, no final do ano, a um amplo estudo da reforma e atualização dos Estatutos, já superados, pois datavam de 21 anos atrás.

Iniciou entendimentos para editar, através da Imprensa Universitária, da Universidade Federal do Ceará, o número 19 da revista *Itaytera*, dada a absoluta falta de recursos financeiros com que enfrentar o empreendimento, já bastante elevado em despesas materiais.

A Biblioteca da entidade continuou sendo enriquecida com novas doações, notadamente da Universidade Federal do Ceará, Universidade Católica de Pernambuco, Fundação Getúlio Vargas, sr. Pinto do Carmo, IAA e outras instituições, além de particulares.

Projetamos, no corrente ano, transferir nossa sede para prédio que nos foi cedido à Praça Juarez Távora, mais próprio para o nosso funcionamento, e onde a nossa Biblioteca, depois de reformada e reatualizada e catalogada, ensinará melhores serviços ao nosso povo.

Para tanto, consideramos que a subvenção desse Ministério, no montante atual (Cr\$ 7 000,00 em 1975), é absolutamente irrisória para levarmos adiante a nossa programação de metas, pelo que apelamos a Vossa Excelência nos conceder

recursos mais amplos, de que prestaremos contas religiosamente, quando aplicados.

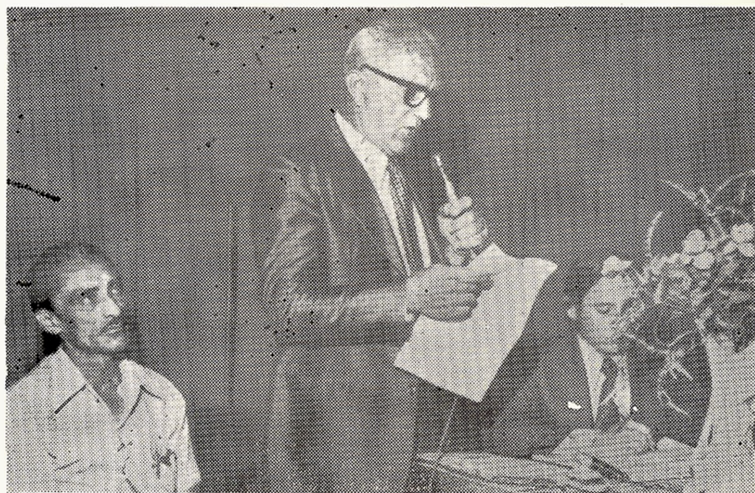
Esperando haver atendido a essa formalidade anual, a prestação de contas a esse Ministério, servimo-nos da oportunidade para expressar a V. Excia. o nosso firme desejo de aqui, neste interior do Ceará, continuar pugnando pela elevação cultural e valorização intelectual de nossa terra e nossa gente.

Crato, 13 de fevereiro de 1975.

Respeitosamente,

*João Lindemberg de Aquino*

Presidente



**DOIS ASPECTOS DA POSSE DA NOVA DIRETORIA DO ICC.**

No primeiro, Dr. Nirson Monteiro (de óculos) passa a Presidência a J. Lindemberg de Aquino. No segundo, Dr. Jefferson de Albuquerque, Secretário-Geral, fazendo a saudação oficial ao novo imortal, José Arraes de Alencar.



## **EMPOSSADA A NOVA DIRETORIA DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI**

Em solenidade ocorrida no auditório da Faculdade de Filosofia do Crato, na noite de 18-10-1974, foi empossada a nova Diretoria eleita para reger os destinos do nosso ICC (eleição em 5-10-74), e que administrará o Instituto no período de outubro de 1974 a outubro de 1975. À Mesa tomaram assento D. Lourdinha Esmeraldo, D. Benigna Arraes, Thomaz Osterne de Alencar, prof. Joaryvar Macedo, Dr. Jefferson Albuquerque, J. Lindemberg de Aquino, Dr. Antônio Nirson Monteiro, Luís Barreto de Moraes e Antônio Alves de Moraes Júnior. Os trabalhos foram presididos pelo Dr. Antônio Nirson Monteiro, inicialmente, e, depois da posse, por J. Lindemberg de Aquino.

### **DIRETORIA**

Foi empossada a seguinte Diretoria:

Presidente: J. Lindemberg de Aquino  
Vice-Presidente: Joaquim Lobo de Macedo (Joaryvar)  
Secretário-Geral: Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa  
Secretário: Dr. Antônio Nirson Monteiro  
Tesoureiro: Antônio Correia Coelho.

## **POSSE DO DR. JOSÉ ARRAES DE ALENCAR**

Logo depois da posse e do discurso do novo Presidente, foi dada posse ao novo imortal do Instituto Cultural do Cariri, Dr. José Arraes de Alencar, na Cadeira nº 18, que tem como Patrono Monte Arraes. Saudou o novo imortal o Dr. Jefferson de Albuquerque e Sousa. Devido a se encontrar ausente, por motivo justificado, o Dr. José Arraes de Alencar foi substituído, na oportunidade, pelo prof. Joaquim Lobo de Macedo, que leu o seu trabalho sobre o Patrono de sua Cadeira.

Os três discursos se seguem, agora, para conhecimento dos nossos leitores. O primeiro, o discurso de posse do novo Presidente, J. Lindemberg de Aquino. O segundo, o discurso do Dr. Jefferson Albuquerque. O terceiro, o do Dr. José Arraes de Alencar. Seguem-se traços biográficos e apreciação sobre a personalidade do ocupante da Cadeira nº 18 do ICC.

## **AO ASSUMIR A PRESIDÊNCIA DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI**

*J. Lindemberg de Aquino*

Recebo, com humildade, o posto de Presidente do Instituto Cultural do Cariri. Sei que ele me chega às mãos mais pela imensa bondade dos companheiros e associados do que pelos possíveis méritos de que eu possa ser detentor.

É uma prova de demasiada confiança em quem apenas tem procurado servir, com devotamento, com entusiasmo, com carinho, a essa entidade de Cultura, que hoje está fazendo 21 anos de existência.

Outros existem, com maiores doses de cultura, de conhecimento, de experiência.

Outros existem, ainda, com maior prestígio político e pessoal, com maior relacionamento, com tempo mais disponível e com maior capacidade de trabalho.

Quiseram, todavia, os distintos companheiros enxergar em mim o novo condutor dos destinos do ICC, e me passam às mãos essa Bandeira, que foi desfraldada pelo imortal J. de Figueiredo Filho e pelo também imortal Dr. Irineu Nogueira Pinheiro.

Não vejo outras razões para tal escolha, senão a nimia bondade e a grande confiança dos que me elegeram.



E em vista da insistência, e como sempre tenho sido um soldado na luta pelo Crato, aceitei o posto, podem crer, porque, antes de tudo, vejo nele a possibilidade de abriremos uma nova frente de luta pelo progresso cultural de nossa terra e pela sua merecida projeção, nesse setor, no cenário nacional.

Antes de mais nada, queiram aceitar os meus agradecimentos, que vão de par com os votos de que, neste cargo, empenharei todas as minhas forças para a consecução dos grandes ideais, traçados para o Instituto Cultural do Cariri.

Assinante de sua Ata de instalação, portanto, remanescente dos seus fundadores, conheço e identifico, perfeitamente, os problemas e as aspirações do Instituto. Membro de sua Diretoria há quase duas décadas, já lhe servi como Tesoureiro e Secretário, e estava, há mais de um decênio, no cargo de Secretário-Geral.

Membro de sua Comissão da Revista *Itaytera*, fui, também, o primeiro a ser empossado na Secção de Letras, na Cadeira nº 1, que tem como Patrono o Pe. Ibiapina, sobre o qual defendi tese, a respeito de sua vida e de sua obra.

São essas as condições com que me apresento agora, neste instante em que sou guindado à sua Presidência.

Há uma histórica coincidência a considerar: assumo a Presidência do Instituto Cultural do Cariri 21 anos depois de sua fundação, e fica a minha residência a 21 passos da antiga residência do primeiro Presidente, Dr. Irineu Pinheiro.

Temos muito trabalho a realizar, e dos meus planos constam, não à base de promessa, mas de certeza de trabalho, o pagamento do restante do compromisso financeiro com a impressão do último número de *Itaytera*; o recebimento da casa da saudosa educadora, D. Rosamélia de Oliveira, para ali instalarmos, condignamente, a nossa sede e a nossa Biblioteca, as providências para impressão do número 19 de *Itaytera*, cujo processado já dei entrada na Imprensa Universitária do Ceará, pois pretendemos imprimir o próximo número ali, dado os nossos poucos recursos financeiros.



Na sede nova, que pintaremos e instalaremos, com a ajuda dos Poderes Municipais, destinaremos uma sala ao folclore, com o nome de Sala Prof. Pedro Teles, criaremos um salão para exposições de arte, um gabinete para leitura e iniciaremos a coleção de peças para a criação do Museu da Imagem e do Som.

Pretendemos dinamizar as nossas atividades em todos os setores, mantendo estreito e amudado contato com as entidades congêneres de todo o país e até do exterior.

Para tanto, teremos de recorrer às autoridades, à busca de maiores recursos. Inclusive já mantive contatos com empresários locais para contribuições financeiras ao Instituto, com direito a desconto no Imposto de Renda, e o ambiente que encontrei foi francamente favorável à iniciativa.

Com o aumento de dotações federais, que já estamos pleiteando, na bancada cearense, e com recursos da Secretaria de Cultura do Estado, já prometidos, com dotação orçamentária municipal, que pretendemos conseguir, através do DECS — abrem-se amplas perspectivas para o futuro de nossa instituição.

Creio em Deus e tenho fé nos homens — e com isso marcharemos adiante, buscando projetar, cada vez mais, a nossa instituição, pelos legítimos caminhos para os quais foi criada, na concretização dos seus mais puros ideais e objetivos.

Conto com a prestimosidade e o apoio da valorosa Diretoria, o apoio das autoridades municipais e do povo do Crato.

Agradeço a presença de todos os que aqui vieram, para esta confraternização, e concito a todos para que, no Instituto Cultural do Cariri, e em todas as demais instituições locais, trabalhem ativamente para dar ao Crato a projeção que a nossa terra merece, no concerto das demais comunidades interiores.

Agradeço aos ex-presidentes Jósio de Alencar Araripe e Antônio Nirson Monteiro, e ao ex-vice-presidente pe. Antônio Gomes de Araújo, pelo apoio que deles tenho recebido.

E, reverenciando a memória daquele que foi nosso grande líder e nosso grande amigo J. de Figueiredo Filho, que está plantada em todos os nossos corações — o líder incontestado do nosso ICC — cujo trabalho imperecível se constitui a inesgotável fonte de nosso entusiasmo, encerro minhas palavras, na plena convicção de que tudo o que estiver ao meu alcance, eu o farei para maior glória do nosso Instituto Cultural do Cariri!

(Palavras pronunciadas na sessão de posse da nova Diretoria do ICC pelo presidente J. Lindemberg de Aquino, em 18-10-1974)

## SAUDANDO DR. JOSÉ ARRAES DE ALENCAR

*Jefferson de Albuquerque e Sousa*

Senhores:

Três fatos estão concorrendo para que sintamos satisfação em nos encontrarmos aqui, neste dia, nesta hora. Um, a comemoração de mais um ano de vida do Instituto Cultural do Cariri, entidade da qual fomos um dos seus urdidores e haver o mesmo sido fundado em nossa casa com a presença de J. de Figueiredo Filho, Irineu Pinheiro, Raimundo Girão e Décio Cartaxo. Outro, a posse de J. Lindemberg de Aquino na presidência deste mesmo Instituto. O terceiro, o ensejo de lhes apresentar um colega bancário, também aposentado, que ingressa no Instituto para ocupar a Cadeira nº 18.

Iniciamos a nossa saudação a este novo sócio da Casa de J. de Figueiredo Filho repetindo uma louvação de Patativa:

*"Nestes versos sertanejos,  
Quero mostrar  
Os verdadeiros lampejos  
De inteligência, de amor,  
De critério e de humildade,  
Quero, também, com verdade,  
No meu versejar grosseiro,  
Dar uma prova decidida  
Como alguém vence na vida  
Sem precisar de dinheiro.*

*Falo sobre um nordestino,  
Que à minha terra pertence,  
É do berço alencarino,  
Um distinto cearense,  
Com o qual me relaciono.  
O nome que menciono  
É de um senhor exemplar,  
Grande amigo e protetor,  
O conhecido doutor  
José Arraes de Alencar.”*

Assim começamos — utilizando a idéia e as palavras do repentista de Assaré — porque o consócio a quem damos as boas-vindas não é, senão, o “conhecido Doutor José Arraes de Alencar”.

Afirmação válida é a de que o cearense herdou do índio a tenacidade, a violência e o espírito de astúcia; dos negros, a resignação, a afabilidade e o bom humor; dos brancos, a iniciativa, a força e a inteligência. O cearense, diz-nos Thomaz Pompeu Sobrinho, é “despreocupado, fatalista, indiferente aos perigos; ambicioso e hospitaleiro; quase nômade; sóbrio, perseverante, com fino espírito de observação; corajoso e intrépido; orgulhoso e, ao mesmo tempo, simples; alegre e imaginativo; social e comunicativo. Nas letras, revela, quase sempre, originalidade, bom gosto e certo espírito de crítica”.

A José Arraes de Alencar ajusta-se, portanto, o perfil do cearense que mencionamos.

Nascido em Araripe, neste Estado, dali foi para Fortaleza, onde cursou o Seminário da Prainha e se iniciou no aprendizado do latim, do português e do francês (depois outros idiomas, como o grego, o hebraico, o alemão, o inglês, tornaram-se-lhe familiares, também). Aos 19 anos começa a demonstrar que aquelas qualidades especificadas por Thomaz Pompeu Sobrinho lhes eram próprias, principalmente a iniciativa, a inteligência, o indiferentismo ao perigo, a ambição (no bom sentido), a perseverança, o espírito de observação. E deixa o

Ceará. Passa a Pernambuco. Chega à Bahia. Ali demora em Ilhéus e se inicia no jornalismo, derivando, logo mais, para o magistério. E é, ainda em Ilhéus, que ingressa no Banco do Brasil, instituição a que se dedicou de 1918 a 1948.

Como funcionário do Banco do Brasil deslocou-se — sempre exercendo melhores posições funcionais — para Teresina, Natal, Campina Grande, Manaus, Fortaleza, Recife e Rio. Competente, hábil, honesto, humano, José Arraes de Alencar granjeou renome. As referências e os elogios registrados na sua fé-de-ofício bem o atestam. E as comissões fora do Banco — como instalador do I.A.A., participante da Comissão de Elaboração dos Estatutos do Banco da Borracha, de interventor do Banco Francês e Italiano para a América do Sul, da Chefia do Departamento de Secretaria da Direção Geral do Banco do Brasil, mostram ser José Arraes de Alencar possuidor de tais qualidades.

Mas a sua dedicação ao Banco do Brasil não o impediu que continuasse lendo, estudando, produzindo, aumentando e atualizando a sua cultura filológica. E nos dá *Filosofia e Poesia da Linguagem — Vocabulário Latino por Famílias Etimológicas*, “Zero ou o Eterno Milagre da Linguagem”, “Uma Candidatura à Academia”. Lavourando nesse campo, obteve a melhor e justa acolhida. Foi exaltado por seus méritos. Não só no Brasil. Em Portugal também. Como crítico literário, como epistológrafo, novamente adapta-se José Arraes de Alencar ao protótipo cearense: do escrever brota simplicidade, originalidade, bom gosto, alento e vida, amizade e compreensão. É ele tipicamente um *adept*, ou seja, “aquele que, mediante o seu esforço, alcançou a maestria em sua arte, nela tornando-se perito”. E quem lê José Arraes de Alencar disto se persuade, principalmente porque tudo que faz, o faz com ardor, com diligência, indo às minúcias sem enfadar. E esta maneira de fazer ele a usa à larga, como profissional, como autor, como jornalista. Muitas das facetas de José Arraes de Alencar poderíamos destacar, mas vamos nos cingir a duas mais. Uma, que mui o distingue: o amor à sua mãe, D. Silvinha, que o mandou estudar no Seminário S. José, em Fortaleza, que o estimulou pelo esforço feito a fim de conseguir os recursos para o edu-

car e o incentivou a se dedicar ao estudo e perseverar no mesmo. A respeito, novamente vale citar Patativa:

*“Por sua mãe ele tinha  
A maior veneração,  
Trazia dona Silvinha  
Dentro do seu coração.  
Quantas vezes, recordando,  
Com saudade relembrando  
Aquele olhar puro e terno,  
Não ficava absorto,  
Por lhe faltar o conforto  
Do doce afeto materno!”*

Outra faceta: a sua compostura.

Postulando à Cadeira Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, apesar de contar com o apoio de vários acadêmicos, desistiu de levar avante a sua candidatura: seria essencial pedir votos, o que feria a sua modéstia.

Hoje, assumirá José Arraes de Alencar a Cadeira do Instituto Cultural do Cariri, que tem como Patrono o jornalista, publicista e sociólogo Monte Arraes.

As saudações aos que adquirem a “imortalidade” por sua inteligência, seu culto às letras, sua prestação de serviços, sua honorabilidade, é uso estabelecido. Na maioria das vezes, aqueles que as fazem procuram ser maiores e melhores que aqueles a quem saúdam. E não raro se alongam. Fazemos exceção a esta regra: não temos tal cobiça, nem tanto “saber-dizer”, nem tanto fôlego.

Assim, findamos: seja bem-vindo à Casa de José de Figueiredo Filho. Ela se sente honrada com a sua participação nos seus trabalhos.

## MONTE ARRAES

*José Arraes de Alencar*

Senhores Sócios do Instituto Cultural do Cariri:

Sob o patrocínio de Raimundo de Monte Arraes, grande cearense, grande brasileiro, transponho o ádito desta brilhante Instituição.

Guia mais hábil e seguro não poderia encontrar, pois o douto polígrafo e digníssimo homem público honrou, com a inteligência, com o caráter e com o coração, o seu Estado natal, "Terra da Luz", de que Crato é uma das mais fulgentes luminárias, à qual dedicou sempre especial carinho. E bem o merece, por muitos títulos, esta Cidade, que é, de fato, encantadora, pelo simpático aspecto material, pela lhanza de trato de seus habitantes e digna de admiração, pelo ambiente cultural aqui reinante.

Por esses relevantes motivos e porque é o cenário, em que, embora em espírito, ora me encontro, no exercício de honrosa missão, decantá-la-ei, simultaneamente com o ilustre personagem, que muito a amou e lhe prestou relevantes serviços. A famosa Princesa do Nordeste constitui uma das mais gratas recordações de minha infância. Antes de a conhecer, na inocência daqueles anos primeiros da vida, figurava em minha imaginação como uma urbe encantada, em que todos os nossos anelos poderiam ter plena concretização, como se fora num sonho.

Ouvindo as palestras dos maiores, percebia que todas aquelas coisas que usavam, de superior qualidade, do Crato procediam, desde os vestidos e adereços, com que as mulheres se alindavam, até os pequenos objetos e quinquilharias, que atraíam a cobiça das crianças.

Circulava mesmo, a respeito, um anedotário bem significativo, como o caso daquele sertanejo que, na certeza de uma resposta negativa, chegara ao armazém do "marinheiro" Henrique e indagara, sarcástico, se lá vendiam bacia de foice, utensílio, na verdade, impossível de ser encontrado à venda, mesmo naquele grande empório, verdadeiro precursor dos modernos supermercados. Mas, efetivamente, lá o havia. E o maituto, desconsolado com o insucesso, retirou-se, cabisbaixo.

Na febril imaginação infantil, enxergava-a como uma cidade ideal e começava, fantasioso, a representá-la em meu espírito: palácios deslumbrantes se erguiam; riachos de água cristalina deslizavam entre pedras alvinitentes e uma vegetação luxuriante enfeitava a terra com a esmeralda de sua folhagem; pássaros multicoloridos lançavam para o ar a orquestração de seus trinados, como se hinos foram à munificência do Criador.

Um dia, afinal, empreendi, ainda criança, a viagem maravilhosa e, em chegando à serra do Araripe, contemplei, extasiado, o soberbo panorama do vale imenso, atapetado pelos canaviais e pontilhado pelo casario longínquo de três cidades, que, assim à distância, mais pareciam graciosos brinquedos a excitar a minha fantasia.

Eis as minhas primeiras impressões de Crato! E o milagre maior é que essa esplêndida visão permanece ainda e, diante da realidade, ela continua a ser, sob outros aspectos, a cidade de meus sonhos.

Crato, que tem a aureolar-lhe o topônimo tantos braços, desde a época libertária de 1817, devotada que sempre foi aos nobres ideais, sob qualquer aspecto, precipuamente àqueles pertinentes à instrução e ao progresso cultural desta região.

No cimo daquele outeiro, ergue-se, há mais de um século, majestoso em sua vetustez, a apontar com suas torres para a excelsitude do infinito, o edifício do Seminário, símbolo do



apego da Rainha dos Canaviais às coisas do espírito. E muitos outros educandários e estabelecimentos de ensino aqui frutificam, numa continuidade que vem atravessando os tempos e que, dessarte, lhe outorga a realeza também nos domínios da instrução.

Tão belo é, materialmente, o panorama que se descortina do topo da montanha, que a circunda e decora, quão puro o ambiente de espiritualidade que impera no recesso de seus templos, nos salões de seus educandários, no recinto de suas magníficas instituições.

O Instituto Cultural do Cariri é o remate lógico dessa intermínua série de atividades, que aqui se vêm desenvolvendo, desde prístinas eras, numa pertinácia que desafia todos os óbices. Tem esta Entidade, que ora nos abriga, o esplêndido destino de manter sempre vivo e flamejante o facho de luz, que, há tanto tempo, o idealismo de uma população cônica de seus deveres cívicos e sociais soube acender para iluminar estes sertões.

Sob o patrocínio de Monte Arraes, aqui me encontro e, embora sucintamente, pois não devo alongar-me demasiado neste magnífico recinto e perante esta nobre Assembléia, proclamarei quem foi esse grande brasileiro. Ocupar-me-ei, em primeiro lugar, daquele que considero o maior de seus livros: *Cidadão de Dois Mundos — Rui Barbosa, numa Síntese Interpretativa*.

Para comentar a Rui Barbosa e traçar-lhe o gigantesco perfil intelectual e moral, fazendo uma síntese de seu pensamento, de sua orientação política e dos fatos gloriosos de sua vida, aureolada por tantos triunfos e amargurada por tão grandes decepções, mister havia que, no ambiente literário brasileiro, surgisse uma personalidade de vasta e profunda cultura, versada tanto na Filosofia, quanto no Direito, não apenas na Pedagogia, nas Ciências Sociais, Políticas e Econômicas, senão ainda na Antropologia, na Genética e na Etnografia e que tivesse, portanto, o mágico poder de configurar, em magistral visão de conjunto, o panorama grandioso que é a polimorfa individualidade do insigne filho da Bahia.

Vê-lo, com exatidão e segurança de julgamento, em cada uma de suas fúlguras facetas, é ciclópica tarefa, a que bem poucos poderiam aventurar-se, tal a excelsitude psíquica do preclaro gênio da latinidade.

Poderia um biógrafo, em traços policrômicos e vivazes, redourar os magníficos episódios de sua existência, tão singular que, cedo, já se vai adereçando com os retoques da fantasia e da lenda; um orador, enaltecer-lhe os surtos entusiásticos de uma eloquência demostênica, que tonitruava nas assembléias cívicas ou nas tribunas do Parlamento; decantar-lhe um filólogo os largos e variados conhecimentos lingüísticos que o fizeram mestre do idioma, em que burilou períodos de harmonia e ritmo inexcedíveis; proclamar-lhe um juriscônsulto o saber jurídico e o incomparável vigor de sua dialética; um político, enfim, assinalar a coerência de suas atitudes com as diretrizes de seu pensamento e de sua formação ética.

Mas, somente um espírito enriquecido por imensa erudição, um filósofo, na mais lata acepção do termo, possuirá atributos bastantes para condignamente interpretá-lo, através de sua copiosa e variegada obra, para fazer a análise sistemática de seu pensamento, das doutrinas que o nortearam e das fontes mesmas de sua compleição intelectual.

Monte Arraes possuía credenciais para a árdua empreitada. Conhecedor profundo de todos os sistemas filosóficos, desde os que despontaram na velha e imortal Hélade, até Augusto Comte, cuja obra conhecia, linha por linha, princípio por princípio, tese por tese, podendo citar-lhe, de memória, trechos completos e discorrer, durante horas consecutivas, sobre sua genial concepção positivista; jurista de largo fôlego, uma de nossas mais abalizadas autoridades em Direito Público e Constitucional; sabedor, como poucos, dos problemas de educação, a par de todas as teorias antigas e modernas pertinentes a essa matéria, pôde empreender, com absoluto êxito, o mais penetrante e luminoso estudo, que se há feito acerca da personalidade do imortal brasileiro.

Logo no exórdio de seu magistral *Cidadão de Dois Mundos*, quando acentua qual a definição democrática do eminente homem público, libra-se Monte Arraes às mesmas alturas, em

que desferia seus vôos a prodigioso "Águia de Haia", tal soma de conhecimentos que revela e a propriedade e segurança de seus conceitos. Não se trata, portanto, apenas da definição democrática de Rui, senão ainda da definição cultural de um grande publicista: Monte Arraes.

Nenhum dos inúmeros assuntos, em que se multiplicou a excelsa obra de Rui Barbosa, deixa de ser familiar ao seu sábio intérprete. Veja-se com que profundidade e erudição versa Monte Arraes os temas filosóficos, políticos e jurídicos; como está em contato com os publicistas americanos e ingleses de todas as épocas; como, ao ocupar-se dos problemas do ensino, ministra doudas e brilhantes lições, a respeito de assuntos pedagógicos e, acompanhando *pari passu* o insigne Mestre, burila lapidares períodos, no tocante ao desenho que "como expressão das operações geométricas, é qual um preâmbulo do fato matemático, fundado no pensamento puro, criando e representando grandezas imaginárias, e o seu ulterior desdobramento no meio externo, através da experimentação dos fenômenos reais, no âmbito espacial".

Rui, artista no domínio literário; Rui, lógico, estético e moral; Rui, pontífice da interpretação constitucional; Rui, ao serviço do ensino nacional; Rui, campeão das liberdades; são eruditos estudos, em que a substância das idéias está em paralelo à perfeição estilística das sentenças.

O livro de Monte Arraes não é uma biografia. É um conjunto de teses magistrais, em que nos são ministrados altos ensinamentos sobre filosofia, direito, sociologia, pedagogia e tantas outras matérias do mesmo porte. É magnífico pedestal, em que a figura do preclaro brasileiro, conspícua e imorredoura, se encontra situada na altitude, a que sempre se alçadorou.

São estas as minhas palavras sobre a grande obra do Patrono que elegi. Poder-se-ia, no entanto, vislumbrar algum laivo de suspeita na identidade do digníssimo sobrenome que ostentamos.

Mas, uma grande figura do jornalismo, de alto renome intelectual, corrobora, em termos tais, o meu julgamento que não pode restar a mínima dúvida de que o insigne cearense

é, na verdade, vulto de primeira grandeza, capaz de analisar, com brilhantismo, a extraordinária personalidade do imortal filho da Bahia.

Eis os conceitos que formulou Austregésilo de Athayde, em sua habitual coluna do *Diário da Noite* da época: "*Cidadão de Dois Mundos* — Tem esse título o volume que acaba de publicar o escritor R. de Monte Arraes sobre Rui Barbosa. É uma exegese do pensamento jurídico e filosófico do grande homem: uma história de seu espírito. Rui, pela cultura pertencida à Europa, como todos os grandes intelectuais de seu tempo e ainda do nosso. Mas, os seus conhecimentos do Direito Público Americano e a autoridade com que, fundado nesses conhecimentos, escreveu e interpretou na prática a primeira Constituição Republicana do Brasil ligam-no essencialmente ao pensamento político do Novo Mundo. O sr. Monte Arraes, autor de numerosos outros livros de História, Sociologia e Direito, dá-nos, em *Cidadão de Dois Mundos*, a obra mais completa que já se fez no Brasil sobre a formação espiritual de Rui, as fontes de sua erudição e dos estímulos de sua ação pública. Obra invulgar para a ligeireza de nossos tempos e a superficialidade da maioria dos autores brasileiros, quando se aventuram a estudos dessa natureza. Trabalho de um espírito informado sem preconceitos doutrinários, aberto por isso à mais ampla compreensão dos problemas que discute e explica, no curso da evolução do pensamento de Rui Barbosa. Não é um livro de exaltação cega do gênio de Rui, o que, sem dúvida, lhe diminuiria o valor. Já se fizeram muitas apologias destemperadas do orador, do político, do jurista, do homem de imprensa. O sr. Monte Arraes deixou que serenassem os entusiasmos da comemoração do primeiro centenário para oferecer à inteligência do país um primoroso retrato do espírito de Rui, das influências que recebeu e transmitiu, do que foi como homem representativo do liberalismo brasileiro, no nível mais alto que atingimos."

Relendo agora seu admirável estudo, para apontar, entre inúmeros outros, alguns textos mais brilhantes, vi-me em séria contingência, pois tive de selecionar várias dezenas. Impossível transcrevê-los todos e, em tal emergência, destaco do

prefácio da grandiosa obra literária e filosófica apenas um período, que bem define o objetivo do douto escritor e lúcido analista da genial personalidade de Rui Barbosa. Ei-lo: "Ao opinarmos favoravelmente ou ao dissentirmos das doutrinas de Rui, ao aplaudi-lo com entusiasmo ou ao criticá-lo com respeito e sinceridade, não nos quisemos, numa ou noutra hipótese, contrapor aos que de outra maneira entenderam agir. Nosso intuito foi, tão-somente, o de difundir a personalidade do eminente brasileiro sob uma forma que, ao invés de meramente apologética, revestisse o cunho de uma crítica desapassionada e imparcial. Aplaudi-lo apenas não teria qualquer sabor de novidade, pois isto já havia sido feito por inúmeros de nossos melhores talentos. Daí entendermos que, neste terreno, a melhor contribuição a prestar às letras nacionais seria a de considerar todos os surtos da vida espiritual de Rui, com a mais completa liberdade no refutá-la ou louvá-la."

Este simples tópico evidencia de maneira clara e insofismável a superioridade intelectual do escritor e sua altitude moral. Por essa mínima parcela podemos aferir a magnitude de seu incomparável estudo a respeito da genial personalidade de Rui Barbosa.

Mas, volvendo um quarto de século na direção do passado, podemos apreciar outra obra fundamental do Patrono desta Cadeira: *O Rio Grande do Sul e as suas Instituições Governamentais*.

Manifestando-se sobre ela, a redação de *O País*, em 1º de julho de 1925, tece-lhe entusiástico e justificado encômio, assim expressando-se: "Trata-se de um livro notável, tanto pela erudição do autor, pela cultura magnífica e polimorfa, como pelo fulgor invulgar do estilo preciso, claro, convincente, translúcido... Obra de convicção e de sinceridade, de completa maturidade de espírito, apesar da relativa juventude do autor, obra de talento e de empolgante brilho mental, de cultura e de meditação, este livro do Dr. Monte Arraes abrir-lhe-á seguramente os pórticos da consagração à sua robusta e privilegiada inteligência... Oportunamente *O País* ocupar-se-á, com a necessária detença, do admirável livro do Dr. Monte

Arraes, para o qual se limita, por ora, a chamar a atenção dos estudiosos.”

O vaticínio do grande matutino teve plena realização. A obra foi largamente comentada e aplaudida e permanecerá sempre como um profundo estudo de Direito Público e Constitucional, no qual o autor revela conhecimento perfeito de todos os tratadistas, que na Inglaterra, França, Itália, Alemanha e Estados Unidos, doutrinaram sobre a relevante matéria.

Monte Arraes publicou muitas outras obras que se distinguem, invariavelmente, pelo alto padrão cultural. E, se rara vez podemos divergir de seu pensamento, em algum de seus aspectos, não poderá jamais alguém deixar de reconhecer a superioridade de seu espírito, a majestosa caudal de seus conhecimentos, a vivacidade de sua inteligência, servida por espantosa memória, bem como o poder de sua dialética.

Apresento, a seguir, a sua numerosa bibliografia, certamente desfalcada de muitos elementos esparsos, que me não foi possível coligir:

- *Ação de Força Nova Turbativa* — 1917
- *O Habeas-Corpus e a Autonomia Municipal* — 1918
- *O Rio Grande do Sul e suas Instituições Governamentais* — 1925
- *Do Poder do Estado e dos Órgãos Governativos* — 1925
- *O Brasil e os Regimes Ocidentais*
- *O Estado Novo e suas Diretrizes*
- *Decadência e Redenção do Nordeste*
- *Terra Redimida*
- *Estudos Parlamentares*
- *Liberdade de Ensino*
- *O Exercício do Veto pelo Presidente da República*
- *Inconstitucionalidade das Taxas de Ensino Secundário*
- *Os Programas de Ensino nos Cursos Secundários e Complementares*
- *A Intervenção Supletiva da União no Domínio do Ensino Estadual*
- *Normas de Interpretação e Conceito Jurídico do Direito Adquirido*

- *A Aplicação da Cota de Educação do Ensino Civil e Militar, na Forma da Constituição de 1934*
- *A Federação das Caixas Econômicas e o seu Caráter Autárquico em Face da Constituição*
- *Anteprojeto de Lei de Terras para o Estado do Ceará*
- *Anteprojeto do Código dos Trabalhadores dos Centros Esportivos e Recreativos Brasileiros*
- *Trabalhos de que foi Correlator nas Comissões da Câmara*
- *Reforma do Ministério da Educação*
- *Lei de Organização da Universidade do Brasil*
- *Leis Instituidoras das Faculdades de Filosofia e Letras e de Ciências Políticas e Econômicas*
- *Lei de Reajustamento dos Funcionários Públicos, na Parte Relativa ao Ministério do Trabalho*
- *A Extensão da Competência das Comissões Permanentes da Câmara dos Deputados*
- *José de Alencar e o Romance Brasileiro*
- *O Espírito Inventivo e as Tendências Imitativas do Povo Brasileiro.*

A simples enumeração desses trabalhos é suficiente para evidenciar a soma considerável de seus conhecimentos, que o tornam um dos maiores publicistas de nossos dias. Mas, não fica aí a extensa lista de suas produções. Muita coisa falta ainda para completá-la, muita gema preciosa para incrustar em seu diadema. Uma longa série de conferências, que pronunciou, em ocasiões várias e de caráter eminentemente literário, está esparsa em revistas e jornais e somente um trabalho de pesquisa poderia reuni-las todas e enfeixá-las em grosso volume, que revelaria integralmente a pujança de seu talento e a perfeição de seu estilo, sob essa nova faceta de seu espírito.

Sobre José de Alencar, por exemplo, existem duas que constituem modelo no gênero, tal a profundidade dos conceitos em conúbio artístico com a sonoridade de períodos modelares. Por acaso, encontrei, na *Revista da Academia Cearense de Letras*, ano 58, nº 26 (1954), uma dessas peças literárias, que é um hino ao grande romancista brasileiro, pelo mavioso



ligência do artista a um contato com elementos exteriores que venham a ser para a mesma o *fiat lux* da inspiração. Ser capaz de embeber-se em um motivo original, para exteriorizá-lo, sob forma pessoal e amena, é decerto, abeberar-se dos eflúvios do gênio e afirmar-se artista. A perene admiração que despertaram, dentro e fora do país, muitas das obras do insigne escritor brasileiro, assim como o prestígio, que, depois de quase um século do seu desaparecimento objetivo, continuam elas a desfrutar, cada vez mais, entre a massa dos leitores e os círculos de cultura do país, dão-nos, já agora, a certeza de que o seu aureolado nome literário sobreviverá na perenidade de nossa existência nacional, levando a cada geração porvindoura o halo de ineditismo que emana de todos os verdadeiros monumentos de arte.”

São apenas excertos que têm ainda maior valor integridade no contexto do documento. Transcrevi-os para cá porque os mortos, por suas obras, são mais eloqüentes do que os vivos com suas palavras, por mais impregnadas de entusiasmo e emoção que possam estar.

Quero terminar este trabalho realçando as qualidades morais de meu ilustre Patrono. Foi ele um bom, na mais lata compreensão que este termo encerra. Sem que, na verdade, dispusesse de elementos para tanto, abrigou sempre inúmeras pessoas em seu hospitaleiro lar, aberto a quem o procurasse. Criou, em sua própria casa, e educou-os, filhos de suas empregadas, encaminhando-os condignamente. Viveu pobrememente, posso dizê-lo, pois fui testemunha de sua honradíssima e nobre existência.

Se novamente quiser ungir minhas palavras transmitindo-lhes um cunho místico, proclamarei que Raimundo de Monte Arraes foi, sem dúvida, um verdadeiro santo.

Muito agradeço o convite do Sr. Presidente e a unânime anuência dos consócios para que meu nome tenha sido incluído entre os que fazem parte desta nobre Instituição.

E, como Crato é parônimo de Grato e, conseqüentemente, lugar propício à manifestação desse belo sentimento, seja a última palavra que desejo proferir, nesta hora propícia: GRATIDÃO.



## LIGEIROS APONTAMENTOS SOBRE MINHA VIDA

*José Arraes de Alencar*

Nasci a 20 de novembro de 1896.

Vale a pena ter nascido? Sim, mas sobretudo pelo bem que possamos fazer. Sem isso a vida não tem sentido. A felicidade, a suprema felicidade, é podermos proporcioná-la aos nossos semelhantes. Poderá ser um ato de excelsa grandeza, que salve uma existência, mesmo em detrimento da nossa. Sê-lo-á também um pequenino gesto, que provoque um sorriso; que transmita calor humano; que alivie uma dor. Ou a dedicação de uma vida inteira.

Foram meus pais: Miguel Arraes Sobrinho, um grande varão, e Maria Silvinha de Alencar Arraes, uma santa que todo o Crato conheceu.

Imagens da infância! A mais remota recordação, que permanece gravada com bastante nitidez, é a de uma procissão subindo um morro fronteiro à minha vila natal — Araripe, Estado do Ceará, ao som de cânticos religiosos. Era a singela comemoração da passagem do século. Morrera o ano de 1899. Surgia uma nova era. Quantas transformações não testemunhei, de então para cá! Mudou o mundo; mudaram as concepções sociais e políticas. Novas leis da natureza foram desvendadas. Caminhos novos seguiram os homens em busca dos astros, em busca do mais alto. Desceram também a profundidades insondáveis, pesquisando os mistérios da alma. O des-

pontar de um século, ponto mínimo, quase imperceptível, na escala da eternidade!

E a procissão ascendia vagarosamente, atingindo, por fim, o cimo da montanha, onde foi erguida uma cruz singela e tosca, inteiramente condizente com a singeleza e a simplicidade daquele povo, que tinha a ventura de crer.

O quadro fixou-se indelevelmente em meu espírito, talvez pela grandeza do cenário, talvez pela incomparável beleza do panorama. Assim, as primeiras lembranças, as mais antigas imagens que a memória pôde reter, levam-me ao alto, no sentido meramente topográfico e muito mais alto ainda, na maravilhosa excelsitude da fé.

Agora, encontro-me na obscuridade, à noite, em companhia de parentes que se dirigiam a uma fazenda, onde iriam assistir à cerimônia de um casamento. Mais de um dia era necessário para fazer o percurso a cavalo, pois, naquela época, não existia ainda o automóvel. Os cavaleiros e as Amazonas, que empreendiam a alegre jornada, foram surpreendidos pela noite e extraviaram-se, sem atinar com o caminho certo. Tinha eu poucos anos de idade e evidentemente não compreendia a situação. Parados e sem saberem que rumo tomar, lembro-me de que o coaxar de um sapo à distância é que os orientou para atingirem o seu destino, pois indicava a existência de uma lagoa por eles conhecida.

Dessarte, uma criatura tão destituída de beleza, quase repulsiva, pelas deformações com que a natureza a assinalou, é que mostrou aos homens o caminho seguro que deviam trilhar.

Foi, afinal, atingida a "Várzea Nova" e a alegre comitiva pôde repousar de uma longa viagem e aguardar a data da celebração da festiva cerimônia.

À noite havia reuniões e saraus em que rapazes e moças dançavam e cantavam.

No longo decurso do tempo, no evanescer paulatino das recordações, algumas permanecem como pontos de referência, que delimitam as etapas de nossa vida. Gravados encontram-se em minha memória a letra e o som de uma canção muito em voga, a qual era freqüentemente repetida pelas senhoritas que

formavam as alegres reuniões: “A Europa curvou-se ante o Brasil — Santos Dumont, Santos Dumont é brasileiro.”

Somente muito mais tarde pude compreender o alto significado desses versos, tão simples, tão reais, tão verdadeiros, proclamando a glória de um patriota, que levou para as alturas o nome do Brasil, superpondo-o ao da velha Europa, iluminada por séculos de civilização.

Motivo de eterno orgulho para o grande brasileiro e orgulho eterno para a terra em que nasceu!

Minhas remotas reminiscências estão, dessarte, delimitadas por dois acontecimentos capitais: o alvorecer do século comemorado com a ereção da cruz, no topo de uma montanha, e a ascensão do homem às excelsidades celestes.

Talvez por isso e pelos primorosos predicados morais que revestiam a personalidade de meus pais, acostumei-me, durante toda a minha vida, a projetar a minha visão para as alturas onde se aninham os astros.

Faleceu meu pai no dia 4 de fevereiro de 1908, como Prefeito de Araripe, meu torrão natal, que ele, por sua tenacidade, conseguira elevar à condição de vila. Nesses recuados tempos, em que predominava o arbítrio, em que campeava infrene o cangaceirismo, deu maravilhosos exemplos de bondade, de justiça, de indomável coragem, tendo deixado belíssima tradição, viva ainda naqueles sertões, apesar de meio século já haver transcorrido.

Viúva minha santa mãe, com oito filhos menores, cedo se esgotaram os poucos recursos que ele deixou. Passou, assim, por mil dificuldades e, na hora adversa, mostrou sua sabedoria e grandeza. Criar-nos e fazer de nós o que fez é um verdadeiro milagre dessa heroína que acabou por transpor todos os obstáculos, com a coragem e a pertinácia daqueles que têm por escudo a fé e por couraça a bondade e a pureza do coração.

Quando viu que se extinguíam aos poucos os recursos deixados por meu pai, mandou-me estudar no Seminário de Fortaleza, durante quatro anos. Foi assim que ela empregou suas últimas e minguadas reservas. Não seguiu a prática local de comprar bovinos e “soltá-los” na Serra do Araripe, como

era hábito entre os da terra, naquela época. Estes ambicionavam o lucro imediato: jogavam com o presente. Ela preferia jogar com o futuro. Confiavam aqueles no poder do dinheiro. Acreditava ela na força do espírito, nos milagres da instrução.

Em 1910, submetido no Seminário a ligeiro exame, fui classificado logo no 2º ano, pois aprendera um pouco de latim com o vigário da Freguesia.

Durante os três primeiros anos foram-me atribuídos os primeiros prêmios de latim, de português e francês e alguns outros, que eram muito apreciados por meus irmãos menores, pois divertiam-se brincando com as medalhas durante minhas férias.

No final do 4º ano de estudo deixei o Seminário e regresssei ao lar: 1913. Em 1914, um nobre primo (Pedro Silvino de Alencar) obteve-me um lugar de extranumerário na Secretaria da Fazenda do Estado. Deus deu-me a graça de, muitos anos depois, poder colocar-lhe um filho, um genro e um neto no Banco do Brasil. Não o esquecerei jamais, pois aqueles que sabem ser gratos possuem um miraculoso estilete de ouro, que grava na memória e no coração o nome de seus benfeitores.

Em Fortaleza, vivi pobremente no porão do Hotel do Norte, de dona Marica Viana, em companhia de um estafeta do Telégrafo Nacional (uma criança, quase) por nome Nogueira, pagando parquíssima mensalidade, uma vez que tinha de mandar para minha mãe e irmãos o máximo que pudesse, pois dura era a situação em que nos encontrávamos: órfãos e sem recursos. Demitido, dois anos depois, pelo Governador João Tomé, que, por medida de economia, segundo os jornais divulgaram, dispensou, ao assumir o cargo, numerosos funcionários, resolvi viajar rumo ao Sul, em busca de novo emprego, para garantir a nossa subsistência.

No dia 6 de setembro de 1916, parti esperançoso, quando contava apenas 19 anos de idade, não me atemorizando ante as dificuldades, que o desconhecido certamente me reservaria. Ninguém conseguiu remover de meu espírito os planos que traçara. Todos discordaram da temerária empresa, tendo mi-

nha santa mãe feito sérias objeções, que nasciam de sua experiência da vida e de justas apreensões maternas sobre o resultado do audaz empreendimento do filho, ainda muito jovem. Na pequena vila onde todos se conhecem, a população inteira tomou parte na discussão do assunto. Não havia opiniões favoráveis, tendo alguns, em sua boa intenção, procurado amedrontar-me com o fantasma da peste bubônica, que grassava em Juazeiro do Norte, ponto obrigatório de minha passagem.

Minha decisão era inabalável. Coisa alguma poderia alterar meus projetos, que, aliás, nada tinham de definido, mas estava arraigado em meu espírito que Araripe não me oferecia ensejo para triunfos.

A empresa era arrojada para aquela época e ninguém poderá atualmente avaliar quanto de coragem era necessário, então, para realizá-la, pois os atuais meios de comunicação tornam ridículo passeio aquilo que foi, então, uma tormentosa viagem de seis dias, a cavalo, através de todo o Estado de Pernambuco, enfrentando mil dificuldades.

Terminei por chegar à cidade de Ilhéus. Convidado para gerente de um jornal da terra, por ter sido apreciado pelo Prefeito um desprezioso artigo que eu escrevera acerca da progressista cidade, ali me fiquei. Mas, não foi o artigo e muito menos o Prefeito que realizou o milagre e sim a extraordinária personalidade de Júlio Abreu, cearense ali radicado, que me amparou e agiu para que as coisas houvessem ocorrido dessa maneira.

Em Ilhéus vivi açoitado por mil restrições. Aliás, não residia em Ilhéus e sim num vilarejo defronte, habitado por pescadores. Para ir trabalhar no *Jornal de Ilhéus*, de que era o gerente e co-redator, tinha de andar de canoa, durante uns vinte minutos. Meu almoço vinha do Pontal em dois pratos superpostos e amarrados com uma toalha.

Remetia para casa quase todo o meu ordenado, de tal arte que tive de procurar aumentar meus parcos rendimentos, lecionando francês. Na coleção do jornal, em meu poder ainda, pode ser lido um anúncio, em vinheta, com os seguintes dizeres: "J. Arraes leciona francês. Método Berlitz."

Fui também convidado pelo Bispo de Ilhéus para lecionar em um colégio diocesano. Possuo ainda o cartão que recebi.

Com essa renda extra, cheguei a reunir uma pequena economia, a qual serviu para que eu pudesse ir ao Rio de Janeiro submeter-me a um concurso no Banco do Brasil, aos vinte anos de idade. Aqui tive de vender alguns livros e peças de roupa feitas por minha santa mãe, uma vez que o concurso demorou muito mais do que era de esperar. Eram mais de 600 candidatos e havia provas escritas e orais de todas as matérias. Tendo obtido boa colocação, apesar de um zero em datilografia, pois nunca tocara em máquina de escrever, fui nomeado juntamente com 80 candidatos, logo após terminadas as provas e assumi o cargo, no dia 6 de fevereiro de 1918, na cidade de Ilhéus.

Transferido para Fortaleza e, depois, para Belém, fui designado para instalar, como Contador, a filial de Teresina, tendo sido promovido a gerente, logo depois. Quando ainda Contador, a Agência foi inspecionada por Herculano Cavalcanti de Albuquerque Filho, mais tarde gerente da antiga matriz (hoje Direção Geral). Eis uma carta que ulteriormente recebi desse grande funcionário:

“... Eu já o sabia, de muito, um caráter bem formado, desde quando, tendo trabalhado juntos, alguns dias, em Teresina, o indiquei como podendo ocupar o lugar de gerente. Não lembro isto para atribuir-me valor eficiente, de qualquer modo, na sua carreira ascendente nos cargos e na confiança do Banco. Não. Eu apenas quero acentuar que já o distinguia, desde aquele tempo e não costumo distinguir os nulos ou os mal formados de caráter. Distingua-o, portanto, e não pouco, mas o seu gesto de agora... fez-me querer-lhe bem, como a um amigo sincero, do coração, que é como, de então para cá, lhe sou e desejo e peço que me considere.” (Recife, fev., 1926).

Transferido para Natal, Campina Grande e, depois Manaus, ali permaneci. Transcrevo os telegramas que tive oportunidade de receber do Diretor (depois Presidente) do Banco e Ministro da Fazenda no Governo Dutra:

20-8-1925: "Referência seu telegrama 10, compras, estamos muito satisfeitos sua ação. Contamos seus esforços mesmo sentido."

2-09-1925: "Referindo-nos a seu telegrama de 1º, câmbio, continui. Apreciamos seus esforços."

6-11-1925: "Estamos apreciando seus esforços. Pode continuar a comprar sem limite a 7.19/32 e 6\$520, se impossível melhor."

6-01-1926: "Parabéns pela gratificação especial de dez contos de réis (Rs. 10.000\$000) que lhe foi concedida pelos bons serviços câmbio, semestre passado."

Em 1927 fui nomeado Gerente do Banco do Brasil-Fortaleza; em 1928, Gerente do Banco do Brasil-Maranhão; em 1930, Gerente do Banco do Brasil-Recife. Em 1932 solicitei demissão desse último cargo e, ao chegar ao Rio, fui convidado pelo diretor Leonardo Truda (depois Presidente) para integrar o seu Gabinete com o saudoso colega Mário Tavares. Eis um Parecer desse pranteado homem público, a meu respeito, em 18-11-1932:

"Como Diretor da Carteira de Agências do Norte, antes, e, como Diretor da Carteira de Liquidações, depois, tive ocasião de verificar a dedicação e eficiência, com que o Sr. Dr. José Arraes de Alencar, então na gerência da Agência do Recife, serviu ao Banco. Seus esforços na liquidação de difícilíssimo caso foram de muita eficiência. Junto ao meu Gabinete vem este funcionário, agora, trabalhando sempre com o mesmo infatigável zelo, assiduidade e competência. Assim, a sua promoção não será apenas uma justa recompensa e um estímulo merecido, mas demonstração de que o Banco sabe selecionar valores e aproveitar da melhor maneira, os elementos que tem a seu serviço."

Convidado para, na qualidade de Gerente, instalar o Instituto do Açúcar e do Alcool, no qual permaneci alguns meses, tendo solicitado demissão, por preferir voltar ao meu cargo



no Banco. Atendendo ao meu pedido de exoneração, assim se manifestou o Dr. Leonardo Truda:

“...Voltando (da gerência do I.A.A.) ao serviço propriamente do Banco, seria para aquele funcionário justo prêmio a sua dedicação uma comissão para a qual o considero perfeitamente apto, isto é, a de inspetor. O Dr. José Arraes de Alencar tem uma fé-de-ofício altamente honrosa e os serviços que prestou ao Banco, à frente da Agência do Recife, em período difícilimo, justificam, de sobra, uma designação que seria, para ele, uma recompensa merecida e um exemplo e um estímulo para os demais funcionários.” (07-05-34).

Palavras do I.A.A.:

“...Cumprimos o dever de lhe agradecer os relevantes serviços prestados ao I.A.A., durante o período de sua gestão como seu Gerente, informando ainda que ao Exmo. Sr. Presidente do Banco do Brasil... pedindo sejam registrados na sua fé-de-ofício os louvores que merecidamente lhe foram tecidos.” (10-07-34).

Tendo exercido o cargo de Inspetor do Banco do Brasil durante alguns anos, transcrevo trechos de cartas que me foram dirigidas por esse Estabelecimento:

Em 22-06-37: “Ficamos cientes das informações que nos presta em carta nº 10, de 4 de maio último, tendo-nos impressionado muito bem o seu estudo sobre a capacidade da praça de Fortaleza, encarado atentamente o problema dos depósitos.”

Em 28-07-37: “Acusamos recebimento do relatório referente à vistoria a que procedeu na Agência de Natal... Consignando a boa impressão que, sob todos os aspectos, nos causou o seu trabalho...”



Em 07-06-38: “Examinamos seu relatório concernente à vistoria realizada na Agência de Fortaleza, a respeito do qual vimos transmitir-lhe a magnífica impressão de seu trabalho, que abordando os assuntos de maior relevância, demonstram fartamente a nítida compreensão das importantes finalidades das funções a seu cargo, aliada a uma exposição clara e sucinta.”

Convidado para, juntamente com o colega Astianax Teixeira e o sr. Valentim Bouças, organizar, aliás, redigir os estatutos do atual Banco da Amazônia, eis o ofício que recebemos, no término de nosso trabalho:

Em 26-08-42: “Comunicamos que o Sr. Presidente, por despacho de 21 do corrente, mandou transmitir a V. Sia. os agradecimentos e congratulações — aos quais S. Exa. se associa — do Presidente da Comissão Especial para Regulamentação dos Acordos de Washington (Missão Souza Costa), pelos relevantes serviços devidamente apreciados e enaltecidos na reunião da dita Comissão, que teve V. Sia. ocasião de prestar à mesma, durante a elaboração dos Estatutos do Banco da Borracha (aliás, Banco de Crédito da Borracha).”

No dia seguinte ao da declaração de guerra do Brasil às chamadas Potências do Eixo, isto é, a 23 de agosto de 1942, fui convocado, com Astianax Teixeira e Valentim Bouças, para, em conjunto com eles, exercer a Interventoria do Banco Francês e Italiano para a América do Sul. Renunciei aos vencimentos. Ulteriormente, o Banco do Brasil me avisou que estava à minha disposição, na Tesouraria da Agência Central, determinada quantia, relativa aos serviços prestados. Não fui procurá-la. Não a procurei.

Em 23-01-45, recebi o seguinte ofício:

“Comunicamos-lhe que o Sr. Presidente, por despacho de 11-1-45, mandou anotar em sua fé-de-ofício o elogio que lhe foi feito pelo Exmo. Sr. Ministro da Fazenda, em Aviso

nº 45, de 9-1-45, pela dedicação, operosidade e competência com que conduziu o encargo que lhe foi confiado — liquidação do Banco Francês e Italiano para a América do Sul.”

Por Portaria de 18-6-41, nº 302, fui promovido, em primeiro lugar, ao posto de Chefe de Seção. Exerci, durante vários anos, o cargo de Chefe do Departamento de Secretaria da Direção Geral, tendo sido aposentado, a pedido, em 18 de abril de 1948.

Em carta de 8-10-73, enviei ao I.C.C. três páginas com a transcrição de 18 documentos constantes de minha fé-de-ofício, alguns deles aqui citados. Remeti também sete páginas, com 122 apreciações acerca de trabalhos meus, sendo 33 de membros da Academia Brasileira de Letras, 7 de Ministros do Supremo Tribunal Federal (entre os quais dois Presidentes dessa Alta Corte) e de numerosos outros intelectuais. A todos agradeço, mais uma vez, a simpatia e a generosidade com que acolheram meus escritos.

Ao terminar, quero render uma homenagem especial e carinhosa a três caríssimas pessoas que, em Crato, viveram e morreram, mas estão imortalizadas em meu coração: minha queridíssima irmã Edith; meu extraordinário irmão Alexandre, que o Crato muito bem conhece; e a minha santa mãe, que amou sobremaneira o Crato e aqui espalhou benefícios, sobretudo conseguindo, por intermédio dos filhos, colocar, como contínuos, no Banco do Brasil, muitos rapazes pobres, dos quais a maioria fez carreira naquele Estabelecimento: honra à benfeitora; honra aos beneficiários.

Não me refiro, é claro, à família, para com a qual foi de extrema dedicação, obtendo nomeação de médicos, advogados e outras.

Relembro os fatos, para exaltá-la, como certamente a exaltarão os seus netos, meus sobrinhos, alguns dos quais a ela tudo devem.

Minhas últimas palavras serão sagradas: Querida Mãe, bendita sejas!

## JOSÉ ARRAES DE ALENCAR

Nasceu a 20 de novembro de 1896, na Vila de Araripe (Ceará). — PAIS: Miguel Arraes Sobrinho e Maria Silvinha de Alencar Arraes. — ESPOSA: Alda Pequeno Arraes de Alencar, nascida em Belém (Pará). — FILHOS: Ten.-Cel. Miguel Alfredo Arraes de Alencar; Josaldo Pequeno Arraes de Alencar, Engenheiro Civil e Eletricista, Mestre em Engenharia da Produção (Curso de Mestrado de Engenharia da Produção, Licenciado em Letras Clássicas e Bacharel em Ciências Econômicas, Engenheiro do Banco do Brasil). — José Pequeno de Arraes Alencar, Bacharel em Direito; Advogado do Banco do Brasil (Carteira de Câmbio); Alfredo Pequeno de Arraes Alencar, Subchefe de Seção do Banco do Brasil, Professor (Estado da Guanabara). — NETOS: Maria Cecília (Psicóloga); Francisco (Bacharel em Matemática, Professor de Matemática na Universidade Católica de Petrópolis); Maria Inês (Professora); Paulo, Luiz, Alfredo e Maria Lúcia (filhos de Alfredo Pequeno de Arraes Alencar e Cecília Duarte Arraes Alencar); Maria Alice (diplomada em História); Roberto e Ricardo (acadêmicos: Economia e Medicina, filhos de Miguel Alfredo Arraes de Alencar e Luizita Arraes de Alencar); Sílvio José e Alda (filhos de Josaldo Pequeno Arraes de Alencar e Maria Sílvia Franco Arraes de Alencar); José e Sérgio Heitor (filhos de José Pequeno de Arraes Alencar e Leila Muniz de Arraes Alencar). — CASAMENTO: No dia 23 de julho de 1921, em Belém (Pará). Pais de minha esposa: Alfredo Moreira Pequeno e Maria de Carvalho Pequeno. — IMPRENSA: Tenho escrito para *Revista de Portugal, Ocidente, Língua e Cultura* (todas em Portugal); *Revista Brasileira* (uma só vez); *O Popular* (Alagoinhas, Bahia, 1916); *Jornal de Ilhéus* (1916/1917.) Tenho a coleção completa. *Revista A.A.B.B.* (Banco do Brasil, durante vários anos, quando me encontrava em atividade). Em tempo: tenho exemplares de tudo o que escrevi.

(Carta nº 4, Rio, 24-10-73).

CRÍTICAS E OPINIÕES SOBRE OS SEGUINTE LIVROS E  
OUTROS ESCRITOS DE JOSÉ ARRAES DE ALENCAR

"FILOSOFIA E POESIA DA LINGUAGEM"

"ZERO OU O ETERNO MILAGRE DA LINGUAGEM"

"UMA CANDIDATURA À ACADEMIA"

PROF. JOSÉ PEDRO MACHADO (Lisboa, 8-3-64):

"...Deste modo, só há dias, mandei compor as "Divagações Filológicas". Esse belo artigo deve sair no número de março ou abril da *Revista de Portugal*. Recebi, no dia 28 de fevereiro, o belo estudo denominado "Zero ou o Eterno Milagre da Linguagem", que já comecei a apreciar, em leitura entusiástica e muito proveitosa. Muito lhe agradeço o encantador volume, a gentileza da lembrança e ainda mais os ensinamentos que nele já comecei a recolher. Espero que em breve nos envie mais colaboração para a *Revista de Portugal*, que se sente muito honrada com ela."

MIN. IVAN LINS (22-4-69):

"Só hoje posso agradecer-lhe o esplêndido trabalho "Divagações Filológicas" e a cópia da carta que, em 26 de abril de 1943, dirigiu, em inglês, a um de seus sobrinhos. Se tardei esse agradecimento é que, estando muito assoberbado de serviço, não queria fazê-lo antes de lê-lo com o devido vagar. Foi o que fiz, em Petrópolis, no último fim de semana, e não me arrependo de haver retardado a sua leitura, porquanto pude aproveitá-la muito mais, na amenidade do clima serrano. São dois trabalhos magníficos, como todos os de sua lavra, e que demonstram sua enorme, profunda e variada cultura."

DR. EDMILSON MOREIRA ARRAES, Procurador-Geral da  
Fazenda Nacional, aposentado (5-4-70):

"Recebi, há três dias, mas somente hoje, domingo, reservei-me para a leitura, o seu pequeno grande opúsculo "Uma

Candidatura à Academia". E fiz bem em reservar esta leitura para este Domingo da Pascoela... É que, de permeio às manifestações do filólogo e humanista erudito, ao longo do, como disse, pequeno (no formato) e grande (no conteúdo), há conceitos e regras morais dignas de uma epístola de São Paulo, logo, de uma leitura dominical... A carta de desistência à candidatura, com que você abre o opúsculo, ela só, seria uma página literária suficiente para credenciá-lo à Academia... Quando a carta não o credenciasse, o estudo de filologia semítica e indo-européia ("O Episódio Bíblico de Sansão e Dalila"), inserto no Apêndice — página de cultura merecedora de um louvor e especial agradecimento da A.B.L. — seria, por si só, credencial que poucos poderiam ostentar para ter ingresso naquela Academia."

JÚLIO DE SOUZA MIRANDA (16-4-70):

"Li atentamente o livro e verifiquei quão profundo é o seu conhecimento dos diversos idiomas ali citados, começando pelo hebraico, tão difícil, a meu ver, para nós, das línguas neolatinas."

MINISTRO PROF. JOÃO LIRA FILHO, Magnífico Reitor da Universidade do Estado da Guanabara (22-4-70):

"Sou-lhe imensamente grato pelo oferecimento de seus importantes livros *Filosofia e Poesia da Linguagem* e *Zero ou o Eterno Milagre da Linguagem*. Perdoe-me a demora com que lhe envio este agradecimento. Andei às voltas com o acabamento das obras recentemente inauguradas no *campus* da minha Universidade. Ambos os seus livros constituem patrimônio de sua riqueza cultural, sobretudo o primeiro, que se incorpora à melhor estante dos conhecimentos lingüísticos. Observo que o autor não pára de estudar e que seus estudos se apuram com fôlego para os mergulhos. Eis o que valoriza seu espírito, nesta época em que as preferências intelectuais são para as braçadas... Com minhas vivas felicitações, envio-lhe cordial abraço."

MIN. IVAN LINS (23-4-70):

“Acabo de tomar conhecimento de sua generosa, profunda e percuciente análise de meu pequeno trabalho sobre o significado científico e filosófico da obra de Augusto Comte no século XIX. Conhecedor da universalidade de sua cultura e da profundidade de seu espírito, não constituiu, para mim, uma surpresa a sua magnífica análise da obra de Comte vasada num francês puríssimo, que Renan e Anatole France não teriam dúvida em subscrever. Com os meus melhores agradecimentos por mais esta prova de sua generosidade e meus efusivos parabéns pela nova demonstração de sua capacidade filosófica e literária, receba um afetuoso abraço de seu amigo e admirador, muito grato.”

DR. PAULO MANGABEIRA ALBERNAZ (Campinas, 23-4-70):

“Muito e muito obrigado pelo seu livro *Uma Candidatura à Academia*. Estou entusiasmado com seu estudo sobre Sanção e Dalila, pela rara e preciosa demonstração de cultura.”

MELLO NÓBREGA (27-4-70):

“Que preciosa coleção de referências merecem seus escritos. Muitos de nossos escritores não terão melhores nem mais honrosas. Guardarei, com especial carinho, o seu livro, verdadeiro *curriculum vitae* literário, pois que muito o admiro e estimo.”

INSTITUTO DE ENSINO SUPERIOR DO CARIRI (Crato, 6 de maio, 1970):

“Ao escritor e filólogo José Arraes de Alencar o Diretor da Faculdade de Filosofia de Crato agradece o envio de um exemplar de *Uma Candidatura à Academia*, em cujas páginas a cultura e o valor do ilustre cearense tanto avultam e se comprovam.”

ACAD. FERNANDO DE AZEVEDO (São Paulo, 9-5-70):

"Ainda tenho viva a impressão que me deixou a leitura de seu excelente *Vocabulário Latino (Filosofia e Poesia da Linguagem)*, e do não menos erudito trabalho *Zero ou o Eterno Milagre da Linguagem*, sobre os quais lhe manifestei, por carta, minha opinião. Agradecendo-lhe agora o exemplar que me destinou de *Uma Candidatura à Academia*, quero exprimir-lhe minha satisfação, ao ler, nesse volume, os louvores que mereceu tão calorosos e de tantos outros."

JOÃO CÂNDIDO DE ANDRADE DANTAS (9-5-70):

"Sempre fui um enamorado da forma literária, da elegante apresentação da idéia, da correção, hoje infelizmente desdenhada como superstição superada, no dizer e no escrever. Por isso, freqüentes vezes, tenho manuseado o seu *Vocabulário*, admirando a profunda erudição do garimpeiro de nosso idioma que você é, e a felicidade verdadeiramente rara com que sabe expor, esclarecer e ensinar, num estilo digno dos clássicos de nossa língua."

DR. JOSÉ SÉRGIO MAJÓ DE OLIVEIRA (20-5-70):

"...E, desde então, não mais perdi de vista a sua ação de homem de pensamento. Foi por isso, com o maior cuidado e interesse, que li *Uma Candidatura à Academia*, não destinada ao comércio, que o senhor teve a bondade de me enviar e que ora agradeço. O assunto em que o senhor é mestre, é dos que, a meu ver, ganham importância à medida em que a convivência humana se torna mais íntima e tumultuada pelo choque das desigualdades e antinomias que os meios de comunicação a todo instante colocam frente a frente".

CARLOS CARDOSO (13-6-70):

"Sensibilizou-me seu telefonema de dois dias atrás, anunciando-me a remessa de livro de sua autoria. Passei a esperá-

lo, ansioso, e ontem, sexta-feira, tive a grande satisfação de recebê-lo. Li-o, de um fôlego, vivamente interessado em todo o seu conteúdo. Encantaram-me os justos e merecidíssimos conceitos externados por várias personalidades, a respeito de sua obra, notadamente: "Obra que pode exaltar o nosso orgulho nacional, na maravilhosa síntese de Silva Mello."

PADRE RAIMUNDO NONATO PINHEIRO — MANAUS,  
(25-7-70)

"Foi um júbilo espiritual a leitura de sua primorosa plaqueta, que põe, mais uma vez, em erguido relevo o esplendor de sua inteligência e as dimensões de sua soberba cultura."

MIN. IVAN LINS, EM 28-9-70, ALIÁS, 12-8-70

"Com uma cordial visita, venho agradecer-lhe sua carta de 8 do corrente, mais uma manifestação eloquente de seu alta espírito, de sua variada cultura e de sua formação moral."

MIN. IVAN LINS, EM 28-9-70

"Ao chegar ontem à noite de Lambarí, para onde segui, no dia 9 do corrente, tive o prazer de encontrar aqui sua carta do dia 10, acompanhada de sua generosa e, como sempre, profunda apreciação acerca de meu livro sobre a Idade Média. Nessa apreciação, o nobre Amigo, mais uma vez, sobejamente demonstra a sua variada e enorme cultura."

FACULDADE DE FILOSOFIA DE CAMPO-GRANDE —  
RIO, 12-4-71

"Com especial regozijo meu, deram entrada na Biblioteca "Joaquim Ribeiro", desta Faculdade, os seus preciosos livros *Filosofia e Poesia da Linguagem*, *Zero ou o Eterno Milagre da Linguagem* e *Uma Candidatura à Academia*. Esclareci o quanto pude aos alunos e professores desta Casa a significação da oferta desses livros, da autoria de um escritor de eru-



dição incomum, dedicado, com heroísmo, aos conhecimentos básicos da cultura, através de estudos e pesquisas de linguagem. O agradecimento, que ora lhe é feito, pela valiosa dádiva, não pode traduzir o estado de espírito que se criou com seu recebimento. "Newton de Castro Beleza, Diretor.

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS — FACULDADE DE LETRAS, EM 30-4-71

"Tenho o prazer de agradecer-lhe os volumes *Uma Candidatura à Academia e Zero ou o Eterno Milagre da Linguagem*, que acabo de encaminhar à biblioteca desta FACULDADE DE LETRAS, depois de os ter recomendado a vários estudantes e professores que, como eu, haverão de apreciar a alta qualidade de seus trabalhos. Ângela Tornelli Vaz Leão, Diretora da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais.

UNIVERSIDADE DO AMAZONAS — FACULDADE DE FILOSOFIA, CIÊNCIAS E LETRAS EM 5-5-71

"Tenho a honra de agradecer o recebimento do livro *Uma Candidatura à Academia*, gentilmente ofertado a esta Faculdade e que traduz bem alto sua capacidade intelectual". Prof. Octávio Hamilton Botelho Mourão, Diretor.

MIN. IVAN LINS, EM 13-5-71

"Um trabalho seu é para mim sempre uma festa, porque, além de muito bem escrito, é sempre seguramente informado e a sua leitura me proporciona numerosos ensinamentos de valor. Foi o que aconteceu, mais uma vez, com seu magnífico artigo "A Divina Comédia, o Cruzeiro do Sul e os Lusíadas". Li-o, de uma assentada e, ao terminar a leitura, lamentei ter de deixar a sua boa e douta companhia."

## JOSÉ BRAZ VENTURA, EM 10-4-70

“Li, com o mais vivo interesse e atenção, o opúsculo hoje recebido, no qual o eminente colega declara os motivos que o levaram a desistir da candidatura à Academia de Letras. Não lhe faltam credenciais para aspirar a uma cadeira na Academia, como justo prêmio ao seu talento e à obra já realizada. As manifestações de acadêmicos, e de admiradores de seus livros, evidenciam, esplendidamente, a situação privilegiada em que se encontrava para pleitear um lugar no Aerópago. Sua desistência, feita com elegância, mostra, por outro lado, sua coerência e probidade de propósitos.”

## AUSTREGÉSILO DE ATHAYDE, NO *DIÁRIO DA NOITE*, DE 5-5-56.

“José Arraes de Alencar, o conhecido filólogo e homem de letras, é um apaixonado pela poesia popular do Nordeste. Os cantadores do sertão, com as suas esplêndidas originalidades telúricas, como que monopolizam a atenção desse pesquisador incansável dos valores folclóricos daquela região brasileira. Ainda agora, José Arraes apresenta-nos, em volume com o título “Inspiração Nordestina”, uma parte da obra de Antonio Gonçalves da Silva, “O Patativa”. Um homem que canta com a naturalidade maviosa do pássaro de que tirou a alcunha. “Quem haverá de conhecê-los, sem que os admire; de ouvi-los, sem estarrecer; de com eles conviver, sem os estimar e querer-lhes?” Eis as perguntas que formula José Arraes, no prefácio de “Inspiração Nordestina”, dando na poesia de Gonçalves da Silva um exemplo dos mais modernos e dos mais puros, da força criadora dos cantadores. O livro do “Patativa” responde a José Arraes. “Ninguém que o leia, deixará de admirar, estimar e querer a esse magnífico poeta.” Curto é o espaço e muito o que teria de dizer, louvando os poemas sertanejos de Gonçalves da Silva. Ele é um lavrador, que se gaba de nunca ter deixado de botar a sua roça, sejam quais tenham sido as vicissitudes do tempo. Entre lavrar a terra e cantar a vida simples, vai tecendo a sua aventura no mundo. Leiam os poemas do “Patativa” e digam-me depois, se José Arraes não tem razão.”

MIN. IVAN LINS, EM 12-8-70

"Com uma cordial visita, venho agradecer-lhe sua carta de 8 do corrente, mais uma manifestação eloquente de seu alto espírito, de sua variada cultura e de sua formação moral. Também eu fui muito amigo e admirador de Castilhos Goycochêa, que se torna assim mais um elo da nossa aproximação intelectual. É para mim motivo de verdadeiro desvanecimento merecer o apreço de um homem, como o nobre amigo, uma das mais extraordinárias capacidades de autodidata de que tenho conhecimento. Muito poucos dos que têm frequentado Universidades apresentam uma assimilação tão grande dos vários setores da cultura de nosso tempo..."

MIN. OSVALDO ARANHA, EM 1943

"Ao Dr. Arraes, com admiração, pelos privilégios de sua cultura, a intelectual e a moral..."

MARIA DE SOUZA COSTA, EM 15-7-71: Professora de Hebraico:

"Agradeço o impresso, complementação do "Eterno Milagre da Linguagem", que me proporcionou grande prazer com suas preciosas informações. Sua personalidade se reflete da primeira à última linha, numa constante de erudição, entusiasmo e modéstia. Se, algum dia, ocorrer-lhe a idéia de ensinar o que conseguiu do grego, antigo e moderno, sânscrito ou sua predileta filologia, conte-me entre as suas mais entusiastas e dedicadas de suas alunas".

PROF. EUGÊNIO GOMES, EM 16.7.71

"Apraz-me acusar o recebimento do opúsculo *Uma Candidatura à Academia*, cuja oferta agradeço penhorado. Esse opúsculo revela o alto e justo apreço em que o tem a intelectualidade brasileira, representada por algumas figuras exponenciais da cultura nacional. Felicito-o por esse testemunho de elevado reconhecimento, apresentando-lhe respeitosos cumprimentos."

PADRE NONATO PINHEIRO, EM O JORNAL, de 4-7-71  
(Manaus):

"*Ocidente* é uma das melhores revistas portuguesas de cultura, fundada em 1938, por Álvaro Pinto, hoje dirigida superiormente por Antônio H. de Azevedo Pinto e sua digna esposa dona Maria Amélia de Azevedo Pinto. O nº 396 traz duas colaborações de escritores brasileiros: Artur César Ferreira Reis e José Arraes de Alencar. Nosso eminente conterrâneo, historiador e historiógrafo, comparece com um erudito trabalho sobre "D. João VI e os primórdios da Modernidade Brasileira". O filólogo e humanista José Arraes de Alencar, meu grande amigo, residente na Guanabara, com quem tenho o prazer de praticar epistolarmente, recama a revista com o belo trabalho "A Divina Comédia, o Cruzeiro do Sul e os LUSÍADAS", estudo notável, que mais uma vez revela a garra do leão e desdobra, de par em par, as asas possantes da águia de vôos infatigáveis. Não há que ver: o talento é uma força que empolga, imanta e se impõe vitoriosamente, levando tudo de escantilhão. Como não admirar o fulgor dos astros?"

MIN. IVAN LINS, EM 19.12.71

"... Aproveito o ensejo para enviar-lhe duas publicações como uma homenagem de meu alto apreço pelo nobre Amigo, sem favor uma das maiores culturas do Brasil de nossos dias."

MIN. IVAN LINS, EM 13-3-72:

"Com uma afetuosa visita, venho agradecer-lhe o seu magistral trabalho sobre o *Diccionario dela Lengua Castellana*, de J. Corominas. É, como tudo que sai de sua privilegiada pena, um trabalho primoroso que confirma a sua profunda e variada cultura não só linguística como também literária e filosófica. Muito honrado me sinto por figurar o meu nome num trabalho de tanta magnitude. Com as minhas congratulações e agradecimentos, receba um cordial abraço do seu confrade, muito amigo e admirador."

MIN. IVAN LINS, EM 3.4.72:

“Com uma afetuosa visita, receba os meus agradecimentos pela sua carta de 28 de março. Felicito-o pela justa apreciação sobre seu esplêndido trabalho acerca de certas peculiaridades da língua espanhola feita pelo Professor José Pedro Machado e sua Excelentíssima Senhora, que nada mais fizeram do que estrita justiça ao nobre Amigo, sem dúvida um dos maiores e mais primorosos humanistas do Brasil em nossos dias.”

DR. WALDEMAR DINIZ ALVES PEQUENO, EM 27.12.71:

“Seus livros, eu os li atentamente e com o maior prazer. Sua carta de renúncia à candidatura a uma vaga da Academia Brasileira de Letras, foi prece-me, motivada por um excesso de pundonor, ou por uma sutileza de consciência, mas que bem define um alto paradigma de dignidade humana.”

DR. WALDEMAR DINIZ ALVES PEQUENO, EM 4-1-72:

“Agora, recebi *Filosofia e Poesia da Linguagem*, o livro que mais estava desejando ler, pelo sentido do título e extraordinárias referências a ele feitas por eruditos escritores brasileiros, eminências de alto relevo da cultura nacional. E bem justificado era o meu desejo, por se tratar realmente de obra de sábio e de artista, a começar pelo primeiro Prefácio, pela apresentação filosófica do livro que nele faz, pela “poesia da linguagem” e pelo primor do estilo... Obra de erudição, educativa, filosófica e poética, é de mérito real, antológica, para o estudo da língua. Não creio que haja igual em nossa literatura idiomático-científica. Apesar da aridez do tema, soube captar-lhe e expressar-lhe a poesia.”

PROFESSOR JOSÉ PEDRO MACHADO, LISBOA, EM 17-3-72:

“Acabo de receber, há instantes, o seu belo artigo UMA DÁDIVA PRECIOSA, que minha mulher está aqui a meu lado a

ler entusiasmada e a contaminar-se a sua bem justificada admiração. Muito obrigado, por no-lo ter enviado, muito obrigado, por nos ter confiado esta obra-prima."

ANTONIO LEVI EPITÁCIO PEREIRA, EM 6-10-67:

"... Ali mesmo encontrei a lista dos que lhe louvaram o trabalho eminente, beneditino de erguer a árvore genealógica do vocabulário vernáculo. E todos são jornalistas, escritores, literatos, habitantes ilustres do mundo do espírito... Lendo os capítulos "Shakespeare e o Latim" e "Latim e Alemão", relembrei o meu ginásio, com os cinco longos anos de latim (quatro horas de aula e quatro de estudo) que me forneceram alguns instrumentos para a ordenação das idéias e para a penetração do pensamento e compreensão do nascimento, vida e morte dos idiomas, criaturas vivas que partem do embrião fonético e gráfico para a maravilhosa complicação das filípicas, das catalinárias, ou da cândida e franciscana canção do "Frate Sole". E vejo hoje os ginásios sem latim, preparando(?) a juventude para as Faculdades de Ciências e Letras"

MIN. ALIOMAR BALEEIRO, EM 9-10-72:

"Ao eminente confrade Prof. José Arraes de Alencar: cumprimenta cordialmente e agradece a oferta da "Correspondência", lida com grande proveito e agrado."

PROF. FERNANDO DE AZEVEDO, (15-2-73):

"Agradeço-lhe a gentileza de me haver destinado exemplar de *O Cantador Nordestino e o Épico Português* — separata da revista *Ocidente*. Foi com o maior interesse e proveito, que li essas páginas. Excelentes, sob todos os aspectos. Pela riqueza de dados e observações. E, sobretudo, pelo que, com suas análises, pôde extrair num confronto inesperado, mas feliz. Com as felicitações que peço juntar aos meus agradecimentos."

MIN. IVAN LINS, EM 10-5-72:

"Ao chegar ontem de Lambarí, tive a alegria de encontrar sua carta de 2 do corrente e, bem assim, o seu esplêndido ensaio sobre "As armas e os barões assinalados — um *lexicógrafo português* — onde o nobre amigo, mais uma vez, revela o enorme lastro e a excepcional segurança de sua variada cultura."

MIN. IVAN LINS, (16-07-73):

"Ivan Lins visita afetosamente e muito agradece sua carta de 12 do corrente, e, bem assim, a revista *Itaytera*, onde se encontra o seu esplêndido e erudito artigo "Uma dádiva preciosa — *Dicionário de la lengua castellana*. É mais uma excelente produção de sua polimorfa inteligência, alicerçada em variado lastro de cultura."

REVDMO. PADRE ANTÔNIO GOMES DE ARAÚJO,  
em carta de 21-05-73:

"Correspondência" revela o senso do epistológrafo, erudito, simples e sensível. Estendo-lhe as mãos em parabéns."

MIN. JOÃO LYRA FILHO, (12-2-73):

Muito lhe agradeço a separata da revista *Ocidente*, que publica seu belo estudo a respeito da poesia de Antônio Gonçalves da Silva — o PATATIVA de Assaré. Imagine se o cantador cearense tivesse tido como estudar! O talento que ele revela, inclusive nas estrofes sobre o "Inferno, o Purgatório e o Paraíso". Aquele terceiro tópico da página 78, sobre a linguagem sertaneja, merece menção especial, excelente! Fico feliz, ao sentir a constância de seu labor douto. Receba minhas felicitações."

ACADÊMICO PEREGRINO JUNIOR, (14-8-73):

“Grato pela remessa de *Itaytera* — bela expressão do trabalho intelectual do Cariri. Agradeço principalmente o alto prazer e o vivo proveito que me proporcionou a leitura de seu importante ensaio — *Uma dádiva preciosa* —, fruto de sua erudição e sensibilidade.”

ACADÊMICO WALDEMAR PEQUENO, (16-08-73):

“Recebi e agradeço o nº 17 de *ITAYTERA*, excelente revista cultural do bom amigo Figueiredo, com a qual houve por bem distinguir-me, pela amável dedicatória, por seu brilhante estudo comparativo sobre particularidades dos idiomas português e espanhol e pela publicação da carta que me escrevera, a propósito de homenagem a mim prestada pela Câmara Municipal desta Capital. Gostei muito de seu trabalho, com cuja leitura tive, como sempre, o que aprender, tal a erudição que lhe informa o contexto. E acompanhei-o nos idos tempos de sua infância, quando, entretendo-se com o *Dicionário Enciclopédico*, de Simões da Fonseca, já revelava seu gosto pelo mundo encantado da filologia; gosto que se aprofundou com os anos e o converteu em mestre insigne desse estudo básico para o conhecimento da chamada literatura amena.”



## CENTENÁRIO DO SEMINÁRIO DO CRATO

*J. Lindemberg de Aquino*

“Em 1861 — di-lo Irineu Pinheiro, em sua imortal obra — O CARIRI — apelou D. Luiz Antônio dos Santos, Bispo do Ceará, para o povo do Crato, a fim de que o auxiliasse na construção do Seminário de Fortaleza, criado por decreto de 27 de setembro de 1860. Valioso esse documento, não só porque está ligado à história do Crato, como também porque através dele se poderá mais uma vez julgar a eminente personalidade do primeiro Bispo cearense”.

O apelo de D. Luiz, vasado em ardente súplica, é uma página de amor e de fé. Diz, em certo trecho:

“A todos os fiéis da Freguesia do Crato:

Sendo o estabelecimento dos Seminários eclesiásticos tão recomendado pelo Sacro Concílio Tridentino, que muito bem soube apreciar a utilidade e grande proveito de uma instituição, onde se devem formar e instruir nas ciências e virtudes os clérigos, que devem depois continuar a grande obra do Filho de Deus, que quer que a sua Igreja continue até o fim dos séculos, e vendo-nós, com a maior dor do nosso coração que esta nossa Diocese da Fortaleza ainda se acha privada de tão necessário estabelecimento, onde se possam os numerosos candidatos ao Sacerdócio, que quase cotidianamente a Nós se apresentam, ser recolhidos e instruídos nas matérias próprias de um tão alto

estado, e educados convenientemente às funções que um tão alto estado exige, deixando desta arte de irem mendigar nos Seminários de outros Bispados, e com maior despesa, o que poderão conseguir no seu; — E achando-nos privados dos meios de lançarmos já os fundamentos de tão profícua obra e que não deixará, por certo, de muito honrar os habitantes deste Bispado, cuja fé e boa vontade, tão conhecidas são; Nós, amados filhos, com as vistas de Deus, e nutrindo a mais bem fundamentada esperança de sermos atendidos, recorreremos a vossa caridade e vos pedimos, em nome da Igreja Católica, nossa boa Mãe, e em nome da pobre e ainda nova Igreja Cearense, uma esmola.”

“É um Bispo que vos pede uma esmola, não para engrandecer e aformosear sua casa, mas para vós mesmos, para vossos filhos e vindouros, que, bendizendo a vossa memória, se utilizarão do edifício que queremos legar à Diocese de Fortaleza.”

“Vossos nomes, meus amados filhos, não só ficarão escritos no Edifício que com vossas esmolas edificardes, mas, ainda, no grande livro da vida, para, na bem-aventurança eterna, receberdes o prêmio de vossa caridade. . .”

O apelo de Dom Luiz, que ainda prossegue, foi datado de 3 de dezembro de 1861. E o povo cratense, num entusiasmo sem precedentes, correspondeu inteiramente. Comissões foram organizadas. Arrecadou-se muita coisa, e tudo foi relacionado e enviado.

Dom Luiz teve a ventura de inaugurar o Seminário da Præinha a 10 de dezembro de 1864.

“Depois de pouco mais de uma década — di-lo, ainda, Irineu Pinheiro — recompensou, regiamente, D. Luiz às populações do Cariri, que o ajudaram a edificar o Seminário de Fortaleza, dando-lhes de presente o do Crato”.

Em 1863 chegou D. Luiz pela primeira vez ao Crato para lançar a campanha de construção do nosso Seminário. Foi às sete da manhã de 8 de outubro daquele ano, ficando até o dia 16. Em Dezembro de 1874 chegou D. Luiz novamente ao Crato,

desta vez para "apressar as obras do Seminário S. José, iniciadas por sua ordem em Agosto daquele ano".

É este Seminário S. José, do Crato, de tão gloriosas tradições, que fará 100 anos no dia 7 de março de 1975.

No dia 7 de março de 1875 — na pequena e humilde capela, ainda coberta de palhas, foi procedida a inauguração da Casa e ordenou o Sr. Bispo quatro moços: José Alves Bezerra, de Várzea Alegre (dia 20 de fevereiro), Francisco Lopes Abath, do Crato (dia 11 de julho, juntamente com José Leonardo da Silva) e, por fim, a 30 de julho, Manoel Felix de Moura, de Milagres.

D. Luiz, que passou 6 meses na Princesa do Cariri, animou os trabalhos de edificação do Seminário, pessoalmente, e procedeu sua inauguração. O povo do Crato estava recompensado de sua generosidade.

O Primeiro Reitor foi o Pe. Lourenço Vicente Enrile, natural de Finalborgo, Savóia, Itália, que muito lutou na fase inicial da implantação, até esgotar-se fisicamente. Morreu "em odores de santidade" e está sepultado sob o altar-mor. Sucedeu-lhe na Direção o português, Pe. Luiz Gonzaga Boa Vida, nascido em Val dos Prazeres, homem culto e artista exímio. E depois outros se sucederam.

Atinge, assim, o Seminário do Crato, neste Março de 1975, a sua primeira centúria, e não foram poucos os benefícios que espalhou, com a luz da instrução, em vasta área da hinterlândia nordestina.

Por muitos foi considerado o primeiro estabelecimento de nível médio fundado, no interior, entre os vales do Parnaíba e São Francisco, e a sua missão abriu caminho de luzes para solidificar a instrução e difundir a fé.

Foi ele o responsável por gerações e mais gerações, que, deixando os seus umbrais, mesmo os que não prosseguiram na carreira eclesiástica, forjaram a ambiência cultural do Crato e de suas cidades de origem, e se destacaram na vida pública em todos os ramos da atividade humana.

Somam-se às centenas seus ex-alunos, entre vivos e mortos, que tiveram atuação destacada na vida cearense e nordestina. Entre eles figura também o famoso Manoel de Oliveira

Paiva, autor de *D. Guidinha do Poço*, J. de Figueiredo Filho, Pe. Joaquim Ferreira de Melo (depois Bispo), Pe. Joaquim Sother, Cônego Ulisses Penaforte, Dr. Ildefonso Correia Lima, Dr. Elias Sisnando Batista, Dr. Pio Alves Pequeno, Dr. Gustavo Horacio de Figueiredo e tantos outros.

O Seminário do Crato, célula gloriosa de nossa cultura, sedimentou a formação educacional do Crato, sendo o ponto de partida para a elevada instrução hoje reinante em nosso meio.

Teve Reitores memoráveis, como D. Quintino, depois primeiro Bispo do Crato, Monsenhor Monteiro, Monsenhor Joviniانو Barreto e Monsenhor Pedro Rocha de Oliveira.

De tão gloriosas tradições, essa Casa de formação do Crato chega, assim, na sua primeira centúria, coberta de glórias, merecendo o respeito e a gratidão do nosso povo.

Na lição imorredoura dos tempos, o Seminário do Crato há de ficar assinalado como dos pontos mais luminosos da história de nossa terra.

E a sua ação benfazeja será bendita pelas gerações vindouras, que lhe reconhecerão os méritos e lhe cultuarão o serviço prestado, para a glória de Deus, nas terras do Cariri.

## FIGURAS MARCANTES DO SEMINÁRIO DO CRATO

Quando estamos em março de 1975 — mês do Centenário do Seminário S. José, em Crato, justo que sejam lembradas e reverenciadas algumas figuras marcantes que têm seus nomes ligados à vida do secular educandário.

São homens das mais diversas procedências, que Deus, nos Seus designios insondáveis, reuniu num mesmo destino e num mesmo objetivo, para fortalecer a fé, espalhar a religião, derramar o exemplo, cultuar as virtudes e disseminar a luz da instrução.

Primeiramente, justo é nos referirmos a Dom Luiz, o grande Bispo, primeiro Pastor da Igreja cearense, idealizador e fundador do Seminário da Prainha, na capital cearense, e depois também criador do Seminário do Crato.

Natural de Angra dos Reis, antiga Província fluminense, tendo nascido a 13 de março de 1817, era ele filho de Salvador dos Santos Reis e Maria Antonia dos Santos Reis.

Fez seus primeiros estudos com a genitora e aos 15 anos ingressava no Colégio de Jacarecanga, tendo continuado, depois, com o Padre Antonio Viçoso a sua formação intelectual.

Luiz Antonio dos Santos, revelara, desde cedo, pendor para a vida eclesiástica — e nomeado o mestre, Pe. Viçoso, para dirigir o Colégio dos Lazaristas, em Caraça, seguiu com ele, ali se matriculou e terminou seus estudos teológicos. A 21 de setembro de 1841 recebeu D. Luiz o presbiterato das mãos de D. Manoel Rodrigues Monte de Araújo, Conde de Irajá e Bispo do Rio de Janeiro.

Seguiu como Professor no Caraça — e, elevado o Pe. Viçoso a Bispo de Mariana, acompanhou, dirigindo-lhe o Seminário e sendo elevado a Cônego. Ainda foi estudar em Roma, onde aperfeiçoou-se em cânones, alcançando-o a nomeação para Bispo do Ceará em 31 de janeiro de 1859. Confirmado pelo Papa Pio XI no Consistório de 28 de setembro de 1860, foi sagrado por D. Viçoso em 14 de abril de 1861.

Dom Luiz aportou ao Ceará em 26 de setembro de 1861, fez sua entrada solene na Catedral de Fortaleza a 29 do mesmo mês. Ficou 20 anos no Ceará e fundou os Seminários de Fortaleza e Crato. Em 13 de maio de 1881, foi preconizado Arcebispo da Bahia, onde ficou até 19 de novembro de 91, quando faleceu.

Foi um grande e extraordinário Príncipe da Igreja, com o coração abrasado de amor pela terra cearense.

Relembramos, também, o Pe. Vicente Lourenço ENRILE, primeiro Reitor do Seminário do Crato. Nasceu em Finalborgo, Diocese de Savóia, Itália, em 28 de fevereiro de 1833 e faleceu em Crato em 13 de novembro de 1876. Se existiu uma alma santa e devotada nas tarefas do ensino, do amor e da caridade, foi o Pe. Enrile o exemplo mais característico.

O Seminário do Crato foi um celeiro de heróis anônimos e de figuras marcantes da vida cearense.

Jamais se poderia dissociá-lo de figuras como o Pe. Manuel Felix de Moura, Pe. Joaquim Sother de Alencar, Pe. Jovi-

niano Barreto, Pe. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, depois primeiro Bispo da Diocese do Crato, e outros.

Pelo Seminário do Crato, passou o Pe. Joaquim Ferreira de Melo, cratense de nascimento, nascido no S. José, Professor, depois Vigário de Tauá, onde teve o escritor Joaquim Pimenta, menino àquela época, sacristão de sua Matriz, Pe. Melo foi depois Bispo de Pelotas, Rio Grande do Sul, de larga atuação na episcopado nacional.

Raimundo Ulisses Penaforte, natural de Jardim, homem brilhantíssimo, escritor, filólogo, polemista, ensaísta e versado em assuntos científicos e de economia, foi figura destacada do clero brasileiro. Também teve sua passagem pelo Seminário do Crato.

Hoje é nome de uma cidade do Cariri — com muita honra para a região.

Outras figuras percorreram os vetustos corredores e salas de aulas do nosso velho Seminário.

Entre elas, o Pe. Francisco Alexandrino de Alencar, irmão do Monsenhor Antonio Alexandrino — integrantes, ambos, da prestigiosa família Arraes de Alencar, do sul do Estado; Cel. Antonio Luiz Alves Pequeno (Prefeito do Crato e Deputado Estadual); Dr. Ildefonso Correia Lima, Dr. Pio Alves Pequeno, médico em Barbacena, Dr. José Albino Figueiredo, semente pioneira dos Figueiredo no Rio Grande do Sul, Dr. Joaquim Gomes de Matos, Dr. Irineu Pinheiro Filho, Dr. Manuel de Oliveira Paiva (o célebre escritor, autor de *D. Guidinha do Poço*), Major José Gonçalves, Pe. Jatahy, Monsenhor Francisco Rodrigues Monteiro, Monsenhor Pedro Esmeraldo da Silva, Pe. Alencar Peixoto, Pe. Miguel Tavares Campos, Dr. Antonio Filgueiras Sampaio etc.

O Seminário do Crato ao atingir, assim, sua centúria, é um ninho de recordações.

Fechado, hoje, em termos de Seminário, permanece aberto para as atividades da Paróquia que tem sua sede ali, e para as obras sociais da Igreja do Crato e da comunidade do bairro.

Já pensaram nele para Hotel de Turismo, Pousada, Motel, Fábrica, Reitoria de Universidade, Prefeitura, Quartel, Faculdade — guardião de lembranças que o tempo não apaga, assis-

tindo a uma Igreja Nova, inteiramente reformulada nos seus objetivos — e resistindo à ação do tempo, como relicário das mais sadias tradições do nosso povo.

As figuras marcantes que passaram pelo Seminário do Crato encheram de vida e esplendor a comunidade cratense.

A memória dos pósteros não as esquecerá, e por eles terá sempre a marca do reconhecimento e o selo da gratidão, justo prêmio a quem tanto bem fez à terra cratense e não merecerá, jamais, ficar no olvido.

## CRATO EM DIAGNÓSTICO: 1975

*Correia Coelho*

Salvo engano, o rifão é do professor Pedro Felício: “A economia é como a cultura: — só se adquire com o tempo.”

Realmente, estes dois elementos não se improvisam e ninguém consegue possuí-los com facilidade, da noite para o dia. Demanda de tempo, trabalho, esforço, inteligência, estudo, fé e constância.

Crato vem de muito longe nesta sua constante, justa e nobilitante luta pelo seu crescimento material e desenvolvimento econômico, social e cultural, para conseguir desfrutar desta sua destacada e privilegiada posição no concerto das cidades interioranas do Nordeste.

Se nesta sua já bem longa caminhada deparou-se com planícies favoráveis ao seu avanço, surgiram-lhe também terrenos acidentados que lhe tolheram a marcha por algum tempo, sem todavia ocasionar-lhe esmorecimento ou desânimo nos seus ideais, sempre calcados na objetivação das metas que o conduzem aos seus altos destinos.

Na verdade, Crato alcançou dimensões de cidade desenvolvida e florescente, neste Nordeste interiorano ainda tão desfavorável ao progresso. Naturalmente que não tem podido fazer milagres, mas, guardadas as proporções das circunstâncias e possibilidades básicas e gerais que a Região oferece, tornou-se expressivo e até surpreendente o acervo dos elementos de pro-



gresso geral que conseguiu amealhar ao longo dos tempos, assegurando-lhe, fundamentalmente, contínua, merecida e ampla prosperidade, tanto mais nesta nova e esperançosa quadra da vida nacional em que os pólos de desenvolvimento, como este, hão de merecer os melhores cuidados e atenções dos altos poderes públicos.

Passamos agora a oferecer, através de números e informações, um quadro real do Crato de hoje.

## I — SITUAÇÃO FÍSICA

Área: 1 026 km<sup>2</sup>. Altitude: 422 m. Longitude: W. Gr. 39°24'28". Latitude: S. 7°13'52". Distância à capital do Estado: em linha reta, 399 km.; por ferrovia, 601 km.; por rodovia asfáltica, via Milagres, 628 km. Limites: leste, Barbalha e Juazeiro do Norte; oeste, Santana do Cariri e Nova Olinda; Norte, Caririçu e Farias Brito e sul, Exu, no Estado de Pernambuco. Clima: temp. máxima, 34°; mínima, 22° e média, 27°. Pluviosidade: média anual, 1 100 mm. Recursos naturais: há em abundância: gesso (pequena mineração); pedras calcáreas, caulim e xisto betuminoso (não explorados ou minerados); argilas para tijolo, telha, cerâmica para piso e paredes e objetos caseiros (há mineração). Técnicos da Mojiguaçu, de São Paulo, empresa esta que, por sinal, instalou aqui uma fábrica filial (Norguaçu), classificaram Crato de capital da argila para cerâmica, do Norte e Nordeste do País, não somente pela excelente qualidade mas também pela enorme quantidade deste mineral aqui existente.

A flora é rica, com a existência de boas matas compostas de grande variedade de espécies florestais. Fontes d'água perenes: 27, com uma vasão total aproximadamente de 7.580.000 litros por hora.

## II — SITUAÇÃO DEMOGRÁFICA

### a) Evolução demográfica

População da cidade	Pop. total (todo Município)
Recenseamento de 1940. . . .	11.233 hab.                      40.282 hab.

Recenseamento de 1950 . . . .	15.464 hab.	46.408 hab.
Recenseamento de 1960 . . . .	27.649 hab.	59.464 hab.
Recenseamento de 1970 . . . .	40.155 hab.	71.157 hab.
Nossa estimativa para 1975 . .	50.205 hab.	85.720 hab.

NOTA: — A cidade cresceu muito nestes últimos cinco anos, não apenas nos bairros chamados elegantes, como Pimenta, Cruz e outros, como nos populares: Batateira, Ossian Araripe etc. Está havendo grande convergência de famílias que se deslocam de outras regiões do Ceará e outros Estados nordestinos para aqui fixarem residência, mesmo com a finalidade de educar os filhos, por ser Crato o mais expressivo e aprimorado centro educacional do interior cearense. Há muita procura de casa para alugar ou mesmo comprar, mercado este que vem oferecendo estímulo e vantagens à indústria de construção, com o conseqüente crescimento material da cidade.

- b) Registro Civil (movimento de 1974)  
Nascimentos: 8 395; Casamentos: 1 329; Óbitos: 670;  
Desquites: 9.
- c) Registro Religioso (movimento de 1974)  
Casamentos: 450; Batizados: 2 429.

### III — SITUAÇÃO ECONÔMICA

#### AGRICULTURA:

a) Propriedades agrícolas ou rurais: 1 340. O Município tem uma área de cerca de 250 km<sup>2</sup> de terras devolutas pertencentes ao Governo Federal, situadas no chapadão da Serra do Araripe. Uma parte é de florestas, administrada pelo Instituto Florestal. A outra parte é ocupada por posseiros e utilizada com a cultura de mandioca e abacaxi, além da criação bovina.

b) Produção Agrícola: Cana-de-açúcar, com o volume médio anual de 88 800 toneladas, transformando-se em 62 000 cargas (80 quilos a carga) de rapadura e 1 300.000 litros de aguardente, tudo no valor de . . . . Cr\$ 6.940.000,00

Algodão, 76 000 arrobas de 15 quilos, no valor de .....	Cr\$ 3.500.000,00
Farinha de mandioca: 70 000 sacas de 60 quilos, no valor de .....	Cr\$ 3.200.000,00
Arroz com casca: 25 000 sacas de 60 quilos no valor de .....	Cr\$ 2.500.000,00
Milho: 25 000 sacas de 60 quilos, no valor de	Cr\$ 1.000.000,00
Feijão e fava: 15 000 sacas de 60 quilos, no valor de .....	Cr\$ 900.000,00
Amendoim em casca: 320 000 quilos, no valor de .....	Cr\$ 480.000,00
Babaçu e macaúba em amêndoas: 550.000 quilos, no valor de .....	Cr\$ 935.000,00
Frutas em geral: 350 000 centos, no valor de .....	Cr\$ 700.000,00
Mamona, batata-doce, fumo, café, alho, cebola, hortaliças e piqui, produtos estes ainda sem muita expressão econômica .....	Cr\$ 800.000,00
<hr/>	
TOTAL.....	Cr\$ 20.955.000,00

PECUÁRIA — População bovina: 21 000 cabeças; eqüina, asinina e muar: 13 100; suína: 15 200; caprina e lanígera: 7 300.

COMÉRCIO — Há na Fazenda Estadual 469 inscrições de estabelecimentos comerciais, dos diversos ramos de negócios, destacando-se entre estes 14 casas de tecidos e confecções, 7 de eletrodomésticos, 16 de peças e acessórios para veículos motorizados, 6 de calçados, 7 de móveis, madeiras e material de construção, 5 supermercados, 3 de máquinas, motores e implementos agrícolas, 4 de material elétrico, louças e objetos de alumínio, 6 farmácias, além de vários bons armazéns e mercearias de secos e molhados e gêneros alimentícios. Hotéis de melhor categoria: 5; hotéis e pensões mais comuns: 11. Escritórios de representações comerciais e industriais: 11. Or-

ganizações concessionárias da indústria automobilística: 4, com expressivo volume de negócios, como abaixo se discrimina:

Nº de veículos  
vendidos: 1974

FIRMAS

DRASA — Distribuidora Regional de Automóveis S.A. — Linha Volkswagen .....	240
SODAL — Sociedade Distribuidora de Automóveis Ltda. — Linha Chevrolet .....	220
Antônio Almino de Lima — Auto-Crato — Linha Dodge .....	90
AGUANAMBI DIESEL S.A. (Grupo J. Macedo, de Fortaleza) — Linha Mercedes Benz .....	144

No comércio de gasolina, óleo diesel, querosene e outros derivados do petróleo, existem: 12 postos de gasolina bem instalados, possuindo alguns deles os mais modernos equipamentos; terminal da Esso Brasileira de Petróleo, com capacidade para 350 000 litros (9 depósitos). O seu fornecimento, que é feito para vasta área do território nordestino, foi da ordem de 12 000.000 de litros, em 1974; terminal da Atlantic — Companhia Distribuidora de Petróleo, com capacidade para 280 000 litros. O seu funcionamento, feito também para vasta região, foi igualmente na casa de 12 000.000 de litros, em 1974. Os 12 postos de gasolina do Crato venderam, de combustíveis, em 1974, volume na ordem de 9 500.000 litros. Operam aqui as companhias de petróleo Esso, Atlantic, Texaco e Shell. Convém ressaltar que a Petrobrás adquiriu recentemente aqui, por doação da Prefeitura Municipal, um vasto e apropriado terreno destinado à instalação, a curto prazo, de um seu possante Terminal. Importantes empresas de cunho tradicional, comerciais e industriais, com sede em outras praças e que aqui mantêm filiais, depósitos ou agências de compra ou venda, com amplo e satisfatório volume de negócios: Comp. de Cigarros Souza Cruz, Lundgren Tecidos S.A., Curtume Carioca S.A., M. Alencar Tecidos S.A., Laboratório Eduardo Bezerra S.A., Viana Auto-Peças S.A., Eliseu Batista S.A., Indústria Cearense de Alimentos S.A. — INCA, M. Dias Branco S.A., CEQUIP — Comér-

cio e Importação Ltda., Júlio Sérgio A. de Freitas — Representação e Conta Própria, Gesso Tapuya S.A., Chaves & Cia., J. Macedo S.A., Itapetinga Agro-Industrial S.A. (Cimento Nas-sau) e Comp. Paraíba Cimento Portland — Cimento Zebu e S. A. White Martins Oxigênio, Brasil Oiticica S.A. e Companhia Industrial de Algodão e Óleos — CIDAIO.

O comércio em geral é assistido na organização de firmas, escrituração comercial e fiscal e outros setores, por 8 bem instalados e equipados escritórios técnicos de contabilidade. O surgimento de novas firmas em vários ramos comerciais vem sendo constante nestes últimos tempos. Dois fortes grupos do Ceará e da Bahia, reconhecendo Crato como um dos mais importantes e estratégicos centros regionais do Nordeste, passaram a se interessar e se movimentar ultimamente, no sentido de instalarem aqui um grande supermercado, para venda a varejo e grosso, havendo assim total viabilidade de Crato ganhar mais essa nova e grande empresa, a curto prazo. O comércio cratense vem se tornando cada vez mais expressivo e ativo, notadamente na área de eletrodomésticos, peças e acessórios para automóveis, madeiras e material de construção, tecidos, artefatos e confecções, louças, vidros e outros utensílios domésticos etc., além do que diz respeito a produtos agrícolas e pecuários — mamona, arroz, milho, amendoim, farinha de mandioca, feijão, gado em pé para cria, engorda e corte, couros e peles e outros. — O comércio interestadual, isto é, efetuado para outros Estados, vem tomando vulto de ano para ano. Já em 1974, conforme controle do IBGE, as firmas locais expediram o elevado número de 29 193 guias de exportação, junto à repartição fazendária competente. Deve-se observar agora, no quadro que se segue, o volume comercializado, senão real mas fundamentadamente aproximado, no ano próximo passado, pelo comércio local, de alguns ramos de mercadorias ou artigos e produtos da agricultura e da pecuária:

Especificação	Valor Com.: 1974
a) Mercadorias ou artigos:	Cr\$
Do ramo de eletrodomésticos . . . . .	17.800.000,00

Do ramo de peças e acessórios para automóveis .....	14.220.000,00
Do ramo de cigarros (Cia. Souza Cruz)...	50.340.000,00
Do ramo de bebidas, predominantemente cervejas — Brahma e Antártica .....	14.500.000,00
<b>b) Produtos agrícolas:</b>	
Mamona (o preço por saca de 60 quilos em 1973 chegou a Cr\$ 130,00. Em 1974, caiu até para Cr\$ 48,00). O volume comprado e embarcado para Fortaleza, em 1974 foi da ordem de 230 000 sacos, no valor de .....	13.410.000,00
Arroz beneficiado — 122 000 sacos de 60 quilos, sendo procedente do Maranhão cerca de 85% .....	21.960.000,00
Milho (a maior parte procedente de Pernambuco) — 97 000 sacos de 60 quilos, no valor de .....	3.880.000,00
Farinha de mandioca — 60 000 sacos de 60 quilos .....	3.000.000,00
Feijão — 45 000 sacos de 60 quilos ....	4.050.000,00
<b>c) Produtos Pecuários:</b>	
Gado bovino em pé para cria, engorda e corte (procedente do Ceará e Estados vizinhos) comercializado, na sua maior parte, na tradicional e grande feira semanal de gado e durante a famosa exposição anual de produtos agropecuários — 17 800 cabeças, no valor de .....	26.850.000,00
Couros, 220 000 quilos (com a crise comercial, o preço atual está na ordem de Cr\$ 2,50 por quilo, quando, em outras épocas, atingiu até Cr\$ 11,00).Valor.....	550.000,00

Peles de cabra e carneiro (com a atual crise comercial, o preço médio da unidade está na ordem de Cr\$ 10,00 (cabra) e Cr\$ 15,00 (carneiro), quando atingiu, em outras épocas, até Cr\$ 25,00). Valor de cerca de 230 000 peles aqui comercializadas .....	2.760.000,00
---	--------------

Este quadro significa uma amostragem da expressão comercial do Crato, que pode ser considerado também importante em vários outros ramos, a exemplo de tecidos e confecções, madeiras e material de construção em geral, máquinas, motores e outros implementos agrícolas, medicamentos, ferragem e outros.

INDÚSTRIA: — As principais indústrias podem ser assim discriminadas:

a) Usinas de beneficiamento de algodão: 3 — Irmãos Bezerra de Menezes S.A., Companhia Industrial Bezerra de Menezes, Antônio Alves de Moraes Júnior S.A.;

b) Usinas de extração e refinação de óleos vegetais: 3 — Companhia Industrial Bezerra de Menezes, com extração e refinação de óleos vegetais comestíveis. Esta firma encampou, por compra, uma antiga usina que estava paralisada há alguns anos. Fez e está fazendo adequada reforma, e atualmente já está produzindo, ainda quase em fase inicial, 700 caixas de óleo (óleo "Crato"), por dia, com emprego de 80 operários. Projeta aumentar a refinaria para 1 200 diárias.

F. Borges & Cia. — Usina paralisada há alguns anos em face de dificuldades financeiras. Está sob o controle do Banco do Brasil, seu principal credor. Está havendo gestões através de grupos interessados, para a sua reabertura. A especialidade é extração do óleo de caroço de algodão (óleo filtrado).

Comércio e Indústria Cratense de Óleos S.A. - CINCO SA, com especialidade na extração de óleo de mamona. Usina

paralisada há alguns anos, por motivo de crise financeira. Está sob o controle do Banco do Brasil. É possível que possa ser reaberta, futuramente.

c) Fábricas de produtos de milho: 2 — S.A. Correia Industrial e Comercial — SOCICOL. Esta firma encampou, por compra, há pouco tempo, moderna e muito bem instalada fábrica que estava paralisada, por motivo de crise financeira. Já foi reaberta e está ainda em fase inicial de produção, com largas perspectivas já para este ano. — CINAÍ - Comp. Ind. de Alimentos, atualmente paralisada, por motivo de crise financeira. Há gestões por parte de grupos econômicos para a sua encampação e reabertura.

d) Fábrica de papel: 1 — Companhia Sul-Cearense de Papéis S.A., em franco progresso.

e) Fábricas de produtos de cerâmica: 3 — Cerâmica do Cariri S.A. - CECASA, com sede jurídica em Crato e fábrica no vizinho município de Barbalha. Em franco progresso, estando atualmente com importante projeto de ampliação. — Cerâmica Norguaçu S.A., em franco desenvolvimento. Tem grande projeto para aumentar e diversificar a produção. — Cerâmica Estrutural do Crato Ltda. Recém-instalada, modernamente. Em poucos dias entrará em ritmo de produção normal.

f) Fábrica de massas alimentícias: 1 — Indústria de Massas Alimentícias Gessi S.A., em franco desenvolvimento. Uma das maiores do Ceará. Está fazendo grande ampliação, em novo e vasto prédio que vem de construir.

O número de operários destas treze principais indústrias pode ser assim discriminado: a) Usinas de beneficiamento de algodão: 178; b) Usinas de extração e refinação de óleos vegetais: 80 (há apenas uma funcionando, assim mesmo em início de produção); c) Fábricas de produtos de milho: 25 (uma paralisada e a outra ainda em começo de produção); d) Fábricas de papel: 80; e) Fábricas de produtos de cerâmica: 790; f) Fábricas de massas alimentícias: 230. Total de operários: 1 383.

O movimento financeiro destas indústrias pode ser assim especificado (ano 1974):



a) Usinas de beneficiamento de algodão: compraram cerca de 12.000.000 de quilos de algodão em rama (a safra foi uma das menores já registradas; em safra normal, as suas compras podem atingir até 20.000.000 de quilos). Está na seguinte ordem o valor das compras de 1974 ..... Cr\$ 30.000.000,00

b) Usinas de extração e refinação de óleos vegetais. A produção foi muito pequena em 1974, porque as usinas estavam paralisadas. Em 1975 haverá vultoso faturamento.

c) Fábricas de produtos do milho: Somente agora em 1975 voltou uma a funcionar. O seu faturamento será bem expressivo, o que será observado no final do ano.

d) Fábrica de papel: Vendas na ordem de ..... Cr\$ 8.260.000,00

e) Fábrica de produtos de cerâmica: vendas na ordem de ..... Cr\$ 22.400.000,00

f) Fábrica de massas alimentícias: vendas na ordem de ..... Cr\$ 10.650.000,00

Há várias outras indústrias de menor porte, como sejam: 1 de móveis de madeira, regularmente aparelhada; 1 de doces de frutas; 2 de móveis e outros artigos de ferro; 5 de torrefação e moagem de café; 62 engenhos para a fabricação de rapadura e aguardente etc.

No concernente à prestação de serviços ou serviços de consertos, Crato se destaca em oficinas de reparo e consertos de automóveis, desde o reajuste do motor até a pintura. São 22, bem montadas e aparelhadas. Há também 2 tipografias, com maquinaria moderna. No campo da indústria de construção civil surgiram há pouco tempo duas empresas, ora em franca prosperidade: SOCIERG — Indústria de Engenharia e Comércio Ltda. e SERGEL — Serviços Gerais Ltda. O artesa-

nato merece igualmente atenção: redes, cadeiras de cipó, óleos vegetais de piqui e babaçu, utensílios e objetos domésticos de barro, móveis e brinquedos de madeira etc.

**REDE BANCÁRIA:** São 4 bancos e 3 cooperativas.

**Bancos:** Banco do Brasil S/A (antiga e grande agência instalada em prédio próprio de 4 pavimentos); Banco do Estado do Ceará S/A - BEC (agência bem instalada, já com expressivo movimento); Banco Brasileiro de Descontos S/A - BRADESCO (agência de grande movimento em moderno prédio próprio); Banco Industrial do Ceará S/A - BIC (importante agência instalada em moderno prédio próprio).

**Cooperativas de crédito e mistas:** Cooperativa Caixeiral do Crato, operando há muitos anos, com larga disseminação do crédito (sede própria); Cooperativa Agropastoril Ltda., com regular financiamento para repasse do BNB (sede própria); Cooperativa Agrícola do Cariri Ltda., com regular e substancial financiamento para repasse do BNB.

A seguir, apresenta-se um quadro com alguns aspectos do movimento da rede bancária (1974):

#### DEPÓSITOS

Balanceados em 31-12-74 ..... Cr\$ 20.204.125,68

#### EMPRÉSTIMOS

a) Comerciais .....	Cr\$ 29.541.467,16
b) Industriais .....	Cr\$ 19.293.111,52
c) Agropecuários .....	Cr\$ 49.711.653,00
d) Outros .....	Cr\$ 11.074.916,00
	Cr\$ 109.621.147,68

O movimento da rede bancária está previsto para bem maior neste ano de 1975, em face da reabertura de algumas indústrias e implantação de outras na região, notadamente a da Usina de Açúcar em Barbalha. Há também perspectiva de bem maior safra agrícola e conseqüentemente reação comercial.

**COOPERATIVAS:** São 5, sendo 2 de crédito, já arroladas na rede bancária; 1 mista (agropecuária e crédito) também arrolada e 2 de consumo.

TRANSPORTE: a) Ferroviário (REFFSA), com trens regulares para Fortaleza e Recife, via Paraíba. A estação local é a de maior movimento do interior, sobretudo no setor de cargas. Abaixo um quadro do movimento de 1974:

a) PASSAGENS — Vendidas (devido ao movimento rodoviário, preferido pelo público há diminuição no passageiro de trem)...	16.500
b) CARGA — Toneladas embarcadas de diversos produtos ou mercadorias .....	32.600
c) RENDA DA ESTAÇÃO .....	Cr\$ 3.650.000,00

RODOVIÁRIO: Transportes de passageiros: (Empresas que servem ao município, Linha e Saída diária, com número de ônibus):

Viação Rio Negro: Crato-Fortaleza, 6 — Viação Princesa do Agreste: Crato-Recife, 2 — Expresso Real Caririense: Crato-São Paulo, 2; Crato-Crateús, 2; Crato-Campos Sales, 1 — Viação Varzealegrense: Crato-São Paulo, via Rio, 2; Crato-Iguatu, 2; Crato-Lavras da Mangabeira, 1; Crato-Santana do Cariri, 1 — Viação Princesa do Seridó: Crato-Natal, 2 — Viação Orlando Simões: Crato-Cariutaba, 1 — Viação Pernambucana: Crato-Petrolina, 3; Crato-Ouricuri, 1; Crato-Arariquina, 1; Crato-Parnamirim, 1; Crato-Jardim, 1 — Empresa Pereira: Crato-Assaré, 1; Crato-Potengi, 1; Crato-Aiuaba (misto), 1; Crato-Potengi (misto), 1 — Viação Brasília: Crato-Teresina, 2; Crato-Salgueiro, 2; Crato-Mauriti, 1; Crato-Umari, 1; Crato-Juazeiro do Norte, 40.

Comumente, portanto, saem 79 ônibus e chegam outros 79 em Crato, não se incluindo ônibus especiais de excursões de estudantes, turistas etc., muito constantes. A movimentação de passageiros e, conseqüentemente, de coletivos chega até a duplicar, em épocas de festas: carnaval, exposição agropecuária etc., e também das férias escolares.

NÚMERO DE VEÍCULOS MOTORIZADOS: Matriculados no Detran: 1 908. Transportes de cargas: operam 5 empresas.

**FINANÇAS PÚBLICAS — PREVISÃO E ARRECADAÇÃO  
NOS ÚLTIMOS TRÊS ANOS**

<i>Especificação</i>		<i>Previsão Cr\$</i>	<i>Arrec. Cr\$</i>
a) Fazenda Federal	— 1972	1.370.141,00	1.893.851,12
	1973	2.120.131,00	3.218.701,35
	1974	3.626.983,00	5.290.704,00
b) Fazenda Estadual	(+) 1972	.....	.....
	(+) 1973	.....	8.115.462,83
	1974	12.236.400,00	15.570.538,93
c) Fazenda Municipal	— 1972	3.627.500,00	3.242.941,39
	1973	3.659.375,00	3.122.560,99
	1974	4.255.000,00	4.765.500,98

(+) Não se encontrou fonte para pesquisa, na Fazenda Estadual, sobre a previsão e arrecadação em 1972, nem sobre a previsão em 1973. O Orçamento da Prefeitura Municipal prevê uma arrecadação de Cr\$ 8.000.000,00 para 1975. Sem acarretar gravame à economia privada ou popular, a administração municipal pode dispor de meios para o aumento da arrecadação, desde que promova uma mesma leve revisão no lançamento do imposto predial e um levantamento adequado do imposto sobre serviços, além de outras medidas de cunho financeiro que possam beneficiar o erário municipal.

**IV — SITUAÇÃO SOCIAL**

SAÚDE — Parque hospitalar:

<i>Designação</i>	<i>Nº de</i>	
	<i>leitos</i>	<i>Intern./74</i>
Hospital São Francisco (geral) .....	168	2.860
Hospital Regional Manoel de Abreu (geral, com especialidade em doenças pulmonares) em fase de desenvolvimento .....	119	387
Hospital Infantil (geral) .....	36	540
Hospital Infantil Mons. Pedro Rocha (geral)	100	1.578
Maternidade Dr. Joaquim Fernandes Teles	55	2.558
Casa de Saúde e Maternidade S. Miguel (geral) .....	46	1.081

Casa de Saúde Jqm. Bezerra (cardiologia)	36	1.453
Casa de Saúde Santa Teresa (psiquiatria)	87	1.185
TOTALS.....		647 11.642

No Ambulatório do Hospital São Francisco foram atendidas, em 1974, 19.348 pessoas.

SERVIÇOS DE SAÚDE — Superintendência de Campanha de Saúde Pública - SUCAM; Divisão Nacional de Lepra, anexa à Secretaria Estadual de Saúde, através de convênio; Posto Estadual de Saúde; Posto da L.B.A.; Serviço Médico-Dentário do INPS; Serviço Médico-Dentário do IPEC; Serviço Médico-Dentário Municipal (ambulante).

No campo privado ou particular, existem 2 Clínicas Médicas especializadas, 4 Laboratórios de Análises Clínicas, 3 organizações de Clínica Dentária. Centro Social do SESI e Centro Social do SESC muito movimentados, instalados em magníficas sedes próprias.

PROFISSIONAIS: Médicos, 29; Dentistas, 17; Farmacêuticos, 11; Veterinários, 2; Químicos, 2; Advogados, 17; Engenheiros, 6; Agrônomos, 11. *Sindicatos*: 8; *Associações de Classe*, 8; *Clubes de Serviços*: Rotary, Lions (2); Câmara Júnior, Casa da Amizade e Maçonaria. *Outras Associações*: Escoteiros, Pioneiras Sociais e Bandeirantes. *Associações Mutuárias*: 3. *Abrigos para velhos e velhas desamparados*, 2. *Clubes Esporte-Recreativos*, 6. *Cinemas*, 3. *Rádiodifusoras*, 2. *Religião*: Sede de Bispado, com jurisdição em 30 municípios. Há também culto protestante com três igrejas.

## V — SITUAÇÃO CULTURAL

REDE ESCOLAR — Estabelecimentos e Organizações de Ensino — Matrícula 1975 (Designação e Alunos matriculados):

### a) Ensino Superior:

Faculdade de Filosofia do Crato — instalada em 1960 — Reconhecida — Ramos: Pedagogia, Letras, História e Ciências Biológicas .....

700

Faculdade de Economia do Crato — instalada em 1961 .....	103
Faculdade de Direito do Crato — instalada em 1974 .....	120
b) Ensino de Primeiro e Segundo Grau:	
Colégio Estadual Wilson Gonçalves (com 112 professores) .....	2.960
Colégio Diocesano do Crato .....	1.222
Colégio Santa Teresa de Jesus .....	700
Colégio Municipal Pedro Felício .....	1.250
Colégio Madre Ana Couto .....	190
Ginásio Aderson da Franca Alencar .....	180
Ginásio de Ponta da Serra .....	420
Curso Pré-Vestibular .....	25
Curso de Madureza .....	25
9 Grupos Escolares (Estabelecimentos de 1º Grau, com 360 professoras, do Estado) .....	6.504
22 Escolas Isoladas, com 25 profs. (do Estado) ..	750
98 Escolas (agrupadas e isoladas) Municipais ....	7.500
Externato 5 de Julho .....	157
Escola Natanael Cortez .....	30
c) Ensino Infantil:	
Escolinha Pequeno Príncipe .....	172
Escola Pitágoras .....	30
Escola Disneylândia .....	32
Escola Cisneylândia .....	50
Escola Creche São Miguel .....	43
d) Ensino Profissionalizante:	
Colégio Agrícola do Crato .....	102
Escola Técnica de Comércio do Crato .....	410
Escola Doméstica 1º de Maio .....	30
Escola Doméstica N.S. de Fátima .....	86
Cursos de Datilografia (7) .....	550
Cursos da Fundação Padre Ibiapina (Convênios DNMO, FUNRURAL e Ministério do Planejamento)	
Treinamento de .....	4.750
e) Ensino de Línguas:	
Curso de Inglês .....	350

f) Ensino de Arte Musical:	
Escola de Música Branca Bilhar .....	200
g) Ensino para Excepcionais:	
Instituto de Reeducação Evilene Lucetti .....	68
h) Ensino de Alfabetização de Adultos:	
105 Cursos do MOBRAL .....	6.073
i) Ensino Radiofônico:	
Projeto Minerva .....	450
	<hr/>
TOTAL.....	36.242

FUNDAÇÕES: *Fundação Dom Francisco Pires*, com finalidade promocional no campo religioso, social e cultural. Tem atuação maior nos bairros pobres da cidade. Realiza anualmente o "Festival da Canção", promoção esta que já se tornou famosa não apenas na região, mas também em vasta área do território nordestino.

*Fundação Educacional Martins Filho* — FEMARF — recém-organizada e tem a finalidade da implantação da Universidade Regional do Cariri.

*Fundação Padre Ibiapina* — FPI — Com o seguinte organograma: 1. Diretoria; 2. Conselho Assessor; 3. Coordenadoria; 4. Órgãos Administrativos: Secretaria-Geral e Escritório Geral de Contabilidade; 5. Órgãos Executivos: *Casa de Caridade do Crato*: Patronato Padre Ibiapina, Escola Doméstica N. S. de Fátima, Dispensário da Criança Pobre, Pensionato da Moça Pobre, Organização Diocesana de Escolas Profissionais, Ginásio e Escola Normal Madre Ana Couto, Escolinha Pequeno Príncipe, Centro de Estudo do Menor e Integração da Comunidade - CEMIC. — *Instituto Diocesano de Promoção Rural*: Escola de Líderes Rurais - ELIRUR, Cáritas Diocesana, Serviço Social Diocesano, Secção de Ativação Comunitária, Organização Diocesana de Escolas Radiofônicas. — *Bureau de Opinião Pública*: Rádio Educadora do Cariri, Cine Educadora, Departamento de Imprensa Escrita; *Jornal A Ação, Empresa Gráfica*, Departamento Diocesano de Cinema - DDC. — *Centro de Treinamento Educacional do Crato* - CETREC: Departamento Técnico, Departamento Doméstico.

Como se pode observar através do seu bem estruturado complexo sócio-cultural promocional-industrial-publicitário-diversional-religioso-educacional-assistencial, esta Fundação exerce uma atuante ação em benefício da comunidade cratense e de toda a região do Cariri, já merecidamente reconhecida pela coletividade em geral e sobretudo pelos Governos, seja Municipal, Estadual ou Federal. O Governo Federal, a começar pela Presidência da República, vem dando, por isso mesmo, o melhor apoio a esta Fundação. Já em 1974, por meio de Convênios, o Governo repassou, para aplicação no programa de ensino profissionalizante, o montante de Cr\$ 2.074.050,00, sendo pelo MT/DNMO, Cr\$ 1.154.050,00 FUNRURAL, Cr\$ 120.000,00 e Ministério do Planejamento, Cr\$ . . . . 800.000,00. A Fundação realizou o treinamento profissionalizante de 4 750 participantes.

#### *Institutos e outras Entidades Culturais:*

*Instituto Cultural do Cariri*, uma espécie de academia caririense de letras, mantendo, há 19 anos, a publicação da muito famosa revista *Itaytera*, com circulação em várias capitais brasileiras e até no exterior; *Instituto de Ensino Superior*, mantenedor da Faculdade de Filosofia; *Instituto São Luiz*, órgão da Fundação Dom Francisco Pires, com finalidades culturais; *Sociedade de Cultura Artística*: Museu (geral) 1; Biblioteca Pública (geral) 1.

## VI — SITUAÇÃO ADMINISTRATIVA E POLÍTICA

DISTRITOS: Crato (sede), Lameiro, Muriti, Santa Fé, Ponta da Serra, Dom Quintino. — GOVERNO MUNICIPAL: Prefeitura: Gabinete do Prefeito; Departamento de Administração; Departamento de Finanças; Departamento de Agricultura, Indústria e Comércio; Departamento de Educação, Cultura e Saúde; Departamento de Viação, Obras e Serviços.



A Prefeitura detém o controle acionário da Sociedade de Águas e Esgotos - SAAEC, já com boa sede própria, mantendo regular serviço de abastecimento d'água da cidade, como também do Serviço Telefônico do Crato S/A (SERTESA), o melhor e mais moderno do interior do Estado.

**PODER LEGISLATIVO** — Câmara Municipal, bem instalada em prédio próprio. 17 vereadores, sendo 14 da ARENA e 3 do MDB. *Partidos políticos registrados:* Aliança Renovadora Nacional - ARENA e Movimento Democrático Brasileiro - MDB. — *Número de eleitores inscritos:* 24 600. Sendo o Crato, há muito tempo, município de alto índice de escolaridade, elevado grau de instrução, educação e cultura, oferece, seguramente, possibilidade para cerca de 35 000 eleitores.

*Órgãos mais importantes das administrações estadual e federal, aqui sediados com jurisdição em vários municípios:* Agência da Receita Federal; Agência da Empresa Brasileira dos Correios e Telégrafos; Residência do DNOCS; Posto de Defesa Sanitária Vegetal; Posto Agropecuário; Superintendência de Campanha de Saúde Pública - SUCAM; Divisão Nacional de Lepra; INPS (agência); ANCAR; Divisão Administrativa do Governo Estadual; Delegacia da Casa Civil; Delegacia da Secretaria de Educação; Delegacia da Secretaria de Saúde; Representação da Secretaria de Comércio e Indústria; Representação da Secretaria de Administração; CODAGRO; Comissão Microrregional para o Desenvolvimento do Cariri; DAER; IPEC; DETRAN; Agência de Coleta da Fundação IBGE; CREA etc.

**PODER JUDICIÁRIO:** — *Justiça Comum:* 2 Varas; 2 Promotorias; 3 Advogados de Ofício (dos pobres); 10 Cartórios, 5 na cidade e 5 nas sedes dos Distritos. — *Justiça do Trabalho:* Junta de Conciliação e Julgamento, com jurisdição em Crato, Barbalha e Juazeiro do Norte.

Julgamos oportuno destacar aqui alguns dados que dizem respeito ao expressivo movimento da Agência do INPS em 1974: Arrecadação, Cr\$ 7 378.392,22; Aplicação na assistência médico-hospitalar, Cr\$ 5 778.870,10.

**NÚMERO DE FUNCIONÁRIOS PÚBLICOS:** *Municipais*, 619, inclusive 300 professoras; *Estaduais*, 988, inclusive 472 professoras e professores; *Federais*, 680. *Total:* 2 287.

## VII — SURTO ATUAL DE DESENVOLVIMENTO

O Crato experimenta uma nova fase de desenvolvimento. Firms comerciais, em vários ramos, se abrem e outras se re-estruturam. Indústrias paralisadas há algum tempo reabrem-se como a antiga IMOCASA, antiga SINBRA. Surgem outras, como Cerâmica Estrutural do Crato. Algumas se ampliando e se modernizando, inclusive com a construção de amplos prédios, como a Indústria GESSI.

Na agropecuária, começam a aparecer as empresas, como a do coronel Filemon Teles e a do sr. Expedito Pinheiro.

Na área das obras públicas, constroem-se: Delegacia do Ensino Estadual, Matadouro Industrial, Palácio Municipal, moderna Rodoviária, Centro Comunitário, Ginásio Coberto etc.

## VIII — IMPORTANTES EMPREENDIMENTOS EM PERSPECTIVA

Seja a curto ou médio prazos, Crato espera ganhar o que abaixo se relaciona, face às gestões já realizadas sobre cada caso: Filial da Caixa Econômica; Filial do BNB; Construção do açude Inxu, pelo DNOCS, já estudada e aprovada, cujo reservatório terá capacidade na ordem de 60 milhões de m<sup>3</sup> de água, podendo irrigar, só em terras do Crato, uma área de 25 quilômetros de comprimento, de baixios largos e grandemente férteis; aproveitamento econômico do chapadão da Serra do Araripe, dentro do Plano Nacional "Pólo Nordeste"; plano racional sobre as terras de pé-de-serra, tendo em vista o potencial das fontes d'água perenes; transversal (BR), ligando a Transnordestina à futura Transamazônica, via Crato; construção da Avenida Pe. Cícero, de grandes vantagens para Crato e Juazeiro do Norte; ligação asfáltica Crato-Araripe, Crato-Campos Sales e vicinal Crato-Belmonte, servindo ao Distrito de Lameiro; construção de moderno edifício para sede do INPS; construção de majestoso prédio para o SENAI; construção da Casa de Cultura; construção do Terminal da Petrobrás; instalação da Brigada Militar (Exército); Universidade Regional do Cariri, cuja mantenedora, a Fundação Educacional Martins Filho, já está criada.

O Prefeito, professor Pedro Felício, com larga visão e espírito empreendedor que lhe são peculiares, está movimentando a contratação de um empréstimo na ordem de Cr\$. . . . 12 000.000,00, junto ao BNB, já aprovado unanimemente pela Câmara Municipal, para, somado às rendas municipais, realizar grandes obras e empreendimentos de infra-estrutura, o que irá dar ao Crato nova roupagem de progresso urbanístico.

## IX — CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho foi organizado por solicitação do Sr. Prefeito Municipal, professor Pedro Felício, para poder ter bases e elementos mais seguros no seu sensato e profícuo trabalho de reivindicações em benefício do Crato, junto aos poderes públicos superiores.

Crato, pelo seu progresso e sua tradição, é cognominada "Princesa do Cariri". Foi escolhido, por larga margem de pontos, ao tempo do INDA, para "Município Modelo" do Ceará. É tida como "Capital da Cultura", no interior cearense. Conforme recente pesquisa de alto nível, realizada pela gabaritada revista *Dirigente Municipal*, foi classificada (só duas no Ceará: Crato e Redenção) como cidade "desenvolvida", entre as 500 mais do Brasil.

Por tudo isto, Crato é um Município que se recomenda por si só. E como Pólo de Desenvolvimento no Nordeste, espera e confia que os seus valorosos representantes, como assim os seus filhos e amigos ilustres e que ora ocupam altos postos da Administração Federal e Estadual, venham nos ajudar a crescer e desenvolver.

Devemos ressaltar aqui que encontramos a mais franca e boa vontade por parte das autoridades, chefes de repartições públicas, entidades particulares, gerentes de bancos e cooperativas, diretores e professores de estabelecimentos de ensino, comerciantes, industriais, agricultores e, finalmente, todos quantos foram procurados, durante a pesquisa que fizemos, para a organização deste modesto trabalho.

## A REGIONALIDADE DE FIGUEIREDO FILHO

*José Denizard Macedo de Alcântara*

Quando a fraterna amizade de Cláudio Martins e Mozart Soriano Aderaldo teve a lembrança de consultar a este modesto professor sobre a possibilidade de sua candidatura ao honroso sodalício da Academia Cearense de Letras, meu primeiro e vivo sentimento foi o de recusar a indicação, dado o apoucamento de meus méritos literários e a pouca valia da contribuição que poderia trazer à luzida companhia que, desde sua fundação, vem reunindo o escol que o Ceará tem tido em matéria de cultura, inteligência e arte literária.

Nunca me considere um homem de letras, no rigor exato e preciso da expressão, atitude que, se não tivesse outra razão a justificá-la, teria, pelo menos, o exemplo de Rui Barbosa que por igual nunca se quis considerar escritor, ele, que como poucos, soube manejar a graça do idioma e as louçanias de nosso vernáculo tumular, no conhecido conceito de Eça de Queiroz e de Olavo Bilac. Jurista, político, advogado, orador,

---

(Discurso pronunciado na Academia Cearense de Letras, quando se empossou na Cadeira n.º 34, anteriormente ocupada pelo nosso ex-Presidente, o saudoso escritor J. de Figueiredo Filho, pelo prof. Denizard Macedo. Foi eleito para a Cadeira em 10-3-74, e à sua posse compareceu representação do ICC, integrada pelo general Raimundo Teles Pinheiro, J. Lindemberg de Aquino e F.S. Nascimento, e mais o casal Célio Ribeiro, da sociedade de Fortaleza.)

tradutor de autores estrangeiros, tudo isto Rui aceitava. Escritor, não, quando entretanto são as páginas magníficas de riqueza verbal e de estilo portentoso que não de lhe dar a imortalidade literária.

Afastada qualquer semelhança pessoal entre o gigante baiano e o pobre mestre-escola cratense, é exatamente essa a minha perplexa condição ao ingressar na mais alta corporação de letras da terra alencarina. Sou apenas um leitor inveterado, amante dos bons autores e das boas leituras, gostando um tanto até dos poetas e da poesia, mas dedicado mais aos temas das ciências políticas e sociais, num interesse polivalente que cobre o leque que vai da Contabilidade à Filosofia, passando pela Sociologia, a Economia, o Direito, a Pedagogia e a Política, fazendo, aqui e ali, um pouco de jornalismo e de tribuna. Tenho sido, sobretudo, um serventário da cátedra e um escravo da malsinada docência brasileira, nela algemado desde 1937, quase 40 anos, pela dura necessidade de ganhar o pão ao longo de uma vida em que mais sobraram dificuldades e empecilhos que as flores perfumadas da vitória e do êxito.

Não é esta a hora de fazer uma autobiografia espiritual. Meu pensamento, porém, ficaria incompleto se não proclamasse que, no elenco indeciso das minhas opções intelectuais, dois assuntos, dois temas constituíram sempre minha eleição e preferência habituais: a História e a Política, tão vizinhas, tão irmanadas a ponto de Léon Daudet haver chamado a primeira de laboratório experimental da segunda. Por isto, pude afirmar em discurso, ao receber João Hipólito Campos de Oliveira no Instituto do Ceará, que embora eu fosse legalmente casado com a Geografia, desde que a esta disciplina pertenciam minhas duas cátedras federais, no magistério do Exército e da Universidade Federal do Ceará, era sempre o eterno enamorado daquela deusa que foi o encanto e o enlevo de Herculano, Oliveira Martins, João Ameal, Capistrano, Gaxotte, Lamartine, Carlyle, Fustel de Coulanges e tantos outros, quer em língua portuguesa ou em idiomas estrangeiros.

Parti da História e a ela sempre retorno em minhas elucubrações espirituais. Interessando-me pela sua temática desde os tempos recuados da escola primária no Crato, foi ela

que me conduziu às demais províncias do saber humano. Fazendo-me criar o hábito constante da leitura, fui levado ao gosto pelas letras e pelos bons autores. Instando minha curiosidade intelectual para melhor entender os acontecimentos, tal pressão far-me-ia perflustar os caminhos de outros ramos do saber que iluminam o fato histórico, compulsando-me no rumo das ciências sociais, das leituras jurídicas, dos tratados de geografia humana, dos temas financeiros e econômicos, dos debates políticos. Na hora de buscar o trabalho para viver, ela me empurrou naturalmente rumo ao magistério secundário e, posteriormente, superior. A condição de professor trouxe-me ainda ao interesse pelos problemas pedagógicos e pelas questões educacionais. Em sùmula, conhecimentos vários que se acumulariam desordenadamente se não houvesse algo a disciplinar e pôr ordem na casa, o que obviamente só poderia ser feito pela Filosofia que me ergueu à transcendente área das causas últimas, graças a Deus sempre guiado pela luz que continua descendo de Aristóteles e Santo Tomás de Aquino, sempre novos e sempre atuais. Tudo foi a História que fez neste complicado e múltiplo enveredamento por dispersivas regiões da cultura.

Neste auto-julgamento de minha modesta vida intelectual, uma conclusão se impõe: a curiosidade dispersiva, a pluralidade dos meus interesses mentais, o vôo de pássaro por dísparas regiões do pensamento, a rigor não me permitiu, ou melhor, fez-me fugir à chatice das especializações rígidas e bitoladas, mercê de Deus, tornando-me apenas e singelamente aquela natureza higroscópica e mente espongiária, absorvente de toda sorte de informações que despertou seu interesse intelectual, a exemplo do que referia Batista Pereira na elegante polêmica da década de 1920 com Oliveira Vianna.

Se foi este o condicionamento da minha formação que não me permitiu sequer a modéstia de uma sólida especialização, muito menos também poderia adquirir o predicamento de homem de letras, qualquer que fosse o gênero da arte literária. Como disse o Tristão de Ataíde dos velhos tempos, antes de sua atual necrose "progressista", em excelente ensaio sobre a obra cultural de Pedro II e do Império, existem dois tipos

de intelectuais: o “receptivo”, mero armazenador de conhecimentos e informações, e o “criador”, aquele que é capaz de arrancar da argila da realidade, do tosco barro da existência o forte material com que constrói a obra de arte, o produto de original beleza.

Ora, eu sou apenas um receptivo e o teatrólogo, o poeta, o romancista, o ensaísta, o cronista são, sobretudo, exemplos fecundos de dinamismo criador. Não poderia, portanto, almejar que um pouco de erudição e alguns traços de cultura fossem capazes de esculpturar o apolíneo e o dionisíaco que existem no verdadeiro criador das grandes obras literárias em qualquer dos seus gêneros.

Aos meus olhos afigurava-se-me minha presença entre vós outros, neste lugar tão ameno e nesta companhia tão solícita e amável que é a Academia, como imerecido ou descabido posto que meu senso auto-crítico não permitia aceitar a não ser por vã fantasia e pomposa vaidade e somente a ocorrência de outros fortes e razoáveis argumentos viriam vergar minha vontade ante tal evento.

O primeiro partiu de Hugo Catunda, este primoroso ensaísta e historiador de muito acolhido à sombra da vossa honrosa bandeira, que, em missiva desvanecedora para minha humildade intelectual, aludia à minha candidatura nos seguintes termos:

“Nem se explicava, aliás, que você permanecesse arredio da ilustre companhia, quando ela vive à cata de valores autênticos para se tornar ainda mais influentes nos domínios da cultura — tão ameaçada e até mesmo tão sufocada pela tecnologia delirante dos nossos dias. Ingressar, hoje, numa Academia de Letras é, pois, formar numa linha de resistência contra essa pretensa ofuscação do brilho de tudo quanto de mais belo e fecundo tem dado ao mundo a inteligência criadora e a força renovadora do pensamento. Na Academia você será um soldado dessa linha de resistência, e estou certo de que desempenhará com garbo e bravura a sua missão.”

Ora, Hugo Catunda indicava nesta epístola deliciosa e amiga uma trincheira para meus ideais de soldado raso do



humanismo cristão e ocidental, de defesa do intelectual e da cultura e de combatente extremado das deformações da ciência e da técnica em “cientificismo” e “tecnicismo” e, conseqüentemente, de seus efeitos sociais que se manifestam na “tecnocracia” e no predomínio dos “tecnocratas” na ordem política, uma das desgraças do mundo moderno e a que Alberto Speer, ex-ministro de Hitler e um dos condenados de Nüremberg, aponta em suas memórias como uma das causas do êxito nazista na Alemanha e a que Jean Meynaud, Louis Daujarques e Jacques Billy, brilhantes pensadores franceses do nosso tempo, consagraram enérgica e luminosa crítica.

Outro empuxo vigoroso partiu de Cláudio Martins e Mozart Soriano, amigos fraternos e pujantes cabeças que honram o Ceará. Impulso decisivo para firmar minha resolução, pois atingia meu calcanhar de Aquiles de amigo e de cratense. Homem que tem a amizade leal, franca e fiel como um culto, aquela amizade certa das horas incertas do brocardo latino e que Jáder de Carvalho cantou em verso inexcedível da legítima poesia brotada do sangue cearense e da terra calcinada do sertão, e guardando, por outro lado, com carinho e enlevo as raízes fincadas no solo ubérrimo do Cariri e nas ruas da minha Real Vila do Crato, como resistir ao que dizia o dueto de Mozart e Cláudio: “A vaga da Cadeira nº 34 é de Figueiredo. É preciso um amigo de Figueiredo, cratense como ele, para substituí-lo.”

Não seria possível relutar mais e forçoso era render-me ao impacto de argumentos tão emotivos à sensibilidade de amigo de Figueiredo Filho por longos anos e à categoria de cratense duzentão. E aqui estou, entre vós, singelamente, despretensiosamente, animado do desejo de servir, na medida restrita de minhas limitadas possibilidades intelectuais, aos objetivos que consagram a existência histórica da Academia Cearense de Letras, abeirando-se de seu centenário, pois estamos já no último quartel de seu primeiro século de vida.

Em que pese a excelência dos trabalhos de Marcos Antônio de Macedo, de João Brígido, de Abelardo Parreiras (pseudônimo do cratense pe. Aboim Monteiro), de meu saudoso



mestre Joaquim Alves, de Xavier de Oliveira, de Djacir Menezes, de Irineu Pinheiro e do pe. Antônio Gomes de Araújo, este último, meu sempre lembrado e querido docente de História no Ginásio do Crato, ainda está por ser feito o retrato em corpo inteiro do vale sopedâneo do Araripe, configurando-lhe as facetas essenciais do ambiente biofísico, do sociológico, do etnográfico, do econômico e do histórico que definem as raias de sua individualidade como marcante subregião geográfica do Nordeste.

A Geografia é um imperativo que prefigura a História, sem o caráter exclusivista de monocausaísmo. Para Heródoto, o Egito era o presente do Nilo. Para Hegel, como para o moderno Pirenne, sem o Mediterrâneo não se compreendia a História. Não se compreende o Cariri sem a Chapada do Araripe: sua história, sua sociologia, sua economia repousam na ligação do homem com as águas do sopé plasmando a aglutinação social de um habitat que é a ilha úmida dos sertões.

A chapada corre fronteirando como muralha de safira as lindes cearenses e pernambucanas. Erguendo-se, após a depressão do sudoeste do Estado, nas imediações da fronteira piauiense, corre para leste até abater-se no Baixio das Bestas, em Jardim, ao nível do solo dos sertões circunvizinhos, formando o vasto hemicírculo, que é o Vale do Cariri, e servindo de divisor de águas entre a bacia do São Francisco pelo Riacho da Brígida, e a bacia do Jaguaribe pelo Rio Salgado, que vem encontrar seu desagüadouro nas vizinhanças do Icó, velho centro irradiador de civilização e comércio na fase colonial.

O solo coluvial dos pés-de-serra, formado pelos detritos das terras altas desagregadas pela erosão, as fontes murmurantes do sopé deram ao Cariri as condições de fertilidade tão conhecidas. O francês Brunet estudou-lhe a fauna e a flora, em 1857, como igualmente fez o entomologista e botânico Freire Alemão de Cisneiros, em 1860, como antes já o havia feito em relação à sua mineralogia o eminente e preclaro Marcos Antônio de Macedo.

Os índios Cariris, que legariam o nome à toponímia regional, ocupavam-lhe as terras. Na opinião de Schuller, teriam descido do Norte pelo litoral, acossados de perto pelos gru-

pos Tupis, penetrando sertões a dentro. Calados, tristonhos, silenciosos na opinião de Varnhagen, diferentes da indiada adjacente. A ocupação portuguesa da área, feita sobretudo por baianos, sergipanos e pernambucanos, é historicamente certa a partir dos começos do século XVIII, quiçá dos fins do século anterior, tema, aliás, de uma das clássicas controvérsias da história do Ceará. O povoamento trouxe, como suporte econômico, a pecuária, sendo assim singelo capítulo da expansão pastoril ao Norte do país, associando-se à lavoura canavieira e de subsistência, sem que o senhor de engenho do Cariri jamais perdesse os vínculos pastoris pelas fazendas possuídas nos sertões vizinhos, na Paraíba, no Piauí e em Pernambuco, testemunhando a origem histórica de sua arribada no vale.

Ali aportaria no século XVIII a vasta gama dos meus antepassados maternos: Macedo, Cruz Neves, Pais Landim, Sampaio, Pereira Filgueiras, Lobo de Mendonça, Bezerra Monteiro ou de Menezes, radicando-se na gleba, lavrando a terra, plantando cana e criando gado, após a penosa e dura travessia dos sertões baianos ou pernambucanos, cruzando o São Francisco e seus afluentes no encaço lento e tardo das boiadas.

O Crato seria a primeira vila, a primeira cidade, a primeira comarca, o primeiro município, o primeiro bispado da região. Seria o palco de uma honrosa participação nos acontecimentos políticos do século passado: o movimento republicano de 1817, a Independência e a libertação do Piauí e do Maranhão, a Confederação do Equador em 1824, a rebelião de Pinto Madeira e o período regencial, os voluntários cratenses reunidos por João Brígido, Pereira Maia e Antônio Luiz, descendo para a guerra do Paraguai, entre os quais avultaria a figura ímpar de Carolino Bolívar de Araripe Sucupira em meio aos humildes "cabras" que deixaram suas vidas nos remotos e longínquos campos de Corrientes e do Paraguai.

Nasci e criei-me neste Crato tão rico de tradições, tão pleno de um passado que forma a nobreza do seu povo. Deus sabe que não se passa um dia sem que meu pensamento não se volte saudoso para a terra do meu berço. Como Jules Barbey d'Aurevilly que suspirou a vida inteira pela sua Normandia, como meu inesquecível amigo Gustavo Barroso meio século

sonhando com o Ceará, passados 36 anos de afastamento definitivo, é para lá que se devolve o melhor das minhas lembranças de adolescente e de moço, *déraciné* de Barrés sonhando um retorno que sabe inviável para quem de lá saiu compelido pela necessidade de abrir caminho na vida, impossível de ser rasgado nos limites acanhados da comunidade natal de antanho.

Ninguém melhor evocou, com o coração sangrando e o sentimento dorido, este Crato da minha infância e adolescência que Cláudio Martins, um pouco mais na vanguarda da vida mas inteiramente contemporâneo da época a que me refiro, no belo poema-discurso com que recebeu a cidadania cratense em março do corrente ano pelas mãos da conspícua Câmara Municipal.

Recordo bem e muito bem. As feiras e os mercados; o Natal com o caipira, a roleta e o pé-de-moleque nas bancas; os sambas de pé-de-serra nas noites de São João e São Pedro, com as redes sangrentas transportando na manhã seguinte mortos e feridos, fato em que o cacete de jucá ou a boa faca da Barra do Jardim tinham importante desempenho; os festejos de 1º de setembro, a entrada do "pau da bandeira", a Semana Santa com seu triste cerimonial, suas consoadas a vinho e bacalhau, o lava-pés com o Bispo D. Quintino lavando os pés de Ramiro e de uma dúzia de pobres recrutados na Matança, no Barro Vermelho e na Rua da Palha; os zabumbas, a música de couro e a banda municipal, com Padim David indignado com a garotada chupando limão que lhe impedia de tocar o trombone pelo efeito-reflexo da salivação, vingança nossa pela astúcia que praticava no bilhar do Bar Ideal, fazendo um ponto, marcando dois e desfazendo três no fuso do adversário, o que provocava a ira de Teófilo Siqueira Filho, hoje respeitável jurista em São Paulo, Consultor do Estado e professor da Universidade.

Meu Externato Santa Inês, onde aprendi as primeiras letras com as boníssimas irmãs Cabral — Sinhá e Yayá; meu Ginásio do Crato de imensas recordações; minha Escola de Comércio da Associação de Empregados do Comércio do Crato, onde estudei e fui professor; o velho Seminário, onde

comecei meu magistério, e, sobretudo, minha Universidade local — a Livraria Ramiro, onde a bondade dos irmãos Pergentino, Ramiro, Luiz e Aldeziro permitiu que, anos a fio, eu pudesse ler tudo que se publicava no Brasil sem precisar comprar, horas e horas embebido entre suas prateleiras na leitura do que de mais recente havia saído.

Peladas de bate-bola ou bola ao campo; passeios de bicicleta ou a cavalo; o pão e a cabeçolinha; jogos na noite enluarada no quadro da Matriz; a missa dominical e as bênçãos do Santíssimo, com as conversas ao pé das torres com os mais velhos; as festinhas em dias de domingo, matinais ou vesperais; cinemas e circos; os piqueniques nos sítios; os banhos no Lameiro, no Grangeiro, nos poços da Escada ou do Jatobá (oh! cachaça do velho Nelson, néctar dos deuses, quanto mais fechado o bellissimo aljofre...!), tudo, tudo é o Crato do meu tempo que se abroquela em saudosas memórias, estendidas da primeira serenata ao serviço militar no TG-118.

Quantas vezes, nos momentos de lazer e de íntimo devaneio, não me acode a sugestão de traçar da minha terra o vasto perfil de sua evolução humana, reunindo o farto material de suas tradições e estórias num painel retrospectivo de mundos mortos em seu pretérito tão rico de vivências, a exemplo do que Érico Veríssimo realizou no ciclo romanesco de *O Tempo e o Vento*, sobretudo em *O Continente* e em *O Retrato*. Até o título brotaria naturalmente de uma das sagas locais e seria uma vera effgie do meu povo. Uma bengala e dois vinténs, lembrando Gustavo Corção em *Três alqueires e uma vaca*, na intitulação, mas recordando no conteúdo a singular figura do cratense cujos familiares conservaram intocados, durante 40 anos, sobre o console de mármore e jacarandá, a bengala de passeio e as duas moedas de vintém ali postas ao chegar da rua, em vésperas de sua morte. Nada diz mais do apego conservador, do amor ao passado, da extrema sensibilidade familiar de minha gente cratense que episódio tão marcante e característico.

Não sei se um dia cometeria tal empreendimento, tão carenciado de veia literária e tão feito de engenho e arte para empresa tão avultada em exigência estética qual seja o ro-

mance. Seria, porém, a única maneira que reputo digna para legar aos pósteros o testemunho de minha cratensidade, de amor à terra que raramente freqüento mas onde a primeira visita que sempre fazia era a Figueiredo Filho, seguindo-se a do cemitério onde em muitos túmulos dormem os de meu sangue e em quase todos brota a violeta de uma saudade por quem se foi e que eu não mais encontro nas ruas e praças da minha gleba patrícia.

Pois bem, foi nesse Crato saboroso e inesquecível das décadas dos vintes e dos trintas que vi o desabrochar do cidadão prestante, do homem de bem, do escritor, do companheiro boníssimo, José Alves de Figueiredo Filho, que os fados e a gentileza dos meus amigos nesta casa quiseram tivesse eu a honra de ter como antecessor e de suceder assim ao cratense, ao cariense ilustre, que acima de todos os títulos possuídos eu prezava pela bondade, pelo caráter e pela honrosa amizade com que sempre me distinguiu e considerou.

Nascido em 14 de julho de 1904, no Crato, Figueiredo Filho teve como progenitor o farmacêutico José Alves de Figueiredo — o velho Zuza da Botica — homem inteligente, poeta e cronista, espírito algo voltairiano, prócer político e ex-Prefeito da minha terra, de quem Figueiredo Filho herdaria o talento e o gosto pelo cultivo das letras. Pelo lado materno, seria sua progenitora D. Emília Viana de Figueiredo, dama de peregrinas virtudes pela sólida piedade cristã, que acredito tenha sido poderosa influência para devolver Figueiredo Filho ao seio da Igreja Católica, de cujo laicato ele seria na idade adulta, superadas as dúvidas da juventude, operoso líder na Diocese do Crato, como um dos dirigentes da Ação Católica e vinculado a outros sodalícios diocesanos da terra comum.

Feitos os estudos primários e iniciados os secundários no Crato, Figueiredo Filho deslocou-se para Fortaleza para ultimar o nível médio no Liceu do Ceará e prosseguir em nível superior. Assim, ingressou na Faculdade de Farmácia e Odontologia do Ceará, tornando-se farmacêutico pela turma que colou grau em 1925, talvez pelo atavismo paterno e seguindo a carreira de outro grande nome da literatura cearense, o mes-

tre Rodolfo Teófilo. Foi escolhido pelos concludentes, entre os quais figuravam seus conterrâneos João Batista de Siqueira Cavalcanti e Nilo Rolim, para orador oficial da turma concluinte, cujo paraninfo era o Dr. Amadeu Furtado, conhecido médico e político em Fortaleza.

O escritor João Ribeiro Ramos, um dos seus colegas de turma, explicou de modo honroso sua eleição, "escolhido que fora por unanimidade, em virtude mesmo de ser o primeiro dentre nós e também o mais querido e respeitado, pela serenidade de seu espírito, pela justeza do seu caráter, pelo equilíbrio e agudeza de sua inteligência".

Retornando ao berço natal, retomou ao lado do progenitor a atividade farmacêutica, na qual se manteve mesmo quando aquele se afastou definitivamente desta profissão. Era a farmácia do velho Zuza o clássico ponto do gamão, das rodas na calçada e de política naquele Crato dos bons e velhos tempos.

Consociando-se em uma das famílias mais respeitáveis e tradicionais da gleba, em 1926, com a exma. sra. dona Zuleika Pequeno de Figueiredo, portadora de excelsas virtudes e de sólida formação católica, sua extremosa esposa e inteligente colaboradora ao longo dos anos, creio poder afirmar até onde alcançam minhas reminiscências, que Figueiredo Filho ingressou então numa nova etapa de sua formação espiritual, que o conduziria em marcha batida à completa integração no seio da fé católica, a cujo serviço colocou grande parte de sua vida.

Explico-me: talvez pelo espírito libertário do talentoso progenitor, talvez pela convivência universitária em Fortaleza sempre irreverente como soe acontecer na juventude, Figueiredo Filho era visto nos primeiros anos de retorno ao Crato como um tanto arredo às cousas da Igreja. Creio que as orações maternas, o inteligente trabalho da esposa e mais a onda de renovação católica que varria o país, começada por Jackson de Figueiredo e o Centro Dom Vital, cujo pensamento chegava ao Crato pela magnífica revista *A Ordem*, prosseguido por Leonel Franca, Tristão de Ataíde, Tasso da Silveira, Hamilton Nogueira e outros, foram fatores decisivos para integrá-lo defi-

nitivamente na Igreja, da qual, como já afirmei, seria sempre devotado servo e eminente leigo.

Distanciado de mim pela idade quase vinte anos, o espaço de uma geração, é óbvio que nossa aproximação definitiva e inquebrantável amizade viesse a surgir ao término de minha adolescência, em circunstância dramática e honrosa que vale recordar a bem da verdade histórica, pois dignifica a Figueiredo Filho, como a outros, e que bem poderia me fazer dizer, parodiando a canção do Oeste norte-americano, que nasci no Cariri e entre bravos me criei. Vi Figueiredo Filho, homem tranqüilo e sereno que era, mostrar que pertencia a essa linhagem, não apenas pelos troncos familiares que lhe enobreciam as origens avoengas, mas pela coragem de tomar atitudes decididas em horas graves.

Não posso fugir à narrativa do episódio, imposta por dever de justiça a muitos que não mais pertencem a este vale de lágrimas. Estávamos em 1937, quando pelo país afora alastrava-se o trabalho de doutrinação espiritualista e nacionalista feito pelo Integralismo Brasileiro, em cujas fileiras, ainda menino, eu me alistara desde junho de 1933.

Tendo voltado ao Crato, após meu término de curso no Liceu do Ceará, com meus colegas e íntimos amigos José Jaime de Alencar Arrais e Teófilo Artur de Siqueira Cavalcanti Filho, éramos os três mosqueteiros que trouxeram nova vida ao núcleo integralista local que hibernava. Nosso trabalho constante e perseverante elevou as fileiras de algumas dezenas para a casa das centenas de novos companheiros, recrutados em todas as categorias sociais.

Um dia, por intermédio de Teófilo, soube que Figueiredo Filho estava lendo nossos livros, jornais e revistas, tomado de simpatia pelo esforço que desenvolvíamos. Nunca pensei, porém, que já sendo uma das figuras respeitáveis da minha cidade, cheia de preconceitos como toda comunidade pequena, que ele viesse a vestir uma camisa-verde e tomar posição política ostensiva e pública.

Fê-lo e fê-lo do modo mais aberto e claro possível, pois foi em meio a um começo de conflito armado. Um grupo de adversários, alarmados talvez com nossa penetração no mu-



nicípio, promoveu uma manifestação contrária no salão do cinema, junto à Praça Siqueira Campos, em frente à qual residia Figueiredo Filho. A linguagem insultuosa e deprimente dos oradores provocou apartes de jovens companheiros estudantes que ali tinham comparecido por curiosidade, aliás desobedecendo a instruções superiores. Sabedor do fato, dirigi-me ao local imediatamente, ali encontrando violenta discussão à saída do cinema, com alguns dos presentes exibindo revólveres — é certo que as mãos de um ou dois tremiam, o que fazia recear o equívoco de um disparo involuntário contra jovens estudantes inermes e desarmados. Levado de roldão à agitação presente, mal percebi quando Figueiredo Filho, de pijama e chinelos, atravessou, correndo, a distância que ia de sua casa ao local, para tomar lugar em nossas fileiras, prestes ao conflito iminente, do qual pouco após resultaria cair ferido Moacir Freire, nosso companheiro, filho da cidade de Assaré, cuja gravata ensangüentada possuí por largos anos entre meus pertences. Nesta mesma noite, em sessão solene na sede do núcleo local, ingressava naquele movimento Figueiredo Filho, arrastando numerosos parentes e familiares, em cujas fileiras se manteve com lealdade e decoro, vindo a sofrer não poucas amarguras pelo seu corajoso idealismo após o traiçoeiro golpe de 10 de novembro de 1937 — marco inicial da malfadada ditadura getuliana.

Narro o fato, como disse, a bem da verdade, para retificar o conceito exarado alhures de que Figueiredo Filho jamais se comprometera politicamente. Fê-lo, é certo, esta única vez e de maneira mais honrosa. Daí em diante, mesmo após a reconstitucionalização de 1946 e a queda do sr. Getúlio Vargas, não quis estabelecer outros compromissos, mantendo-se cuidadosamente alheado da política partidária.

O alheamento, entretanto, não o impedia de tomar posições impostas pelo civismo. Como muito bem disse o eminente senador Wilson Gonçalves, nosso conterrâneo, fazendo-lhe o elogio da tribuna do Senado Federal, Figueiredo Filho "era, no entanto, possuidor de invulgar e nobilitante espírito público, defensor incansável das reivindicações do seu povo, cujos problemas conhecia profundamente e para cuja solução



trabalhava sem se poupar. Sem vínculos partidários, independente no exame dos homens e dos fatos da vida pública, com indiscutível autoridade moral por todos proclamada, devotava tamanho amor à sua terra natal que, não obstante doente, quebrando, para espanto, a sua tradicional neutralidade e o seu consciente alheamento às disputas eleitorais, chegou a comparecer espontaneamente, num imenso sacrifício pessoal, a um comício político, no último pleito municipal, falando sentado ao povo, tal a debilidade do seu estado físico, somente porque, superior à discórdia reinante, entendeu, na sua aprimorada compreensão cívica, que, sem compromissos, devia manifestar a sua autorizada palavra em favor de uma decisão que considerava salvadora dos destinos de sua gente e de sua querida cidade". Até aqui, o ilustre Senador.

Falou sentado ao seu povo, com o físico gasto mas a alma e o coração cheios de energia, de civismo, de amor ao Crato. Sentado como Bernardo Pereira de Vasconcelos, o tabético cuja palavra de comando soava candente no Senado do Império, mas de quem descia tal energia espiritual que imprimiu novos rumos à vida pública brasileira, preparando os dias áureos de tranqüilidade, de paz e de segurança do Segundo Império.

Ultrapassados os dias tormentosos e funestos daqueles recuados últimos meses de 1937, Figueiredo Filho, a par de sua atividade profissional de farmacêutico, volta-se inteiramente para as atividades de liderança no laicato católico do Crato e retoma por completo as preocupações de ordem intelectual a que se somarão, no futuro, intensos labores em prol da comunidade cratense e do Cariri, constituindo a marca que o acompanhou até à morte, naquele infausto 29 de agosto de 1937, cuja notícia fez-me verter silenciosas lágrimas nos olhos e no coração pelo desaparecimento do mais autêntico dos cratenses.

O Integralismo Brasileiro, a cuja influência espiritual não escapou Figueiredo Filho, tinha como uma das vigas mestras de seu arcabouço doutrinário a preservação e intransigente defesa da cultura nacional, das tradições brasileiras e de nosso passado. É o que se convencionou chamar nacionalismo cul-

tural, ideologia altamente distinta e diversa do nacionalismo econômico, geralmente apresentado como ideologia substituta do estatismo econômico, das formas coletivistas da economia, assim como difere do nacionalismo liberal e chauvinista do século XIX no campo político, xenófobo, etnocêntrico e extremamente jacobino, do qual procede em linha reta a loucura racista de Hitler e Rosenberg, pois, como sempre, as loucuras do século passado prefiguram as do atual.

Ora, não há incompatibilidade mas perfeita concordância entre um vero nacionalismo, quando compreendido em sua legítima e correta acepção, e o sentimento regionalista, quando igualmente configurado em limites adequados. O sentimento da Pátria *chica*, da Pátria menor não se conflita em absoluto com o da Pátria maior. Prova de nossa afirmativa é o conhecido fato de os grandes pensadores nacionalistas e tradicionalistas terem sido sempre ardentes regionalistas. Podemos separar Vasquez de Mella de sua Navarra, Maurras de sua Provença ou Barrès de sua Lorena?

O regionalismo, como ensina Gilberto Freyre, “não deve ser confundido — acentue-se bem — nem com o separatismo, nem com o anti-nacionalismo”. A Nação é uma pela herança comum e pelo destino histórico como é vária pelas suas peculiaridades locais e regionais, lembrando-nos aqui mais uma vez o sábio hilemorfismo aristotélico. Daí sua compatibilidade com as mais diversas tendências, observou mestre Gilberto Freyre. Regionalistas foram Frederico Le Play, Tocqueville, Augusto Comte e até Proudhon, este esquerdista que tantas vezes pensou como homem de direita de fundas raízes na tradição.

Compreendemos assim porque o regionalismo foi a grande chancela da obra literária, da vida e da ação social de Figueiredo Filho, tão profundamente nacionalista pela sua brasilidade, tão universalista pela catolicidade de sua fé e de seus princípios éticos. Regionalismo que alçava sua voz pelo profundo apego ao Crato e ao Cariri, a tudo que dissesse respeito ao sul-cearense. Poder-se-ia até dizer que, se Figueiredo Filho quisesse brasonar um *ex-libris* para sua produção literária, bastaria recorrer à marca a ferro e fogo da freguesia do Crato,

onde se esmaltam heraldicamente os quatro C do orgulho cívico da tradição local: Cidade do Crato, cabeça da Comarca. . .

A tónica regionalista tem sido notada por todos os que discursam de posse nesta casa, declarava enfaticamente: "Sou impregnado das coisas do Cariri." Para Abelardo Montenegro era "o caririense cem por cento". Braga Montenegro, em carta a Lindemberg de Aquino, recorda: "Amou, assim, com um amor todo de doação, a terra do seu berço, e não apenas o seu Município natal, mas ainda toda a Região do Cariri, a qual dignificou com o seu trabalho, as suas pesquisas, com os seus livros, com a sua constante dedicação."

Todos batem na tecla da regionalidade de sua obra social e intelectual, e mais do que nunca este outro cratense de alto porte que é o poeta e ensaísta José Newton Alves de Souza, cuja ausência torna defectiva a representação caririense neste plenário. Vede como se pronunciou José Newton: "O profundo telurismo de seu universo emocional fê-lo um caririense de corpo e alma." E acrescenta: "Era uma cultura que se entretencia de livros e reflexões, senhora de si, caudatária só do cabocclismo, do irremediável e altaneiro cabocclismo que tem assinalado o *homo cratensis* de que foi perfeito exemplar. Esse cabocclismo era e é a autenticidade no procedimento, a fidelidade às origens e à convicção dos destinos. Era e é uma espécie de marca nativa, uma vocação do cerne geo-histórico do Vale do Cariri, feita de amor à gleba, de valorização e até supervalorização da paisagem, na inteireza dos seus elementos formadores."

A obra literária, a atividade intelectual, a ação social e comunitária de Figueiredo Filho foram assim altamente permeadas pela conotação da regionalidade.

Todos os seus livros — por mim lidos e possuídos, como amava dizer Oliveira Viana com as excelentes fontes bibliográficas de sua obra inigualável — refletem a tonalidade do regional, a começar pelo romance *Renovação*, publicado em São Paulo no ano trágico e decisivo de 1937, em cujo prefácio Gustavo Barroso exarava judicioso conceito do autor e referia o profundo sentido brasileiro e regionalista dessa obra de ficção, a par de sua espiritualidade.

Em *Meu mundo é uma farmácia* retoma a temática cratense e caririense pelo depoimento memorialístico e, para íntima alegria de quem vos fala, lá está meu nome como um dos amigos e freqüentadores habituais da velha roda e dos que a amizade inquebrantável levava ao convívio diário com o talentoso e boníssimo conterrâneo.

Os demais trabalhos, *A Cidade do Crato*, editada pelo Ministério de Educação e Cultura para comemorar o centenário de elevação à categoria de cidade da nossa Real Vila de Nossa Senhora da Penha do Crato, *a História do Cariri, Engenhos de rapadura do Cariri, O folclore no Cariri, Folgedos infantis caririenses, Patativa do Assaré e No asfalto e na piçarra*, basta a intitulação para evidenciar não apenas o conteúdo cratense, caririense e regional da produção literária mas, sobretudo, o incansável pesquisador das questões culturoológicas e históricas referentes à terra natal e ao vale que lhe viu a fecunda existência.

Creio chegado o momento de formular vibrante apelo ao Crato, ao Cariri, aos seus intelectuais, ao Instituto Cultural do Cariri, à Academia, à Prefeitura do Crato e ao Governo do Ceará, à Universidade Federal do Ceará, a todos que têm condições de responder e ajudar. É preciso que a obra dispersa de Figueiredo Filho nos jornais e revistas do Crato, de Fortaleza, do Recife, do Rio de Janeiro, de São Paulo, da Paraíba, dezenas e dezenas de periódicos, não venha a ter o medíocre destino do arquivamento nas hemerotecas do país. Faz-se mister coligi-la no que ela tem de permanente e fundamental e trazê-la coletada em volumes para glória de seu nome e alegria dos que cultuam sua memória inolvidável. Em sùmula, impõe-se a necessidade de reunir e publicar o que deixou disperso e eminente cratense.

Se a produção intelectual de Figueiredo Filho tem o foro da notabilidade, mais ainda poder-se-ia dizer de sua ação social sempre a serviço de sua terra. Se o intelectual foi grande, o homem, muitas vezes, foi maior como chefe de família, integrante da comunidade cratense, cidadão e homem de bem, e, sobretudo, o amigo boníssimo que carinhosamente me ajudou em horas difíceis e de quem, quinze dias antes de seu passa-

mento, recebia afetuosa carta instando mais uma vez para substituí-lo na direção do núcleo cearense da Associação Nacional de Professores Universitários de História, pedido que infelizmente não pude atender e que foi sua última mensagem a mim dirigida. Tinha o culto da amizade: mesmo quando discordava da opinião de um amigo, sabia fazê-lo em termos nobres e elevados, como, por exemplo, na carta que me dirigiu em 1973, divergindo em alguns tópicos de meu ensaio sobre a Independência, publicado na *Revista do Instituto do Ceará*.

Os livros, os artigos em jornais e revistas, as crônicas radiofônicas, as numerosas instituições a que pertenceu no Ceará, e pelo Brasil afora, as palestras, os discursos e conferências pronunciados, muitas vezes, em ambientes requintados e de alto nível como esta Academia, a Casa de Juvenal Galeno, o Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e outros congêneres do país, a Academia Pernambucana de Letras, o Instituto Joaquim Nabuco e a Assembléia Legislativa do Piauí, as funções que exerceu e os congressos, simpósios e seminários de que participou freqüentes oportunidades, sempre guardavam uma meta invariável, aquela que ele confessava na última crônica que escreveu para a Rádio Educadora do Cariri: "Dentro de minhas limitações, faço o possível para que minha terra seja conhecida, por aí afora, notadamente no Sul do País, e justamente entre professores universitários de história e meios cultos."

Foi assim Figueiredo Filho um homem cuja ação social na comunidade e fora, sempre servo fiel e devotado, ultrapassou a própria obra literária, que para ele representou sempre um instrumento a mais no desejo incontido de servir ao Crato e ao Cariri, desejo que se cristalizou sobretudo em três notáveis e inexecutáveis empreendimentos que tiveram sempre sua ilimitada dedicação: conservar em pleno funcionamento o benemérito Instituto Cultural do Cariri, assegurar a continuidade da publicação do rico repositório que é a revista *Itaytera* e, menos conhecido, a manutenção do Museu do Crato que chegou a abrigar em sua própria residência familiar. Tem, pois, sobradas razões o conterrâneo José Newton Alves de Souza quando interroga angustiado: "Quem o substituirá no amor à

terra, no zelo pelos direitos do Crato, na trincheira invicta, no lidar sem tréguas?" — uma interpelação altamente preocupadora e repleta de estima ao Crato e ao Cariri, mas que, mercê de Deus, confiamos que nossos conterrâneos saberão responder honrosamente a esse desafio do Destino.

Somavam-se assim em Figueiredo Filho aquela "cratensidade inamovível" a que alude José Newton Alves de Souza a uma sólida e excelsa grandeza moral. Creio que a mão da Providência interferiu para resguardar sempre a inteira estatura ética de Figueiredo Filho, até mesmo no momento de sua auspiciosa escolha para a Academia Cearense de Letras, pois não é sem reflexão adequada sobre os desígnios do Altíssimo notar que caráter tão belo e tão forte como o de meu antecessor veio se acolher ao seio de vossa companhia precisamente sob o patrocínio de um dos mais conspícuos varões cearenses e de eminentíssima austeridade, qual seja o Patrono da Cadeira nº 34, o ilustrado Samuel Felipe de Souza Uchoa, honra da magistratura, da vida pública, do jornalismo no Ceará, mas sobretudo um espírito dotado de grande energia moral, como acentuou o Barão de Studart.

Filho de Jaguaribe-Mirim, onde nasceu em 1843, Samuel Uchoa concluiu seu curso jurídico no Recife, onde teve como colega de turma o futuro Barão do Rio Branco, o grande chanceler que o Império legou à República. Promotor público, magistrado enérgico e independente, deputado provincial, chefe de Polícia no Ceará e no Pará, vice-presidente do Piauí, comendador em Portugal e Cavaleiro da Ordem da Rosa no Brasil, jornalista intemerato e polemista vigoroso, político de princípios num país cuja política se caracteriza pela ausência de princípios e excessiva docilidade para com a sombra que emana do poder na enxurrada habitual dos favores e benesses, temendo e respeitando apenas a majestade da Lei como ocorre com todos que estimam como uma conquista da civilização o Estado de justiça, o Estado de direito, Samuel Uchoa foi raro exemplar de cidadão com larga intrepidez cívica e imenso destemor moral.

Andrade Furtado, em belo artigo de fundo em *O Nordeste*, de 22 de dezembro de 1943, elogiou o austero Patrono da Ca-



deira nº 34 como um exemplo de honradez, por ocasião do centenário de seu nascimento. Dolor Barreira, o talentoso Dolor pela amenidade do estilo e requintada arte do bem dizer, meu nobre e ilustre colega no Instituto do Ceará e um dos que pontificaram também nesta Casa, publicou, em excelente ensaio na revista *Va/or*, de maio de 1944, autêntico retrato do inesquecível magistrado conterrâneo, cuja leitura se faz com deleite e agrado, decorridos trinta anos de sua publicação.

Falecido prematuramente em 1902, contando apenas 59 anos de honrada existência, Samuel Uchoa é o Patrono da minha cadeira, foi assim o Patrono também de Figueiredo Filho, outro caráter de eleição. Com tão ilustrada e conspícua linhagem de antecessores, só me resta pedir ao Deus da minha ortodoxia católica que não me deixe deslustrar progênie tão alta e de tanta fidalguia espiritual, procurando assim corresponder agradecido e profundamente sensibilizado, abrindo as fontes mais íntimas do meu ser, aos que são responsáveis pela minha investidura nesta posição, a todos os srs. Acadêmicos que me honraram com seu voto e confiança, fazendo-me imerecidamente um dos seus pares; a Mozart Soriano Aderaldo pelas belíssimas palavras de sua saudação, nascida da amizade que nos une desde 1939, companheiro e irmão de armas em muitas lutas e compartilhando comigo o sal de muitos dias de fraterna convivência, jamais empanada por qualquer nuvem divergente; às respeitáveis instituições públicas, quais sejam a Assembléia Legislativa do Ceará, Câmara Municipal de Fortaleza, Conselho Estadual de Educação, Conselho Estadual de Cultura, Conselho Regional de Contabilidade e Projeto Rondon que me endereçaram por ofício suas congratulações; ao Colégio Militar de Fortaleza, ao Instituto Cultural do Cariri, ao Instituto dos Docentes Militares, Secção do Ceará, à Associação de Professores de Ensino Superior do Ceará, ao Náutico Atlético Cearense, ao Rotary Club de Fortaleza, ao Instituto do Ceará, pelos cumprimentos e homenagens que recebi; aos órgãos da imprensa falada e escrita, pelas referências desvanecedoras; e, finalmente, a todos os meus amigos que por carta,

telegrama ou pessoalmente trouxeram-me o estimulante apoio de suas felicitações, destacadamente meu colega de juventude, o ministro João Gonçalves de Souza, Subsecretário de Cooperação Técnica da Organização dos Estados Americanos, Murilo Serpa, atual Secretário da Educação, Ernando Uchoa Lima, Secretário de Cultura do Ceará, deputado Aquiles Peres Mota e Antônio dos Santos, vereador Djalma Eufrásio, reitor Walter de Moura Cantídio, major René Gouveia Miranda, Coordenador Regional do Projeto Rondon, Ary Araripe, Jósio de Alencar Araripe, Zuleika Pequeno de Figueiredo, João Lindemberg de Aquino, Luiz Francisco de Oliveira, pe. Francisco Pinheiro Landim, professores Hélio Barros, Paulo Elpídio de Menezes Neto, Joaryvar Macedo, Antenor Bezerra de Menezes, Osvaldo Araújo, Pedro Augusto Gurjão Pessoa, Dulcina Palhano, Mário Gurjão Pessoa, meus estimados companheiros de magistério militar coronéis Felizardo de Paula Pessoa Mendes, Paulo Airton de Araújo, Celso Viana de Araújo, ora no comando do 4º Batalhão de Engenharia de Construção em Barreira (Bahia), e do major José Nunes de Melo, hoje servindo nas fronteiras amazônicas.

A todos, repito, a profundidade de meus agradecimentos, na firme esperança de que saberei trilhar o caminho perseguido por Figueiredo Filho de amor às letras e à cultura, de independência espiritual e com estremecida vocação de servir, ele que foi, na incisiva afirmação de João Gonçalves de Souza, "a figura número um, a figura humana mais representativa do Crato, de todo o nosso Cariri".



## 121 ANOS DA CIDADE DO CRATO

*Raimundo de Oliveira Borges*

É sempre para mim motivo de grande satisfação poder atender ao chamamento da Câmara Municipal do Crato para, embora palidamente, da sua tribuna de honra, prestar, como parte integrante de entidades sócio-culturais da terra, o meu contributo ao ensejo das solenidades que promove, em comemoração a datas magnas da nossa História.

Já por ocasião das festividades do sesquicentenário da nossa independência ofereceu-me esta veneranda Casa a oportunidade de elevar, neste mesmo recinto, a minha fraca voz em exaltação aos vultos eminentes que forjaram, a golpes de talento, de coragem e de patriotismo, a nossa sonhada emancipação política.

Quando iniciei aqui a minha vida profissional, atraído pelo sortilégio da cidade a que me ligavam — hoje com muito mais razão ainda — indestrutíveis laços de afeição desde a infância, tive também a honra, como vós outros agora tendes, de ocupar uma cadeira neste Conselho egrégio, tranqüilizando-me a consciência de que, de então a esta parte, dentro das minhas na-

---

(Discurso proferido pelo Dr. Raimundo de Oliveira Borges, Diretor da Faculdade de Filosofia, em sessão solene da Câmara Municipal do Crato, no dia 17 de outubro de 1974, comemorativa do 121º aniversário de elevação do Crato à categoria de Cidade).

turais limitações, tudo tenho feito, graças à grandeza d'alma do bom povo cratense, para corresponder aos seus apelos e à sua generosa confiança, ocupando postos de certa relevância em diversos setores das suas mais nobres atividades.

Não sou assim um estranho neste ambiente, em que a sabedoria de um estudioso do municipalismo viu o pulmão por onde respiram os povos livres. O Poder Legislativo é, na verdade, na sistemática dos regimes democráticos, o fiador e, conseqüentemente, o responsável pela conservação do patrimônio que os antepassados conquistaram a duras penas em benefício das gerações porvindouras.

Esse patrimônio, compreendido na sua mais bela acepção, no que diz respeito, especialmente, ao Município Modelo do Crato, tem um valor e uma significação extraordinários.

Quando outras comunidades conseguiram inserir-se, mercê de irreversível processamento histórico, no concerto da unidade cearense, para formação do grande Estado que hoje somos, sem maiores sacrifícios, o Crato, para afirmar-se no cenário político em iniciação, viu tombar em holocausto aos ideais de liberdade, no campo da luta, muitos dos seus heróicos filhos, e outros gemerem, na escuridão de infectas masmorras, pelo crime de aspirar para a sua terra a justa e merecida autonomia.

São fatos que não só a história regional registra, também os anais dos grandes acontecimentos, notadamente os que se ligam à independência nacional, os consignam, encomiasticamente.

Este legado histórico é a nossa maior glória.

Os feitos memoráveis, que aqui se realizaram, imprimiram nesta terra o sinete de grandes predestinações.

Seria erro vaticinar para o Crato, por motivo de crises transeuntes, a que nenhuma comunidade logrou jamais escapar, qualquer prenúncio de decadência ou estagnação no ritmo seguro do seu assinalado progresso.

A Missão do Miranda é uma dádiva de Deus.

Frei Carlos Maria de Ferrara foi o instrumento de que o Artífice Divino se serviu para engastar a cidade que nascia na moldura verde do Cariri.

A Aldeia do Brejo, como também a designavam, encontrou, efetivamente, condições naturais favoráveis ao seu desenvolvimento e, graças a isto, já aos 21 dias do mês de junho de 1764, passava a município com o pomposo nome de Vila Real do Crato.

Tirante, porém, os acontecimentos de ordem política que tanto notabilizaram esta terra, projetando-a no cenário nacional, foi a sua elevação à categoria de cidade, pela Lei nº 628, de 17-10-1853, sancionada pelo Presidente Dr. Joaquim Vilela de Castro Tavares, o seu passo mais decisivo na senda larga dos alevantados destinos que se traçou até os nossos dias.

Ocorre, a respeito desta Lei, uma confusão que não se justifica senão por erro tipográfico original, no que concerne tanto ao nome que a identifica, como à respectiva numeração.

Que me conste, o primeiro publicista que anotou o equívoco foi o Dr. Renato Braga no seu *Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará*, anotando: "Em *Efemérides do Cariri*, de Irineu Pinheiro, figura por engano de composição, mais de uma vez, Lei nº 623, em lugar de Lei nº 628".

Com efeito, lá está, no livro de Irineu, às págs. 137 e 241, a referência expressa à Lei nº 623.

O fato revela como, às vezes, por um simples cochilo de um tipógrafo, pode a verdade histórica se deturpar ou suscitar intermináveis controvérsias.

Figueiredo Filho também em *História do Cariri*, vol. IV, pág. 187, baseado certamente em Irineu Pinheiro, cai no mesmo erro, dando à citada Lei o número 623, denominando-a, ainda, de Resolução, diplomas legais estes que, na técnica jurídica, divergem radicalmente.

Já na *Cidade do Crato*, obra comum de Figueiredo Filho e de Irineu Pinheiro, citam eles, no introito, corretamente, a Lei nº 628.

Martins Filho, por sua vez, em excelente trabalho que publicou no *O Povo*, de 15 de outubro de 1953, em homenagem ao centenário do Crato, também alude à Lei nº 623, inspirando-se, presumivelmente, na passagem atrás invocada da consagrada obra de Irineu Pinheiro.

Mas em *O Ceará*, que publicou em parceria com Raimundo Girão, na página relativa ao município do Crato, Martins Filho, como que ratificando o lapso anteriormente cometido, menciona corretamente a Lei nº 628.

São falhas estas sem maior transcendência, mas que o pesquisador, rigoroso como deve ser na apuração dos fatos, não pode deixar passar absolutamente sem a necessária correção.

O que importa, sobretudo, é que o Crato, já a partir da criação do Município, em 1764, já da criação da Comarca, em 1816, já da ereção à categoria de Cidade, em 1853, não mais deteve os passos no caminho do desenvolvimento.

Segunda Comarca do Estado, então Província, compreendendo São João do Príncipe (Tauá), Campo Maior do Quixeramobim, Icó, Santo Antônio do Jardim e São Vicente das Lavras, teve como primeiro Ouvidor, hoje Juiz de Direito, o português José Raimundo do Paço de Porbém Barbosa, cuja posse se deu em 17 de dezembro de 1817. Homem austero, segundo os historiadores, forte e de larga visão, foi quem primeiro levantou a idéia de trazer para o Rio Jaguaribe as águas do São Francisco, que constituiu, ultimamente, o sonho infelizmente irrealizado do saudoso Wilson Roriz, cuja memória devem os cearenses guardar como uma das mais lídimas expressões de homem público desta sofrida região.

Cento e vinte e um anos são decorridos daquela data histórica.

Por que o cratense a comemora com tanto carinho e com tanto ardor?

É que de então para cá a ascensão do Crato, lenta embora como devem ser todas as obras amadurecidas, feitas não para hoje mas para o futuro, tem sido segura, contínua, tranquilizadora.

Ocupou a vasta depressão que margeia o Grangeiro, penetra, coleante, os brejos transpondo o rio para as suaves encostas da Vilalta, expande-se para os pés da Serra, atraindo visitantes e turistas com o feitiço dos seus deliciosos balneários, galga os morros, estendendo-se pelas altiplanuras, industrializa-se, abre Colégios, instala Escolas de Ensino Superior,

cria Fundações, prepara a sua Universidade, introduz na agricultura métodos racionais para maior e melhor aproveitamento do solo, aprimora a pecuária, realizando, periodicamente, a mais animada, a mais famosa, a mais rica de objetividade construtiva de quantas Exposições no gênero se realizam no Nordeste.

Não foram em vão os sacrifícios que os nossos maiores enfrentaram, sofrendo, morrendo, para nos legar tão nobre terra.

Sejamos dignos do seu arrojo e da sua combatividade.  
O Crato bem o merece.

## OS BEZERRA DE MENEZES E AFINS

*Gen.-Div. Raimundo Teles Pinheiro*

### A — Árvore genealógica dos Bezerra de Meneses

Os Bezerra de Pernambuco procedem de Antônio Bezerra Felpa de Barbuda, natural de Ponte de Lima, e de sua mulher Maria de Araújo.

Deste ramo procederam Francisco Monteiro, valoroso capitão de guerra contra os holandeses, aprisionado pelos invasores, deportado para a Holanda, onde morreu miseravelmente, e Antônio Bezerra Monteiro, Domingos Bezerra Monteiro, Francisco Monteiro Bezerra, também valorosos cabos de guerra no primeiro período da invasão holandesa. Foram estes proprietários do engenho "Monteiro", no arrabalde do Recife, que ainda conserva seu nome. Descendem ainda deste tronco Luís Barbalho Bezerra, fidalgo da Casa Real, Marechal-de-Campo que governou a Bahia e o Rio de Janeiro e foi dos mais valentes pernambucanos de que há na memória.

Do casamento de Cosmo Bezerra Monteiro com D. Leonarda Bezerra Cavalcante de Albuquerque, se originou o ramo Bezerra Cavalcante. Os Albuquerque portugueses e brasileiros, como também os Meneses de origem castelhana e leonesa, podiam ostentar nos seus escudos as barras do Aragão, as esquinas sagradas de Portugal, os Leões Castelhanos e as

Flores de Lis de França, o que quer dizer que não podiam ser mais fidalgos.

Os Bezerra de Meneses do Ceará são oriundos deste tronco. (Bezerra de Meneses, da Revista do Instituto Arqueológico, Histórico e Geográfico Pernambucano).

OBS.: Nossa quarta avó, Joana Bezerra Monteiro de Meneses, filha de João Bezerra Monteiro, é pernambucana de Goiana.

B — Árvore genealógica do Gen.-Div. R-1 Raimundo Teles Pinheiro. — B-1: Ramo dos Pinheiro Bezerra de Meneses — Estemma — Séculos XVI-XX. — I - Diogo Álvares Correa (Caramura), casado com Catharina Álvares (Paraguaçu), pais de: II - Apolônia Álvares e João de Figueiredo Mascarenhas (Boatucá); III - Gracia de Figueiredo e Francisco de Barros; IV - Luísa de Barros e Manoel Lobo; V - Francisco de Barros Lobo e Ana de Meneses; VI - Euzébia Teles de Meneses e Miguel Álvares Campos; VII - Luísa Teles e sargento-mor Antônio Pinheiro de Carvalho; VIII - Sargento-mor José Pinheiro Lobo e Perpétua de Mendonça; IX - Antônio Pinheiro Lobo e Joana Bezerra de Meneses; X - Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e Rosa Josepha do Sacramento; XI - Capitão-mor Joaquim Antônio Bezerra de Meneses - Quitéria Delfina Nobre; XII - Capitão José Pinheiro Bezerra de Meneses e Ana Teles Bezerra de Meneses; XIII - Cícero Pinheiro Bezerra de Meneses e Teresa de Jesus Teles; XIV - General-de-Divisão Raimundo Teles Pinheiro. (Organizado pelo Prof. do CMF, José Denizard Macedo de Alcântara).

B-2: Ramo dos Alves de Quental — (Fonte principal: Mons. Raimundo Augusto): 1. Maria Antônia de Jesus Quental e Francisco Alves de Quental, pais de: 1.1: Ana Pereira Tavares de Quental e André Gonçalves Dantas Rotheia; 1.1.1: Maria Leopoldina Dantas de Quental e Antônio Joaquim do Couto Cartaxo; 1.1.1.1: André do Couto Cartaxo e Maria Fernandes Teles: Letícia, Rosali, Odite, Eunice, Antônio, Décio, Darival, Fernandes, Carmélia, Amarílio, Valdelice, Aírton, Aidil, Zuleide, Isolda, Carlos, Teresinha; 1.1.1.2: César C. Couto Cartaxo; 1.1.

1.3: Raimundo Couto Cartaxo; 1.1.2: Miguel Gonçalves Dantas de Quental e Ana Cordulina do Couto Cartaxo; 1.1.2.1: Maria Carolina e Augusto Leite: Antônio Augusto, Raimundo Augusto e Aurino Augusto (Desembargador); 1.1.2.2:..... — 1.2: Teresa Joaquina de Jesus e Felipe Teles de Mendonça; 1.2.1: Teodorico Teles de Quental e Ana Balbina da Encarnação Lopes; 1.2.1.1: Teresa de Jesus Teles e Cícero Pinheiro B. de Meneses: Raimundo Teles Pinheiro (Gen.-Div.), José (falecido aos dois anos de idade); 1.2.1.2: Maria Fernandes Teles e André B. do Couto Cartaxo: Leticia, Eunice (primeira esposa do gen. Raimundo Teles Pinheiro), Valdelice (segundo esposa do gen. Raimundo Teles Pinheiro), Isolda (filha adotiva do gen. Raimundo Teles Pinheiro); 1.2.1.3:..... — 1.2.2: Ana Teles de Quental e José Pinheiro Bezerra de Meneses; 1.2.2.1: Antônio Pinheiro B. de Meneses e Jerônima M. B. de Meneses: Joaquim P. Monteiro, Antônio P. Filho; 1.2.2.2: Cícero Pinheiro B. Meneses e Teresa de Jesus Teles: Raimundo Teles Pinheiro (Gen.-Div.), José (falecido aos dois anos de idade); 1.2.2.3:..... — 1.2.3: Raimunda Teles de Quental e Leandro Pinheiro Bezerra de Meneses; 1.2.3.1: Antônia Teles B. de Meneses e Antônio Leite Tavares: Osvaldo Tavares Bezerra, Aderson Tavares Bezerra, ..... — 1.2.3.2:..... — 1.3: Antônia (Neves de Jardim); 1.4: Francisca; 1.5: Isabel (Bila); 1.6: João Tavares de Quental; 1.7: Francisco Tavares de Quental.

*Observação:* Felipe Teles de Mendonça é filho legítimo do português Antônio Francisco de Mendonça, falecido em 1851, em seu sítio "Cobras", no Município do Crato, e de Maria Eugênia Teles (Padre Antônio Gomes de Araújo, em *Raízes Sergipanas*, publicado em *Itaytera* nº 3 e em *Povoamento do Cariri*).

C — Os Pinheiro Bezerra de Meneses do Cariri Cearense (particularmente os trinetos do brigadeiro Leandro Bezerra) — 1: Antônio Pinheiro Lobo e Mendonça e Joana Bezerra Monteiro de Meneses, pais de, entre outros: 2. Brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro e Rosa Josefa do Sacramento, pais de, entre outros: 3. Capitão-mor Joaquim Antônio Bezerra de Meneses e Quitéria Delfina Nobre, pais de: 3.1 José Pinheiro Bezerra de Meneses e Ana Teles Bezerra de Meneses, pais de: 3.1.1



Antônio Pinheiro Bezerra de Meneses e Jerônima Monteiro Bezerra de Meneses (genitores dos gen.-méd. Joaquim Pinheiro Monteiro, eng. civil Antônio Pinheiro Filho, agricultores José e Marcial Monteiro Pinheiro, Maria, Ana, Vicencia etc.). — 3.1.2 Rosa Pinheiro Bezerra Fernandes e Antônio Fernandes Lopes (sem descendência). — 3.1.3 Joaquim Pinheiro Bezerra de Meneses; Conceição Gonçalves Pinheiro Bezerra de Meneses; Priscila Teles Pinheiro Bezerra, em segundas núpcias; Amélia Teles Pinheiro Bezerra de Meneses, em terceiras núpcias (genitores dos médico Joaquim Pinheiro Filho, eng.-agr. Solon Pinheiro Teles, ten.-av. Afonso Pinheiro Teles, agricultores José Pinheiro Gonçalves, Antônio Pinheiro Gonçalves, João, César, Heitor Pinheiro Teles, prof. Priscila Pinheiro Teles etc.); — 3.1.4 Pedro Pinheiro Bezerra de Meneses; Ester Gonçalves Pinheiro Bezerra de Meneses; Dondon Teles Couto P. B. de Meneses, em segundas núpcias (genitores do eng.-agr. Aubelar Pinheiro Teles, agricultores José Pinheiro Teles, Raimundo Couto Pinheiro Teles, professoras Cila Pinheiro Teles, Stela, Maria Suely, Iéve Couto Pinheiro Teles, Maria Pinheiro (Teles) de Melo, esta genitora do desembargador Pedro Pinheiro de Melo etc.); — 3.1.5 José Pinheiro Bezerra de Meneses; Olga de Alcântara P. B. de Meneses (genitores de José e Juvenal Pinheiro de Alcântara, Maria Pinheiro Cavalcante, Lavinia Pinheiro Medeiros etc.); — 3.1.6 Maria Pinheiro Jurumenha; José Pinheiro Lobo Jurumenha (genitores de Antônio, José Lobo Pinheiro Jurumenha Filho, Francisca Pinheiro Jurumenha etc.); — 3.1.7 Quitéria Pinheiro Gonçalves; José Gonçalves (genitores de Maria Pinheiro Gonçalves Felício). — 3.1.8 Teresa Pinheiro Bezerra Esmeraldo-Pedro Esmeraldo da Silva (genitores dos agricultores Antônio e José Pinheiro Esmeraldo; prof. Rosa Pinheiro Esmeraldo, Maria Amélia Pinheiro Esmeraldo, esta genitora do odontólogo Francisco Ailton Pinheiro Esmeraldo, eng. Carlos Pinheiro Esmeraldo etc.; Assunção Esmeraldo Pinheiro de Melo, esta genitora do padre jesuíta Arnaldo Pinheiro Esmeraldo de Melo, bacharel Francisco Pinheiro Esmeraldo de Melo, agricultor Geraldo Esmeraldo Pinheiro de Melo-Ana Esmeraldo Pinheiro de Melo, esta, genitora do padre jesuíta Pedro P. Esmeraldo de Melo). — 3.1.9 Hermógenes

Pinheiro Bezerra de Meneses-Raimunda Teles Bezerra de Meneses (genitores dos agricultores José, Expedito e Antônio, Rosa, Ana etc.). — 3.1.10 Leopoldina Pinheiro Bezerra de Meneses-Leandro Bezerra de Meneses (genitores de José, Artur, Álvaro, Rosa etc.). — 3.1.11 Epifânio P. Bezerra de Meneses-Encarnação Gonçalves P. Bezerra de Meneses (genitores de Antônio, Elísio etc.). — 3.1.12 Maria Conceição Bezerra Coimbra-Joaquim Bezerra Monteiro-José Coimbra, em segundas núpcias (genitores dos agricultores Ramiro e Antônio Bezerra Monteiro). — 3.1.13 Clotilde Pinheiro Bezerra de Meneses, inupta (mãe de criação do gen. Raimundo Teles Pinheiro). — 3.1.14 Ana Pinheiro Esmeraldo-Antônio Esmeraldo da Silva (genitores do médico Fábio Pinheiro Esmeraldo, odontólogo Homero Pinheiro Esmeraldo, professoras Maria Pia Pinheiro Esmeraldo Barreto, esta genitora dos Drs. Fernando, Humberto, Hugo, João Viane Pinheiro Esmeraldo Barreto, bancário José Pinheiro Esmeraldo Barreto, prof. José Anchieta (Pinheiro) Esmeraldo Barreto, professoras Ruth, Huda, Neide etc., — Cira Pinheiro Esmeraldo, Lassalete Pinheiro Esmeraldo Norões, Anete Pinheiro Esmeraldo etc.). — 3.1.15 Cícero Pinheiro Bezerra de Meneses-Teresa de Jesus Teles-Vicencia Monteiro Pinheiro, em segundas núpcias (genitores do gen.-div. Raimundo Teles Pinheiro e José, primeiro matrimônio; gen.-bda. José Monteiro Pinheiro, Antônio Monteiro Pinheiro, profas. Ana Anúzia Pinheiro Rolim, Maria Ivalda, Dioneé, Aurenilva e Zulena Monteiro Pinheiro, do segundo matrimônio). — 3.1.16 Artur Pinheiro Bezerra de Meneses-Maria Teles B. de Meneses (sem filhos).

3.2 Leandro (Pinheiro) Bezerra de Meneses-Raimunda Teles Bezerra de Meneses-Josefa Saraiva Bezerra de Meneses, em segundas núpcias, pais de: 3.2.1 João Bezerra de Meneses-Inês Rodrigues Bezerra de Meneses (genitores de Raimundo, Aluísio etc.). — 3.2.2 Alfredo Bezerra de Meneses-Raimunda Teles Bezerra de Meneses (genitores de...). — 3.2.3 Júlio Bezerra de Meneses-Maria Quental B. de Meneses (genitores de...). — 3.2.4 Filipe Bezerra de Meneses-Generosa Rodrigues B. de Meneses (genitores de Francisco, Maria Alice Bezerra de Meneses etc.). — 3.2.5 Antônia Bezerra de Me-

neses Tavares-Antônio Leite Tavares (genitores do cel. Osvaldo Tavares Bezerra, industrial Aderson Tavares Bezerra etc.). — 3.2.6 José (Saraiva Pinheiro) Bezerra de Meneses-Maria Amélia Bezerra de Meneses (genitores dos ten.-cel. F. Humberto Bezerra, maj. J. Adauto Bezerra, Dr. Ivan, empresários Leandro, Orlando B. de Meneses, professoras Alacoque Bezerra de Figueiredo e Neide B. de Meneses Tavares).

3.3 Joaquim (Pinheiro) Bezerra de Meneses-Rosa Josefa do Sacramento, pais de: 3.3.1 Jaconias (Pinheiro) Bezerra de Meneses-Inês Rodrigues Bezerra de Meneses (genitores de Maria Amélia Bezerra de Meneses, esta genitora dos ten.-cel. F. Humberto, maj. J. Adauto, Ivan, Leandro, Orlando, Alacoque e Neide, já aludidos etc.). — 3.3.2 José Juca Bezerra de Meneses-Maria B. de Meneses (genitores dos...). — 3.3.3 Joaquim Bezerra de Meneses-Rosa Gomes de Matos B. de Meneses (...). — 3.3.4 Leandro (Nozinho) Bezerra de Meneses-Leopoldina P. Bezerra de Meneses (genitores de José, Artur, Álvaro, Rosa (Loló), já aludidos etc.).

RECAPITULAÇÃO: São bisnetos do capitão-mor do Crato, Joaquim Antônio Bezerra de Meneses, e trinetos do brigadeiro Leandro Bezerra Monteiro, entre outros: gen.-div. Raimundo Teles Pinheiro, gen.-méd. Joaquim Pinheiro Monteiro, gen.-bda. José Monteiro Pinheiro, cel. Osvaldo Tavares Bezerra, ten. cel. Francisco Humberto Bezerra, major José Adauto Bezerra, ten.-av. Afonso Pinheiro Teles, Drs. Antônio Pinheiro Filho, Joaquim Pinheiro Filho, Fábio Pinheiro Esmeraldo, Homero Pinheiro Esmeraldo, Solon Pinheiro Teles, Aubelar Pinheiro Teles, Ivan Bezerra de Meneses, empresários Aderson Tavares Bezerra de Meneses, Leandro Bezerra de Meneses, Orlando Bezerra de Meneses, agricultores José e Marcial Monteiro Pinheiro, José e Antônio Pinheiro Gonçalves, César e Heitor Pinheiro Teles, José Pinheiro Teles, Raimundo Couto Pinheiro Teles etc., professoras Priscila Pinheiro Teles, Cila Pinheiro Teles, Stela Pinheiro Teles, Maria Suely Pinheiro Teles, Iéve Pinheiro Teles, Rosa Pinheiro Esmeraldo, Maria Pia Pinheiro Esmeraldo Barreto, Cira Pinheiro Esmeraldo, Maria Lassalete Pinheiro Esmeraldo Norões, Alice Pinheiro Esmeraldo, Anete

Pinheiro Esmeraldo, Maria Ivalda Monteiro Pinheiro, Dionée Monteiro Pinheiro, Ana Anúsia Pinheiro Rolim, Aurenilva Monteiro Pinheiro, Alacoque Bezerra de Figueiredo, Neide Bezerra de Meneses Tavares, Maria Amélia Bezerra de Meneses, Maria Amélia Pinheiro Esmeraldo, Assunção e Ana (Naninha) Pinheiro Esmeraldo de Melo etc.

OBSERVAÇÕES: (1) Todos os netos de José Pinheiro Bezerra de Meneses-Ana Teles Bezerra de Meneses e de Leandro Pinheiro Bezerra de Meneses-Raimunda Teles Bezerra de Meneses são Teles Pinheiro Bezerra de Meneses (exceção dos filhos de José Bezerra de Meneses, que são Saraiva Pinheiro Bezerra de Meneses, bem como, são eles, também, tetranetos do brigadeiro Leandro Bezerra, pelo lado materno; e, ainda, são primos em 3º e 4º graus do gen.-div. Raimundo Teles Pinheiro, respectivamente, pelos lados paterno e materno); (2) A genitora do cel. Osvaldo Tavares Bezerra é prima carnal do genitor e legítima da genitora do gen. Raimundo Teles Pinheiro, e ainda, seu genitor Antônio Leite Tavares, é parente de ambos, através dos Alves de Quental e Tavares Muniz (Teresa Joaquina de Jesus Teles, bisavó paterna e materna do gen. Teles Pinheiro, é Pereira da Cunha, Alves de Quental e Tavares Muniz); (3) Os filhos do segundo matrimônio de Cícero Pinheiro Bezerra de Meneses são também tetranetos do brigadeiro Leandro Bezerra, pelo lado materno); (4) A prole da minha avó Ana T. Bezerra de Meneses, ao falecer em 7-11-1933, era de 19 filhos, 134 netos, 192 bisnetos e 7 trinetos (Leota em *Revista do Instituto do Ceará*, ano de 1958).

#### PERMANÊNCIA DE GRANDE AMIZADE FAMILIAR

Carta da professora Alacoque Bezerra de Figueiredo ao general Raimundo Teles Pinheiro:

“29 de setembro de 1971.

Meu prezado e muito querido primo:

É um agradecimento tardio, mas, tem a validade do sazonalidade que tanto embeleza o poema da vida.

Recebi, há dias, a nossa árvore genealógica, ou melhor, a história da nossa família, numa seqüência de valores que dá gosto ver.

Obrigada, meu primo, pelo grande presente.

Desde Caramuru, o sementeiro da grande família, vai-se cientificando como foram grandes os que nos antecederam.

Grandes no seu contexto humano, na renúncia, no amor e no sofrimento.

Em cima, uma expoência que se chama Raimundo Teles Pinheiro. Tem as estrelinhas de Coronel, hoje, já se podendo somar mais uma, haja vista sua promoção a General.

Não estou me dirigindo ao General, e sim ao meu primo Raimundo, que tivemos avós irmãos e mais emaranhados que nos identificam, mas, acima da consangüinidade que nos une, há um fator emocional que o põe acima de todos e de tudo: é o primo querido do meu pai, aquele a quem devemos mais do que pensamos.

As emoções, quando plantadas na juventude, se estratificam tanto na alma da gente que ficam eternas para a nossa evocação, para a nossa saudade.

Deixe que, num retrospecto emocional, eu me transporte a um passado distante em que a chegada de um primo tenente sacudia todo nosso pequeno recanto, onde se via o debulhar de uma amizade que nos contagiava de repente. E as promoções iam tomando seu curso normal: capitão, major, coronel e aquele telegrama de contentamento chegava sempre às suas mãos, numa tradução perfeita da grandeza de um coração leal, amigo e bom.

A admiração que ele lhe tinha era tão grande, que somada à amizade, fazia de você exceção aos outros, pondo-o realmente num canto bem grande do seu coração.

O importante de tudo, é que, sempre em atos compensatórios, havia a afirmação para ele do que sentia realmente. A orientação e apoio para a entrada dos filhos Humberto e Aduino à Escola Preparatória de Cadetes foi um atestado que assegurou aquela confiança no primo capitão.

Vejo meus irmãos no alto comando político do Estado, parece que respondendo a um apelo tantas vezes ouvido: "Os

netos do capitão Leandro ainda vão surgir”, como reparação a uma geração que praticamente não evoluiu.

E hoje, os netos do velhinho do Pontal marcham firmemente, positivando valor, aprovando e realçando plenamente a gênese do velho capitão.

É óbvio que eu fizesse modificações à grande árvore: o capitão José Pinheiro Bezerra de Meneses foi substituído por seu irmão capitão Leandro Bezerra de Meneses; Cícero Pinheiro Bezerra de Meneses por seu primo José Bezerra de Meneses; continuo a ordem crescente e está a culminar, David, meu netinho de dois anos, para quem peço a Deus que dê todas as qualidades do primo general Raimundo Teles Pinheiro, para que na imensidão etérea o capitão Leandro possa dizer tranqüilamente ao capitão Zeco: Meu irmão, estamos realizados, demos à terra comum valores iguais.

Estou certa que expressei tudo que sentia e mais alguma coisa que talvez você não soubesse.

Um abraço cheio de estima da prima

*Alacoque”.*

Juá, 29-09-1971.

## **SURPREENDENTE E CONDENÁVEL COMPORTAMENTO DE LAMPIÃO NO CEARÁ**

*Otacílio Anselmo e Silva*

(Do Instituto Cultural do Ceará e membro correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Uruguaiana)

Impulsionado por um fato que somente agora é revelado, Lampião passou a cometer no Ceará os mesmos atos delituosos que vinha praticando nos Estados onde desenvolveu sua carreira de bandoleiro.

Conseqüentemente, eis, de início, o caso que incitou o "Rei do Cangaço" a praticar depredações e crimes no Ceará, segundo informes do cariense José Raimundo de Macedo, então coletor federal de Barbalha, afilhado do pe. Cícero Romão Batista e falecido em Poções (cidade baiana), para onde foi transferido após a revolução de 1930.

Nos primeiros dias de 1927, completamente disfarçado, como sempre realizava, Lampião penetrou em Juazeiro do Norte e dirigiu-se à residência do pe. Cícero, a quem pediu a devolução do dinheiro que lhe havia entregue para guardar. Nenhuma importância, porém, foi-lhe devolvida, o que produziu-lhe extraordinária indignação.

Claro que tal violação não foi praticada pelo pe. Cícero. Quem a cometeu foi a Beata Mocinha (Joana Tertuliana de Jesus), que era governanta e desempenhava as funções de secretária e tesoureira do aludido sacerdote.



Embora profundamente grato ao pe. Cícero pela justa acolhida e louvável proteção que ele dera à sua irmandade em Juazeiro, bem como pelo título de capitão, Virgulino Ferreira da Silva foi acometido de tamanha aversão que deixou de manter consigo a medalha com sua efígie, conforme ficou provado no inventário dos seus objetos, realizado no quartel do Regimento Policial de Alagoas, a 9 de agosto de 1938, doze dias após sua morte na fazenda Angicos, Estado de Sergipe (Cfr. *Bandoleiros das Caatingas*, de Melchiades da Rocha, pp. 41-6), juntamente com Maria Bonita (sua amante), Enedina, "Quinta-feira", "Caixa-de-fósforo", "Elétrico", "Mergulhão", "Diferente", "Cajarana", "Desconhecido" e Luís Pedro, todos envenenados por iniciativa do ten. João Bezerra, cujos detalhes foram narrados pelo pe. José Kehrlé ao jornalista Ricardo Noblat e publicados na revista *Manchete*, Rio, nº 1045, de 29-04-1972.

Por se tratar de valioso esclarecimento histórico, é com grande prazer que transcrevo o último período da notável entrevista do pe. José Kehrlé:

"Em 1938, eu estava em Pedra (Pe.) como vigário. Um dia fui visitado por um ex-soldado das tropas de Alagoas, chamado Vicente. Ele contou-me que era ordenança do ten. João Bezerra — o homem tido como matador de Lampião — na época em que tudo aconteceu. Revelou-me que o tenente era amigo de Lampião e que, muitas vezes, ia jogar com ele no seu esconderijo, em terras do pai do governador de Alagoas. Conhecia bem a rotina da casa e sabia que, todos os dias de manhã, uma mulher levava um pote de água de beber para os cangaceiros. Em troca de dez contos de réis, a mulher, depois de muito vacilar, diluiu na água o veneno que o tenente lhe dera. João Bezerra cercou a casa, viu quando Maria Bonita levou o pote para dentro e esperou mais um pouco. Entrou sozinho, quando ouviu gritos: os cangaceiros e Lampião agonizavam envenenados. O tenente então deu um tiro na cabeça de Maria Bonita e os soldados invadiram a casa, roubaram o dinheiro dos cangaceiros e cortaram-lhes as cabeças.



O tenente mandou que o ordenança Vicente degolasse Maria Bonita, mas ele recusou-se. O tenente deu-lhe um tiro que não o atingiu. O ordenança respondeu a bala, e feriu o tenente no braço, ferimento este que João Bezerra, depois, disse ter sido causado por uma bala de Lampião no tiroteio. O ordenança, amedrontado, então, fugiu. E a mim contou pela primeira vez tudo isso. Tempos depois, o próprio João Bezerra visitou-me, sem saber de nada. Quando contei-lhe tudo, ele bateu a porta de minha casa com fúria e foi embora. Não teve sequer a coragem de desmentir a história do soldado Vicente.”

Conforme citei na reportagem “A Tragédia de Guaribas”, Lampião estava na chapada do Araripe quando ocorreu o ataque policial que eliminou Chico Chicote (Francisco Pereira de Lucena), após trinta e uma horas de fogo cerrado. Ao escutar os primeiros tiros, convicto do que ocorria, ele assim manifestou-se diante dos seus comandados: “Se ele fosse meu amigo, eu ia lá”.

Logo depois, com sua cabroeira cavalgando, Lampião retirou-se de Malhada Funda e dirigiu-se para Baixa das Cacimbas, que é um dos pontos da região araripiana situada no extremo sul, nas proximidades de Jardim, e onde já havia algumas casas. Naquele dia (1-2-27), além de alguns vaqueiros, lá se achavam Pedro Vieira, Vicente Venâncio e João Quezado Filho (Quezadinho), todos à espera de reses dispersadas e, principalmente, cuidando do bom estado da bezerrada, sempre acometida de “bicheira” e outros males endêmicos que surgem nas chuvas iniciais.

Em dado momento, conversando ao lado de uma cerca, Pedro e Vicente foram surpreendidos com a aproximação de um bando de cangaceiros. A seguir, outro grupo surgiu no lado oposto, tendo à frente o “Rei do Cangaço”.

Enquanto isso, Quezadinho retornava de certa casa aonde fora tomar uma caneca d’água. Ao ver o grupo dirigido por Lampião, assustou-se o realizou, instantaneamente, ligeira fuga, arrastando-se pelo chão, fuga esta que o salvou do que ocorreu com Pedro Vieira e Vicente Venâncio.

Ao confrontar-se com estes, Lampião rosnou um "bom dia". A seguir, um dos cangaceiros bradou: "Temos peixe no anzol!"

Imediatamente, exercendo as funções de lugar-tenente de Virgulino, Sabino das Abóboras (Sabino Barbosa de Melo) aproximou-se dos dois jardinenses e exclamou: "Vocês estão presos por ordem de Lampião. Ou pagam cinco contos ou morrem!" Após essa exclamação, soou um tiro de fuzil. Tal disparo foi dado por Lampião na cabeça de um boi, que passou a ser retalhado pelo grupo.

Como sempre agia ao praticar seqüestro em zonas rurais, Virgulino combinou com Pedro e Venâncio a ida de um portador às suas residências para trazer de lá as importâncias exigidas. Em consequência, Sabino designou Venâncio e um velho, que morava no local, para a busca de um cavalo deste último, a quem o violento facínora, minutos antes, havia dado forte chibatada na cabeça, por ter ele assegurado que um menino já se achava procurando o citado animal.

Tendo à retaguarda um cabra montado e de arma na mão, o velho e Venâncio saíram à procura do cavalo.

Quando se achava bem afastado do grupo e tendo ao lado várias moitas, Venâncio deu um grande salto e passou a correr com tanta velocidade que, percorridos alguns quilômetros, caiu de esgotamento, sentindo fortes caimbras nas pernas. Minutos depois, verificando que estava restaurado de tais sofrimentos físicos, e assustado com os estalidos dos galhos, o vôo de um pássaro ou alguma rês que surgia no mato, Venâncio voltou a correr até aproximar-se de Jardim, após um percurso de 18 quilômetros, detalhes estes revelados por ele ao cronista Moacir Mota. (*In Voz do Cariri*, Crato, 4-7-53.)

Ao tomar conhecimento da fuga de Vicente Venâncio, Lampião prosseguiu sua jornada para Ipueira, atual vila do distrito de Serrita, aonde ia praticar um ataque.

É verdade que esse assalto não se travou em terras do Ceará, mas foi levado a cabo contra vários membros de destacada família cearense, residentes a um passo da linha fronteira com Pernambuco. Eis por que considero que esse ato criminoso ocorrera em território cearense.

Indiscutivelmente, Lampião estava plenamente transformado. De fato, ao chegar a Caririmirim, aprisionou várias moças daquele povoado, as quais ficaram detidas e vigiadas na residência da maioria delas. Suas más intenções, porém, não se realizaram, pois elas conseguiram fugir enquanto a maioria absoluta dos bandidos despojavam as casas comerciais, conforme relatou-me João Quezado de Araújo, a quem devo os principais informes para esta narrativa.

Prosseguindo sua ida para Ipueira, os bandidos invadiram a casa de Vicente Vitoriano, localizada no sítio Canta Galo, na qual se apoderaram de objetos úteis, inclusive redes, colchas e moedas de prata. Além disso, por não conhecerem aquela zona, capturaram Vitorino para guiá-los, o qual, por coincidência, era conhecido de Pedro Xavier, irmão de Antônio Aristides Xavier — pai do Dr. Francisco Saraiva Xavier — e alvo principal do ataque de Lampião.

Ao alcançar a fazenda Forquilha, de propriedade de José Cazuza, Lampião ocupou sua casa e obrigou-o a fornecer-lhe, imediatamente, um morador e um cavalo. Minutos depois, José Cazuza apresentou ao "Capitão" um dos seus moradores montado no excelente cavalo "Paturi", pertencente a José Araújo, dono da fazenda Logradouro.

Após ser instruído e advertido por Lampião para trazer 6 contos de réis em prol da soltura de Pedro Vieira, o morador partiu a galope para a fazenda Apertar da Hora, próxima de Jardim, mas com a distância de quase 8 léguas.

Embora subjugado pelos violentos invasores de sua casa, José Cazuza teve ótima sorte, em face da ausência de suas filhas, que haviam ido ao povoado de Granito para comparecerem à missa solene que seria celebrada no dia seguinte.

Tendo pernoitado na fazenda Forquilha, Lampião começou sua jornada antes do amanhecer. Ao atingir a primeira moradia da fazenda "Papagaio", seis bandidos invadiram-na e conduziram a sra. Hermínia para um quarto, a qual foi vítima de violação sexual dos tais facínoras. Enquanto isso, os outros ocuparam a casa de Celirindo Quezado, padastro do esposo da sra. Hermínia e proprietário da referida fazenda. Lá, porém, só encontraram o velho Quezado, sua esposa e algumas crian-

ças, visto que as filhas do casal, cerca de dez moças, ao verem a aproximação do grupo, abandonaram a residência e penetraram no arvoredo mais próximo, realizando ligeira fuga para um local com afastamento de uma légua.

Logo após essas violações, Lampião reuniu o seu bando e prosseguiu aceleradamente para Ipueira, onde pretendia matar alguém e cometer grande roubo, bem como receber os seis contos de réis pela libertação de Pedro Vieira.

Nas proximidades de Ipueira (4 a 5 quilômetros), o grupo encontrou-se com um rapaz, cujo apelido era Modesto, filho de um morador de José Araújo e residente na fazenda "Logradouro". Ele vinha de Ipueira, onde fora efetuar um pagamento de despesas feitas para a festa de casamento de uma irmã, realizado no dia anterior. Quando Modesto, tranqüilamente, aproximou-se dos bandidos, um deles colocou-se atrás de si e deu-lhe um tiro na nuca, o que causou sua queda do cavalo, já sem vida.

Naturalmente convicto de encontrar pouca resistência em Ipueira, ao chegar ao local denominado Alto dos Bodes, bem próximo do povoado, Lampião ficou ali com a metade do seu bando e determinou o restante para o ataque, chefiado pelo famoso bandido "Tempero", que marchou à frente dos seus comandados, todos eles conduzindo chocalho no pescoço, fingindo serem animais de campo.

Aconteceu, porém, que Pedro Xavier, exatamente às 8 h. e na sua casa comercial, tomou conhecimento da aproximação dos bandidos e dirigiu-se para sua residência, acompanhado dos seus filhos Gumercindo e José Xavier, vulgo Zezinho, todos já armados de rifles. Ao chegar à calçada, Pedro Xavier, que sofria de asma, teve um repentino golpe de falta de ar e caiu, sendo, imediatamente, levado para o interior da casa no ombro de Zezinho. Logo depois ele recuperou-se e, com os filhos, tomou posição para resistir.

Momentos depois, da janela em que se colocara para combater, Pedro Xavier viu o grupo aproximando-se, tendo à frente o famoso cabra "Tempero". Sem vacilar, Pedro Xavier desfechou-lhe um tiro que o atingiu no pescoço e o derrubou sem vida. Embora surpreendidos com a matança do dirigente da

investida, os bandoleiros iniciaram o ataque, comandados por "Volta Seca".

Exatamente naquele instante, a defesa foi acrescida com a chegada de Aparício Xavier, Antônio Xavier, Pedro Xavier, Napoleão Pereira e Manuel Pereira. Além disso, outro parente e dois amigos íntimos de Pedro Xavier contrataram os bandidos. Eram eles Joaquim Xavier, Pedro Dama e Luís Teixeira.

Em face da forte resistência e desse contrataque, o tiroteio terminou às 11 horas, momento em que os atacantes recuaram apressadamente.

Por motivo da derrota dos assaltantes, cujos detalhes ele presenciou, pois se achava bem aproximado da povoação, tanto assim que Vicente Vitorino foi atingido na extremidade de um braço por uma bala dos defensores da residência do seu patrão, Virgulino resolveu deslocar-se imediatamente. Ele estava tão apressado que não aguardou a chegada do morador de José Cazuzza que fora determinado para trazer-lhe os seis contos de réis para a soltura de Pedro Vieira. Em consequência, minutos antes do deslocamento, o "Rei do Cangaço" mandou Pedro Vieira desamarar um cavalo. Quando este começou a desatar a laçada respectiva, Lampião ordenou a um dos bandidos que o matasse com um tiro, o que foi executado imediatamente e presenciado por Vicente Vitorino.

Logo após esse crime, o morador de José Cazuzza chegou ao povoado de Ipueira conduzindo a exigida quantia de dinheiro para a libertação de Pedro Vieira, justamente quando o grupo de facínoras, guiado por Vicente Vitorino, havia partido para o interior pernambucano.

Ao atingir a margem do rio da Brígida, Lampião reuniu sua cabroeira e ordenou a devolução de todos os objetos retirados da casa de Vicente Vitorino. Afinal, por não continuar necessitando de sua orientação, Virgulino libertou-o e gratificou-o com a quantia de 500 mil réis.

Segundo informes de João Quezado de Araújo, sobrinho de Quezadinho, dona Bárbara, esposa de Vicente Vitorino, estava quase certa de que ele tinha sido assassinado. Eis o motivo de surpreender-se com sua chegada, cinco dias após o aprisionamento, durante os quais ela vivia a rezar.

Incontestavelmente, a vitória dos membros da família Xavier contra o bando de Lampião causou grande satisfação à maioria absoluta da população cariense, sobretudo aos habitantes de Barbalha — fonte básica dessa conceituada família e onde nasceu Pedro Xavier.

Em Brejo dos Santos, conforme verifiquei nos primeiros dias de março daquele ano, o povo demonstrava, simultaneamente, pesar e alegria: pesar motivado pelos terríveis crimes policiais ocorridos no sítio "Salvaterra" e na fazenda "Guaribas"; alegria causada pelo triunfo de Pedro Xavier contra o grupo de Lampião, fato este ocorrido duas horas antes da morte do super-homem Chico Chicote.

A propósito, quando passei a servir em Recife, tive imenso prazer de visitar e felicitar Antônio Aristides Xavier, que lá fora para submeter-se a um tratamento médico.

## O PADRE CÍCERO — I

*Antônio de Alencar Araripe*

Há muito nutro o desejo de dar minha desapaixonada e obscura contribuição ao estudo dos diversos aspectos da agitada existência do patriarca do Juazeiro, com quem durante cerca de quatorze anos mantive cordiais relações de amizade. No momento atual, quando se agita o debate entre os que classificam de intrujão, ou psicopata comum, e os que fazem constante pregão de suas excelsas virtudes e por força o querem consagrar à eterna bem-aventurança, parece-me oportuno dar cumprimento à pretensão em apreço.

Não sou um desconhecido em relação aos homens e coisas do Cariri, berço de meus ancestrais e descendentes, onde há mais de meio século me fixei e participo de atividades políticas e sociais, nem me inspiro, ao rabiscar o presente registro de observações, em outro propósito afora o de servir à verdade histórica que, na hipótese vertente, por diversificados interesses, tanto se tem procurado deturpar.

Data do ano de 1920 meu estabelecimento naquela região sul-cearense, onde fui exercer a função de Delegado da 6ª Seção do Recenseamento, sediada em Crato. Sendo Juazeiro um dos municípios compreendidos em minha circunscrição jurisdicional, o mais próximo e de maior interesse sob o ponto de vista censitário, essas circunstâncias concorreram, aliadas ao



natural atrativo da repercussão nacional do nome de seu famoso oráculo, para que passasse constantemente a frequentá-lo. Minha presença ali, vez por outra, mais se acentuou, quando passei a militar no respectivo foro, em que então servia como Juiz Substituto o Dr. José Calazans Gonçalves Pena, que deixou de ser reconduzido, sendo, assim atirado à miséria por não se submeter a poderosas injunções.

Elevado da categoria de termo do Crato a sede de comarca, o Juazeiro teve como seu primeiro Juiz de Direito o Dr. Juvêncio Joaquim de Santana, magistrado esclarecido e de ótimos predicados morais, vinculado, por parentesco espiritual e afetuosa estima, ao padre Cícero, de quem passou a ser uma espécie de secretário-geral. Desde então, documentos, inclusive a correspondência do chefe civil e religioso daquela cidade passou a ter novo e hábil redator.

Comprova o exercício desse secretariado a mensagem expedida a 28-8-25, abaixo transcrita, cuja cópia autêntica possuo:

“Aos jovens representantes da mocidade acadêmica do Ceará, no Congresso de Estudantes de Belo Horizonte, tenho a satisfação de enviar a importância de 500\$000, modesta contribuição para a viagem de tão distintos objetivos, desejando-lhes os melhores triunfos.

Deus os acompanhe e auxilie, proporcionando-lhes ensejo de cada vez mais elevarem o nome da nossa querida terra da luz, dando à grande missão de que se acham incumbidos destacado realce.

São os votos de coração do patricio e admirador  
Pe. Cícero Romão Batista.”

A propósito da cultura do patriarca juazeirense, tão assinalada por alguns dos seus falsos biógrafos, julgo oportuno desde logo consignar que nas centenas de vezes em que estive em sua residência — onde inexistia biblioteca — às vezes ali permanecendo horas a fio, nunca o vi ler qualquer livro, fascículo ou jornal, nem se referir ao respectivo conteúdo, a não ser quando remontava aos seus tempos de estudante ou professor.

Minhas relações com o pe. Cícero, se não tiveram o caráter de intimidade gozada pelos que, nas refregas políticas e



religiosas, lhe seguiam fielmente as pegadas, é certo que jamais sofreram qualquer solução de continuidade. Liames da família sempre me confessou que o prendiam aos Alencares. É sabido pelos que no Estado se dedicam a estudos genealógicos que os Romão Batista vinculam-se à estirpe dos Ferreira Lima, a que pertencia Ana Porcina de Lima, a esposa de Tristão Gonçalves. Do cônego José Ferreira Lima Sucupira, ordenado em estado de viuvez, pela morte da esposa Josefa de Jesus Batista, e primo do senador Alencar, dizia-se parente no mesmo grau. Não era outro o tratamento que dava a Matilde Umbalina de Araripe Sucupira, desposada por meu pai em primeiras núpcias, e neta daquele antigo parlamentar, Vigário-Geral de Fortaleza e Provedor do Bispado do Ceará.

Coube àquela prima oferecer-lhe, conforme reza a tradição familiar, a primeira batina utilizada como sacerdote.

Como profissional do foro, por vezes o pe. Cícero distinguiu-me com sua confiança. Lembro-me bem, e a esse respeito está a acudir-me à memória o traslado de procuração passada, a 11 de dezembro de 1929, no 1º Cartório de Juazeiro, que, nessa data, convidou-me a ir ao Rio Grande do Norte proceder à execução do testamento com que falecera d. Ana de Almeida Dantas, senhora de destacada família potiguar, atraída para aquela cidade cearense, como tantas outras vítimas indefesas de ignaro fanatismo, e que, além de o instituir quase único legatário, pouco tempo antes de morrer, lhe doara propriedade rural de alto valor. O instrumento da referida procuração confere-me poderes para “representar o outorgante na qualidade de inventariante, testamenteiro e legatário do espólio da falecida d. Ana de Almeida Dantas, requerendo e assinando, nesse tocante, na inferior e na superior instância tudo que se fizer necessário: vender, a quem mais der, o sítio “Aldeia Velha”, do município de S. Gonçalo, da comarca de Macaiba, do Estado do Rio Grande do Norte, que o outorgante possui por doação da aludida inventariada, com casa de tijolo, cercados, currais e gados; a fazenda “Logradouro”, situada no município de Angico, do mesmo Estado, com casas, cercados, currais, gados e tudo enfim quanto existir: imóvel, móvel ou semo-

vente, do patrimônio da dita inventariada, que em seu testamento a outro não tenha sido legado etc.”

Munido dos documentos necessários ao cumprimento do mandato recebido e dos recursos para atender às despesas de viagem, proporcionados, estes, pela assessoria econômica do ilustre constituinte, a cargo de d. Joana Tertulina de Jesus, a conhecida beata Mocinha, a 19 do mês e ano acima citados já era portador do bilhete de passagem, via marítima, Fortaleza-Natal, sob o nº 145484, do pacote “Manaus”, adquirido na agência local do Lloyd pela quantia de noventa e três mil réis.

Minha permanência nas plagas riograndenses, que percorri da capital às cidades de Macaíba, S. Gonçalo, Ceará-Mirim, Lages e Angico, realizando a venda de imóveis, benfeitorias e gados, pagando imposto *causa mortis* e entregando pequeno legado atribuído pela testadora a uma sua parenta e afilhada, prolongou-se até o dia 9 de janeiro de 1930, quando retornei a Fortaleza pelo “Itaquicé”, bilhete de passagem da série D, nº 14109, camarote e beliche 66, adquirido pela soma de cento e dez mil e cem réis. Das atribuições que me tinham sido cometidas através da mencionada procuração, só deixei de me utilizar da que diz respeito à venda do sítio “Aldeia Velha”, imóvel rural provido d’água, e constituído de extensa sorte e terras de boa qualidade, que, por se prestarem muito bem à exploração agropecuária, e se situarem nas proximidades do maior centro consumidor do Estado, alcançaram alto preço.

## O PADRE CÍCERO — II

A primeira proposta para sua aquisição, pela quantia de cinqüenta contos de réis, feita por firma comercial da praça natalense, transmiti-a, por telegrama, ao pe. Cícero, que pela mesma via me respondeu: “Podeis vender sessenta contos sítio “Aldeia Velha” dinheiro à vista devendo importância ser reme-

tida London Bank Fortaleza só ser entregue ordem escrita minha pessoa. (Assinado) pe. Cícero Romão Batista.”

Não foi aceito, pelo proponente, o preço de venda estipulado nesse despacho; disso ciente, seu signatário apressou-se em recomendar-me oferecer o imóvel ao Governador do Estado, que bem o poderia adquirir para ali instalar um Aprendizado Agrícola, ou outro estabelecimento semelhante.

Com esse intuito, fui, então, em companhia do conterrâneo Augusto Bacurau, ao Palácio do governante estadual em exercício, o Dr. Juvenal Lamartine, que, informado da oferta da propriedade, logo a recusou. Na oportunidade, além de salientar o fato de por vezes o pe. Cícero ter prejudicado a economia do Rio Grande do Norte com a transferência para seu patrimônio dos haveres de fanáticos dali procedentes, concluiu propondo-lhe, ao invés da venda pretendida, uma doação, pura e simples, ao Estado, para adequado aproveitamento.

Dessa contraproposta oficiosa de dar ao sítio preindicado a mesma forma de transferência pela qual fora adquirido, isto é, de doá-lo à província de onde procedia o senhorio original, não quis saber o patriarca juazeirense. Não costumava este recusar donativos, nem por tal forma reduzir o acervo de seus imóveis. Deles o pe. Cícero raramente dispunha, mesmo a título oneroso.

Das causas, cujo patrocínio me recomendou o supremo gestor dos destinos de Juazeiro, recordo-me, no momento, da que envolvia a numerosa família dos Pedros, e do inventário do Dr. Floro Bartolomeu da Costa. Os Pedros, pessoas de tez escura, que conquistaram fama de valentia na sedição política de 1914, formavam numeroso e respeitoso clã juazeirense.

Romeiros dos que obedeciam cegamente aos acenos do “padrinho”, por este foram encaminhados para a serra do Arripe, a fim de se dedicarem ao cultivo da mandioca. Envolveu-os, ali, a luta estabelecida entre os donos dos roçados dessa euforbiácea e os criadores de gados à solta, que danificavam profundamente os plantios agrícolas. Aqueles passaram à matança indiscriminada das rezes invasoras, provocando violenta reação da parte dos possuidores das mesmas.

Tive de, *in loco*, verificar a situação e agir, afinal, para que, conforme os desejos do pe. Cícero, o caso tivesse melhor solução.

Também estive a serviço de processo do maior interesse do taumaturgo juazeirense, ao funcionar no inventário dos bens deixados pelo Dr. Floro, seu *alter ego* político, de quem disse João Brígido, como ele um dos chefes da bernarda de 1914, pelas páginas do *Unitário*, ser portador de nome que "enche a mais extensa página de nossa história política", um "varão de Plutarcho", transformado "por seu valor, sabedoria e tenacidade" em o "primeiro homem do Ceará", em cujo amor "se acrisolou, à mercê dos influxos miraculosos e da palavra santa e bemfazeja do padre Cícero Romão Batista, o antístite de Juazeiro".

Não foi somente no que toca aos mistéres advocacionais que o pe. Cícero distinguiu-me com manifesta demonstração de confiança. Em outros setores, ele teve oportunidade de agir de tal modo. Haja vista o convite para em seu nome saudar ao presidente Matos Peixoto, quando este Chefe de Estado pela primeira vez lhe deu a honra de uma visita. Do cometimento desse "pecado" político foi acusado pela imprensa, após a revolução de trinta, por pessoas interessadas em incompatibilizar com próceres militares da mesma os elementos vinculados à corrente tavorista. Do Crato, com a data de 8-9-1931, pelas páginas do diário fortalezense *Nação*, de 12-9-31, refutei a acusação nos seguintes termos: "Não constitui novidade o fato de haver feito uma saudação ao sr. Matos Peixoto, quando esse Presidente esteve em Juazeiro. É certo e notório, porém, que isso fiz, e o declarei da própria tribuna, em nome exclusivo do padre Cícero, que com insistência me solicitou.

Quanto a esse caráter da saudação em apreço, despida delouvaminha barata e de pronunciamento político, aí estão, para confirmá-lo, aquele velho sacerdote, e o Dr. Juvêncio Santana, de quem sempre fui adversário.

Cumprer notar que apesar de me achar presente e em gozo de saúde, não assisti às festas promovidas nesta cidade em

homenagem àquele Chefe de Estado, com quem mantinha relações particulares.

Na vigência da pátria velha, estive na sala de audiência de palácio, ao tempo do sr. Matos Peixoto, por duas ou três vezes, apenas, com o intuito de reclamar providências, que, por conveniências políticas, não foram tomadas, sobre a justiça desta comarca. A minha fé de ofício de inveterado opositorista, que me parece coisa de tão pouca monta, podem dá-la os adversários, assim como amigos da felpa do Dr. Fernandes Távora e do major João Leal, a cujo lado sempre me mantive intransigentemente solidário.

Que sempre fui fervoroso adepto de um movimento armado destinado a libertar o País do jugo político em que se encontrava, e que jamais tive ligações com os corrinhos políticos outrora dominantes. Isso é uma verdade tão palmar aos olhos dos que me conhecem, que custa crer haja homem digno e desapaixonado capaz de sustentar o contrário.”

Nem sempre estive, nas contendas judiciais, ao lado do pe. Cícero e de seus mais caros adeptos. Realmente, por vezes, patrocinei, como me impunha a independência profissional, a causa dos que os acionavam.

Assim agi, por exemplo, como advogado da Diocese do Crato, na disputa da propriedade de sítio pertencente a Hermelinda Macedo (pessoa da família dos vários sacerdotes juazeirenses deste sobrenome), a qual, daquele imóvel se dizendo, até os últimos momentos de vida, única possuidora, assim c legou à Igreja, mas teve suas intenções logradas, porque o pe. Cícero, apoiado em título de aquisição, avocou-o ao seu patrimônio.

Como foi que Hermelinda, senhora equilibrada e profundamente religiosa, subscreveu a escritura de venda do dito imóvel, e disso revelava não ter conhecimento, conforme o afirmam parentes próximos e vários sacerdotes de suas constantes relações, e o indica o ato de em última vontade dele dispor — eis um mistério a ser desvendado por minuciosa pesquisa.

Não foi diversa minha conduta ao patrocinar, com o Dr. Ocelo Sobreira, a defesa do pe. Dr. Manoel Correia de Ma-

cedo, o conhecidíssimo padre Macedinho, na queixa criminal intentada contra o mesmo, a 3 de junho de 1925, pelo Dr. Floro, através de seus advogados Raimundo Gomes de Matos e Manoel de Castro Paiva, com base no art. 1º, nº 2 do Dec. nº 4743, de 31-10-23, combinado com o art. 315 do Cód. Pen. O sacerdote acima indicado respondia pela acusação, feita mediante *O Nordeste*, ns. 861 e 873, de ter o Dr. Floro se abrigado “à sombra da sotaina mais antiga do Cariri, a única que o poderia furtar aos raios vingadores de uma justiça ultrajada”, se apropriado da “quase totalidade das rendas do município de Juazeiro” e determinado o “assassínio e açoitamento de prisioneiros”.

É tempo de voltar a outro pólo do depoimento, que ora estou prestando. A consideração especial, a que se impunha o patriarca de Juazeiro, como chefe supremo do município e nome da mais alta respeitabilidade em todo o País, cujo alto sentimento de justiça a toda a hora se vivia salientando, determinou-me ir à sua presença, em companhia de pessoa da família Matos, antes de bater às portas do pretório, para conseguir a revogação de injusto encarceramento, por ele autorizado, de membro da mesma.

### O PADRE CÍCERO — III (*O Povo*, de 31-12-70)

A vítima da violência sofrida era um jovem filho do sr. Antônio José, pequeno proprietário rural, sito na região fronteira de Crato, à margem da carroçável então existente, mui conhecido pelo tom acrimonioso com que, sem devida reserva, se referia àquele oráculo da terra, de cuja área de graças por isso se julgava excluído.

O pe. Cícero ouviu atentamente minha exposição sobre a manifesta ilegalidade da violência que, sem nenhuma forma, nem figura jurídica, o detido estava a sofrer, e o conseqüente



apelo à sua libertação, e, incontinentemente, respondeu-me mais ou menos com estas expressões:

“Esse rapaz está preso porque, julgando nada valer uma romeira, abusou de sua inocência, e da cadeia só sairá, o afirmo porque aqui sou o juiz, o delegado e o carcereiro, reparando, com o casamento, o delito praticado.”

Ouvida tão peremptória recusa, saí imediatamente do tradicional solar do supremo chefe civil e religioso de Juazeiro com o firme propósito de tentar obter no Judiciário a providência por que ali amistosamente fora propugnar.

Com efeito, no dia imediato, pela manhã, dei entrada ao competente pedido de *habeas-corpus*, que se processou e foi concedido com a maior rapidez possível. Nunca, em minha longa e acidentada vida forense, tive recurso de tal natureza que corresse os trâmites legais e fosse afinal resolvido em mais breve prazo!

Ainda há Juiz em Berlim, poderia dizer na ocasião, na comarca de Juazeiro, o Juiz de Direito, Dr. Juvêncio Santana.

Minhas relações pessoais com o Bispo de Crato, D. Quintino, filho, como meu pai, de Quixeramobim, datam de meio século atrás, quando cheguei àquela cidade portando carta, em que me recomendava à sua consideração o Dr. Fernandes Távora, médico jaguaribano mui conhecido e estimado no meio onde vivera na instância em companhia de seu tio, o Vigário padre Antônio Fernandes, iniciara estudos e, após a formatura, clinicara durante vários anos.

A estima e a consideração do primeiro antístite cratense, sabem quantos o conheceram de perto, não constituíam presa fácil de ser conseguida. Homem rígido de caráter e de profunda visão psicológica, longe estava de se deixar embair por aparências enganosas, por mistificações de qualquer sorte. Tive a honra de ser por ele consultado, em várias oportunidades, sobre assuntos jurídicos de interesse da Diocese, cujos destinos com tanta segurança dirigia. Em um dos nossos entendimentos dessa natureza, lembro-me de ter vindo à baila a questão religiosa de Juazeiro, sobre a qual me revelou os termos do diálogo mantido com o pe. Cícero, quando este, pela última vez, compareceu a retiro do clero.

D. Quintino, após salientar o fato de o pe. Cícero dispor de vultoso patrimônio econômico obtido graças a dádivas feitas por pessoas que, por força dos milagres condenados pela Igreja, o julgavam com cheiro de santidade, concitou-o a operar, de forma indireta, por ser impossível fazê-lo diretamente, a restituição dos haveres recebidos. Não esteve por esse apelo o patriarca de Juazeiro. Repeliu-o terminantemente, com base em dois pretextos: o primeiro era de que seus recursos em maior parte provinham, não das contribuições dos romeiros, e sim de lucros obtidos com o plantio de mandioca feito na serra do Araripe através de agentes de sua confiança. O segundo assentava na afirmativa de que os romeiros lhe faziam oferendas por sua livre e espontânea vontade, e não porque tivessem como santo.

A essas alegativas logo objetou D. Quintino desconhecer no Cariri fortunas feitas com o cultivo e beneficiamento daquela euforbiácea, que requeria despesas raramente compensadas. Acentuou, ainda, que tanto não havia espontaneidade nas doações de bens e valores, que, diariamente, lhe chegavam às mãos, que o beneficiado jamais poderia nomear, entre os cratenses esclarecidos e recursados, um só homem da estatura do cel. Nelson, do cel. José Rodrigues Monteiro, e outros semelhantes, que lhe tivesse dado um centil, sequer. Por essa argumentação o pe. Cícero não se deu por vencido, e, por isso, D. Quintino propôs-lhe, afinal, submeter a matéria, mediante consulta, ao Tribunal do Santo Ofício. O pe. Cícero não combinou com a proposta de consulta àquele tribunal da Igreja, a qual seria redigida, mais ou menos, se não me falha a memória, nos seguintes termos:

1º) Ticio, em virtude de supostos milagres, não reconhecidos pela igreja, tem recebido grande soma e bens de fortuna doados por pessoas que o julgam imbuido de santidade;

2º) É lícita a fortuna de Ticio?

3º) No caso negativo, impõe-se a Ticio restituir os haveres recebidos através de instituições religiosas, já que não é possível fazê-lo a cada um de per si?

Os "milagres" de Juazeiro constituem a fonte de onde promana a questão que ali se estabeleceu entre as autoridades



religiosas do Estado e o cura daquele então modesto vilarejo sul-cearense.

A beata Maria de Araújo, pessoa da casa e da confiança do pe. Cícero, ao dar-lhe este a comunhão, momentos depois, descobrindo a cabeça e o rosto encobertos, mostrava, à boca, transformada em sangue, a hóstia recebida.

A ocorrência, reproduzida por vezes, com as mesmas características, teve profunda repercussão por todo o Nordeste, mormente depois que aquele sacerdote anunciou, conforme revelação divina recebida, ser de Nosso Senhor Jesus Cristo o sangue que contaminou a hóstia sagrada.

Milagre? Embuste? Eis a interrogação que surgiu por todos os recantos. As populações inescurecidas dos sertões circunvizinhos, tão acessíveis a credices de toda a sorte, cedo admitiram a miraculosidade do fato.

D. Joaquim, severo e prudente a mais não ser, tendo em consideração a norma adotada secularmente pela Igreja de só admitir a existência do milagre, quando o mesmo exsurge de circunstâncias inequívocas, fora de qualquer parcela de dúvida, determinou que a dita comungante fosse transferida para a Casa de Caridade de Crato, e ali, de cabeça e rosto descobertos, recebesse a partícula da hóstia e, instantes depois, presentes sacerdotes de sua absoluta confiança, autoridades e pessoas gradas da cidade, se submetesse a exame sobre o conteúdo em sua boca.

A rigorosa observância das providências determinadas para verificar a autenticidade do fenômeno, a que celeremente se estava emprestando o caráter de uma revelação divina, deu pleno resultado. Não mais se verificou a contaminação sanguínea da hóstia colocada à boca da prealudida comungante.

Tomando em consideração essa e outras circunstâncias de maior relevo, decidiu-se, em primeira instância, e foi confirmado em Roma, inexistir no caso fato extraordinário que fosse de encontro às leis da natureza, isto é, o que comumente se chama de milagre.

Conformou-se com tal decisão o patriarca juazeirense?

De forma alguma. É notório ter-se mantido sempre na firme convicção de que houve na hipótese manifestação divina.

Sua viagem a Roma, para tentar obter um pronunciamento em conformidade com sua arraigada concepção sobre o erro do premencionado veredito, as atividades desenvolvidas na cidade eterna, a irreconciliação com D. Joaquim, que esperava voltasse "desenganado de sua teimosia", e outras circunstâncias, constam de cartas escritas, em papel timbrado da "Pontifícia Academia Dei Nobili Ecclesiastici, Piazza della Minerva, 77, Roma, pelo monsenhor Antônio Fernandes da Silva Távora, díleto amigo que o pe. Cícero conquistou ao tempo em que ele parou em Crato.

#### O PADRE CÍCERO — IV

Monsenhor Antônio Fernandes da Silva Távora, em carta de 10 de março de 1898, dirigida a seu irmão, D. Carloto, Bispo de Caratinga, revela: "Está aqui o pe. Cícero, há uns 15 dias e bastante contrariado por não poder ver o Papa imediatamente. Tenho-me rido a valer. Escrevi a D. Joaquim para dar-lhe a necessária guia dessa viagem, mas D. Joaquim escreveu, dizendo que Cícero não se comunicava mais com ele. Afinal, diz que deseja que Cícero volte desenganado de sua teimosia. Não é fácil essa audiência do Papa, mesmo assim, espero que Cícero não volte sem ver o Papa. Trouxe 19 contos de missas e espera nestes dias José Lobo com alguma esmola para S. Pedro. Vai a Jerusalém na semana santa. Encarreguei o Dr. M. . . (pouco legível) de visitar com ele toda a Roma, mas não agüentou mais de dois dias, porque em cada altar das 365 igrejas de Roma queria rezar meia hora! Trouxe-me belíssimo roquete e uma lata de doce de buriti. O Governador de Pernambuco deu-lhe, para a viagem, 700 mil réis. Veio sem carta do Bispo de Pernambuco, por ter o vapor saído em hora diferente. Trouxe 300 patações comprados a 3,500 e, como não lhe querem pagar sem prejuízo aqui, diz que os levará outra vez para o Brasil".

A segunda carta, expedida a 25 de março de 1898, a outro irmão, o Dr. Belisário Távora, refere: "Ontem o pe. Cícero e seu companheiro, deve ser o fervoroso fanático José Joaquim de Maria Lobo, cuja vinda, com mais dinheiro, estava aguardando, viram o grande Papa funcionando no Consistório Solene, onde foram criados 74 novos Bispados. Cícero fez anos ontem e ontem viu o Papa. Consegui para eles bilhete de entrada do Mordomo do Papa, coisa que às vezes nem por meio dos Embaixadores se consegue. Espero resolver Cícero a ficar em Roma algum tempo e estudando. Sua ida agora ao Brasil é inconveniente. Estou trabalhando para reconciliá-lo com D. Joaquim. Consultou sobre indicação minha um dos mais distintos professores da Universidade acerca da questão do Juazeiro. Disse-lhe que era tudo nulo, quanto foi feito em forma irregular de processo no Juazeiro, que a Sagrada Inquisição daria nova audiência e conforme novos documentos reformaria seu juízo. Prefiro, porém, a tudo isso, sua submissão incondicional ao Bispo e à Sagrada Inquisição, ficando em Roma o tempo necessário para acalmar os ânimos na tal questão. Caso resolva ficar aqui é provável que deixe a Academia para morar com ele e servir-lhe de tutor, pois quer dar de esmola todos os vinténs que trouxe do Brasil, não se lembrando que é impossível estancar todos os sofrimentos do povo italiano".

No estudo dos diversos aspectos sob que se apresenta aos olhos do observador atento a questão religiosa do Juazeiro, tem-se a considerar:

a) que o pe. Cícero anunciou ter visões celestiais, em que entidades divinas lhe comunicavam o caráter sobrenatural do fato da conversão em sangue da partícula dada em comunhão à beata Maria de Araújo;

b) que o anúncio dessa revelação gerou no espírito dos romeiros a convicção da real existência do milagre em foco e da direta participação no mesmo daquele que a recebeu e, assim, se tornou, daí em diante, objeto de promessas, consultas, oferendas, efígie em medalhas e quadros e de outras manifestações de culto religioso.

Das visões celestiais do pe. Cícero falam alguns dos seus biógrafos. Lembro-me do que, nesse tocante, em 1925, mais ou menos, narrou, em minha presença, ao então advogado Dr. Ademar Távora, o cel. Diógenes Frazão, tradicional e acatado senhor de engenho no Cariri: “Estava certa noite em casa de seus pais, no sítio pertencente aos mesmos, localizado naquele município, quando ali chegou, convidado para certa cerimônia religiosa, o pe. Cícero, de quem aqueles eram compadres e muito amigos, e que, ouvido sobre a versão corrente de Ihe ter aparecido Jesus Cristo, respondeu prontamente: “É exato, compadre. Foi três vezes que isso aconteceu. Na primeira vez, duvidei da presença de Nosso Senhor. Na segunda, sobre a mesma ainda fiquei vacilando. Mas, na terceira oportunidade (uma delas disse ter ocorrido quando estava em S. Pedro do Cariri), convenci-me de que era realmente ele quem me falava”.

O fato foi referido, por aquele atual desembargador aposentado, em artigo inserto na revista *Ceará Ilustrado*, dirigida, nesta Capital, por Demócrito Rocha.

O pe. Cícero nunca manifestou formal recusa à devoção que Ihe era prestada e, por isso, os que acreditam na sua integridade moral e piedade cristã, julgam que realmente nutria a idéia de dispor de faculdades sobrenaturais. Fosse diverso seu estado de espírito, argumenta-se, decerto jamais teria alimentado, por tantos anos e contra a expectativa de seus superiores hierárquicos, a avultada clientela religiosa que varava ininterruptamente os sertões do Nordeste em busca de seus miraculosos pronunciamentos.

As romarias requerem o abandono das fainas diárias, longas e penosas caminhadas, despesas de parcas economias de populações já sacrificadas pelo estado de miséria em que as mesmas vivem, e, em tais condições, só costumam ocorrer, como se verifica em Aparecida, Bom Jesus da Lapa, Canindé e outras localidades semelhantes, quando há um orago escolhido para a veneração. Aquelas que se ensaiaram, com tal caráter, em relação ao pe. Antônio, de Urucania, no interior de Minas, esse sacerdote, obediente às determinações do Diocesano da região, logo as fez cessar.

Em Juazeiro não foram correspondidos, de igual forma, os anseios dos prelados cearenses, porque o pe. Cícero, alvo da devoção, dela nunca providenciou seriamente para ser excluído. Em torno das atividades políticas e religiosas do pe. Cícero têm-se agitado múltiplas controvérsias, muitas delas constantes de divulgações feitas pelos adeptos e combatentes do fanatismo, que, à sombra de seu nome se instaurou e lhe sobrevive.

Desde os tempos da mocidade leio periódicos e ouço, através dos púlpitos, os pronunciamentos unânimes da Igreja, pela voz de seus prelados e sacerdotes, no sentido da classificação do venerando patriarca do Juazeiro como uma espécie de heresiarca, ou seja, de pessoa que professa doutrina, em relação ao milagre condenado, contraria ao veredito a respeito proferido. Por que tomou ele tal atitude de insubordinação ao que decidiu o Bispo D. Joaquim, com quem chegou ao extremo da incompatibilidade pessoal, e confirmou Roma?

Sempre ouvi referir, em meios clericais, que assim agiu cedendo aos impulsos da vaidade ferida, do ingênito espírito de teimosia. Há quem chegue ao extremo, mesmo entre os seus colegas de hábito, de negar-lhe a nobreza de sentimentos morais, ao considerá-lo capaz de participar conscientemente da elaboração do embuste do milagre, que, segundo essa versão pessoal, teria sido concebido como forma de conquista de poderio político e enriquecimento ilícito.

Aos olhos de outros, surge como simples vítima, em sua extrema boa fé, da ação de mistificadores inescrupulosos, que com tanto sucesso atuaram sobre seu fraco ânimo, a ponto de convencê-lo da realidade do fenômeno, que realmente não passava de mero fogo de artifícios.

Avultam, enfim, os que, baseados em princípios de ordem científica, tentam excluí-lo do rol dos intrujões, pela porta da irresponsabilidade psíquica.

Os defensores da tese nesse tocante sustentada acham que os notórios delírios de grandeza, as visões misteriosas, o obstinado espírito de perseguição por parte dos que lhe causaram "amarguras", o "desterraram" para terra "alheia" ou "estrangeira" (Roma) e o obrigaram "a ser vagabundo" (*Efe-*

*mérides do Cariri*, de Irineu Pinheiro, págs. 495, 496 e 499) — tudo isso corre por conta da irregularidade das condições neuro-psíquicas do pe. Cícero.

Entre esses diversos conceitos emitidos por comentadores de todos os matizes sobre a sugestiva personalidade do oráculo do Juazeiro, quais as que na realidade o definem?

É ao psiquiatra, ao psicólogo, ao sociólogo, enfim, ao historiador experimentado e alheio ao jogo das paixões e dos interesses, que lhe cabe traçar definitivamente as legítimas características.

## PRETENSOS MILAGRES DE JUAZEIRO

*Antônio de Alencar Araripe*

É esse o título de livro, composto e impresso nas oficinas gráficas da Editora Vozes, de Petrópolis, com o *imprimatur* do respectivo Bispo Diocesano, que acaba de lançar à publicidade o padre Dr. Helvídio Martins Maia, ilustrado sacerdote nascido em Picos, Piauí, mas oriundo, por via paterna, de tradicional família jaguaribana.

Trata-se, pelo que tudo indica, de trabalho sério, elaborado para servir tão-somente à verdade, *pari passu* de farta e inédita documentação, colhida em fonte insuspeita e diretamente relacionada com os fenômenos religiosos registrados nas últimas décadas do século anterior, na supra cidade e, então qualificados de sobrenaturais, graças à inexperiência de uns, cedo reconhecida, e por muitos proclamada, e à sugestibilidade da “aluvião de gente” (expressão do pe. Cícero, pág. 33) atraída pelo sensacionalismo da ocorrência.

O assunto versado na obra em apreço figura, sem dúvida, entre os de maior importância e destaque na cronologia cearense, e dele já tivemos oportunidade de tratar no trabalho intitulado “O Padre Cícero”, inserto em *O Povo* de 29/30 e 31-12-70, e de 2-1-71. Achou o prof. Câmara Cascudo termos dado, então, “valiosa contribuição para o entendimento da figura complexa, original e poderosa do patriarca de Juazeiro, e que merece reunião em ensaio, pela clareza da argumen-



tação incisiva" (*O Povo*, de 31-3-71). Por sua vez, sobre o assunto escreveu o ministro José Américo: "Recebi suas notas sobre o pe. Cícero. É uma figura que me desperta a maior curiosidade, empenhado como estou em formar dele um conceito definitivo, por estar ainda sujeito a versões controvertidas. Sua experiência é das mais interessantes pela isenção com que julga e pela maneira de julgar. Sabe medir informações e retrata com fidelidade e o interesse literário que atribuem maior valor aos seus escritos" (ibidem). O livro em referência apoia-se em irrecusáveis meios de prova, lança premissas e chega a conclusões, cuja consulta se tornará imprescindível ao historiador e sociólogo, que se propuser a escrever a verdadeira história crítica da gênese, formação, desenvolvimento e climax do fanatismo no Cariri. Ao encerrarmos a análise feita, anos atrás, sobre a complexa personalidade do patriarca juazeirense, opinamos sobre a necessidade da contribuição do sociólogo, do psiquiatra, do psicólogo, do historiador aparelhado, enfim, para esclarecer alguns aspectos relacionados com a longa e agitada existência do mesmo.

Em capítulo sobre "Os Milagres de Juazeiro", constante do livro *À Margem da História do Ceará*, o escritor Gustavo Barroso, além de salientar que os milagres da beata Maria de Araújo constituíram "a fonte do incontrastável prestígio e da mística que aureolavam a figura até hoje ainda não perfeitamente estudada do pe. Cícero", conclui já ser tempo de se fazer "a revelação desse segredo" com a elaboração de sua história.

O autor do aludido livro sobre os milagres de Juazeiro registra o fato de o pe. Cícero ter sido objeto, até hoje, de estudos que, na maior parte, descem às recriminações ou propendem para as louvaminhas. Reconhece o padre Dr. Helvídio, no caso em questão, a necessidade de em torno do homem e do sacerdote ser feito um trabalho de maior profundidade, escoimado de vícios e, conseqüentemente, com apoio em documentação fora de controvérsia. Por isso lançou-se à árdua tarefa de conseguir acesso aos recônditos arquivos do Vaticano, para compulsar, como o fez, demoradamente, o processo original referente aos pretensos milagres, de onde retirou os



principais elementos corroborantes de sua viva e segura argumentação.

A notícia sobre o caráter sobrenatural da hóstia ensangüentada recebida em comunhão por Maria de Araújo, divulgada, aos primeiros instantes, até mesmo por inadvertidos sacerdotes, foi, incontestavelmente, a “fagulha fatídica” que abriu caminho ao que o próprio pe. Cícero, em carta ao Bispo D. Joaquim, chama de “um aluvião de gente”, bem três mil pessoas de Crato e romeiros aos quinhentos, aos mil, aos dois mil, uma “coisa extraordinária”, famílias e mais famílias — em busca do Cariri (Vide *Pretensos Milagres em Juazeiro*, pág. 33; *Revista do Instituto do Ceará*, tomo 85.)

Foi em tal evento e ao influxo da alarmada transformação da hóstia que, rumo ao local da célebre ocorrência, se encaminharam as romarias, típicas multidões heterogêneas, comumente agregadas, segundo a observação de Afrânio Peixoto, por “uma curiosidade ou emoção de momento” (*Psicopatologia Forense*, pág. 152). Se Maria de Araújo foi, com efeito, a protagonista dos milagres da hóstia ensangüentada, como se justifica a circunstância de, em breve prazo, haver perdido, em benefício do pe. Cícero, a aura do sensacionalismo e da santidade, que conseguira conquistar inicialmente? Ao falecer a beata, relegada ao obscurantismo, já não era vista como portadora de dons sobrenaturais. Estátuas, ofertas, votos, gravações em medalhas e cromos, enfim, veneração — por nenhuma dessas formas de expressão do fanatismo chegou a se projetar a figura de quem se dizia em pleno desfrute de “visões maravilhosas” e de “colóquios e consórcio espiritual com Jesus Cristo” (vide seu depoimento, págs. 40/41). Dir-se-á que a preferência como objeto de culto, ao nome do pe. Cícero, se deve à sua condição de sacerdote que levou a partícula à boca da comungante, proclamou e manteve a idéia da sobrenaturalidade do sangue que a envolveu e, afinal, se tornou alvo da campanha promovida nas dioceses da região contra adeptos de “prodígios vãos e supersticiosos”.

No estudo da personalidade da beata, a verificação de seu estado físico-psíquico se impõe como providência preliminar. O pe. Cícero, com quem residia, seu confessor, informa

a respeito: que a conhece desde menina de oito anos de idade, quando fez sua primeira comunhão; que tem compleição fraca e doente, tendo tido, em menor, doença qualificada de espasmo, ficando sujeita, desde então, a sofrer, por vezes, de ataques nervosos, que a faziam perder os sentidos, vomitar sangue. (Depoimento tomado por D. Joaquim, pág. 36.) É de notar que, outrora, no interior do Estado, se costumava dar como causa de distúrbios mentais sofridos por adultos o fato de, na meninice, terem sofrido de Espasmo. Ao depor perante o pe. Glicério, a 9-9-91, a beata fez afirmativas fantásticas, alucinantes, a todo o ponto inacreditáveis (vide págs. 40/41). Muito apropriados são os conceitos que, em relação a tal depoimento, expende o livro sobre que versa a presente resenha: "Suas declarações são de estarrecer — vão do elogio barato a colóquios repetidos com Jesus, Maria e José, casamento com Cristo, comunhão em cálice de ouro, viagens seguidas ao purgatório e ao inferno, para salvar almas e amarrar demônios, finalmente, uma autêntica xaropada que ultrapassa as raias do ridículo (pág. 16).

Foi a propósito de peças dos autos do processo da questão religiosa de Juazeiro semelhantes a essa do depoimento inverossímil de Maria de Araújo, que exclamou o Bispo de Olinda, D. João Esberard: "Nunca vi um amontoado de tantos absurdos e tolices! Parece incrível reïne, ali, alucinação com caráter epidêmico". Não é de admirar que isso realmente ali tenha ocorrido, uma vez que se considere que nas multidões os indivíduos se despersonalizam por completo, dando lugar à alma coletiva. É por essa circunstância que se consideram atenuados os delitos quando praticados em estado interpsicológico de uma multidão, apaixonada e impulsiva como essa da "aluviação de gente", noticiada pelo pe. Cícero. Cabe aqui registrar, com apoio em lição de Gustavo Le Bon, que o homem de multidão "desce alguns degraus de escala da civilização".

Em face do exposto, parece-nos bem claro tratar-se, na hipótese, de caso positivo de histeria, "enfermidade conseqüente a estados de debilidade do sistema nervoso, caracterizados pela tendência à desagregação dos elementos de síntese mental, e revelada por perturbações variadíssimas, prove-

nientes e compreendidas ante a sugestibilidade pronta e o automatismo desenfreado, de um lado, e as alterações e desdobramentos da personalidade, do outro. A histeria, que, por suas aparências enganosas, a tantos equívocos levou reputados profissionais, manifestar-se como ensinam os doutos, por "ilusões e alucinações de memória, fantasias e narrações imaginárias: nas épocas exponenciais de fervor religioso, ou de devotamento patriótico, levam à "santidade" ou ao "heroísmo"; nas épocas comuns, são capazes de todos os embustes, torpezas e maldades. Admitindo-se que a beata seja portadora de tal neurose — e a outra conclusão, em face das nuances de seu comportamento, parece difícil se chegar — é óbvio que participam da natural sintomatologia de seu estado de insanidade psíquica as encenações dos argüidos milagres.

A questão da insanidade de que julga sofrer o pe. Cícero, seu antigo médico-assistente e tradicional amigo, Dr. Fernandes Távora, é um dos problemas mais complexos e relevantes que se antolham a quantos se interessam pelo conhecimento das diversas facetas da existência daquele famoso taumaturgo. Dele tratou, a largos traços, com a maestria peculiar a todas as suas produções literárias e científicas, aquele abalizado clínico e escritor, em seu livro *Algo de Minha Vida*, (págs. 207/223, 2ª ed.). Quanto à paranóia, observa-se que costuma aparecer da casa dos 20 à dos 40 anos de idade, como doença mental, em que há autofilia, egocentrismo e ausência habitual de alucinações, permanecendo a conduta regular e a lucidez perfeita: há um verdadeiro raciocínio, firmado em bases falsas, não alucinatórias. O paranoico, elucida o prof. Hélio Gomes, faz um alto conceito de si mesmo, é vaidoso e orgulhoso, dispõe de alta capacidade, talento notável, grande força moral, dons maravilhosos, é um eugênico superior, um super-homem, vale mais que os outros. Não são raros os místicos, com idéias religiosas; outros são grandes inventores, realizam descobertas extraordinárias. O mundo vive a girar em torno dele, e não ele em torno do mundo. (*Medicina Legal*, 16ª ed., págs. 308/312.)

Acha Afrânio Peixoto, em sua clássica obra já citada, que o paranoico, vaidoso, egoísta, insuflado de todas as preten-

sões e superioridade, parece começar por ser perseguido e está "longe dos hospícios", embora se classifique como uma espécie de "louco com juízo", raciocinando certo sobre premissas erradas ou falsificadas (págs. 308/312).

O Dr. Távora, desde os tempos da meninice, vivida em Crato, paróquia então a cargo de seu tio monsenhor Antônio Fernandes, sob cuja jurisdição serviu o pe. Cícero, ali o conheceu "humilde e despreocupado da sua pessoa e dos bens terrenos e absolutamente submisso aos seus superiores hierárquicos". Depois, por força de "fortíssima ilusão, fugira inteiramente às realidades do meio em que vivia", tornando-se vítima de "sistemas delirantes interpretativos" e, sobretudo, de perseguição e de grandeza, de que eram "velada expressão os anseios de glória e poder". Enfim, sustenta o mesmo profissional: altas considerações mentais vieram naturalmente como corolários de nova personalidade: o apego pelo poder, a iniciação política, a convicção do seu prestígio etc." (pg. 211).

É de lembrar, nesse tocante, artigo escrito para o *Jornal do Comércio*, então editado nesta Capital, de autoria do proibidoso e inesquecido engenheiro João Franklin de Alencar Nogueira, que, embora incréu (como são alguns dos atuais pregoeiros da "santificação" do pe. Cícero), exaltava a personalidade deste sacerdote e equiparava, aos de Lourdes e outros centros religiosos do mundo, os pretensos milagres das hóstias ensangüentadas de Maria de Araújo.

Tratando-se de manifestação, que ia ao encontro dos "anseios de glória e de poder", o pe. Cícero apressou-se em classificá-la de "notável", "generosa e eloqüente demonstração de amizade", conforme se verifica do conteúdo deste telegrama: "Engenheiro João Nogueira. Chefe Locomoção Baturité: Fortaleza. Informado distinto amigo publicou notável artigo no *Jornal do Comércio* sobre minha pessoa e Juazeiro, apressome em agradecer tão generosa e eloqüente demonstração amizade. Outrossim: tenho a satisfação de convidá-lo a acompanhar a comitiva presidencial que visita Juazeiro, adiantando que muito prazer terei em abraçá-lo novamente aqui."

Confirma tal despacho, que o signatário do mesmo não se conservava desatento às referências encomiásticas e às mani-

festações da credence no caráter divino do fenômeno das hóstias ensangüentadas. O exame, minucioso dos diversos aspectos da questão religiosa de Juazeiro levou o pe. Dr. Helvídio Martins Maia à convicção de ser o patriarca local incapaz de enganar a gente simples que o seguia, pois, era o mesmo, antes de tudo, “um bom, um doente, um paranoico”, ao invés de um “astuto e um monstro”, como o investivaram severos críticos (pág. 12). Ainda bem que, para gaudío da história da vida de personagem de tanta evidência, não se desconhece sua “obra social notável”. (pág. 13), seu anterior “ministério apostólico” (pág. 17), seu caráter de “rebelde obsecado”, mas com responsabilidade atenuada por força do desequilíbrio psíquico (pág. 51). Quanto a essa última parte, arrima-se o autor dos *Pretensos Milagres* no parecer emitido pelo Dr. Távora, com o “caridoso” e expreso propósito de “isentar de imensa responsabilidade de moral o velho e honrado sacerdote que, na verdade, já não pode responder pelos seus atos” (*Algo de Minha Vida*, ct., pág. 212.)

Aqui ficam as presentes observações ao livro sobre os chamados milagres da terra do pe. Cícero, para cuja atenta leitura estão naturalmente convocados todos aqueles a quem possa interessar o pleno conhecimento da verdade a respeito das controvérsias que o assunto até hoje tem suscitado.

## ORIGENS DA CIDADE DE AURORA

(Achegas)

*Joaryvar Macedo*

(Vice-Pres. do Instituto Cultural do Cariri)

As origens da cidade cearense de Aurora, situada à margem esquerda do rio Salgado, revestem certo véu de nebulosidade. Nenhum historiador, ao que eu saiba, procedeu, até hoje, a um estudo de profundidade neste sentido. Tantos quantos trataram do assunto, estribaram-se na tradição e na lenda. Daí as controvérsias em seus assertos. Constatemos:

RENATO BRAGA — “As raízes de Aurora mergulham na antiga fazenda “Logradouro”, onde o cel. Francisco Xavier de Sousa, em 1837, cumprindo voto de sua mulher, D. Maria dos Santos Xavier, mandou edificar pequena capela consagrada ao Senhor Menino Deus, doando ao mesmo tempo 300 braças de terra para o seu patrimônio. Vejamos o que João Brígido escreveu sobre a fundação e o fundador de Aurora:

“A Vila de Aurora primitivamente chamou-se Venda, povoação que foi fundada por Francisco Xavier de Sousa, filho de um português que, abandonando-o ainda criança, no Aracati, foi morrer na vila de Campos de Goitacazes, um pouco antes de 1830.

Era o maior filante que o Aracati, até então, havia produzido. Pondo-se a caminho para ali, obteve toda fortuna do pai,

nato Braga, *Dicionário Geográfico e Histórico do Ceará*, Imprensa Universitária do Ceará, 1964, pp. 243-246).

ANTÔNIO MARTINS FILHO E RAIMUNDO GIRÃO — “O primeiro templo religioso de Aurora foi construído por um preto velho, chamado mestre Benedito, que teve de ir à Corte a fim de entender-se com D. Pedro II, pessoalmente. Ouviu este com todo interesse as pretensões do velho e presenteou a capela com imagens, paramentos sacros e um sino com as armas imperiais, bem como retratos a óleo do Imperador e da Imperatriz. Existem ainda hoje resquícios desses presentes. A capelinha tomou a denominação de S. Benedito, que foi assim o primeiro patrono da Paróquia de Aurora.”

.....  
“A povoação, até ser elevada a vila, chamou-se “Venda” e, primitivamente, “Xavielina”, nome dado pelo seu fundador em 1836 (Antônio Bezerra, *Algumas Origens do Ceará*, 1918, pág. 105). O nome de “Venda” vem de que, precisamente no local da Aurora Velha, existia antigamente uma taberna de comestíveis e beberagens, hospedagem de transeuntes que demandavam ou regressavam do sul do Estado. Os primeiros proprietários de “Venda” foram membros da família Xavier, descendente de Francisco Xavier de Sousa, que foi comandante da guarda nacional do Crato. Aurora Velha, que possuiu as primeiras casas do Município, permaneceu sem desenvolver-se, enquanto que a Aurora atual logrou progredir, tendo recebido o nome de Vila d’Aurora pela citada Lei de 10 de novembro de 1883, como ficou dito.” (Antônio Martins Filho e Raimundo Girão, *O Ceará*, 3ª edição, Editora Instituto do Ceará, p. 75.)

WALDERY UCHOA — “...a heróica e brava cidade de Aurora, antes chamada Venda, principiada na modéstia de uma pequena quitanda e, hoje, transformada numa *urbs* moderna...”

.....  
“Figura singular de nossa história provinciana, Benedito José dos Santos, preto velho lealdoso e valente, sentou moradia na ribeira do Salgado. Homem de iniciativa, embora que



modesto e desprovido de conhecimentos, Benedito tornou-se célebre pela viagem que empreendeu à Capital do Reino para entrevistar-se com Pedro II, Imperador do Brasil.

Com dois filhos participantes na guerra contra o Paraguai, não lhe foi difícil avistar-se com o magnânimo monarca. Expondo à família imperial o seu propósito de voltar ao Ceará e erigir uma igrejinha no lugar em que morava, conseguiu ajuda em paramentos, sino com armas do Império, retratos a óleo dos soberanos e algum dinheiro.

Regressando, com a ajuda de moradores da Ribeira, levantou a Capela, entronizando São Benedito como santo padroeiro do lugar.

Anos mais tarde, Francisco Xavier de Sousa, herdeiro de David Cardoso dos Santos, e para cumprir voto de sua mulher, D. Maria Xavier dos Santos, erige na fazenda denominada "Logradouro", nas proximidades da antiga moradia de Benedito, uma nova capela sob a invocação do Senhor Menino Deus, ainda hoje padroeiro de Aurora.

Por existir no local uma quitanda, o povo batizou a localidade de "Venda", denominação que permaneceu por muitos anos, embora lhe quizessem chamar Xavielina, em homenagem a Francisco Xavier, que edificara um pequeno sobrado, onde passara a residir e que ainda existe ao lado da Matriz paróquial." (Waldery Uchoa, *Anuário do Ceará*, 1º volume, 1953-1954, p. 41.)

Face aos textos transcritos, vê-se que é, de fato, controvertida a narrativa da origem de Aurora, sobretudo porquanto embasada apenas na tradição oral ou na lenda, às quais se refere um aurorense ilustre, Serra Azul (Francisco Leite Serra Azul), num soneto de redourado estiio e repassado de amor à terra natal:

AURORA (antiga "Venda")

À margem do Salgado instalou venda  
De comida e bebida dona Aurora,  
Que servia de oásis, rancho e tenda  
Ao viajante, acolhendo-o a qualquer hora.



Era a ribeira a que sulcava a senda  
Do Litoral ao Cariri outrora...  
Vem depois uma igreja, uma vivenda,  
Outra e mais outra e em povoação se enflora.

Não sei se o mais é tradição ou lenda:  
Sei que foi vila e que é cidade agora  
E a sua história é trágica e tremenda.

É a terra de meu berço essa que (embora  
Tivesse o nome mercantil de Venda),  
Tem hoje o nome fúlgido de Aurora.”

Há, positivamente — é ocioso afirmá-lo — sério choque nas assertivas dos historiadores, a começar pelo templo ali fundado. Para uns o primeiro foi o que erigiu o preto Benedito, para outros o que construiu o cel. Francisco Xavier de Sousa etc.

Documentos arquivais, até agora inéditos, se não dirimem a questão, trazem-nos alguma elucidação acerca da gênese de Aurora. Apresento-os a título de mera colaboração, em ordem ao esclarecimento.

A antiga Venda ou Sítio da Venda pertencia à jurisdição da Capela de São Vicente Ferrer, de Lavras da Mangabeira, que se erigiu em freguesia autônoma em 1813, desmembrando-se da do Icó. Os primeiros registros de batizado da sobre-dita Paróquia de Lavras da Mangabeira datam de dezembro de 1914; entre eles aparece de logo, e à larga, a “Venda” ou o “Sítio da Venda”.

Transcrevemos alguns:

“Aos quinze de janeiro de mil oitocentos e quinze, batizei e dei os Santos Óleos ao párvulo Raimundo, filho legítimo de Manuel Ribeiro da Costa e de Isabel Pereira, moradores no Sítio da Venda, foram Padrinhos Manuel Rodrigues da Silva por seu procurador e Ana Josefa da Conceição, de que fiz este assento.

O Vigário José Joaquim Xavier Sobreira”

(Livro de Reg. de Batiz. — Paróquia de Lavras da Mangabeira, 1814-1821, fls. 7, v. e 8).

“Ao primeiro de Dezembro de mil oitocentos e dezessete, o Reverendo Antônio Leite de Oliveira, em seu Oratório na Venda, de minha licença, batizou e pôs os Santos Óleos a José, nascido a quinze de Novembro do mesmo ano, filho legítimo de Manuel Monteiro da Silva e Ana Joaquina, naturais e moradores na Várzea dos Martins e foram Padrinhos José Duarte da Silva e sua mulher Mariana Teresa; e para constar mandei fazer este assento em que me assino.

O Coadjutor Cosme Francisco Xavier Sobreira”  
(Livro citado, fls. 86).

“Aos dezoito dias do mês de Abril de mil oitocentos e dezoito, o Reverendo Antônio Leite de Oliveira, em seu Oratório na Venda, de minha licença batizou e pôs os Santos Óleos a Maria, nascida a trinta de Março do mesmo ano, filha legítima de Manuel de Sousa e Ana de Barros, moradores na Venda, foram Padrinhos Gonçalo de Barros e Rita Maria, de que mandei fazer este assento em que assino.

O Coadjutor Cosme Francisco Xavier Sobreira”.  
(Livro citado, fls. 86, v.).

Como esses, há vários outros batizados, feitos pelo padre Antônio Leite de Oliveira, “em seu Oratório na Venda”.

Examinando documentos dessa natureza, persuadi-me, logo, do seguinte: o que se escrevera sobre a formação de Aurora, encerrava algo de lendário, de mistura com o real. Comecei, então, a estar que a predita cidade sertaneja se nucleara com o Oratório da Venda, do padre Antônio Leite de Oliveira.

Transmitindo minha opinião ao abalizado historiador padre Antônio Gomes de Araújo, respondeu-me, de imediato, com seu jeito brincalhão: “Não só foi núcleo originário, mas também germinal; o Padre tinha filhos. Vou-lhe mostrar o documento”. Dias depois, aparecia-me ele com um Livro de No-

tas (que lhe confiara a tabelioa Maria Albertina Feitosa Calópe), sugerindo copiasse eu o referido documento de suma importância para a história daquela comuna cearense. Copiei-o e para aqui o transcrevo:

“Papel de doação que faz o padre Antônio Leite de Oliveira do Sítio da Venda aos seus afilhados cujo papel vai lançado nesta Nota:

Saibam quantos este público Instrumento virem com o teor de um papel de doação que sendo no Ano do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Cristo de mil oitocentos e doze, aos quatorze dias do mês de Dezembro do dito ano, nesta Real Vila do Crato Comarca do Siará Grande em meu cartório, por parte do doador me foi requerido lançasse este papel de doação em Notas para obviar qualquer inconveniente que poderão padecer pelo tempo futuro e por o reconhecer verdadeiro e estar a mim distribuído pelo Distribuidor deste Juízo Joaquim José de Melo, o tomei e aqui o lancei e é o que se segue. Digo eu o padre Antônio Leite de Oliveira, Clérigo Secular do hábito de São Pedro, que entre os meus bens que possuo com posse mansa e pacífica há bem assim um Sítio de terras nominado Venda que há de ter pouco mais ou menos meia légua, que comprei e o tenho por preço de cem mil réis cujos vendedores foram Antônio Lopes de Andrade e sua mulher Arcângela Maria a quem logo paguei dita quantia e presenciaram esta venda e compra Domingos Dias Cardoso e José Joaquim, comprado com dinheiro adquirido pelas Ordens de Missas e estado clerical sem que entrasse na compra dele coisa alguma do casal de meus pais nem de meus irmãos, cujo Sítio extrema pela parte do sul no riachinho da Venda e descendo pelo rio Salgado abaixo até o curral queimado com terras de Miguel Álvares, da parte do Norte e do Nascente com o mesmo rio Salgado e do poente com terras da Canabraba, o qual sítio assim extremado e como constará de sua escritura a mim passada e por ser verdadeira e legitimamente meu e não haver sobre ele embargo, nem dúvida e nem outra alguma coisa que de embargo servir possa, faço doação deste mesmo sítio aos meus afilhados Antônio Lima de Mendonça, Venceslau Patrício, Ana

Rakel (ou Rabel), Antônia, Maria Luíza, filhos de Dona Josefa Leonor da Encarnação, para terem cada um igual posse e domínio como seu que é e fica sendo de hoje para todo sempre, pois que esta doação faço de minha livre vontade sem dolo, coloio ou coação alguma, é minha vontade que ditos meus afilhados fiquem de hoje em diante possuindo dita terra como sua que é e fica sendo para o que demito de mim todo o domínio e posse que nela tenho e transiro nas pessoas dos doados e só quero dos senhores Juizes de Órfãos que enquanto ditos doados forem menores olhem para esta doação e deferdam para não ser extraviado ou vendido e quero que esta doação valha como se fosse Escritura pública, testamento (ilegível) ou última vontade e se faltar alguma ou algumas cláusulas aqui as hei por expressas e declaradas para inteira validade desta doação, que sendo necessário a tomo na terça de meus bens, pois quero que os doados tenham este título justo e válido com que possam provar em todo o tempo o domínio deste sítio doado e ter por ele a posse em que desejo os hei por investidos e gozando dela. Rogo as Justiças de Sua Alteza Real aprovem esta doação e façam ter todo o vigor, que esta é a minha intenção. Escritura por mim feita no Sítio da Venda aos doze de Novembro de mil oitocentos e onze e de minha letra assinada, presentes partes testemunhas Manuel Antônio de Freitas, Miguel Álvares e Felisberto Pereira de Sousa, o Padre Antônio Leite de Oliveira. Como testemunha Manuel Antônio de Freitas. Como testemunha Miguel Álvares dos Anjos. Como testemunha Felisberto Pereira de Sousa. Reconheço e dou fé ser a letra do papel de doação e de assinatura supra do próprio punho do Padre Antônio Leite de Oliveira por já a ter visto escrever. Real Va. do Crato, quatorze de Dezembro de mil oitocentos e doze, escrevi e assinei de meus sinais seguintes. Em fé e testemunho da verdade. O Tabelião Público Manuel do Nascimento Castro e Silva, estavam os meus sinais públicos e (ilegível) de que uso. Nada mais digo. Pagou de Selo oitenta réis. O Escrivão do (ilegível) pelo do selo. Castro, Sobreira. E nada mais se continha em dito papel de doação que eu sobredito Tabelião que bem e fielmente trasladei do próprio no qual me reporto e fica na verdade sem

cousa que dúvida faça de que dou fé. Conferido e consertado comigo próprio escrito e assinado nesta dita Real Vila do Crato em dia e Em. nt. retro. escrevi e assinei. Em fé e testemunho da verdade. Com prop. Tblm. po.

*Manuel do Nascimento Castro e Silva*"

(Livro 11 de Notas, 1812-1813, fls. 114, v. a 116 v. — Cartório de Maria Albertina Feitosa Calíope, Crato-Ceará).

Face a documentos apodíticos conclui-se entre outros fatos:

As raízes de Aurora mergulham no Oratório do Sítio da Venda, do padre Antônio Leite de Oliveira, que já o houvera por compra ao casal Antônio Lopes de Andrade e Arcângela Maria.

É excrescência lembrar que o nome de Venda é muito anterior à chegada ali do cel. Francisco Xavier de Sousa.

Historicamente, o fundador do núcleo urbano foi o padre Antônio Leite de Oliveira. Os outros — Benedito e Xavier — co-fundadores. O Padre, o pioneiro; os outros, continuadores e consolidadores. Na verdade, "plantador da árvore é quem lança a semente, que germina, embora outrem lhe acompanhe o crescimento, o desabrochar das flores e o desatar dos frutos".

NOTA: O padre Antônio Leite de Oliveira foi proprietário, também, de "uma sorte de terras no Riacho do Jenipapeiro", que vendeu a Francisco Lopes de Brito, aos 6 de agosto de 1818, por trinta mil réis. (Livro de Notas, Lavras da Mangabeira, 1818-1821, fls. 10, v. e seguintes — Arquivo Público do Estado do Ceará).

Lógico, outrossim, que a capela de São Benedito é anterior à do Menino Deus. A denominação, ainda hoje em voga, "Aurora Velha", hodiernamente bairro de Aurora, vem, precisamente, do fato de que só depois surgiu a atual parte central da cidade, também, por muito tempo, chamada "Aurora Nova".

Saliente-se: o povoado, propriamente dito, em 1859, integravam-no a capela de São Benedito e as casas adjacentes, ou seja, a "Aurora Velha". É o que se deduz da obra de Re-

nato Braga — *História da Comissão Científica de Exploração*. A parte final do supradito livro constitui-se dos “Desenhos e Aquarelas de José dos Reis Carvalho”, entre os quais se encontra a aquarela da Aurora de então (capela, cruzeiro, prédios, carnaubal, árvores), com a seguinte legenda: “São Benedito na Venda-grande, distante de Lavras 5 léguas; é Povoação. Esta capela tem sido edificada com as esmolos que pôde granjear um homem de cor chamado Benedito”.

Construindo um templo, Benedito precedera a Xavier na ereção do seu.

### CONEXOS:

O padre Antônio Leite de Oliveira exerceu as funções sacerdotais na Paróquia de Missão Velha. Consoante o Livro de Casamentos da inculcada freguesia, de 1773 a 1810, assina ele os registros como pró-pároco, de maio até novembro de 1805; como pároco interino, de novembro de 1805 até agosto de 1808; e como vigário, de agosto de 1808 até novembro de 1809. Antes fora vigário interino do Crato, posto que ocupava em 1800. (Cf. *Itaytera*, Crato-Ce., nº 11, 1967, p. 16.)

Segundo se viu, doou ele o Sítio da Venda a seus cinco “afilhados”, todos filhos de uma única mulher — Josefa Leonor da Encarnação.

Naquelas recuadas eras os sacerdotes, na quase totalidade, viviam maritalmente, fato por demais sabido e referido por escritores e historiados. Passemos a palavra a um deles, Nertan Macedo:

“Assim era no tempo: os vaqueiros pastoreavam o gado, os fazendeiros pastoreavam o povo e os padres pastoreavam as almas. Tempo em que os reverendos do sertão tinham teúdas e manteúdas, com prole numerosa, e os ricos eram sepultados na capela-mor do Crato “grades acima”, enquanto os pobres eram enterrados no adro “grades abaixo”. A mancebia dos vigários, todavia, não diminuiu a fé do povo em Nosso Senhor Jesus Cristo.

A ordenação dos padres era feita em Olinda, viagem das mais penosas. A autoridade diocesana se achava a dezenas

de léguas e não podia controlar as paixões dos clérigos distantes. Daí a fornicação dos párocos, quase todos vivendo maritalmente, o que de maneira alguma constrangia a pregação terrificante dos frades missionários, atemorizando o sertão com cascos, rabos e espetos de demônios. Dessa forma, para ordenar alguém, naquele tempo, a Igreja exigia um patrimônio canônico, garantidor do padre na hipótese de indigência. Na verdade os vigários da época eram simples instrumentos de cerimônia e administração de sacramentos, coletores sagrados e notários eclesiásticos.

Alguns deles foram filhos de outros sacerdotes. Nesta hipótese está incluído o senador Alencar, nascido dos amores de D. Bárbara (de cujo marido, José Gonçalves dos Santos, eram sabidas as omissões conjugais), com o segundo colado do Crato, o reverendo Miguel Carlos da Silva Saldanha, também revolucionário de 17.

No seu testamento, feito em nome da Santíssima Trindade, “em que eu, Miguel Carlos da Silva Saldanha, firmemente creio e em cuja fé protesto viver e morrer” — deixou o padre quatrocentos mil réis para as obras da Matriz do Crato, vinte e cinco mil réis para o azeite da lâmpada do Santíssimo Sacramento e igual quantia para os pobres de porta que acompanhassem o seu enterro. Todavia, legou a sua fortuna aos filhos de D. Ana Josefina de Alencar, filha do falecido Leonel Pereira de Alencar (irmão de D. Bárbara) e que eram José, Leonel, Ana e Tristão. Essa mesma D. Josefina faria vida conjugal com o primo, o senador e padre Alencar. O padre Miguel Carlos deixou tudo, pois, aos seus netos, entre eles José de Alencar, romancista e ministro do Império.

O padre Pedro Antunes de Alencar Rodvalho foi outro reverendo chefe de clã numeroso naqueles sertões. O mesmo aconteceu com o terceiro e último colado do Crato, o reverendo Manuel Joaquim Aires do Nascimento, patriarca dos Aires do Cariri. Outro notório patriarca era o reverendo Joaquim Ferreira Lima Verde, de quem descende a família Lima Verde. E também o padre José Gonçalves da Costa, deputado provincial e pai de muitos filhos. Este último raptou a filha



de outro reverendo, o padre Manuel da Silva e Sousa, professor público.

O único de quem não se conheceu mancebia foi o primeiro colado, o padre Manuel Teixeira de Moraes.

Tal era a situação, quando chegou ao Ceará o seu primeiro bispo, D. Luiz Antônio dos Santos. O santo homem, ao ser empossado, logo ficou sabendo que, dos trinta e três reverendos da Diocese, vinte e um eram chefes de família. E, a um que havia simulado matrimônio, em que o seu próprio sacristão servira de procurador, chamou à sua presença, instando com ele a abandonar a concubina. O vigário concordou, após um retiro obrigatório de quinze dias, a que se submeteu. Mas contam que, à saída do palácio, com ar de súplica, se voltou para o severo D. Luiz, perguntando-lhe, aflito: "Senhor Bispo, mas nem uma vezinha *pro salute?*" (Nertan Macedo, *O Padre e a Beata*, Editora Leitura, Rio de Janeiro, 1961, pp. 43-44).

*NOTA: A propósito dos "amores de D. Bárbara" com o vigário Miguel Carlos, leia-se o que se escreveu em Itaytera — Crato, nº 11, 1967, pp. 7-16.*

Ressalte-se que era praxe fazerem doações aqueles reverendos concubinários a seus rebentos, aos quais, nos testamentos, chamavam-lhes "filhos", "afilhados" ou "protegidos".

O nono vigário — colado — de Lavras da Mangabeira, padre Luís Antônio Marques da Silva Guimarães, por exemplo, declarou em testamento: "...tive, por minha fragilidade, depois de clérigo, cinco filhos nascidos de Maria Joaquina do Espírito Santo, mulher solteira, os quais filhos são Luís, José, Joaquina, Francisca e Maria..." (Testamento do padre Luís Antônio Marques da Silva Guimarães, anexo aos Autos de seu Inventário — 1863 — Arquivo Público do Estado do Ceará — acervo de Lavras da Mangabeira).

Já o padre Manuel Antônio Martins de Jesus, que, além de ganhão, foi protetor de cangaceiros, e cujas peripécias ainda hoje se narram no sul cearense, afirmou, em seu testamento, que criava cinco meninos: Manuel Antônio Martins de



Jesus, Antônio Angelitino Martins de Jesus, Maria Angelitina Martins de Jesus, Rita Angelitina Martins de Jesus e Ana A. Martins de Jesus, filhos de Joaquina Maria de Jesus, “a qual tem estado alguns anos sob minha proteção”, instituindo aos cinco e mais a um nascituro “seus herdeiros universais”. (Testamento do padre Manuel Antônio Martins de Jesus — Missão Velha — 1890, 1º Cartório, de Maria Augusta Jácome.)

*NOTA: Rita Angelitina Martins de Jesus, conhecida por Ritinha Fidélis (Fidélis do sobrenome do marido), ainda vive (1974) com oitenta e tantos anos, na cidade de Barbalha.*

A lógica nos leva à ilação de que os “afilhados” do padre Antônio Leite de Oliveira, o fundador de Aurora, não são senão seus filhos. E é muito provável ser ele o tronco dos Leites daquela zona.

Os Leites, aliás, constituem a maior família de Aurora, onde se diz procederem eles de um sacerdote, conquanto haja também a versão de que advêm de um “marinheiro português”. São coisas, entretanto, que precisam ser perquiridas através de documentação autêntica.

2º) Francisco Xavier de Sousa, co-fundador de Aurora, morreu em 1847. Eis-lhe, na íntegra, o registro de óbito que o vigário não assinou:

“Aos dezenove dias do mês de julho de mil oitocentos e quarenta e sete faleceu da vida presente o Comandante Superior Francisco Xavier de Sousa, branco, casado com Dona Maria Xavier de Sousa, idade cinquenta anos e foi sepultado nesta Matriz aos vinte dias do mesmo mês de grades acima, encomendado solenemente pelo Reverendo Vigário José Maria Freire de Brito, e para constar mandei fazer este assento em que assinei”. (Livro de Reg. de Óbitos, Paróquia de Missão Velha, 1822-1851, fls. 273.)

O cel. Francisco Xavier de Sousa com sua mulher, Maria Xavier de Sousa, formam o tronco da estirpe dos Xavier do Ceará meridional e sertão pernambucano, ramificados nos Xa-

vier Pinto, Gonçalves Pinto, Martins Xavier, Saraiva Xavier, Cardoso de Alencar, Xavier Quezado, Grangeiro Xavier, Xavier de Santana e outros e outros, numerando-se, entre seus descendentes, vultos de destaque, quais, por exemplo, Dr. Acilon Gonçalves Pinto, médico e deputado à Assembléia Estadual Cearense; Anastácio Gonçalves Pinto e Antônio Gonçalves Pinto (Tonheta), ambos ex-prefeitos de Aurora; Dr. Mozart Cardoso de Alencar, clínico, poeta e chefe da municipalidade juazeirense; Dr. José Cardoso de Alencar, causídico; Dr. Odílio Cardoso de Alencar, advogado e autor do romance *Recordações da Comarca*; cel. Raimundo Cardoso dos Santos, ex-chefe político de Porteiras; Antônio Cardoso dos Santos, antigo Juiz de Brejo Santo; Aristarco Cardoso dos Santos, ex-gestor do município brejosantense; Dr. Antônio Saraiva Xavier, médico; Dr. Francisco Saraiva Xavier, formado pela Faculdade de Medicina da Bahia e ex-deputado à Assembléia do Ceará; Dr. Luciano Santana Machado, economista e representante, no Nordeste, do Banco Bozzano Simonsen de Investimento; Dra. Maria Helena Santana, odontóloga.

*NOTA: Aos 23 de novembro de 1853 ("na cidade do Crato, em oratório privado, em casa do capitão José Joaquim de Macedo"), Maria Xavier de Sousa, viúva do cel. Francisco Xavier de Sousa, convolou a segundas núpcias com o trisavô do autor destas notas, o capitão José Joaquim de Macedo, então viúvo de Rosa Perpétua do Sacramento (minha trisavó). (Livro de Reg. de Cas., Paróquia de Nossa Senhora da Penha do Crato, 1851-1855, fls. 86.)*

39) Conforme ficou expresso, os Leites constituem a linhagem mais numerosa de Aurora. E, provavelmente, a mais antiga. A eles entrelaçaram-se descendentes do cel. Xavier de Sousa (inclusive os Quezados), bem como os Gonçalves Ferreira e os Macedos. Estes últimos, ali chegados, oriundos de Missão Velha, no quartel final do século passado. Tal tem sido o cruzamento que se pode asseverar possuir Aurora uma só família. Houve, porém, quem, em certa época, compuzesse esta quadra com as principais dali:

*Nunca vi Leite valente,  
Nem Gonçalves com coragem,  
Nem Quezado pagar o que deve,  
Nem Macedo sem pabulagem.*

NOTAS: a) Vinculo-me a três dessas famílias: à Macedo, por via paterna, e à Leite e Gonçalves, por via materna; b) Isso de atribuir, por vezes injustamente, determinadas características a grupos familiares, é velho costume popular. Ao assunto reportou-se o sociólogo Gilberto Freyre: “Algumas famílias no Norte e em Minas, principalmente, são conhecidas pelo acentuado gosto de luta por elas conservado como uma espécie de fogo sagrado, através de gerações. Famílias de valentões. A outras se atribui — nem sempre com justiça, é claro — inteligência fraca: aos Machados, em Alagoas, aos Lins, em Pernambuco. Ainda a outros, a sovínice tradicional; ou esperteza em negócios; ou glotoneria. Aos Siqueiras se atribui no Norte fraqueza de vontade: ‘Siqueira, para onde se queira’, diz a voz do povo. A mesma fraqueza é atribuída aos Albuquerque, isto é, aos homens da família, em contraste com as mulheres, consideradas de vontade excessivamente forte. Principalmente quando esposas”. (Gilberto Freyre, Casa-Grande & Senzala, 1º Tomo, 11ª Edição Brasileira, Livraria José Olympio Editora, Rio de Janeiro, 1964, p. 385.)

OBSERVAÇÃO: Encontrava-se já datilografado este artigo quando tive de consultar, com outra finalidade, um trabalho do padre Antônio Gomes de Araújo. Lendo-o, verifiquei que o referido historiador se antecipou à minha assertiva segundo a qual Aurora se nucleara no Oratório do padre Antônio Leite de Oliveira. Eis o que escreveu: “E a iniciativa do padre Pedro Ribeiro da Silva evoca a sentença de Antônio Bezerra, *op. cit.*, segundo a qual as povoações do Ceará, particularmente deste Cariri, originaram-se ao redor de capelas ou casas-de-oração. Em verdade, bastam lembradas as cidades de Barbalha, Aurora e Porteiras. A primeira nasceu junto à capela mandada edificar e erigir pelo capitão Francisco de Magalhães Barreto e Sá, no Sítio Barbalha, de sua propriedade. As duas

últimas surgiram ao pé das casas-de-oração, depois substituídas por capelas, das fazendas "Venda" e "Porteiras", respectivamente, dos padres Antônio Leite de Oliveira e Valério Gomes de Castro, aquele ex-vigário interino de Crato, e este, ex-vigário encomendado do Icó." (Padre Antônio Gomes de Araújo, padre Pedro Ribeiro da Silva, o fundador e primeiro capelão de Juazeiro do Norte, em *Itaytera*, Crato-Ce., nº 4, p. 7.)

## CINQUENTENÁRIO DA IGREJA DO ROSÁRIO DA CIDADE DE BARBALHA

*Lyrio Callou*

(Discurso pronunciado no interior da Igreja do Rosário, em Barbalha, a 18-2-1968, no dia do cinquentenário).

Não hesitaram os promotores das festividades deste templo, que tem a invocação sublime de N.S. do Rosário, em comemorar o seu cinquentenário com esta belíssima festa, cujas solenidades nos deslumbram e nos alegam. Uma só cousa, porém, se há de estranhar: é que hajam escolhido para dono da palavra a quem lhe faltam prerrogativas para tão elevados desígnios. Já o grande orador sacro Vieira, falando sobre S. Inácio de Loiola, dizia que o melhor retrato de cada um é aquilo que escreve; o corpo se retrata com o pincel, a alma com a pena. Ficará, assim, muito mal retratado quem, com respeito, vos dirige a palavra.

Distinta assistência:

Andaram muito acertados os barbalhenses, quando, num gesto resoluto e franco, se congregaram para não consentir que o cinquentenário desta Igreja passasse despercebido. Bastou um apelo do responsável pelos feitos desta Paróquia

para que o atendimento fosse total e absoluto. Uma idéia boa, um sentimento profundo, dormita sempre no subconsciente das almas privilegiadas e a virtude da solidariedade humana constitui a tônica das comemorações do cinquentenário deste Templo. Observamos que vivemos numa época de exaltação de espírito, de angústia de tempo, de inquietação dos povos, enfim, mas aparece sempre o milagre do lenitivo, surge sempre um farol indicando um norte, um medicamento para esses casos de *stress*, um porto seguro para ferrar o barco. Apesar desse clima tumultuado de todos os dias, paralelamente surge uma forma pacífica que remove e neutraliza efeitos. Assim é que uma coorte de damas da cidade, possuída dos requisitos necessários, se movimentou para equacionar o problema, tendo à frente o Vigário da Freguesia, o operoso pe. Eusébio de Oliveira Lima, e a devotada e incansável Maria Alacoque Sampaio. Vale confessar que não faltaram tampouco ajudas dos filhos de Barbalha que residem em outros pontos do País; foram solícitos ao nosso apelo e generosos no atendimento. Convém assinalar ainda que dois grandes melhoramentos já haviam sido feitos anteriormente: a reforma da sacristia, com a construção do primeiro andar e o magnífico piso da capela-mor, generosa oferta de Martinho de Luna Alencar. É de justiça também fazer-se menção da perfeitíssima imagem de N. S. do Rosário, que encanta e deslumbra os nossos altares, carinhosa oferta de D. Cosminha Sampaio, a quem Deus conferiu a ventura de viver cem anos. Para as comemorações do cinquentenário, foram feitos o assentamento geral do piso, a limpeza externa e pintura do interior da Igreja. Apresta-se, assim, o Templo, dignamente ornado, para a memorável comemoração do seu cinquentenário. E para solenizar todas as festividades e para maior encanto desta noite de fé e de santas alegrias, aqui se encontra S. Excia. D. Vicente de Araújo Matos, M.D. Bispo da Diocese do Crato, que veio emprestar excepcional brilho a estas solenidades e proporcionar maior júbilo aos diletos filhos desta cidade. Este nosso justo respeito e esta nossa grande admiração devidos ao governador espiritual da Diocese são extensivos ao digno secretário da Cúria Diocesana, monsenhor Raimundo Augusto, ao pe. Murilo de

Sá Barreto, Vigário do Juazeiro do Norte, aos demais padres da região e às pessoas gradas que vieram com as suas presenças enaltecer a festa de N.S. do Rosário.

#### Distinta assistência:

Quero agora me reportar à primitiva idéia de ser erigida esta Igreja com a invocação de N.S. do Rosário e, num continuado exame, informar sobre a marcha da construção e por fim prestar justa homenagem aos pioneiros de tão louvável iniciativa. A idéia da construção data de mais de cem anos. Nasceu entre homens de cor, gente simples e piedosa, congregada, mais tarde, na Irmandade de N.S. do Rosário. Esta idéia ficou vivendo apenas na mente dos modestos homens do povo e só pelos idos de 1860 é que se concretizou com a escavação dos alicerces, os quais foram soterrados pelos sucessivos invernos. Com a extinção do elemento servil e conseqüente dispersão dos pretos, ficou novamente esquecida a idéia, surgindo, mais tarde, abraçada pelo espírito empreendedor e esclarecido do Vigário da Paróquia, pe. João Francisco da Costa Nogueira, que, também como os outros, não pôde prosseguir. Ficou, então, a construção parada durante sete anos. Coube ao pe. Manoel Cândido dos Santos, Vigário da Paróquia, a iniciativa da construção, com o lançamento da pedra fundamental, em junho de 1892. O cinqüentenário do dogma da Imaculada Conceição, miraculosa e divina inspiração de Pio IX, preciosa pérola do Papado Romano, foi a aurora refulgente da nova fase da construção. Em 1906, quando as paredes estavam em condição de receber o teto, não resistindo à forte invernada, desabou a colunata central, que formava a nave do templo. Reencetada a construção, em 1907, deixa, então, a Paróquia o pe. Manoel Cândido, ficando a igreja coberta do lado do Sul, mas ainda sem torre.

Novas energias irrompem, ainda, despertadas pelo cinqüentenário do dogma da Imaculada, e então duas nobres e destacadas figuras colaboram com entusiasmo: Antônio Correa Sampaio Filgueiras e José de Sá Barreto Sampaio. É de justiça tecer um hino de louvor e de reconhecimento a estes dois

espíritos privilegiados que trabalharam denodada e desinteressadamente até que nova vicissitude — o movimento armado de 1914 — fizesse parar os trabalhos. Só em 1918 retornam à construção os invictos e beneméritos batalhadores — José de Sá Barreto Sampaio e Antônio Correa Sampaio Filgueiras, que prosseguem sem tréguas até à bênção da Igreja, cujo cinquentenário hoje comemoramos festivamente. E esta solenidade que nos encanta e nos anima, nesta hora de muitas alegrias — *mutatis mutandis* — é uma repetição do que aconteceu há meio século, neste mesmo dia. Para um perfeito confronto com esta festa que maravilhosamente se desenha aos nossos olhares, ousamos, em traços gerais, narrar como aconteceram as solenidades da bênção inaugural de cinquenta anos atrás. O Exmo. Sr. Bispo Diocesano, D. Quintino Rodrigues de Oliveira e Silva, que prometera assistir à solenidade, chegara de véspera, em companhia do seu Secretário, pe. Juviano Barreto e clérigos Almeida Pita e Emídio Lemos, já se encontrando os padres Alboino Pequeno, Dr. Manoel Macedo, Manoel Queiroz, Horácio Teixeira, José Ferreira e Raimundo Nonato Pita. Já ao raiar da aurora do grande dia, com ansiedade esperado, era grande o alvoroço e desusado o movimento de nossa população que se deslocava para a Praça do Rosário, ao espocar de fogos e repicar festivo dos sinos. Às 8 horas da manhã, o Exmo. Sr. Bispo, acompanhado do clero, Irmandades do S. Sacramento e de N.S. do Rosário, autoridades locais e grande massa popular, saíam da Matriz aos sons da Banda de Música para o novo Templo. Ao chegarem, o Exmo. Sr. Bispo parou na fachada da Igreja, cujas portas conservavam-se fechadas, e, em frente à porta principal, cantou os salmos do ritual apropriados ao ato; prosseguindo, aspergindo água benta, em todas as portas, retorna à fachada principal, onde então se abrem as portas. Penetrando solenemente no Templo, S. Excia., seguido do clero, indo ajoelhar-se ao altar, aspergindo sempre água benta, benze nesta ocasião a imagem da Virgem do Rosário. Ato contínuo, celebra a primeira missa, assistida pelos reverendos padres. Às 10 horas, começou a solenidade de uma missa cantada, oficiada pelo Vigário da Freguesia, pe. Antônio Jatahy de Sousa, aco-



litada pelos padres Joviniano Barreto e Alboino Pequeno. Ao Evangelho, pregou o pe. Macedo, que desenvolveu com muita eloquência o tema "Quem constrói uma igreja faz obra de religião e patriotismo". Às 18 horas, *Te Deum* solene em ação de graças, oficiado pelo Exmo. Sr. Bispo, com assistência do clero. Às 19 horas, recitação do primeiro terço pelo pe. Macedo, que prende e domina o auditório, exaltando a prática da oração do Rosário. No dia 3, missa solene pelo pe. Macedo, acolitada pelos padres José Ferreira e Horácio Teixeira, pregando o Evangelho o pe. Alboino. Ainda no terceiro dia, missa cantada pelo pe. Queiroz, acolitada pelo pe. Nonato Pita e diácono Almeida Pinto. Ocupou a tribuna o pe. Macedo. Não podendo comparecer à Igreja do Rosário, devido à chuva torrencial que caía, D. Quintino deu a bênção do S. Sacramento na Matriz de Sto. Antônio, encerrando, desta maneira, a bênção da Igreja do Rosário.

O *Boletim Arquidiocesano*, à pág. 431, traz o seguinte registro: "A bênção se deu em dois de fevereiro. No interior notam-se obras de acentuada perfeição artística. O altar-mor é a melhor obra de talhe que conhecemos no Ceará. Consignamos aqui, com a nossa admiração, os nomes de Manoel Roque, de Santana do Cariri; mestre José de Freitas, Luiz Gomes e João Tijubina, desconhecidos, mas finos obreiros, de cujas mãos saíram aqueles mimos de arte nacional em madeira. A igreja, na situação atual, custou cem contos de réis, o que é um atestado eloquente da fé religiosa do povo barbalhense." Depois de haver perlustrado o documentário dos contextos e haurido o que ainda resta da documentação oral sobre a origem deste templo, julgamos ser dever nosso enaltecer as maravilhas de prodígios que envolvem o título Rosário, altamente honorífico de Nossa Senhora, sob cuja invocação nasceu esta igreja.

A origem do Rosário data do século XII. Foi S. Domingos que divulgou a sua devoção por vontade expressa de Maria, em uma de suas aparições ao fundador dos dominicanos. Conta-se que os monges leigos que não liam o breviário eram obrigados a certo número de orações e à medida que recitavam estas orações, em geral, o Padre-Nosso e Ave-Maria, mar-

cavam com pequenas sementes, dispostas em forma de coroa; daí o nome de coroa espiritual ou Rosário de Maria. Atribui-se a Santa Brígida o fato de haver juntado à recitação do Rosário o Credo e os Padre-Nossos que antecedem às dezenas de Ave-Marias. A meditação dos mistérios é atribuídas a S. Domingos. Estes três mistérios — Da Encarnação — da Redenção e da Ressurreição — representam o fundamento da nossa fé onde repousa toda a doutrina católica, toda a teologia ascética.

Por inspiração de Maria, foi que S. Domingos fez do Rosário a arma poderosa para combater a heresia dos albigenses. Heresíarcas escudados em falsos raciocínios procuravam desvirtuar as verdades eternas que são irreversíveis e que nem a pátina do tempo consegue apagar. Vieira, em um dos seus sermões sobre o Rosário, diz: “Na oração menos perfeita fala o homem com Deus, na perfeita e perfeitíssima fala o homem com Deus e Deus com o homem. O Rosário compõem-se de oração vocal e mental; vocal nas orações que reza, mental nos mistérios que medita: enquanto rezamos, falamos com Deus; enquanto meditamos fala Deus conosco.”

Os sumos pontífices atestam que “pelo Rosário desce todos os dias uma chuva de bênçãos sobre os cristãos”.

Momento muito feliz, hora significativa e muito grata aos nossos corações esta que vivemos agora, a exaltar a figura do santo prelado e a dos dignos sacerdotes consubstanciados na fé e miraculados nos exemplos edificantes de bem servir ao próximo e de bem louvar a Deus. Comemoramos nesta cidade e festejamos de uma só vez, com muita alegria, duas grandes festas, ambas unidas, ambas inseparáveis pela sua finalidade: uma mais da terra do que do céu, representada por estas solenidades, por esta apoteose, por este encantamento com que traduzimos o fervor das nossas almas e o entusiasmo dos nossos corações; a outra mais do céu do que da terra, porque deste templo, há meio século, se evolva para a morada suprema de Deus o milagre da transubstanciação, a mudança da substância pão e vinho na substância corpo e sangue de Cristo. Assim, um profundo sentimento de gratidão e de amor nos faz volver as vistas para a Virgem Santíssima,

cuja imagem de rara perfeição e de raro esplendor dignifica os nossos altares. Salve Virgem mediadora universal da graça! Recordemos que, há quase dois mil anos, a mãe amantíssima de Jesus, na companhia do seu casto esposo, deixava o sossego amado de Betânia e, em penosa peregrinação de Nazaré a Belém, buscava a cidade predestinada, conduzindo no ventre a glória do Universo, a redenção dos povos, para que se cumprissem as profecias de Miquéias de que o Salvador do Mundo sairia de Belém. Já vinte séculos tombaram e, nesta hora, sob aclamação delirante dos católicos, contemplamos a Imagem de N. S. do Rosário sustentando nos braços o seu amantíssimo filho. *Oh! Pulcritudo semper antiqua et semper nova!*

## **GENEALOGIA DA FAMÍLIA CRUZ NEVES**

*Jurandir T. Neves e Napoleão Tavares Neves*

MANUEL BARROS E SOUSA casou com Joana Fagundes, de Pambu, Bahia. Fixaram-se em Missão Velha (Ce.) e deixaram os seguintes filhos: a) Beatriz da Silveira, casada com o ten.-cel. Luiz Furtado Leite e Almeida, tronco dos Furtado, de Milagres, Mauriti e Missão velha; b) Isabel da Silveira, casada com o português Antônio Pereira Lima. São os pais de Francisco Pereira Lima, casado com Francisca Teodora da Conceição, filha do alferes Gonçalo Coelho Sampaio e Lourença Barbosa de Melo. Gonçalo Coelho Sampaio era filho de Bernardo Gomes Sampaio e Francisca Coelho da Silveira, ascendentes dos Correia, Coelho, Sampaio e Filgueiras Sampaio. Em 1763, Francisco Pereira Sampaio e Francisca Teodora da Conceição eram os donos do sítio "Brejo da Barbosa", atual cidade de Brejo Santo; c) Joana Fagundes da Silveira, casada com o sargento-mor Manuel da Cruz Neves (português).

MANUEL DA CRUZ NEVES e JOANA FAGUNDES DA SILVEIRA deixaram os seguintes filhos: 01 Isabel da Cruz Neves, casada com o capitão Domingos Paz Landim, tronco da família Cruz, de Barbalha. Uma filha deste casal, chamada Joaquina Cruz Landim, casou com Francisco da Silva Belém, ascendente da família Belém. 02 Eufrásia da Cruz Neves, casada em Icó(Ce.) no dia 2-5-1798, com Ildefonso Bandeira

de Melo, filho do sargento-mor José Pereira Bandeira de Melo e Rosa Maria Acioly. 03 Marcelino da Cruz Neves, casado em Missão Velha, no dia 3-1-1773, com Maria da Conceição, filha do alferes Caetano Gonçalves de Sousa e Cosma Carneiro do Espírito Santo.

04 ANTÔNIO DA CRUZ NEVES (tenente Cruz) casou duas vezes. A primeira, em Missão Velha, no dia 26-2-1770, com Maria Vieira de Jesus, filha do alferes Bento de Sousa Meireles e Antônia de Jesus, neta materna de Bernardo Gomes Sampaio e Francisca Coelho da Silveira, ambos sergipanos. A segunda vez, casou o tenente Cruz no dia 1-1-1800, com Francisca Maria de Jesus, também neta de Bernardo Gomes Sampaio e Francisca Coelho da Silveira. — NOTA: Francisca Maria de Jesus era filha de Antônio Correia Sampaio e Maria Lourenço Coutinho. Antônio Correia Sampaio era irmão de Francisco da Silva Belém, tronco da família Belém (p. 1, nº 1).

ANTÔNIO DA CRUZ NEVES (tenente Cruz) e MARIA VIEIRA DE JESUS, sua primeira esposa, tiveram os seguintes filhos: 01 Jacinta da Cruz Neves, casada com o comandante Santana, ascendente do Dr. Juvêncio Santana, ex-Juiz de Direito de Juazeiro do Norte. 02 Antônia da Cruz Neves, ascendente de Vicente Pereira, Tabelião em Juazeiro do Norte, e da família Vieira, de Jamacaru. 03 Isabel da Cruz Neves (Bila), casada com Manuel Tavares de Quental, irmã de Totônia, segunda esposa do major Chiquinho, Bila foi a primeira sogra do major Chiquinho. 04 Quitéria da Cruz Neves, casada com Manuel de Sá Araújo. São os avós de Ana Clara (Iaiázinha), esposa de Ancilon de Alencar Barros. Manuel de Sá Araújo casou, em segundas núpcias, com Cândida, irmã de Tonico.

05 ANTÔNIO DA CRUZ NEVES JÚNIOR (Tonico), casado com JACINTA XAVIER DA SILVEIRA filha de João Pereira de Carvalho (de Jeremoaba-Ba) e de Francisca Xavier da Silveira. Residiram em Jardim-Ce. Jacinta, esposa de Tonico, era irmã das esposas de Luiz Pereira de Alencar, Leonel de Alencar, João Gonçalves (filho de Bárbara de Alencar) e de Antônio

Pereira de Carvalho. Antônio Pereira de Carvalho era casado com Inácia, irmã de Bárbara de Alencar.

05 ANTÔNIO DA CRUZ NEVES JÚNIOR e JACINTA XAVIER DA SILVEIRA tiveram os seguintes filhos: 05.1 Joaquim da Cruz Neves (Senhorzinho), casado com Nininha. Não deixou filhos. 05.2 Cândida, segunda esposa de Manuel de Sá Araújo (p. 2.004). 05.3 Mariquinha, casada com Luiz Pereira de Alencar Júnior. São os avós de Ancilon de Alencar Barros, casado com Ana Clara (Iaiazinha), neta de Quitéria (p. 2, nº 004). 05.4 Manuel da Cruz Rosa Carvalho, casado com Barbinha, filha de João Gonçalves e Luíza Xavier da Silveira, progenitores da família Roriz, de Jardim, e Carvalho, de Crato. Barbinha era, portanto, neta de Bárbara de Alencar. 05.5 Amâncio da Cruz Neves, casado com Adelina, filha única da primeira esposa do major Chiquinho. São os ascendentes de Edmundo de Sá Sampaio, sogro de Dr. Napoleão Tavares Neves, médico em Barbalha. 05.6 Antônio da Cruz Neves Neto (Toinho do Ouro Preto), casado com Jacinta (Dondom), filha de João Gonçalves e Luíza Xavier da Silveira. São os ascendentes de D. Adalva, esposa de José Couto, de Jardim. 05.7 Nininha, casado com Francisco Tavares de Quental (cel. Quental), filho de Francisco Alves de Quental e Maria Antônia de Jesus Tavares.

OBS.: Francisco Alves de Quental e Maria Antônia de Jesus Tavares, tiveram, além de Totônia, que casou com o major Chiquinho, os seguintes filhos: a) Teresa (Tetê), esposa de Felipe Teles de Mendonça, ascendentes de Filemon Teles, Dr. Joaquim Teles, gen. Raimundo Teles Pinheiro e João Teles Pinheiro, de Crato, Barbalha etc.; b) Ana Tavares de Quental (Naná), esposa de André Gonçalves Dantas Rothéa, tronco dos Cartaxo Dantas, de Mauriti; c) Francisco Tavares Quental, casado com Nininha (p. 3, nº 05.7). São os ascendentes da família Quental, de Missão Velha; d) Francisca, casada com José Dantas, ascendentes da família Neves, de Porteiras e Jamacaru; e) Billa (Isabel); f) João; g) Maria (Mariquinha), que se casou com o cel. Manuel de Jesus da Conceição Cunha, de Milagres.

05.8 FRANCISCO DA CRUZ NEVES (major Chiquinho), casado com ANTÔNIA TAVARES DE QUENTAL (Totônia), filha de Francisco Alves de Quental (de Goiana-Pe.) e Maria Antônia de Jesus Tavares (de Missão Velha-Ce.). SUCESSÃO: I - Antônia, solteira; II - Josefina, primeira esposa de Juvenal Pereira; III - Francisca, segunda esposa de Juvenal Pereira; IV - Jacinta, casada com Tonheiro, primo do pe. Cícero; V - Porcina, casada com Afonso Quental, filho do cel. Quental (p. 3); VI - Olímpio, casado com Generosa Dantas Rothéa, filha de José Dantas (p. 3, nº 05.7. d); VII - Israel, solteiro; VIII - Honório, casado com Bárbara de Sá Roriz, neta de Manuel da Cruz Rosa Carvalho (p. 2, nº 05.4); IX - Maria da Soledade, casada com Antônio Cassiano Pereira, dos Pereira, do Pajeú-Pe.; X - NAPOLEÃO FRANCO DA CRUZ NEVES, casado, em primeiras núpcias, com Ana Cassiano Pereira, irmã de Antônio Cassiano Pereira, esposo de Maria da Soledade. Em segundas núpcias Napoleão Franco casou, no dia 18 de fevereiro de 1898, com ANA PEREIRA DE SÁ, sexta filha de José Pereira da Silva; em suas segundas núpcias com Constância Pereira de Sá. Ana Pereira de Sá, após o casamento, passou a se chamar ANA PEREIRA NEVES (Donana). Napoleão Franco da Cruz Neves nasceu em Jardim-Ce., no dia 17 de dezembro de 1857 e Donana, na fazenda "Carnaúba", perto de Serra Talhada-Pe., no dia 28-1-1870. FILHOS: 1) Antônio Franco Neves, agricultor, residente em Jardim. Casado com Ana Roriz, filha do conhecido rábula Otoni de Sá Roriz, descendente de Manuel da Cruz Rosa Carvalho (p. 2, nº 005.4); 2) Constância, casada com Luiz Ayres de Alencar (falecido). Tiveram 7 filhos; 3) Antônia (Tosinha), casada com Alberto de Barros Luz (Senhor da Luz), ambos falecidos. Deixaram 5 filhos; 4) Joaquim, agricultor em Porteiras-Ce., e pecuarista em Jati-Ce., casado com Maria Tavares, filha do cel. Manuel Tavares Rosendo. Tem 9 filhos; 5) Maria (Maricas), casada com seu primo José Cassiano Pereira Neves (Zé de Ioiô), filho de Antônio Cassiano e Maria da Soledade. Tiveram apenas uma filha; 6) Francisca (Santinha), casada com Aristides Aires de Alencar, agricultor em Jardim. Tiveram uma única filha, Zita; 7) Manuel, Bacharel em Direito e Cirurgião-Dentista, servidor da Justiça Federal em Fortaleza,

casado com Maria Ceilde Novais, filha do sr. Urias Novais. Tiveram 3 filhos; 8) Beatriz, solteira, professora em Jardim; 9) José, agricultor em Jardim, duas vezes Prefeito em sua cidade, casado com Cremilda Soares Sampaio, filha do cel. Teodomiro Sampaio. Tiveram 5 filhos; 10) Raimunda (lailá), casada com o farmacêutico Aristides Ancilon Aires de Alencar, filho do primeiro matrimônio de Luiz Aires de Alencar. Luiz Aires casou a segunda vez com Constância (p. 4, nº 2). lailá e Aristides tiveram 7 filhos.

SUCESSÃO: 1) Antônio Franco Neves, casado com Ana Roriz, não teve filhos; 2) Constância Neves Pereira Ayres e Luiz Ayres de Alencar (falecido), tiveram 7 filhos; a) Ana Valdez Neves Ayres de Alencar, solteira, professora, formada em Direito e Filosofia pela Universidade de S. Paulo, atualmente residindo em Brasília, onde é Orientadora de Pesquisa do Senado Federal; b) Napoleão Neves Ayres de Alencar, agricultor em Jardim, casado com Julieta Sampaio, filha do cel. Teodomiro Sampaio. Tem 7 filhos: Luiz, Teodomiro, Napoleão, Marcelo, Inês, Humberto e Julieta; c) Raimundo Neves Ayres de Alencar, solteiro, bacharel em Direito pela Universidade de São Paulo, atualmente advogando no interior de Mato Grosso; d) Giovani Neves Ayres de Alencar, cirurgião-dentista pela Universidade de São Paulo, onde reside, casado com Altair Ayres de Alencar. Tem uma única filha, Maria Cecília; e) Maria Neves Ayres Sampaio, casada com Romão Soares Sampaio, médico em Jardim, falecido, filho do cel. Teodomiro Sampaio. Tiveram 7 filhos: Luiz, Margarida, Julieta, Teodomiro, Juarez, Constância e Romão Filho. Todos estudantes em Brasília; f) Luiz Neves Ayres de Alencar, médico, Diretor do Hospital de Apiaí, S. Paulo, casado com Roscicler Norões Coelho, de Barbalha. Tem 4 filhos: Luiz, Vânia, Rosana e Raul; g) Paulo Neves Ayres de Alencar, solteiro, residindo em S. Paulo.

Além dos 7 filhos supra citados, Constância ajudou a criar e educar 8 enteados, filhos do primeiro matrimônio de Luiz Ayres de Alencar: Ancilon Hamilton Ayres de Alencar, casado com Luízinha Gondim, securitário aposentado, em S. Paulo; Aristides Ancilon Ayres de Alencar, casado com Raimunda



(Iaiá), irmã de Constância (p. 5, nº 10); Juarez Ayres de Alencar, casado com Inês Almada, bacharel em Direito, Procurador da Justiça Militar em S. Paulo, orador, escritor, poeta e caudilho de renome na Paulicéia; Marcondes Ancilon Ayres de Alencar, casado com Maria Efigênia, da sociedade de Camocim-Ce., bacharel em Direito, Juiz do Trabalho em Guarulhos-S. Paulo; Moacir Ancilon Ayres de Alencar, casado, engenheiro-agrônomo em S. Paulo; Ana Lígia Ayres, solteira, professora em Jardim; Gualterina Ayres de Alencar (Teté), professora aposentada em S. Paulo; Nilce Ayres Araújo, viúva de Delfino Araújo, de Boa Viagem-Ce. Constância criou, também, como filho e educou o sobrinho afim Raimundo Rômulo Ayres Montenegro, competente engenheiro-civil, diretor-técnico da EMPREC (Empreendimentos de Engenharia Civil Ltda.), em Juazeiro do Norte.

3) ANTÔNIA PEREIRA NEVES (Tosinha), casada com Alberto de Barros Luz (ambos falecidos). Deixaram 5 filhos: a) Adelzira Neves da Luz, solteira, professora em Jardim; b) João Neves da Luz, agricultor em Jardim. Viúvo de Cléa Ancilon de Alencar Pereira. Filhos: Alberto, José, João, Clécio, Antônio, Humberto, Fernando, Ana Clara, Napoleão e Vanda Maria, todos estudantes; c) Napoleão Neves da Luz, médico em Jardim, onde é chefe do Posto de Saúde e diretor-proprietário da Casa de Saúde e Maternidade Santo Antônio. Poeta e orador de largos recursos. Casado com Maria Sampaio Neves da Luz. Não tem filhos; d) Teresinha Neves da Luz, professora em Barbalha, casada com Gervásio Soares Sampaio, filho do cel. Teodomiro Sampaio. Tem 10 filhos: Maria do Carmo, José Alberto, Gervásio, Cristina, João, Teodomiro, Mônica, Teresinha, Julieta e Romão; e) Maria do Socorro Neves da Luz, professora, casada com José Luna Alencar, agricultor em Santana do Cariri-Ce. Tem duas filhas: Ana Raquel e Débora.

4) Joaquim Pereira Neves, quarto filho de Napoleão Franco da Cruz Neves e Ana Pereira Neves, casou com Maria Tavares Neves. Reside em Porteiras. O casal teve 9 filhos: a) Napoleão Tavares Neves, médico, residente em Barbalha, chefe do Posto de Saúde, Diretor do Hospital e Maternidade

S. Vicente de Paulo, de Barbalha, além de Chefe do Posto de Assistência Médica do INPS, em Juazeiro do Norte. É membro do Instituto Cultural do Cariri, Cadeira de Ciências, e professor do Ginásio Santo Antônio, de Barbalha. Casado com Maria do Socorro Sampaio Neves, sobrinha de Maria Sampaio Neves da Luz (p. 6, nº 3-c) e filha de Edmundo de Sá Sampaio (p. 3, nº 005.5). Tem 3 filhas: Jácia, Miria e Raissa; b) Antônio Neves, agricultor em Jardim, casado com Maria Célia Neves, sua prima, filha de Aristides Ancilon Ayres de Alencar e Raimunda Neves (Iaiá), (p. 5, nº 10). Tem 10 filhos: Antônio, Aristides, Ana Maria, Samuel, Sílvia, Sandra, Germano, Jucélia, Maria Célia e Ana Lígia. Todos estudantes; c) Jurandir Tavares Neves, Cirurgião-Dentista em Crato, onde tem moderna clínica odontológica. Casado com Maria Anchieta da Cruz Neves. Tem 4 filhos: Joaquim Neto, Francisco Carlos, Maria Soraya e Maria Jussara; d) José Ney Neves, agricultor e pecuarista em Porteiras e Jati-Ce.; e) Ranilson Tavares Neves, Cirurgião-Dentista em Brejo Santo. Casado com Altamira Torres Neves. Tem 2 filhos: Ranilson Júnior e Gláucia; f) Manuel Tavares Neves, falecido; g) Manuel Tavares Neves, engenheiro-civil em Recife, casado com Iris Martins Porto Neves, da sociedade de Recife; h) Maria Ranilda Neves, solteira, professora em Porteiras-Ce.; i) Ana Romilda Neves, solteira, professora em Porteiras-Ce.

5) MARIA PEREIRA NEVES (Maricas), casada com José Cassiano Pereira Neves (p. 4, nº 5). Ambos falecidos. Deixaram uma única filha: Ledite, professora, casada com José Cruz Sampaio Filho. O casal tem uma única filha, Analeda.

6) FRANCISCA PEREIRA NEVES (Santinha), falecida. Foi a primeira esposa de Aristides Ayres de Alencar (p. 4, nº 6). Santinha deixou uma única filha, Zita Neves Ayres de Brito, professora em Fortaleza, funcionária do DNOCS, casada com José Macário de Brito, engenheiro-agrônomo, de cujo consórcio nasceram 8 filhos: Francisca Eufrásia, Marcos, Sérgio, Tânia, Maria Dídia, Maria Teresa, Caelina e Francisco José.

7) MANUEL FRANCO NEVES, casado com Maria Ceilde Novais Neves (p. 4, nº 7). Filhos: a) Joaquim Napoleão No-

vais Neves, médico urologista, em Fortaleza, casado com Solange Nogueira. Tem um único filho: Leonardo; b) Antônio José Novais Neves, arquiteto, atualmente em Londres; c) Ana Maria Novais Neves, universitária em Fortaleza.

8) JOSÉ FRANCO NEVES, casado com Cremilda Sampaio Neves. Tem 5 filhos: Rita de Cássia, funcionária da Universidade Federal do Ceará; Ângela, professora em Jardim; José Franco Filho, estudante; Ana Julieta e Teodomiro Neto.

9) RAIMUNDA NEVES AYRES, casada com Aristides Ancillon Ayres de Alencar (p. 6, nº 2 e p. 5, nº 10). Tiveram 7 filhos: a) Maria Célia, professora, casada com Antônio Neves (p. 7, nº 4b); b) Luiz Ayres de Alencar Neto, solteiro, universitário em Vitória, Espírito Santo; c) Maria Lucele, solteira, professora e acadêmica de Filosofia em Brasília; d) Maria Lucília, solteira, professora, doutora em Filosofia, com estágio de 2 anos nos Estados Unidos, atualmente lecionando na Universidade de Brasília; e) Ana Lúcia, professora, acadêmica de Filosofia em Vitória-ES, casada com seu primo José Tasso Ayres de Alencar, médico-veterinário, Chefe do Serviço de Malária do Espírito Santo. Tem 3 filhos: Ana Caelina, Tasso Júnior e Vanessa; f) Marta Maria, solteira, professora e acadêmica de Filosofia em Brasília; g) Márcia Maria, solteira, professora e vestibulanda de Filosofia.

#### *Observações complementares:*

— Em 1776 residia no sítio "Coité", Mauriti-Ce., o ten.-cel. Luiz Furtado Leite e Almeida, casado com Beatriz da Silveira (de Pambu-Ba.). São os ascendentes dos Furtado, de Mauriti, Milagres e Missão Velha, bem como do reitor Martins Filho. (Ver p. 1, letra a.)

— Francisco Alves de Quental (p. 3, nº 005.8) era filho dos portugueses José Dias de Quental e Ana Joaquina de Jesus.

— André Gonçalves Dantas Rothéa (p. 3, nº 005.7b) era filho do capitão-mor João Dantas Rothéa e Mariana Gonçalves Dantas, ambos portugueses.

— André Gonçalves Dantas Rothéa, casado com Ana Tavares de Quental (p. 3, nº 005.7b) era o pai do capitão Miguel

Gonçalves Dantas de Quental (capitão Miguelzinho), casado com Ana Cordulina Cartaxo Dantas. São os fundadores de Mauriti-Ce.

— Ana Cordulina nasceu em Cajazeiras-PB. Era filha do português Joaquim Antônio do Couto Cartaxo e Ana Josefa de Jesus.

— Ana Josefa de Jesus era filha de Serafim Gomes de Albuquerque e Joana Lins de Albuquerque.

— Uma filha do capitão Miguelzinho e Ana Cordulina, de nome Maria Carolina, casou com o cel. Augusto Leite de Araújo Lima, tronco dos Furtado Leite, Martins de Moraes e Araújo Lima, de Mauriti.

— Maria Antônia de Jesus Tavares, esposa de Francisco Alves de Quental (p. 3, nº 005.8), era filha de João Tavares Muniz e Francisca Maria de Jesus.

— João Tavares Muniz era filho de Francisco Tavares Muniz, de importante família de Goiana-PE, e Rosa Pereira da Cunha.

— Rosa Pereira da Cunha era filha de Antônio Pereira da Cunha e Inês Platena de Sá.

— Antônio Pereira da Cunha era filho do português Braz Pereira Dantas e Ventura da Cunha.

— Jacinta, esposa de Tonico (p. 2, nº 005), filha de Francisca Xavier da Silveira e João Pereira de Carvalho, era irmã de: a) Joaquim Pereira de Carvalho, casado na família Alencar. Ascendente de Otacílio Pereira de Carvalho, de Exu; b) Antônio Pereira de Carvalho, casado com Inácia, irmã de Bárbara de Alencar; c) Maria Xavier da Silva (ou Silveira?) casada com Leonel Pereira de Alencar, irmão de Bárbara de Alencar; d) Donana, casada com Luiz Pereira de Alencar (velho), irmão de Bárbara de Alencar.

— Luiz Pereira de Alencar e Donana tiveram os seguintes filhos: a) Luiz Pereira de Alencar Jr., casado com Mariquinha, filha de Tonico (p. 2, nº 005.3); b) Gualter Pereira de Alencar, Barão de Exu, casado com Jacinta, filha de Tonico. Jacinta era, portanto, irmã de Joaquim da Cruz Neves, Cândida, Mariquinha, Manuel da Cruz Rosa Carvalho, Amâncio, Toinho do Ouro Preto, Nininha e major Chiquinho (p. 2, nº 005).

— Luiz Pereira de Alencar Júnior e Mariquinha são os ascendentes de Luiz Ayres de Alencar (p. 4, nº 2 e p. 5, nº 2).

— Ancilon de Alencar Barros e Ana Clara (Iaiazinha) (p. 2, nº 004), tiveram vários filhos, dentre os quais podemos enumerar: a) Francisco Ancilon, casado com Lili Barreto Gondim. São os pais do Dr. José Ancilon, Dr. Juvêncio Ancilon (ambos médicos, residentes na Bahia), de Casemiro e Anita. Anita é esposa do Dr. Cavalcanti, médico em Fortaleza; b) Dr. Luiz Ancilon de Alencar Barros, médico, escritor e professor em S. Paulo; c) Adelina, residente em Salgueiro-PE.; d) Ceci Ancilon de Alencar Pereira, casada com José Leite Pereira, atualmente residindo em Fortaleza. Ceci e José Leite tiveram os seguintes filhos: 1) Cléa (falecida). Era casada com João Neves da Luz, agricultor em Jardim (ver p. 6, nº 3-b); 2) Clemilda, casada com Macário de Brito Monteiro, residente em Crato. Tem 5 filhos: Fábila, Carlos Virgílio, Jaqueline, Fernanda e Maria Cléa; 3) Clécio, falecido; 4) Cleide, solteira, bibliotecária da Faculdade de Medicina da Universidade Federal do Ceará, professora universitária; 5) Cleomenes, coronel do Exército, casado com Marly Moraes. Tem 1 filho: Tales Moraes Pereira; 6) Cecil, capitão do Exército, casado com Rosélia. Tem 3 filhos: David, Maria Teresa e Cecil Antônio. OBS.: Cecil e Cleomenes são também engenheiros-civis. 6) Cleanto, cirurgião-dentista, casado com Conceição Fonteles. Reside em Fortaleza; 7) José Leite Pereira Filho, capitão de fragata, casado com Sônia Cascão. Tem 2 filhos: Maurício José e Gustavo.

— Aristides Ayres de Alencar (p. 7, nº 6) casou a segunda vez com Edith Cardoso de Alencar, filha do conhecido advogado barbalhense Manuel Florêncio de Alencar. Deste consórcio teve os seguintes filhos: José Tasso Ayres, casado com Ana Lúcia Neves (p. 8, nº 9-e); Selma Ayres, casada com Dr. Manuel Ayres de Alencar Aquino, seu primo, residente em Crato, engenheiro do DNOCS; Nilton Ayres Alencar, casado com Cleide, sua prima (filha de Ovídio Cardoso de Alencar); Marconi, formado em Direito, casado com Ernestina; Teresinha, casada com Odivaldo Honor de Brito, reside em Crato; Seila e Maria Angélica, ambas solteiras.

## **EM TORNO DA “CASA DO UMBUZEIRO”**

*Pe. Antônio Teodósio Nunes*

Sócio efetivo do Instituto Genealógico Brasileiro,  
São Paulo; Sócio do Instituto Cultural do Cariri.

A história da “Casa do Umbuzeiro” começa quando, nos primeiros anos do século dezoito, emigraram para o Ceará os filhos do alferes Antônio Bezerra do Vale e de d. Maria Alves de Medeiros.

Foram eles:

JOÃO BEZERRA DO VALE, casado com D. Ana Gonçalves Vieira, filha do cel. Francisco Alves Feitosa, dos Inhamuns, e de D. Catarina Cardoso da Rocha Resende Macrina.

ANA MARIA BEZERRA, casada com o ten.-cel. Bernardo Duarte Pinheiro, português, natural da freguesia de Santa Eulália de Passos, do Bispado do Porto, radicado às margens do Riacho do Machado, ribeira do Rio Salgado, sesmeiro em 1717, juntamente com seu irmão Agostinho Duarte Pinheiro. A descendência do casal povoa os municípios de Lavras e Várzea Alegre.

DOMINGOS ALVES DE MEDEIROS, casado com D. Maria da Ressurreição Silveira, filha do português José da Silveira e de D. Leonor Pereira do Canto

Pe. JOSÉ BEZERRA DO VALE, construtor da “Casa do Umbuzeiro”, assim chamada porque os construtores da mesma, vindos de Pernambuco, a convite do padre, armaram suas tendas de trabalho debaixo de um grande umbuzeiro existente ali, dando nome ao futuro sítio dos Umbuzeiros, a três quilômetros da atual cidade de Aiuaba, nos Inhamuns.

Domingos Alves de Medeiros e o pe. José Bezerra do Vale são os personagens mais controvertidos na origem da Casa do Umbuzeiro. Em torno deles, juntamente com as índias Micaela Jorge e Páscoa Ferreira, cristalizou-se uma variedade tal de opiniões e tradições, que se tornou extremamente difícil, para nós, atingir o núcleo da verdade histórica. Ainda bem próximo dos acontecimentos, já campeava dúvida e confusão em torno do assunto, por parte mesmo dos descendentes da Casa do Umbuzeiro. O que se escreveu até agora sobre o assunto, está consubstanciado na seguinte bibliografia: *O Passado no Presente*, de Pedro Tenente, 1939, Fortaleza, p. 16. *Tratado Genealógico da Família Feitosa*, de Leonardo Feitosa, Tip. Paulina, 1951, p. 15; *A Prole Ilustre de Uma Casa Tradicional*, Leonardo Feitosa, no jornal *A Razão*, de 26-3-1929, Fortaleza; *O Morgado da Casa do Umbuzeiro*, A. Gomes de Freitas, *Unitário*, 11-6-1967; *Inhamuns (Terra e Homens)*, Antônio Gomes de Freitas, 1972, Fortaleza; *Projeção da Descendência da Índia Micaela*, A. Gomes de Freitas, *O Povo*, 16-12-1972. Nas linhas que seguem, trataremos de apresentar algumas razões e documentos que nos parecem trazer mais luz sobre o assunto.

## 1. DOMINGOS ALVES DE MEDEIROS

Com referência à prole dos irmãos Bezerra do Vale, a tradição exclui Domingos Alves de Medeiros, considerado sem sucessão, a não ser por algumas vozes isoladas, como, por exemplo, o pe. Pedro Leão Paes de Andrade, que foi Vigário de Maria Pereira (Mombaça). Ele sustentava que o cap. José Alves de Medeiros, fundador da casa de São Nicolau, era filho de Domingos Alves de Medeiros. Igualmente, D. Maria Castellina de Andrade, em notas prestadas ao pesquisador Leonardo Feitosa, transmitira a mesma informação. Pedro Tenente, no

entanto, não sabia em que o reverendo se apegava para esta afirmação. Mas, quem estava certo era o pe. Pedro. Talvez tenha tido oportunidade de ver o documento que vamos transcrever:

#### *Documento A*

“Aos dezacete dias do mes de Dezembro de mil sette centos e quarenta e hum no Citio do Posso Redondo destrito desta freguezia de Nossa Senhora da Expectação da nova villa do Icó, baptizou de licença do Reverendo Cura e Vigário da vara Diogo Freire de Magalhanis o Reverendo José Bezerra da Costa a Jovita filha de Domingas escrava de Domingos Alveres de Medeyros e não lhe pos os Santos oleos foy Padrinho José Alveres filho do dito e Leonarda Maria Bezerra filha do Sargento Mayor João Bezerra do Vale freguezes desta freguezia de que fiz este acento com auzencia do Reverendo Cura e Vigario da Vara e por ser verdade me assigney Gonçallo Coelho de Lemos substitu'õ do R. Cura do Icó”. (Livro de Casamentos e Batizados do Icó, 1729-1777, fls. 91 verso, na Cúria de Iguatu).

NOTAS: O sítio “Posso Redondo” fica a meia distância da cidade de Aiuaba, na estrada que segue para Arneirós. — Leonarda Maria Bezerra é prima de José Alveres. Conhecida, mais tarde, por Leonarda Bezerra do Vale. Ainda hoje a família conserva a tradição deste nome. — O padrinho da criança é José Alvares e filho de Domingos Alvares de Medeiros. Cai por terra a tradição de que Domingos não teve descendência. Há um outro José Alvares na família. Mas, seu verdadeiro nome é José Alvares Ferreira. Este, sim, provavelmente filho do pe. José Bezerra do Vale e da índia Páscoa Ferreira. Seu nome completo aparece no casamento de Teresa Alves Bezerra, sua filha, registrado no Livro de Casamentos de Arneirós, anos de 1801 a 1835, fls. 35.



## 2. MICAELA JORGE

Segundo o registro de casamento de Domingos Francisco de Góis, em boa hora divulgado pelo ilustre pesquisador conterrâneo Antônio Gomes de Freitas, . . . Domingos Francisco de Góis, natural da freguezia de Santo Antônio do Urubu, filho de Antônio Francisco de Araújo, natural de Sergipe, e sua mulher Joana do Ó, natural do Rio S. Francisco, casou com Josefa Alves de Medeiros, filha legítima de José Alves de Medeiros e sua mulher Suzana Pereira da Silva, sendo ela Josefa, "*neta paterna natural de Micaela Jorge, natural da Missão do Jucá*". (Casamento realizado a 26-7-1762, na capela de N. Sra. da Glória. Livro nº 17, Paróquia de S. Mateus, fls. 64 e verso. Iguatu. Este documento será citado como *Documento B.*)

*Deduções:* José Alves de Medeiros é filho de Domingos Alves de Medeiros (cf. 1, Documento A.) e da índia Micaela Jorge (Documento B). Logo, Micaela viveu em união livre foi com Domingos Alves de Medeiros e não com o pe. José Bezerra do Vale, como se chegou a pensar, quando se supunha que o cap. José Alves de Medeiros fosse filho deste.

## 3. PE. JOSÉ BEZERRA DO VALE

Em notas particulares, o conhecido pesquisador Leonardo Feitosa refere o seguinte: "O ajudante Domingos Alves de Góis era casado com Josefa, filha de Clara e esta filha do pe. José Bezerra do Vale."

A este respeito, vamos referir um documento que confirma, indiretamente, esta afirmação e reforça, mais ainda, as conclusões anteriores. Ei-lo:

### *Documento C*

"Aos doze dias do mes de Dezembro de mil settecentos e oytenta e sette annos nesta Matriz Igreja de Nossa Senhora da Paz de Arneyrós, sendo presentes por testemunhas o Coronel Manoel Ferreira Ferros, o Tenente Coronel Eufrazio Alves

Feytoza e outras pessoas que presentes se achavão em minha presença Revalidarão o sacramento do matrimonio por nova dispensa do Reverendo vizitador Bernardino Vieira Lemos da qual em meu poder se achão a sentença, Domingos Alves de Gois, filho de Domingos Francisco de Gois e de sua mulher Josefa Alves de Medeyros e Josefa Alves Bezerra, filha de Felis Izidoro de Azevedo, já defunto, e de sua mulher Clara Alves de Medeyros, naturais os nubentes desta Freguezia e nella moradores, e não receberão as benções por já as terem recebido, sendo dispensados no quarto grau de sanguinidade atingente ao terceyro de que fiz este asento, e me assigney. Franco. X.er Cabral Cura de Arneyrós." (Casamentos de Arneirós, 1786-1801, fls. 24 verso a 25, na Cúria de Iguatu).

NOTAS: Josefa Alves de Medeiros, *mãe do noivo*, é filha do cap. José Alves de Medeiros e D. Suzana Pereira da Silva (2, Doc. B.); Clara Alves de Medeiros, *mãe da noiva*, é filha do pe. José Bezerra do Vale e da índia Páscoa Ferreira, conforme tradição, que veremos confirmada adiante. O parentesco indicado no texto do Documento C — o *quarto grau de consangüinidade atingente ao terceiro* — significa, em linguagem jurídica eclesiástica, o seguinte: Um dos nubentes tem um bisavô (ou bisavó) irmão de um avô (ou avó) do outro.

A maneira de computar os graus de consangüinidade, pelo direito canônico, é bastante simples:

1º) Na linha colateral igual, são tantos os graus, quantas as pessoas, até chegar ao tronco comum, sem contar com ele. Por exemplo:

CLAUDIO — 1) Ana; 2) Jacó; 3) Maria — 1) Tito; 2) Teresa; 3) Júlio — 3º grau lateral igual.

2º) Na linha colateral desigual, são tantos os graus quantas as pessoas, partindo da mais distante do tronco, sem contar com este. Por exemplo:

VICENTE — 1) Flávio; 2) Ana; 3) César; 4) Cláudio — 1) Lúcio; 2) Pedro; 3) Célia — 4º grau lateral atingente ao terceiro.

Isso configura o parentesco existente entre Domingos Alves de Góis e Josefa Alves Bezerra, conforme o texto do Do-

cumento C. Se colocarmos o capitão José Alves de Medeiros como filho do pe. José Bezerra do Vale, segundo certa corrente de tradição, não teremos o parentesco referido (4º grau atingente ao 3º), mas teremos, ao invés, *terceiro* grau atingente ao *segundo*. Vejamos:

PE. JOSÉ BEZERRA DO VALE — 1) José Alves de Medeiros; 2) Josefa Alves de Medeiros; 3) Domingos Alves de Góis; — 1) Clara Alves de Medeiros; 2) Josefa Alves Bezerra.

Mas, se colocarmos o cap. José Alves de Medeiros como filho de Domingos Alves de Medeiros, então teremos exatamente o parentesco referido no texto, do qual nada permite afastar-nos. Vejamos:

ANTÔNIO BEZERRA DO VALE — 1) Domingos Alves de Medeiros; 2) José Alves de Medeiros; 3) Josefa Alves de Medeiros; 4) Domingos Alves de Góis — 1) Pe. José Bezerra do Vale; 2) Clara Alves de Medeiros; 3) Josefa Alves Bezerra — 4º grau atingente ao 3º.

Somente a disposição supra dos personagens corresponde à declaração do texto original que refere o parentesco dos nubentes. Todas estas posições se baseiam em textos e documentos originais. Apenas a filiação de Clara Alves de Medeiros se firmava em tradição, mas agora se vê confirmada, indiretamente, pelos dados que acabamos de expor.

Diante destes fatores, só resta uma alternativa: aceitar a conclusão ou sobrepor-lhe documentos mais completos que provem outra cousa, o que não é fácil, por se tratar de fontes primárias, de cujo teor não podemos fugir, para uma conclusão diferente.

#### 4. VOLTANDO A MICAELA

Consta que o cap. José Alves de Medeiros, em vista da posição social a que chegou, conseguiu casar sua mãe Micaela Jorge com João Rocha, do qual ainda teve um filho de nome Pedro. O documento que parece apoiar esta versão está num assentamento de batizado existente na Cúria de Iguatu, e que tem o teor seguinte:

“Aos onze do mes de Setembro de mil setecentos cincoenta e cinco na capella de Nossa Senhora da Conceyção da Ypoeira Ribeyra do Acaracu baptizei sem os sanctos oleos pelos não haver a Pedro filho de João da Rocha e Michaela de tal, Indios da nação Jucá donde sou actual Missionario, foi Padrinho João... escravo que foi do capm. Mayor José de Araujo... e Joana de Matos escrava do dito capm. M..... este assento em que me assigney..... dia e hora ut..... (Pelos registros posteriores vê-se a assinatura: José Bezerra da Costa). Livro I de Casamentos, Batizados e Óbitos da Missão do Jucá.

Depois de uma rápida análise, vê-se que o documento não tem muita força de aplicação no caso, pelas razões seguintes: Parece pouco provável:

1º) Que o cap. José Alves de Medeiros fosse retirar sua mãe da companhia de seu pai para fazê-la conviver com um índio, em situação de provável desconforto, quando já era acostumada ao estilo senhorial da Casa-Grande; 2º) Que Micaela Jorge fosse oferecer seu filho, irmão do famoso cap. José Alves de Medeiros, a um casal de escravos, para serem padrinhos; 3º) Que João Rocha, promovido, casado com Micaela Jorge, mãe do notável Capitão, na hora de um batizado, registrasse o nome da esposa simplesmente como Micaela de tal.

## 5. PROVÁVEIS PISTAS PARA O CASO

Em notas deixadas pelo pesquisador Leonardo Feitosa, encontra-se o seguinte:

### “Terra do Retiro”

“A terra do Retiro foi de Micaela (1 légua) cabocla casada que foi com Manoel da Silva Soares. Esta terra extrema ao lado de cima com Barra dos Macacos e em baixo com Poço ou Lagoa dos Cabaços.

Manoel Joaquim Leitão e Antônio Soares Leitão eram netos da índia Micaela Jorge dos Santos, casada que foi com Manoel da Silva Soares. O 1º com meia légua de cima (Lagoa

Redonda) e o 2º com meia légua de baixo, que é de Baixa Grande e Chapadinha. Os dois irmãos extremavam-se na "Passagem da Casa Velha". O inventário da índia Micaela está no 1º Cartório de Tauá."

Estas notas oferecem uma pista mais provável para o casamento de Micaela. Infelizmente, não encontramos o inventário de Micaela, no acervo referente a Tauá, no Arquivo Público em Fortaleza.

Manoel da Silva Soares foi sesmeiro, desbravador, contemplado com uma sesmaria em 27-6-1717, juntamente com Francisco Velho, alegando que descobriram o riacho Mucuí, que nasce do norte e faz barra no Jaguaribe, nos Inhamuns e confronta com o sítio de Francisco Mena Barreto. Outra lhe foi concedida a 14-1-1722, por trás da sua data no riacho Mucuí, por trás do boqueirão dos Arneirós, no riacho do Saco que deságua no riacho Condadu. Duas léguas de comprido, pegando do Poço da Pedra para baixo e uma para cima.

Manoel Joaquim Leitão e Antônio Soares Leitão, netos de Manoel e Micaela, eram filhos de Antônio José Leitão e Inês da Silva Soares, inventariada em 1805. Filha deste último casal era uma das esposas de Bernardino Gomes de Andrade (Bernardino Gordo, da Batateira, no Crato), de nome Ana Francisca de Sena.

Bernardino herdou terras ali no Condadu e ali nasceu seu filho, o conhecido professor público de Missão Velha, Bernardino Gomes de Araújo, filho de outro casamento de seu pai com Josefa de Araújo Pereira, filha de João de Araújo Pereira e Ana Vieira da Conceição, tetravós de quem escreve estas linhas.

Manoel da Silva Soares, em 1768, figurava no rol de pessoas que se confessaram e comungaram na freguesia de N. Sra. da Paz de Arneirós, sob a regência interina do pe. José Bezerra da Costa. Encontra-se ali, juntamente com sua mulher Bibiana Lopes, certamente já em segundo matrimônio.

Somos de opinião que, algum tempo depois do casamento de Domingos Alves de Medeiros, em 1738, ele e seu filho, o cap. José Alves de Medeiros, tenham conseguido casamento para sua Micaela Jorge, com Manoel da Silva Soares, sem

fazê-la descer a uma condição social inferior. Não podemos garantir que assim tenha sido. Mas, há indícios leves, porém convergentes.

*Conclusões finais:*

1) Domingos Alves de Medeiros deixou ilustre e numerosa descendência; 2) Domingos Alves de Medeiros e a índia Micaela Jorge são os pais do cap. José Alves de Medeiros; 3) A descendência do pe. José Bezerra do Vale não provém de Micaela Jorge e sim de Páscoa Ferreira; 4) Há mais probabilidade de que Micaela Jorge seja aquela que casou com Manoel da Silva Soares; 5) Toda a descendência de Domingos Alves de Góis procede de Domingos Alves de Medeiros e de Micaela Jorge e, em grau mais próximo, descende também do pe. José Bezerra do Vale e de Páscoa Ferreira.

## ESCOLA DE EDUCAÇÃO ARTÍSTICA HEITOR VILLA LOBOS

*Iva Gonçalves*

### I — JUSTA HOMENAGEM

“O nome da orquestra mantida por aquela Escola é uma justa e merecida homenagem ao saudoso padre David Moreira, um dos mais cultos sacerdotes do nosso Clero, falecido há pouco tempo, quer como professor de Ciências em geral, quer como professor de Música e emérito compositor.

A Sociedade Lírica do Belmonte espera contar com o apoio de todos os cratenses e principalmente dos ex-alunos do padre David, deste e dos outros Estados vizinhos, para o maior êxito da campanha.”

*Huberto Cabral* (extraído do jornal *A Ação*).

### II — CIRCULAR

A Orquestra Pe. David A. Moreira, formada por alunos da Escola de Educação Artística Heitor Villa Lobos, mantida pela Sociedade Lírica do Belmonte, que plasma a mais de sete anos o ensino gratuito de música aos infanto-juvenis da nossa cidade, a pequena-grande cidade do Crato, querida por todos, quer filhos da terra, quer radicados, e que muito se interessam em conservar a já famosa tradição de cidade sócio-cultural, através dos seus dirigentes e colaboradores, apela para V.

Sia. no sentido de ajudar a manter viva esta centelha cultural em nossa terra, tornando-se sócio contribuinte da referida Instituição.

Pe. Agio Augusto Moreira, Diretor-Superintendente; Mons. Francisco Holanda Montenegro, membro do Conselho de Educação; Prof. José Hermínio Rebouças, Delegado Regional do Ensino; Prof. João Teófilo Pierre, Secretário de Educação e Saúde do Município; Prof. Paulo Tasso Teixeira, Diretor do Colégio Madre Ana Couto; Pe. Gonçalo Farias Filho, Diretor da Rádio Educadora; Prof. José do Vale Feitosa; Pe. João Bosco Esmeraldo Cartaxo; Prof. Geraldo Lemos; Profa. Maria Sílvia Sobreira; Profa. Nair Silva; Maria Adília de Lima Costa (Irmã Costa).

### III — DADOS HISTÓRICOS

A idéia surgiu com a vinda da Orquestra Henrique Jorge, de Fortaleza ao Crato, em 1973.

Um ano depois, levados pelo entusiasmo, os jovens Augusto Moreira, José Nilton e Alexandre Reinaldo concretizaram a idéia. As primeiras lições, os primeiros ensaios e as primeiras músicas executadas tiveram lugar na residência das Irmãs Filhas de Santa Teresa, no Distrito do Lameiro.

Por ocasião do Festival de Música da Juventude, a orquestra, já com seis elementos, fez a sua primeira exibição de música clássica ligeira, no Auditório da Rádio Educadora, em 1967.

Espontaneamente, um grupo de jovens decidiu formar um pequeno coral, a 2 vozes, em 1969. A partir desta data, a Orquestra e o Coral vêm desenvolvendo um programa de músicas religiosas, semanalmente, durante a Missa Dominical, na sede provisória da Escola. Para manter a Escola supra citada, foi fundada a Sociedade Lírica do Belmonte, aos 15 de novembro de 1973.

A Escola, por sua vez, dá o curso de teoria elementar de música e iniciação ao teatro, como também solfejo, canto e orquestra. A Orquestra recebeu o nome de Padre David, porque o homenageado fez doação, em vida, de toda sua biblio-



teca musical, inclusive seus preciosos violinos, como também composições e orquestrações feitas especialmente para a Orquestra. Atualmente, a composição da Orquestra é a seguinte: um conjunto de câmara, a saber: violinos, viola, celo e contrabaixo de arco e um conjunto de instrumentos variados, como flauta, clarineta, saxofone, trombone, acordeon e violão.

Os sócios têm direito de assistir os concertos e participar das aulas gratuitamente.

No dia 3 de março do corrente ano, a Orquestra Padre David apresentou o seu 1º Concerto Musical para os sócios e ao público em geral, no Auditório do Colégio Diocesano. O programa constou dos seguintes números de arte:

*Elegia* (Minha Dor). Canção. Música: Pe. David Moreira; *Alegre Camponês* (The Narry Farmer). Canção. R. Schumann; *Minueto In G* (Scherzo). L. Von Beethoven; *Inquietação* (Tango). Pe. David Moreira; *Valsa do Beijo* (The Kiss Waltz). Luigi Anditi.

## JOAQUIM JOSÉ DA SILVA

### *J. Calíope*

Nas primeiras páginas da *Região* passada, foi dado generoso agasalho a umas notas que fiz sobre um dos meus antepassados, sacrificado no Icó em 1824, na revanche dos Imperialistas com os Republicanos simpatizantes do movimento revolucionário de Recife. A nota falou nas ligações de família e numa espécie de genealogia de Raimundo Albertino de Carvalho, meu bisavô.

Mandei alguns exemplares da revista para os parentes em São Paulo, no Rio e em Fortaleza e fui, depois, procurado por alguns genealogistas do Cariri, que desejavam colher alguma coisa sobre famílias.

Em São Paulo tenho dezenas de sobrinhos que estudam, alguns ensinam e ficaram satisfeitos em saberem, pela publicação, de alguma coisa dos seus ancestrais, desde que a nota falou em bisavós, avós etc. Lá está, há muitos anos, o meu irmão Manuel Calíope, que agora, ao completar 74 anos, contou na prole 30 netos, quase todos nascidos na Paulicéia. Ali, também residiram e faleceram uma minha irmã e seu marido, que, com muitos filhos, deixaram, também, vários netos. Um sobrinho me indaga da origem do nome Calíope, que adotamos, e outro a falta de referência minha aos avós maternos.

Tive que explicar que, antes mesmo de aparecer gente minha no sul com o nome de Calíope, já eu tinha notado pes-

soas com o mesmo nome no Espírito Santo e também em São Paulo e que nada tinham com nossa família. Esta v'inha, somente, do seguinte caso:

Ao ser batizado meu pai, em Pedra Branca, Ceará, o seu pai que, como se viu, chamava-se Raimundo Albertino, nome originado daquele que foi trucidado no Icó, sugeriu ao vigário o nome de Calíope, mas o sacerdote, alegando não ser nome de santo, batizou o menino com o nome dele, que era João. A família, então, nunca o chamou de João e sim de Calíope e, daí, nasceu a família deste nome. Lembrei-me que o poeta Antônio Nobre tinha um *Jornal Calíope*, no seu tempo e o santo venerado no dia do nascimento de meu pai, na folhinha antiga, era de nome Calipo, se não me engano, diferente do nome da Deusa da Mitologia.

Ao meu outro sobrinho, tive que contar a estória do meu avô materno, Joaquim José da Silva, natural de Pedra Branca, Ceará, que se casou com uma moça de família abastada de Barbalha, Ceará, cujo nome era Maria.

Não cheguei a conhecer estes meus avós e também não me contaram algo sobre suas famílias. Joaquim José da Silva, com algum recurso, morava mais tempo na sua fazenda "Bela Vista", distante uma légua da cidade de Pedra Branca, num planalto donde se divisava a cidade. Era pecuarista e tinha lavouras grandes, cuidadas pelos trabalhadores e pelos poucos escravos que tinha. Moramos meia dúzia de anos em "Bela Vista" e ali ainda vi os locais das casas dos negros e do engenho de moer cana-de-açúcar. Vi, também, o madeiramento da casa onde morou o único filho varão do casal, Fracelino, que, depois de anos, se mudou para o Norte. As filhas, de nome Maria e Brasilina, se casaram com portugueses, em Fortaleza, indo uma para Portugal e outra para o Norte. Ficaram no Ceará apenas Joaquina, que era minha mãe, e Ângela, que se casou com Vicente Sales e morava em Piquet Carneiro, entre Senador Pompeu e Acopiara.

Com a libertação dos escravos Joaquim José deu aos seus negros tratos de terra no fim de seu sítio, onde eles construíram casas e plantaram mandioca.

Na seca de 77, quando tudo se acabava no sertão, este meu avô rumou para a Capital e, com poucos animais que lhe restavam, deixou-os nos lugares "Cocó" e "Arronches", perto da cidade. Voltando depois à sua terra, cuidando de suas lavouras, achou-se a dever na cidade de Quixadá, onde comprava tecidos para vender, a quantia de catorze contos, pagando-os de uma vez, com o produto de grande roçado, que mandou botar em terras incultas, enorme roça, plantando nela algodão. Mostraram-me alguns antigos as áreas desta lavoura; quebradas, baixios, despenhadeiros, onde o algodão deu pluma para aquele fim. O dono, para visitá-las, andava a cavalo, tão grande era a área.

Pai João, o negro velho que foi escravo, nunca o abandonou. Era o encarregado do abate dos animais para o sustento do pessoal, empregados, escravos etc. As vísceras dos animais abatidos, eram da senzala e um visitante, certo dia, perguntou ao velho se tinha comido muito miúdo dos bois abatidos, ao que respondeu ele: "loiô, tripa de boi e miúdos que brancos não come, negro véio já comeu tanto, que, emendado direitinho, como cordões, dá para ir a Pernambuco e vem...".

Contava ele muita estória do seu tempo e dos negrotos que, na casa-grande, serviam para os trabalhos do pilão e das agudas para o gado.

Estas as estórias que minha mãe nos contava. Ela tinha poucos parentes na cidade. Citava, e eu conheci ainda, tia Joaninha, tia Maria, suas primas; Maria Vitoriano, sua sobrinha; Manuel Branco e Joaquim Diniz, que foram para Pedra Branca, deixando Barbalha. Maria, casada com Manuel dos Santos, deixou boa prole. Aí fica a resposta aos meus sobrinhos.

## A REGIÃO DO CARIRI E ALGUNS DE SEUS FOLGUEDOS

Iza Maria Lima de Castilho

(Trabalho apresentado na Escola de Música  
da Universidade Federal do Rio de Janeiro)

### INTRODUÇÃO

*O presente trabalho foi apresentado em Seminário Público, realizado na Escola de Música da Universidade Federal do Rio de Janeiro, através de seu Centro de Pesquisas Folclóricas, por ocasião do término do II Curso de Especialização (Área de Pós-Graduação), intitulado "Os Folguedos no Folclore Brasileiro", ministrado pela profa. Dulce Martins Lamas.*

*Além da parte bibliográfica utilizada, teve função predominante o material recolhido pela professora Maria Lúcia Esmeraldo Cabral, minha aluna de piano, cearense autêntica, que me possibilitou um conhecimento maior de sua terra, de seu povo, com todas as características que possui. Nesta introdução, quero deixar patenteado os meus sinceros agradecimentos à Professora, não só pela grande ajuda que me proporcionou, como pela oportunidade de conhecer tão grande figura humana.*

*Cito, ainda, como fontes de recurso, às quais agradeço. a Sociedade de Cultura Artística do Crato e o Instituto Cultural do Cariri, ambas entidades da cidade de Crato-Ceará.*

## *A Região do Cariri e Alguns dos Seus Folguedos*

- 1 — *Concepções do Termo Região*: natural, administrativa, econômica, lingüística, cultural.
- 2 — *Região Cultural e Suas Características*
- 3 — *Estudos Folclóricos Segundo os Conceitos da Região*
- 4 — *Regiões Culturais do Brasil*: I - Nordeste Agrário do Litoral; II - Nordeste Mediterrâneo; III - Amazônia; IV - Mineração; V - Centro-Oeste; VI - Extremo Sul-Pastoril; VII - Colonização Estrangeira; VIII - Café; IX - Faixa Urbano-Industrial
- 5 — *O Cariri — Nordeste Mediterrâneo “Oásis do Nordeste”*
- 6 — *Cariri - Crato - O folclore mais característico do Nordeste*
- 7 — *Lendas*: Os Cantadores, Maneiro-Pau, Trancelin, Banda Cabaçal, Reisado
- 8 — *Conclusões Finais*

À palavra região, podemos atribuir vários sentidos\*: região natural, administrativa, econômica, lingüística e região natural, o conceito que nos interessa para fins de estudo folclórico e de natureza sócio-cultural.

\* A região cultural nem sempre tem limites fixos ou definidos: não se confunde com a região geográfica nem com a administrativa; é caracterizada essencialmente pela presença atuante do homem, como agiu e atuou no meio em que vive, não se trata de um domínio criado pela espécie humana sobre a natureza, mas o resultado de uma interação. Região cultural é, portanto, “o espaço físico-social ou físico-cultural, ou seja, aquele em que os aspectos sociais e os traços culturais apresentam características comuns”.

Baseado nesta concepção é que se desenvolvem os estudos folclóricos.

\* No estudo do folclore brasileiro, a base regional é fundamental: particularidades da região do grupo étnico, formação cultural, gênero de vida, imprimem ao fato folclórico sua feição regional. Não quer dizer, entretanto, que se trate de uma região natural ou fisiográfica mas, um espaço ou território onde o fato surge, criado ou inventado, que é encontrado

e colhido com aspectos peculiares, podendo o mesmo aparecer em outro local, apresentando ou não modificações; isto poderá acontecer com uma dança, um canto, uma adivinha, um conto etc. Desta observação concluímos que "o fato folclórico tem sua região de existência, muito embora se encontrem variantes em outras regiões".

Segundo Diegues Júnior são as seguintes as regiões culturais, de acordo com o processo de ocupação humana:

- \* 1) — Nordeste Agrário do Litoral
- 2) — Nordeste Mediterrâneo
- 3) — Amazônia
- 4) — Mineração
- 5) — Centro-Oeste
- 6) — Extremo Sul Pastoril
- 7) — Colonização Estrangeira
- 8) — Café
- 9) — Faixa Urbano-Industrial

Cada uma dessas regiões tem aspectos básicos que caracterizam os fatos folclóricos típicos, sem impedir que se encontre variantes em outras regiões, pois o folclore é sempre universal sem perder sua marca regional.

O Cariri tem uma área territorial que abrange 20 (vinte) municípios da região meridional do Ceará, pertence à segunda região cultural do Brasil, que é o Nordeste Mediterrâneo. Pela configuração fisiográfica, fertilidade do solo e amenidade do clima, é um contraste na paisagem do Nordeste; é um oásis de terras verdejantes, refúgio e asilo dos fugitivos das secas periódicas. Tal característica provém da \* Serra do Araripe, montanha de formação arenítica, em cujas bases brotam fontes que irrigam o solo local.

\* A nascente do Rio Batateiras fica nessa região. Ela possui 72 fontes naturais que encontramos na região, o que justifica o termo "oásis do Nordeste".

Com excessão da exuberância prodigiosa de suas terras, o Cariri apresenta as mesmas características das outras regiões nordestinas. A formação étnica, econômica e social do

Cariri é originária de pernambucanos, baianos, sergipanos, pequena cota de indígenas e contribuição mínima do negro.

São tipos comuns àqueles rincões sertanejos: \* o vaqueiro, o coronel, o beato, \* a rendeira, o cangaceiro, com acervo de hábitos, costumes, crenças e tradições.

O folclore da região do Cariri é considerado o mais característico do Nordeste brasileiro. Devido à persistência do caboclo dos pés-de-serra, brejos e bairros citadinos, foi possível conservar, mais ou menos puras, muitas das tradições que o tempo não conseguiu destruir. Vamos encontrar como sempre: lendas, cantigas, danças, autos, adivinhas.

O folguedo em particular compreende o teatro do povo, de acordo com o local em estudo, se apresenta com maior ou menor intensidade.

Por sua situação geográfica, o Crato é o centro de irradiação cultural do Cariri, cuja influência atinge o interior de vários outros Estados. Hoje são tradicionais as exposições anuais agropecuárias de Crato, para onde convergem representantes de todo o Brasil.

Nesta região encontramos no folclore brasileiro o mais rico ciclo da pecuária, em especial do boi. É esta a grande temática da região, as formas mais típicas do Bumba-meu-boi, que serão estudadas de um modo mais detalhado pelas professoras que me seguem.

As lendas, com sua fantasia, misturadas com pequena parcela de realidade, encerram grande valor folclórico.

Uma lenda muito conhecida em Crato é de origem indígena cristã e envolve a imagem de N.S. da Penha, padroeira da cidade, que era festivamente comemorada no dia 1º de janeiro e, agora, no dia 1º de setembro.

A velha imagem foi trazida de Pernambuco em época desconhecida, constituindo N.S. do Belo Amor, que é a Virgem amamentando o Menino Jesus. Conta o povo mais antigo que os índios receberam a imagem dos capuchinhos; ergueram uma modesta capelinha de palha, cercaram-na de toda a veneração. Mais tarde o vigário mandou construir uma igreja melhor, de pedra e cal, em outro local; transferiu a imagem para o novo templo, com alegria dos colonos e tristeza dos índios. A



noite, apesar das portas trancadas, a imagem desapareceu da igreja e se transportou para o nicho antigo; o fato se repetiu debaixo da admiração de todos. Foi, então, que o vigário mandou construir outro templo no local da capelinha indígena, onde se encontra atualmente.

\* Aí temos neste *slide*, o altar da igreja-matriz de Crato, onde aparece a imagem de N. S. da Penha; a imagem de N. S. do Belo Amor se encontra na sacristia da igreja, guardada com toda veneração.

Um tipo característico do Nordeste são os chamados "cantadores" que utilizam a natureza ou os fatos marcantes, para demonstrar sua capacidade de improvisação. Divulgam oralmente seus textos em festas, feiras, mercados, reuniões, ou constituindo a chamada "literatura de cordel", que são estórias tradicionais conservadas na memória popular, como, por exemplo: Carlos Magno e os 12 pares da França, Pedro Malazartes, Padre Cícero, Lampião etc.

O prof. Batista Siqueira fez um estudo sobre música do Nordeste e suas características, e em sua obra, sintetizando, encontramos várias características, sob o ponto de vista musical.

- movimentos ascendentes por graus disjuntos;
- repetição do mesmo som;
- intervalos descendentes por graus conjuntos predominantes;
- 7º grau abaixado e 4º grau alterado ascendentemente;
- intervalo de 3ª final entre as tônicas dos tons relativos;
- quadratura rítmica perfeita.

Ouviremos uma gravação feita em fevereiro deste ano, no Seminário do Crato, com um repentista imitador, figura muito popular no local, conhecido como Ramiro Feio. \* Observem o *slide*, foi tirado no local da gravação, onde atualmente trabalha como porteiro.

Na imitação que ouviremos ele narra as reações diferentes do Vigário local ao receber a notícia da morte de um pobre e um rico, necessitando que compareça para encomendar o corpo. A reza para o pobre não tem o texto necessário, ele recla-

ma o trabalho dispendido, a falta de uma gratificação, tudo em tom de voz de oração.\*

Na reza para o rico utiliza o latim, a melodia gregoriana; segundo pessoas que conheceram o Vigário a que se propõe imitar, até o timbre de voz é o mesmo.\*

Uma das danças mais antigas e conhecidas da região é a chamada Maneiro-pau, que permanece ainda nos sítios e subúrbios do Crato. Compreende cânticos e danças, participando somente homens. Algumas pessoas denominam de Mineiro-pau, como se tivessem origem mineira, chegando à região através da Bahia, que se limita e tem comércio intenso de gado com Minas Gerais. Existe ainda a possibilidade de ser a palavra Maneiro deturpação da palavra Maneio. No Cariri, entretanto, é conhecido exclusivamente como Maneiro-pau. Os homens se munem de cacetes bem torneados, quase sempre de jucá, por serem mais resistentes. Os versos são entremeados do coro: "Maneiro-pau! Maneiro-pau!", correspondendo à pancada do cacete um no outro; a toada é dolente, monótona, com música do baião primitivo. A dança invariável, não passa de volteio do corpo e na pancada em sincronia dos cacetes empunhados à mão direita de cada um, mais ou menos erguida, para que não atinja a cabeça do companheiro.

Temos gravação e *slides* feitos na cidade do Crato, com um grupo do Centro Folclórico do Cariri, chefiado pelo sr. João Bernardo da Silva; o grupo tem oito componentes e um tirador, todos fazem o jogo e o chefe é o rimador e o que faz a marcação; os componentes obedecem a um apito que indica mudanças de posição ou "mudanças de jogo", como é chamada no local. Utilizam um pandeiro como instrumento de ritmo. \* No primeiro *slide* temos a posição preparatória para o início do jogo; todos aguardando a hora da partida. O repentista diz em seus versos que pertence ao folclore do Cariri, faz referência à exibição do momento, que é feita para um gravador. Com o soar do apito, tem início o jogo.

Observem, agora, a seqüência da dança com outra música menos movimentada, em que os dançarinos utilizam novas posições. A ordem é sempre dada pelo apito.\*

Outro motivo folclórico encontrado no Cariri é a Dança do Trancelim, ou, simplesmente, Trancelim, que é conhecida em outras regiões como Pau-de-fita. \* Muito difundida no Sul, escasseia no Norte, sobrevivendo apenas no Cariri e no Amazonas. Antigamente os pares eram formados de homens, a metade em travesti; não tem letra e encontramos agora, pares de ambos os sexos. É dançado ao som da música da quadri-lha; não há limitação de participantes no folguedo, a questão é que o número seja par e as cores das roupas das jovens sejam do mesmo tecido nas cores vermelho e azul.

Um grupo musical muito interessante e característico da região são as chamadas Banda-de-música-de-couro ou Zabumba-de-couro, ou Banda Cabaçal, como é mais conhecida no momento.

O nome cabaçal, segundo estudiosos, tem sentido pejorativo, porque os instrumentos utilizados fazem tal zoadá que só podem ter semelhança com cabaças secas e batendo umas nas outras.

São formadas geralmente de dois instrumentos melódicos (pífaros) e de dois de percussão (zabumba e tambor). Os instrumentos que garantem o ritmo são formados de tronco de árvore e pele de carneiro, e asseguram batidas fortes que se ouvem ao longe.

O pífaro, pífano ou pife, é um instrumento cilíndrico, de madeira, tal qual nossa flauta primitiva, sem chave, o timbre também é o mesmo. A extensão é de mais ou menos duas oitavas e meia. Devido à sua forma rudimentar, só emite sons na região intermediária e aguda raramente as graves.

Os pifeiros são grandes músicos, em seus instrumentos executam modulações dando a impressão de se tratar de uma flauta de doze chaves, isto porque um deles faz o solo, enquanto o outro acompanha, empregando a maior técnica que aprendeu de ouvido ou improvisa no momento. Tocam em unísono ou 3ª ou 6ª que é o dueto da tradição popular. Ouçamos trecho de um solo de pífaro, executado por Francisco Aniceto, um choro denominado "Choro da Saudade".

Admite-se que a origem das cabaçais tenha raízes de influência negro-africana e é uma das poucas influências desse grupo étnico na região.

A gravação e os *slides* a serem apresentados foram realizados em Crato, também em fevereiro deste ano. Trata-se do Conjunto Folclórico Itaytera, do Centro Folclórico do Crato; a Banda Cabaçal é formada pelos irmãos Aniceto. Temos, primeiramente, o "Baião Gigante", com uma demonstração com faca pelo sr. Raimundo Aniceto. Notem na gravação o barulho das batidas das facas.

Ao som da Banda Cabaçal, focalizaremos três *slides* descrevendo outras posições que tomam seus componentes, pois, à medida que vão executando a música, muito parecida sempre, vão se movimentando sem a menor interrupção da melodia. Encerrando a parte da Banda Cabaçal, temos a dança do "Baião Encruzado", apresentado pelo sr. José Aniceto, chefe da família Aniceto, que conta atualmente 84 anos.

A Lapinha e os Pastoris, com sua origem espanhola, foram observados na região por vários anos. Como exemplo, podemos mencionar a Lapinha da Enói: muito simples, sob o ponto de vista melódico, e de instrumento somente utilizavam um maracá, porém, como afirmou a profa. Annette Esmeraldo, que assistiu várias vezes a encenação e gravou, para nós, várias músicas que ainda se lembra, servia para comemorar o Natal em grupo, o que era a preocupação principal de todos. Ouviremos da Lapinha da Enói um trecho da música da "Cigana".

Mostraremos agora um trecho da Lapinha da Casa de Caridade, cantada por Rosa Margarida, hoje religiosa que na sua infância foi pastora desta Lapinha, nascida com a obra do padre Ibiapina, em 1898.

Temos agora o Pastoril de Fortaleza, conhecido na região como Opereta Pastoril, muito mais evoluída em sua constituição. Foi apresentada durante 35 anos, entre os dias 24 de dezembro a 6 de janeiro, diariamente, com tanto público que às vezes eram necessárias duas representações por dia. Iniciada com muita simplicidade, foi aumentada, melhorada e variada de ano para ano, nas músicas, danças, parte falada,

guarda-roupa, cenário etc., conforme as possibilidades financeiras e dos "artistas".

Temos a gravação e texto completo da Opereta do Natal, que nos foram enviados pela profa. Miriam Esmeraldo Cabral, inclusive o cenário, descrição das cenas, entrada dos personagens, marcação, que pela primeira vez é difundido, pois constituía um patrimônio do Patronato N.S. Auxiliadora, em Fortaleza, onde era encenado. Constitui, portanto, um documento importantíssimo e inédito.

Ouviremos o canto de entrada, quadro da anunciação. \*

Teremos, agora, uma melodia que era entoada por todos os participantes no fim da peça, à medida que se retiravam do palco, simbolizando a partida para Belém. \*

O reisado, com sua procedência luso-espanhola, também encontrou muito campo de aceitação nesta região. Segundo Artur Ramos, é resultado do esfacelamento de autos, como o dos "Congos-Cucumbis", cerimônias totêmicas, ligadas ao patriarcado, embaixadas, janeiras e autos ameríndios. Mário de Andrade considera o "reisado" como de formação gradativa e fundamentalmente rapsódica de modo a constituir 'uma verdadeira revista de números varios', da qual o mais importante, "titular" do Reisado era o boi, também chamado bumba-meu-boi, muito significativo para a região nordestina, pois está enquadrada na chamada área do couro.

Como última etapa do nosso trabalho, comentaremos material recolhido de um reisado feito no Baixio Verde, município de Crato, que tem como responsável o sr. José Fligueiras Calou, conhecido como Mestre Aldeny.

\* Neste folguedo participam 16 figuras e os "entremeios". As figuras são: reis, contra-mestre, embaixador, contra-guia, contra-coice, figurim, bandeirinha, marujozinho, cravo-branco, flor do dia e o tocador; os "entremeios", são o jaraguá e o boi.

Segundo a tradição, o reisado data da época das cruzadas e representa a luta entre mouros e cristãos, daí a indumentária que utilizam lembrando os soldados da época, inclusive com suas espadas.

Para dar início ao folguedo, os participantes formam-se em três planos, de acordo com a importância, e cantam uma melodia de entrada. \*

A luta da espada possui uma melodia específica: ouçamos um trecho, onde se percebe o barulho das batidas das mesmas, marcando o ritmo. \*

A entrada do jaraguá possui também uma melodia que descreve a cena. \*

A dança com o Jaraguá tem melodia e letra que descrevem os acontecimentos conforme se desenvolvem. \*

O último a entrar é a figura do boi, que constitui um dos "entremeios". Somente o momento da matança do boi é que possui melodia e ritual característicos. Ouçamos a melodia, em que são oferecidas partes do boi aos presentes, e vejamos três *slides* que registram o acontecimento. \*

O reisado termina com a despedida, já pela madrugada, quando o conjunto anuncia sua partida. \*

---

O trabalho de pesquisa e compilação de dados folclóricos é muito importante e dá margem a conclusões que muitas vezes causam surpresa aos estudiosos. Constitui uma atividade árdua, difícil e que deve merecer cada vez mais a atenção e interesse de todos. Para quem se dedica, tem que possuir verdadeiras características de um pesquisador, um bandeirante dos tempos modernos, e que, felizmente, aos poucos, vai merecendo o valor e importância que faz jus, haja visto a procura crescente em torno da ciência do povo e suas particularidades como uma das etapas para o desenvolvimento de uma grande nação.

NOTA: Os asteriscos que assinalam este trabalho, representam as ilustrações que acompanham o texto falado, em forma de *slides* ou gravações.

## BIBLIOGRAFIA

- BATISTA SIQUEIRA — *Influência Ameríndia na Música Folclórica do Nordeste.*
- J. DE FIGUEIREDO FILHO — *O Folclore do Cariri.*
- J. DE FIGUEIREDO FILHO — *Folguedos Infantis Caririenses.*
- OTACÍLIO ANSELMO — *Padre Cicero — Mito ou Realidade.*
- RUI FACÓ — *Cangaceiros e Fanáticos.*
- THEO BRANDÃO — *O Reisado Alagoano.*
- TOMÉ CABRAL — *Dicionário de Termos e Expressões Populares. Revista Brasileira do Folclore — N.º 28.*

## ALGUMAS MANEIRAS DE SE ADOÇAR O CAFÉ

*Francisco de Vasconcelos*

Em linhas gerais, desde que existimos para a História até os dias que correm, dois modestos espécimes vegetais — a cana-de-açúcar e o cafeeiro — têm marcado fortemente nossa vida econômica, com acentuada projeção nos campos etnológico e político-social, seja no meio rural, seja no urbano.

Com uma anterioridade de cerca de dois séculos, a *sacharum officinarum* foi o grande suporte do alvorecer da vida brasileira e o norteador da incipiente colônia. A febre dos metais preciosos, segundo a palavra abalizada de Joaquim Menezes de Oliva, não lhe roubou a posição de vanguarda como multiplicador de riquezas. As catas foram a paixão sufocante e efêmera; a cana foi o amor, estável, manso, doce, duradouro.

Mas a partir de 1727 a rubiácea, entrando despretenciosamente pelo torrão pátrio, explodiu em cafezais opulentos, abrindo novas perspectivas para a futura nação brasileira, ao tempo ainda embrionária.

E, daí para cá, a cana e o café passaram a se completar, quer em termos de produção, quer no âmbito do consumo. Revezando-se irregularmente na mira dos altos negócios, dos polpidos contratos e das demandas internacionais, ou concorrendo em igualdade de condições, o açúcar (*lato sensu*) e o café irmanaram-se nas fazendas e nos sítios, nos engenhos e engenhocas, nos bules e nas xícaras, no coração do povo como traço marcante de hospitalidade.



*Sacharum* e rubiácea, seja nos típicos redutos de economia de subsistência, seja nas imensas áreas ocupadas pelo cultivo de um ou de outro, voltadas as vistas para o grande mercado consumidor daquém ou dalém fronteiras, tornaram-se uma constante na paisagem nacional. Isto vale dizer que, assim como a cana e o cafeeiro convivem amistosamente na maioria de nossos minifúndios, seja qual for a região em tela, o mesmo ocorre nas zonas de plantio em larga escala de qualquer dos dois. Quando é o canavial o grande senhor das terras, nos claros inevitáveis sempre existem pés de café; quando é o cafezal a dominar a paisagem, não faltam nos roçados umas poucas de canas espalhadas ao acaso.

O que fica acima não é fantasia ou mera literatura. É o resultado da observação persistente e controlada que temos levado a efeito em todas as nossas áreas culturais. E basta que se viaje Brasil adentro, mesmo sem acurado espírito de pesquisa, para que se perceba a autenticidade de tais alegações. No que concerne à presença em plano nacional de cada um dos elementos em pauta, é farta a bibliografia, sendo pouco expressiva, entretanto, a que trata do entrelaçamento de ambos em nível de produção e de consumo.

Em relação à cana-de-açúcar, *Brasil Açucareiro*, entre outros, tem sido pródigo em alinhar trabalhos de intelectuais de todos os setores do saber e de todos os quadrantes do País, que têm mostrado a *sacharum* e seus produtos sob os enfoques da economia, da história, da etnologia, da sociologia, da literatura, da arte etc.

Por outro lado, o que há sobre o café no Brasil, em livros, artigos, conferências e em obras dos mais variados campos da cultura humana é deveras surpreendente.

Nada melhor para confirmar o que ora se afirma, que aludir-se à edição especial lançada por *O Jornal do Rio de Janeiro*, em 15 de outubro de 1927, comemorativa do bicentário da introdução do cafeeiro entre nós. Nas cento e noventa e duas páginas da feliz iniciativa, foram inseridos estudos e ilustrações da lavra dos mais acatados nomes de então.

Sobre o café na Amazônia, escreveu Durval Porto; do Ceará o Barão de Studart enviou sólidos informes acerca do as-

sunto; o papel da rubiácea em Minas Gerais foi minuciosamente explicado por Hildebrando de Magalhães, diretor d'A *Tribuna*, de São João del Rei; de São Paulo choveram colaborações através das penas de José Maria Wittaker, Cincinato Braga, Paulo Prado, Arthur Neiva, Antônio Alves de Lima, Zacarias de Lima, Fábio Guimarães Navarro de Andrade, André Betim Paes Leme e de outros; Alberto de Oliveira, Afrânio Peixoto, Rodrigo Otávio, Raul Fernandes, Joaquim de Melo Oliveira Viana, Levy Carneiro, Agripino Grieco, Ronald de Carvalho, Guilherme de Almeida, Clodomiro de Vasconcelos, Sérgio Buarque de Holanda, Sílvio Rangel, Alcindo Sodrê, na poesia e na prosa versaram sobre o café no Estado do Rio de Janeiro.

E não faltaram ensaios sobre o café na Bahia, no Espírito Santo, em Pernambuco, na Paraíba, em Santa Catarina, em Goiás e em Mato Grosso.

Enquanto o ouro negro era examinado sob todos os ângulos, no tempo e no espaço, apenas um dentre tantos colaboradores da memorável edição lembrou-se de estabelecer um confronto entre a sua produção e a do açúcar, jogando muita luz sobre os traços culturais decorrentes de ambas, quando em larga escala.

Coube ao geógrafo Everardo Backheuser realizar este precioso cotejo. Fê-lo tomando por base o Estado do Rio de Janeiro, justamente a unidade federativa, onde, num passado não muito remoto, açúcar e café mantiveram, por largos anos, um razoável equilíbrio de forças e onde até hoje sobrevivem maneiras de sentir, pensar e agir oriundas dessa fase.

Além de esmiuçar o meio físico da terra fluminense, de expressar em números o peso do açúcar e do café da "Velha Província" na balança das exportações, trouxe Backheuser os perfis das resultantes etno-sociológicas de ambas as culturas.

Em certa altura frisou:

"Ao passo, porém, que o café se reduz no local ao simples trabalho agrícola, a cana é acompanhada *in situ* do trabalho industrial da fabricação do açúcar. A paisagem política é, portanto, assaz diversa em um e outro caso.

“O café dará nascimento a múltiplos mas pequenos núcleos urbanos disseminados por toda a serra, núcleos que raramente se têm transformado em grandes cidades”.

Um olhar de relance sobre as povoações serranas, entre elas as que se alinham ao longo do curso médio do rio Paraíba, levam de imediato o observador a essa conclusão. O café multiplicou as roças, onde os lavradores, espalhados por entre os morros, entregaram-se aos trabalhos “de meia”, tendo como ponto de encontro para o convívio social a “venda”, onde adquiriam gêneros de primeira necessidade, onde pro-savam e bebiam “lapadas” de pinga “alambicada” no engenho do patrão.

Não carecendo de uma infra-estrutura voltada para o seu beneficiamento ou transformação, o café, uma vez ensacado em seu próprio habitat, viajava em lombo de burro ou através dos trilhos das incipientes estradas de ferro, em demanda da longínqua Rio de Janeiro, onde eram celebrados os grandes contratos. As estações onde as cargas aguardavam transporte, dispostas em pontos estratégicos, foram, em muitos casos, os núcleos das futuras vilas e cidades, nascidas com uma hipertrofia natural em face da conjuntura, jungida dessa forma ao marasmo, à rotina e aos negócios pequenos feitos a medo sob o eterno pavor de crises iminentes. Reflexos melancólicos nas atividades do espírito e na vida da sociedade.

Já a cana constituiu-se num fator de aglutinação, reunindo em torno do engenho, mais tarde da usina, profissionais de toda a ordem, oriundos de diferentes classes. Exigiu, no próprio ambiente das grandes plantações, fossem montados os vários compartimentos do complexo industrial para a fabricação do açúcar e dos demais produtos. Daí, sobre robustecer-se o meio rural, adviriam grandes cidades como expressão dessa pujança, como grandes centros de comércio, de riqueza e de ilustração, sendo Campos o expoente máximo em terras fluminenses.

Estes foram, em síntese, os lúcidos reparos do mestre Backheuser.

Mas, cumpre observar que, a despeito das oportunas notas

alinhavadas pelo eminente geógrafo, deixou ele de vasculhar a imensa promiscuidade em que sempre viveram cana e café no Estado do Rio, fato igualmente corriqueiro na maioria das unidades nacionais. Certamente os objetivos do seu trabalho não permitissem tal investida, orientados que estavam na análise das grandes áreas produtoras de uma e de outro. Não se deixou despertar para o mundo da subsistência e dos pequenos negócios.

Essa tarefa nós já realizamos, embora em pequeníssima parte, quando em agosto de 1972 levamos a público, através de *Brasil Açucareiro*, matéria intitulada "Cana e Café — Casamento Feliz em Rio Preto". Não obstante, ainda há muito que se investigar sobre o assunto. Entretanto, se não houver uma corrida ao encontro deste, baldar-se-ão as futuras iniciativas, ao esbarrarem nos esmaecidos vestígios de uma época que se vai apagando da memória dos mais velhos e que se vai extinguindo na rápida transformação da paisagem rural, onde as rodas d'água, não faz muitos anos, estreitaram a intimidade da *sacharum* e da rubiácea no âmbito da produção. Os campos dantes dominados pelo café, cederam lugar aos grandes criatórios de gado bovino e vacum, e a cana já é consumida em larga escala por touros e vacas, novilhas e bezerros.

Ocorre, porém, que está no consumo nossa preocupação no presente ensaio. E este é o ponto que temos de atacar de imediato.

Não sendo diabético ou paciente de regime para emagrecer, o brasileiro jamais admitiu tomar café amargo. Diz o povo que amarga basta a vida e a primeira pergunta de quem oferece um cafezinho é: "Está bom de doce?"

Daí nunca ter sido possível dissociar-se a idéia de café da de açúcar, significando este termo adoçante oriundo da cana, desde a garapa ao produto refinado.

Açúcar e café valem corda e caçamba nas imagens e comparações populares. No carnaval do Recife de 1964, Mário Filho fez sucesso com seu frevo-canção "Não dá Pé", gravado por Arlindo Melo. A letra dizia o seguinte:

*"Carnaval sem mulher  
Não dá pé:  
É a gente sem açúcar  
Com café  
É ver Julieta sem Romeu  
É ver Dalila sem Sansão  
Por isso eu digo com razão:  
Carnaval sem mulher  
Não presta não."*

Os cafeiteiros dos grandes centros só conhecem o açúcar refinado como adoçante. Adicionam-no ao café em quantidade razoável, no bule onde este está sendo preparado, ou deixam que o freguês o faça a seu gosto na própria xícara.

Em casa, nos escritórios, nas repartições, nos bares e botecos, o café significa hospitalidade, pausa, recreio, engana-bucho, baixa de tensão, ensejo para um papo, abertura para um pedido ou negócio, retribuição de gentileza. Ainda está por ser estudada a função psicossocial do cafezinho. Servido ainda amargo, apressa-se, quem convida, a empunhar o açucareiro, perguntando aos amigos se desejam muito ou pouco açúcar. É marca de gentileza e da índole aproximativa. Sem o doce, o café seria autêntico sacrifício.

Se este é o panorama nos grandes meios urbanos, nas povoações interioranas e na zona rural outras são as imagens, mais vivas e mais ricas, no fundo e na forma.

Nas metrópoles brasileiras, em face da vida agitada e dos intrincados problemas que afligem a todos, pode acontecer que ao chamado de "Vamos tomar um café", se abstenha o convidado, alegando um compromisso urgente, hora marcada, falta de tempo. Nisso não vai ponta de agravo e o café ficará certamente para a próxima.

Mas, na pacatez das vilas e dos pequenos burgos, na tranquilidade dos campos, onde não se conhece a pressa, não há motivo que justifique uma recusa desse jaez. Nos lares humildes, negar-se alguém a tomar o café oferecido pela dona da casa, ou sair sem esperar por ele, vale afronta dificilmente superável. Em nossos cursos de folclore, quando abordamos

o tema pesquisa direta, temos insistido nessa tecla, fruto da experiência de longos anos em investigações folclorológicas. Não se recusa café na casa do pesquisando, sob pena de se deitar por terra todo o esforço até aí dispendido. Ao aceitá-lo, o investigador estará selando sólida amizade, grangeando a confiança e a simpatia dos circunstantes, demonstrando, enfim, não ser portador de "soberbia", moléstia que os simples jamais toleram.

Por outro lado, no que concerne aos adoçantes e às maneiras de conjugá-los com a rubiácea, há aspectos que merecem registro.

As famílias das recônditas comunas e das roças só recentemente têm recorrido ao açúcar refinado para quebrar o amargo do café ou para a doçaria caseira. Mesmo assim não são todas as que se adaptam a ele. A garapa, o melado, a rapadura, o açúcar-preto e o cristal ganham na preferência dessas gentes, terrivelmente arraigadas às suas práticas tradicionais e eternas inimigas dos produtos mais caros.

Vale, pois, a tomada de alguns depoimentos sobre o assunto, que refletem procedimentos coletivos de comunidades brasileiras que foram alvo de nossa preocupação.

Alinhemo-los, segundo os adoçantes.

**GARAPA** — Em Tiradentes, burgo satélite de São João del Rei, outrora cabeça da extensa Comarca do Rio das Mortes, Albertina Oliveira Nascimento revelou-nos a receita do café de garapa ainda muito em voga naqueles rincões auríferos. Segundo ela, mede-se um litro de garapa e meio de água, levando-se a mistura ao fogo. Num caneco põe-se o pó do café, que será escaldado com a garapa fervente. Em seguida, passa-se no coador e serve-se.

Em Rio Preto, num dos extremos da mesma Comarca do Rio das Mortes, onde a rubiácea fez brilhante carreira durante mais de um século, o café de garapa tem livre trânsito, mormente na zona rural, onde não faltam moendas tocadas a braço ou puxadas a burro. Na fazenda de Zezinho Pires, na localidade de Santana, a seis quilômetros da sede municipal, tivemos oportunidade de provar o dito café, cuja receita não difere

muito daquela registrada em Tiradentes. Apenas um detalhe: a água só é adicionada à garapa quando esta se encontra em ebulição. Daí, passados alguns minutos, retira-se a vasilha do fogo para esquentar-se o pó.

O café de garapa é ainda usado em toda a zona da Mata de Minas Gerais. Anotamo-lo em São João Nepomuceno e em Mar de Espanha.

Nas barrancas sanfranciscanas, nos municípios mineiros de Januária, Itacarambi, Manga, a garapa é adoçante eventual, pois ali predomina a rapadura, conforme será visto oportunamente.

No Estado do Rio, nas ex-zonas cafeeiras, onde a cana foi inarredável acessório, usada como em Minas para o fabrico de aguardente e de açúcares de autoconsumo, ou destinados a pequenos negócios, o café de garapa ainda encontra apreciadores. Assim nos informaram o velho joneiro Valdomiro Dias dos Santos, do povoado de Andrade Costa, município de Paraíba do Sul, Almerinda Elisa Marcelino de Varre e Sai, nos limites norte-fluminenses e mineiros, e Evangelista Grion de Glicério, 5º Distrito de Macaé.

**MELADO** — Cozida em tachos de cobre, em fogo a descoberto, nos fundos das casas rurais, a garapa, depois de paulatina purificação e do apertar do ponto, vai se transformando em melado ralo, que, guardado em recipientes próprios, tem uso corrente na doçaria, assim também como adoçante do café.

Em Rio Preto, acompanhamos a azáfama de velhas mineiras curvadas sobre os tachos, tirando as impurezas do caldo da cana com escumadeiras. E anotamos a receita do café de melado. Põe-se a água no fogo numa vasilha, estando essa em ebulição, adiciona-se o melado para adoçá-la. Em outro recipiente coloca-se o pó do café, o qual é esquentado, com a água do melado. Finalmente, coa-se tudo em coador de pano.

Em Tiradentes, D. Albertina Oliveira Nascimento, repetindo a mesma receita, alertou-nos para um detalhe: o melado tem que ser admitido em doses razoáveis, exigindo-se que se prove a água adoçada para que o café não se açucare. Quem



sabe do uso abusivo desse adoçante não tenha advindo a expressão: "Este café está um melado!"

Segundo D. Maria Josefina de Oliveira Sousa, em Januária e Itacarambi, o melado também tem servido para quebrar a amargura da *rubiácea*. E, em Varre e Sai, no Estado do Rio, aquela depoente acima citada confirmou semelhante procedimento.

RAPADURA — A rapadura tem sido apontada como um dos grandes alimentos nacionais, como salvador das regiões inóspitas e carentes de substâncias básicas à vida humana.

Usada vez que outra como neutralizadora do efeito maligno de certas plantas, ingeridas por flagelados em períodos de crise, a rapadura, ao natural, ou misturada com amendoim, gengibre, coco etc., jamais deixou de ser o doce brasileiro, apreciado por adultos e crianças.

Irineu Joffily, *in Notas Sobre a Paraíba*, atesta, à pág. 158:

"O café e o chá botaram a perder a gente de hoje. Deus só deixou para se comer carne de boi, o mais é invenção dos homens." ... "O tutano dos ossos era o que mais apreciava o sertanejo." ... "batia-se repetidas vezes na cabeça do corredor, que é o osso do braço partido em duas partes, cravava-se depois a faca de campo e deixava-se despejar até os últimos pingos toda a graxa que era dividida entre os convivas; *ou então juntava-se toda ela em um prato, sendo misturada com rapadura para ser servida como sobremesa*".

Talvez tenha sido esta o ancestral da geléia de mocotó.

Em Morretes, no litoral paranaense, onde a cultura canavieira desfruta de algum prestígio, a rapadura, pequenos tabletes de 10x10 cms., é doce caseiro, puro ou misturado com cascas de laranja cozidas e passadas na máquina, com gengibre, com amendoim ou mesmo com o coco, que não é encontrada na região. Essas combinações são feitas enquanto a rapadura está em estado pastoso, a caminho das formas.

No litoral catarinense, segundo depoimento de Franklin Cascaes, a rapadura foi sempre doce dado às crianças para que roessem.



Em nenhuma dessas paragens, registramos tal produto como adoçante do café. Vimo-lo, no entanto, nessa função em Januária, Itacarambi e Manga, no setentrião mineiro, em Cataguazes, Mirai e Leopoldina, na zona da Mata das Alterosas, em Varre e Sai e Glicério, no Estado do Rio, nessa última localidade fazendo as vezes da garapa nos períodos de entressafra.

É a seguinte a receita do café de rapadura das margens mineiras do São Francisco, segundo D. Maria Josefina de Oliveira Sousa: põe-se quantidade suficiente de rapadura numa chocolateira, adicionando-se água e levando-se o recipiente ao fogo. No momento da fervura coloca-se o pó, deixando-se a mistura um pouco mais no fogo para, enfim, passar-se em coador de pano.

Usando-se o mesmo adoçante, não varia o *modus faciendi* em Cataguazes e municípios vizinhos, conforme Francisco Izidro, em Varre e Sai, no dizer de Almerinda Marcelino, e em Glicério, de acordo com Evangelista Grion.

**AÇÚCAR PRETO E AÇÚCAR CRISTAL** — O açúcar preto, também chamado mascavo e açúcar de tacho, é ainda uma realidade na zona rural brasileira como típico produto de auto-consumo, sem quase valor comercial. Nos Estados do Rio e de Minas Gerais, ele aparece com alguma freqüência nos terreiros de Umbanda, por ocasião da festa dos Pretos Velhos. Sendo estes o símbolo do conformismo e da humildade, curtidos segundo a imaginação popular nos penosos eitos das fazendas de café, dos canaviais e das lavouras brancas, é natural que tenham toda uma comedoria roceira no dia em que são homenageados.

Na Tenda Espírita Pai José de Angola, dirigida por Januário, cavalo de Vovô Cambinda, terreiro localizado no Tombo da Serra da Estrela, em Petrópolis, registramos no último 13 de maio, dia consagrado aos Pretos Velhos, os seguintes aspectos: decoração à base de ramos de café e pés de cana; comedoria servida aos circunstantes constante de inhame com melado, canjica (o mesmo munguzá de outras terras), com amendoim, pedaços de rapadura, milho cozido, aipim e batata-

doce; para rebater café temperado com açúcar preto, o açúcar dos antigos escravos, no entender de Januário.

De resto, tanto o açúcar preto como o cristal, este encontrado no comércio com cotação inferior à do refinado, continuam firmes na demanda rural, quer para a doçaria, quer para o café.

D. Albertina Oliveira Nascimento, de Tiradentes-MG, dá sua receita: ferve-se o açúcar no água. Num caneco põe-se duas colheres de café. Com a água doce fervente escalda-se o pó, chegando-se o caneco ao fogo. Quando o café subir, coa-se em coador de pano e serve-se.

José Gonçalves Nogueira, de São Vicente Ferrer, sul de Minas, segue o mesmo roteiro, sem alterar uma vírgula.

Certa barraqueira triangulina de Araguari, que entrevistei no Mercado Municipal de Anápolis, Goiás, assim se expressou sobre o preparo do café, que, no seu dizer, é corrente em sua região de origem e em todo o sul do território goiano. Põe-se água no fogo com certa quantidade de açúcar cristal. Quando a água estiver fervendo, joga-se o pó de café na caçarola, aguarda-se um pouco e passa-se no coador de pano.

Assim também se procede na Mata Mineira e na antiga zona cafeeira do Estado do Rio.

O açúcar refinado que vai lentamente invadindo áreas outrora insuladas, mercê da falta de vias de comunicação, não tem conseguido modificar, como era esperado por alguns setores, esse quadro que acabamos de compor. Tampouco as novas atividades econômicas que tomaram o lugar do café nas áreas mineiras e fluminenses lograram derrubar tão arraigadas usanças.

Em face do exposto, duas observações merecem abordagem: 1º) o café nas zonas estudadas é sempre escaldado com água doce, qualquer que seja o adoçante; 2º) no caso do uso da garapa ou do melado, o pó é, via de regra, escaldado com a água fervente, sem que se insista na fervura durante ou depois do seu adição; enquanto que nas hipóteses da rapadura e do açúcar preto, cristal ou refinado, o pó, de ordinário, junta-se à água fervente, permanecendo no fogo por alguns minutos.

Perguntamos pelos motivos que determinam tais atitudes. Todos foram unânimes em responder que assim procedem por uma questão de gosto e de paladar. Segredos do povo.

Em Florianópolis e litoral catarinense, registramos a única crendice que pintou no curso dessa prolongada pesquisa. Ensinou-nos mestre Franklin Cascaes, que o "barriga-verde" usa adoçar o café na xícara. Entretanto, ao fazê-lo, põe primeiro o açúcar, depois "o café pru riba qu'é pra mode ficá rico".

Na era dos adoçantes artificiais e do café solúvel, cremos ter prestado algum serviço à antropologia cultural brasileira, ao enfocarmos tema tão pouco estudado.

## ODE AO POETA DO POVO, PATATIVA DO ASSARÉ

Patativa, ave errante  
cujas asas se despiram dos punhais ocultos,  
antes da conspiração dos séculos.  
Eu bem vejo, poeta,  
que entre um verso e outro,  
tu tiras do bolso o cantil  
e bebes as lágrimas dos olhos do povo.

O sol te fez forte,  
pincelou com branco e luz  
nos teus cabelos salgados  
uma tela abstrata  
e deixou no teu rosto os gritos  
dos que se plantaram  
como violas quebradas ao longo das capoeiras.

Teus versos se derramam  
nos leitos morenos e secos  
(como seios de mães caboclas)  
dos rios sertanejos  
e vão deixando nas margens  
embriões de poesia  
que se arrastam pelas pedras,  
sangram o seu destino  
e se crucificam nos mandacarus.

Teus pés batucam  
tambores invisíveis,  
cujo som anula a existência  
das gaiolas e das correntes.  
Teus braços são aneurismas  
que se bifurcam sedentas,  
bebendo o medo contido  
nos olhos daqueles  
que ensaiam sonhos de liberdade.

Patativa, contigo enlouqueceu o sentido das coisas,  
pois teu coração bate  
em todo o corpo  
e, como criança travessa, desliza nas mãos,  
para correr com o vento  
e brincar com as estrelas  
nos agrestes do céu.

Mestre me explica  
por que levas uma viola no peito  
e um sorriso nas costas,  
por que nas noites de lua  
teu canto espalha pedaços de vida  
pelos galhos secos da caatinga,  
germinando árvores de natal absurdas  
como as lágrimas que Deus chorou no sétimo dia  
[ da criação.

O banquete está na mesa,  
os abutres se reúnem...  
É preciso ser só!  
Saber que estão podres  
os dentes do tigre  
e que o silêncio da noite é um feto vidente,  
espetado na língua afiada  
de um relógio enferrujado que trabalha ao contrário.

Mas canta, canta Patativa,  
já que aprendeste a ler  
nestes rastros de sangue,  
um ventre grávido de canções de paz.  
... Deixa que a tua tristeza  
eu beberei pelos bares da vida,  
nos porres que a minha existência cósmica exigirá,  
abraçado com a alma de Garcia Lorca,  
Catulo da Paixão Cearense,  
Augusto dos Anjos,  
Pablo Neruda e outros...

Na minha embriaguês virei  
a hecatombe apocalíptica  
de beija-flores fecundadas pelo caos,  
servidas frias, salpicadas de esmeraldas,  
para o jantar das máquinas,  
dos burgueses crônicos  
e espinhos esquecidos da doçura das rosas.

(Ah! Patativa, volta!  
Vem cantar comigo esta dor de ser poeta.)

A. ROSEMBERG DE MOURA  
Cedro, 14 de fevereiro de 1975.

## SAUDAÇÃO A ASSIS CHATEAUBRIAND

*Pedro Bandeira*

Príncipe dos poetas populares do Nordeste

Era o velho capitão  
Um filho do Umbuzeiro  
Amigo de violeiro  
Porque nasceu no sertão  
Como quem planta feijão  
Saiu plantando jornal  
Grande intelectual  
Alma pura paraibana  
A maior figura humana  
Da imprensa nacional.

Fundou jornal no Ceará  
no São Paulo, no Goiás,  
Bahia e Minas Gerais,  
no Amazonas, no Pará,  
no Rio, no Paraná  
e em todos nossos Estados  
Jesus ouviu os seus brados  
Por isso mesmo é o dono  
Herdeiro, Chefe e Patrono  
Dos Diários Associados.

Até Deus deu um troféu  
Ao plantador de jornais  
Hoje sua alma em paz  
Escreve jornais no céu  
Entre todos sonhadores  
Jornalistas escritores  
Só dele o Brasil é fã  
Ninguém na humanidade  
Supera a capacidade  
De Assis Chateaubriand.

Lá no alto tribunal  
De Jesus Cristo está perto  
Deixando o Brasil coberto  
De rádio, livro e jornal  
Viveu sem fazer o mal  
A todos queria bem  
Como ele mais ninguém  
Terá glória tão intensa  
No maior bloco de imprensa  
Que a América Latina tem

A noiva dos cajueiros  
Criou como quem galopa  
Como embaixador na Europa  
Deu mais vida a os brasileiros  
Teve ideais pioneiros  
De integração nacional  
Se não fora os seus jornal  
Seu rádio e televisão  
Talvez na nossa nação  
Não existisse o Mobral.

Do jagunço ao vaqueiro,  
Do pobre ao milionário,  
Do político ao operário,  
Do poeta ao jangadeiro,  
Camelô e jornaleiro



Botou-os num só rebanho  
Fugindo do campo estranho  
Mostrando o claro da luz  
Dizendo que pra Jesus  
Todo homem é dum tamanho.

Cursos de Letra e Ciência  
Geram da sua reserva  
E o projeto Minerva  
Por rádio e correspondência  
Da mais alta presidência  
Merece um amor febril  
Vamos nós! Criar mais mil  
Bustos de ouro em alta crista  
Para o maior jornalista  
Que já nasceu no Brasil.

(Poema feito de improviso na TV-Ceará Canal 2, no  
Programa Irapuan Lima, na tarde do dia 2-2-1975.)

## FOLCLORE REGIONAL

*Luis Dantas Quezado*

### *Frutas do Ceará*

Ubaia, ameixa e quixaba  
Veludo, murta, juá  
Erva-moura, gordião  
Mari, coco e trapiá

Jaca, condessa e oiti  
Ingá, pitomba e caju  
Lima, cabace imbu  
Palmeira, coité, piqui  
Pinha braba e murici  
Quixabeira e guabiraba  
Fruta de abobra e mangaba  
Graviola e jatobá  
Uva, peroba, araçá  
Ubaia, ameixa, quixaba

Mucunã e cajarana  
Urucu, jaramantaia  
E melancia da praia  
Mangaba, pinha e banana  
Fava e cana caiana

Cabacinha e croatá  
Canapum, maracujá  
Xique-xique, feijão brabo  
Mandacaru e quiabo  
Veludo, murta e juá

Inhame, colé e cará  
Vinagreira, araticum  
Coco, catolé, jerimum  
Maxixe, manga, croá  
Tomate e manipuçá  
Maripungo e algodão  
Carrapateira e pinhão  
Jurubeba, maniçoba  
Tamborim, romã, caroba  
Erva-moura, gordião.

Laranja, manguibe, limão  
Lírio e jatobaí  
Marangaba, buriti  
Coco-da-praia e melão  
Cana crioula e mamão  
Melancia e ananá  
Fruta de jacu, cajá  
Sabonete e macaúba  
Ingati e carnaúba  
Mari, coco e trapιά.

*Cantadores e suas procedências*

Preto Limão em Natal  
Nogueira no Cariri  
Inácio na Catingueira  
Bolino no Sabugi  
Romano lá no Teixeira  
Zé Duda Velho em Zumbi  
No Curato, Pedra Azul  
Na Aliança, João Quirino

Na Cachoeira, Cafuçu  
No Piauí, Francelino  
Na Paulista, Antônio Cruz  
No Azevem, Marcelino.

*Poder oculto da mulher*

É a fonte salvadora  
De qualquer situação  
Quem não crer nisto que digo  
Pode prestar atenção  
Vê logo a realidade  
E, como especialidade,  
Se for uma procissão.

Qualquer um religioso  
Querendo experimentar  
Fazer uma procissão  
Sem a mulher ajudar  
Chegando em meio ao caminho  
O santo fica sozinho  
Sem ter quem o carregar.

A mulher indo no meio  
Como é acostumada  
Anima-se todo mundo  
Ali não falta mais nada  
Da minha parte eu garanto  
Que o povo carrega um santo  
Que pesa uma tonelada!

## **GOSTO MUITO DE TI, MAMÃE QUERIDA**

*G. Lobo*

No berço, a criancinha inda não fala:  
O sorriso é linguagem universal!  
Vem a mãezinha dedicada e meiga  
Fazer-lhe mil carinhos,  
Mudar-lhe as fraldas  
Ou trazer mingau:  
Brota um sorriso angelical, mimoso  
E uma linda frase é traduzida:  
Gosto muito de mi, mamãe querida!

Depois, já bem crescida, vai à Escola,  
Aprende a rabiscar algumas letras,  
E, um belo dia as garatujas dizem  
Aos olhos da mãezinha agradecida:  
Gosto muito de ti, mamãe querida!

Se viaja, de longe sente a falta  
Do anjo de bondade, então, escreve.  
Chega a carta cheia de saudade,  
No fim, a mesma frase repetida:  
Gosto muito de ti, mamãe querida!

Chega o dia das Mães, os filhos todos  
Cercam alegres a homenageada;  
A Alegria e o Amor, fazem a festa:  
Então se ouve em voz enternecida:  
Nós gostamos de ti, mamãe querida!

Se a mãezinha adoce e os céus a chamam,  
No derradeiro adeus, os filhos reunidos,  
Em lágrimas banhados, balbuciam:  
Querida, que estas lágrimas sentidas  
Se transformem em flores perfumosas  
Para enfeitar os teus novos caminhos...  
A glória que te espera é o prêmio justo  
Pelo bem que fizeste em tua vida;  
Nossas almas aqui ajoelhadas  
Repetem com ternura comovida:  
Nós gostamos de ti, mamãe querida!

## DOIS SONETOS DE DANDINHA VILAR

### CARRO-DE-BOIS

Velho carro-de-bois que sobe a serra  
Preguiçoso, indolente, a rastejar,  
Tu me vens recordar a minha terra  
E as minhas lembranças acordar.

Velho carro-de-bois, eu vejo ainda  
— E não deixo afastar do coração —  
No teu ranger, a música mais linda  
Que a saudade ensinava no sertão.

Pela estrada passando displicente,  
Vaidoso e tranqüilo, negligente,  
Num moroso e ritmico cantar.

Tu lembras uma imagem da esperança  
Que a gente descortina e não alcança  
Porque não chega a tempo de alcançar.

## CONSELHO

Chorar porque eu te deixo não precisas,  
Nem eu choro também porque me deixas!  
Paralelas tanjemos nossas vidas  
Sem guardarmos por nós nenhuma queixa.

Rancores nos dispensa a despedida  
Saudade? — É natural que não sintamos!  
Tratemos de deixar sempre esquecida  
Esta etapa de amor que desfrutamos.

Não há vidas felizes, na verdade!  
Felizes são somente alguns momentos  
Como os que nós, tão rápidos, vivemos.

Não estranhemos, pois, que a realidade  
Atire ao vendaval do esquecimento  
E esmague aqueles sonhos que tivemos.



## PAÍS DAS PEDRAS VERDES

*Petrarca Maranhão*

Por mil Vitória-Régias adornada,  
— jovem noiva sensual de um rei gentio —  
Manaus se mira, entre faceira e amada,  
nos igapós risonhos de seu rio...

Pelo clarão da lua iluminada  
ou por um fulvo sol quente e macio,  
repousa na floresta almofadada,  
molhando os pés no igarapé sombrio...

Dos seus jardins com tufos de altas relvas,  
soa, solene, fina e solitária,  
a rumorosa música das selvas!

De bubúia, entre o verde, a obá desliza...  
Manaus resplende em força legendária,  
e um brilhante futuro profetisa!

## UNIÃO FATÍDICA

*Alcântara Araripe*

Não havia jeito de fugir àquela sentença que estava lavrada vendo, em sua frente, os maiores obstáculos. Por maior esforço que fizesse, não poderia sair daquele enleio, parecendo uma conspiração das almas das coisas, contra sua felicidade. Sua vida transformara-se num amontoado de angústias. Estava reduzido a um autômato, sem vontade edificante, sem ideal, perambulando dia e noite pelas ruas da cidade, onde havia se desenrolado o drama de que tinha sido vítima. A mulher que lhe abria a trágica porta do abismo onde caíra, não lhe saía do pensamento. Via-na retratada nas praças, nas ruas, nos jardins, no céu, em toda a parte em que olhava. Em torno, tudo se lhe afigurava vazio, sem cor, sem expressão, sem harmonia. Estava quase louco!

Numa tarde de verão, o destino colocara-lhe u'a mulher no caminho. Ela brincava com uma criança de dois anos, na praça da Catedral, quando ele, com a sua costumeira indiferença, ia passando. Ao vê-la, sentiu uma coisa estranha e inexplicável. Simulando tirar uma flor na frente do banco em que ela estava sentada, aproximou-se. Queria vê-la de perto e falar-lhe, se fosse possível. A sorte o favoreceu.

— O senhor gosta desta flor? — perguntou a mulher com um certo interesse, fingindo acanhamento.

— Gosto, sim, senhora. Ela dá a semelhança de uma flor cultivada no jardim de minha mãe, em Minas Gerais.

— O senhor anda a passeio?

— Não. Ando a serviço. Fui contratado para fazer um levantamento na escrita contábil de uma Companhia, nesta cidade.

— Desculpe a curiosidade. Como se chama?

— Não vejo razão de pedir desculpas por esta pergunta. Josué Franklin, às suas ordens.

— Obrigada. Maria Laura. Todas as tardes, estou aqui com Maria Selma. Ela gosta de brincar na grama.

— Poderei vir falar com a senhora, todos os dias?

— É prazer. Muito me satisfaz palestrar com pessoas que me inspiram confiança. Além do mais, minha vida é muito monótona. E, quem sabe? Poderia ser pior, se não tivesse esta menina — dádiva de Deus — para tornar-se a única alegria e a companheira dos meus dias, na face da Terra.

Enquanto Laura conversava com Josué, Maria Selma, rindo, corria na grama, numa luta inglória, procurando pegar uns passarinhos que voavam baixinho. Um bem-te-vi insolente, empoleirado numa folha de palmeira, à espera de algum inseto descuidado, vendo a correria da menina, mangava a valer com o seu canto importuno.

Despediram-se com um riso fácil, tendo os olhares se encontrado com uma expressão mais eloqüente do que a própria palavra. Às vezes, a palavra pouco ou quase nada exprime.

O traje de Maria Laura era sóbrio e discreto — um vestido de seda azul-marinho, bordado de linha preta. No peito esquerdo, via-se um monograma com as iniciais — R.S.C. — dentro de um losango cor violeta. Notava-se pronunciado destaque da roupa escura com o seu rosto branco e rosado, sem o artifício da maquilagem. Seus cabelos castanho-escuros, presos por uma fita preta, caíam-lhe nos ombros, com elegância e beleza.

Josué dirigiu-se ao hotel onde estava hospedado, com o pensamento voltado para Maria Laura. Aquela mulher de testa ampla, de olhos claros e tranqüilos, de lábios finos, simples e graciosa, com um ar de fidalguia modesta e natural, parecia fasciná-lo. Tanto que fora infenso a amores violentos, não se deixando levar por certos atrativos do sexo oposto. Agora, ao completar trinta anos de idade, inclinara-se a uma extem-

porânea capitulação. No entanto, não havia de ser nada. Faria como de costume: alimentava uns dias, depois engendraria algumas desculpas, e tudo ficaria resolvido. À primeira vista, compreendera que ela fosse casada. Logo em seguida, porém, viu-lhe no dedo anular da mão esquerda, duas alianças, ficando esclarecido que, em verdade, era viúva. Nada importaria. De conformidade com suas intenções, nenhum embaraço poderia advir, interceptando-lhe os passos. Praticamente não passava dum viajante. Finalmente, no dia seguinte, teria de fazer clarear qualquer sombra de dúvida, quanto ao estado civil de Laura.

Quando chegou à praça, Laura estava esperando-o, tendo demonstrado satisfação ao vê-lo chegar.

— Cheguei aqui há quinze minutos, mais ou menos. Pensei que não viesse — disse Maria Laura com um sorriso cativante, convidando-o a sentar-se.

— Qual! não seria praticável faltar a tão honroso encontro. Sou mesmo ronceiro, sem intenções secundárias.

— O senhor tem gostado da cidade?

— A princípio, não. Como a senhora sabe, o adventício sempre encontra certas dificuldades para fazer amigos. Agora, todavia, est'ou enxergando as coisas por outro prisma.

— Pretende demorar-se?

— Os entendimentos estão encaminhando-se neste sentido. O diretor da Companhia quer que eu fique chefiando a contabilidade. Isto, entretanto, depende de novo ajuste. Na hipótese, poderei ficar residindo aqui.

— Poderá acontecer com o senhor o mesmo acontecido comigo. Vim de Pernambuco passar umas férias escolares na casa de uma tia, residente nesta cidade, ao terminar o curso científico. E aqui chegando, não sei como, me enamorei do rapaz com quem me casei, há quatro anos. Imagine. Eu tinha compromisso com um rapaz, no Recife. Mas como o senhor deve saber, esses casos acontecem. São deliberações do destino, a que não se pode fugir. Bem, deixemos isso e vamos adiante. Eu tinha, naquele tempo, dezoito anos. Ele trabalhava como gerente de uma firma comercial nesta praça. Infelizmente, faleceu de pneumonia, quando Maria Selma contava

apenas três meses de nascida. E fiquei aqui com minha filha e vivendo duma pensão deixada por ele. Já encontrei diversos casamentos, mas com pessoas não do meu agrado. Tenho receio de o segundo marido não ser igual ao primeiro — o meu querido Romualdo.

Terminou esta sucinta narrativa, com os olhos nadando em lágrimas. Josué não pronunciou uma só palavra. Achou por bem respeitar aquele sentimento que vinha do recesso do coração de Maria Laura.

Selma chegara amuada. Sentara-se na grama, sem dar uma palavra, torcendo e destorcendo o cinto do vestido de cambraia azul-claro. Tudo em redor lhe era indiferente. Josué tentou sentá-la nas pernas, não o conseguindo.

— Deixe. Esta menina é assim mesmo — fica zangada por qualquer tolice.

— Isto é próprio de criança — acrescentou Franklin, levantando-se do banco.

Depois de muitos dias de seus encontros, no mesmo local, Josué, não podendo mais sustar o amor que o dominava e o arrastava de maneira firme e resoluta, para um fim, confessou-o a Laura, terminando com estas palavras:

— Se conceder-me a honra de ser minha noiva, entre os felizes serei, também, feliz na Terra. Sou livre, gozo de plena liberdade na prática de meus atos, e a minha situação jurídica permite o desejado êxito na atitude que acabo de tomar.

Maria Laura baixou a cabeça durante cerca de quarenta segundos. Em seguida, levantou a vista e, com a emoção peculiar a esses assuntos, quando a contingência de abrir um novo caminho para a vida obriga a deliberar, embora com restrição, com um misto de alegria e tristeza, fitou seu pretendente com um olhar firme e falou com voz trêmula:

— Amanhã o espero em minha casa. Meu endereço é...

Despediram-se com um ligeiro "até amanhã". Josué sentiu que as mãos de Laura estavam frias.

Laura, ao chegar em casa, não quis jantar. Mandou a empregada fechar as portas e deitou-se, pondo-se a pensar se deveria aceitar ou não aquele moço por seu esposo. Sua

situação, na verdade, não era boa, mas ia vivendo no seu regime de economia forçada sem, contudo, dever a quem quer que fosse. Desde que ficara viúva, ainda não tinha recebido auxílio de seus parentes, embora, por vezes, eles lhe oferecessem. Era relativamente nova, pois tinha somente vinte e dois anos e seria um passo acertado casar-se com um homem digno de seu afeto, como Josué o era. Mas tinha sua filha, a quem amava com o verdadeiro amor de mãe, representando a imagem do seu querido Romualdo Silveira da Costa e temia haver, entre eles, alguma discórdia por causa da menina. Adormeceu depois de três horas da madrugada sem, no entanto, nada ter resolvido. Pela manhã, antes de levantar-se, compreendeu a impraticabilidade de perder a oportunidade de unir-se àquele homem a quem já amava, esperando encontrar um esposo à medida de suas aspirações. Quanto ao caso da menina, explicar-se-ia. Tranqüilizou-se com esta resolução. À noitinha, esperá-lo-ia com satisfação e pronta para aceitar o noivado. Logo depois do café, fez uma caprichosa arrumação na casa, como se fosse para uma festa.

Franklin, por sua vez, também havia pensado bastante a respeito do passo que iria dar. No seu entender, porém, não podia haver outro caminho a tomar, desde que estava fortemente apaixonado por Maria Laura. Compreendia não suportar a viver sem aquela mulher de fala quente e harmoniosa que, por bem ou por mal, surgira em sua estrada.

Ao cair da noite do dia imediato, um carro buzinou à porta da casa do endereço indicado. Laura, vestida como de costume e com inusitado prazer, aguardava a chegada de Franklin. Recebeu-o com alegria — mas sem exagero ou alarde — convidando-o para a sala de visitas. Franklin observou que todos os móveis, apesar de simples, estavam dispostos com arte e bom-gosto. Depois de palestrarem sobre diversos assuntos, notadamente literatura, pintura e música, ele procurou desviar a conversa para o ponto a que se prendia sua visita. Cada qual expôs suas razões e exigências, sendo aceitas mutuamente. Depois de selado o compromisso com palavras de fé, abraçaram-se e beijaram-se. De comum acordo o casamento seria realizado dentro de trinta dias.

Estavam com dez meses de casados e viviam na mais perfeita harmonia, sem o menor atrito. Ambos agiam com liberdade, mas obedecendo, com naturalidade, aos rígidos preceitos do respeito mútuo. O lar, constituído por Josué e Laura, era uma espécie de santuário onde vivia, sob as bênçãos de Deus, a imagem do amor conjugal. Aquele ambiente de paz e de concórdia jamais atingira a profanação, dada a maneira por que ambos se conduziam.

Laura recebia, constantemente, cartas de sua mãe. Uma noite, depois do jantar, ela manifestou ao marido o desejo de ir ao Recife, alegando fazer muitos anos ausente de sua família. Olhou para Josué com ar respeitoso e perguntou:

— Você consentiria que eu fosse visitá-la?

— Com muito prazer. Diga quando pretende viajar, a fim de providenciar o dinheiro necessário para suas despesas.

— Na semana que entra. Irei com Selma e Jovina (empregada). Você ficará tomando refeições no hotel e dormindo aqui em casa.

— Combinado — confirmou Franklin, levantando-se para ligar o rádio.

\*\*\*

Maria Laura regressou do Recife, onde passara quase um mês. Depois de três dias, Franklin começou a notar-lhe uma nuvem de tristeza estampada no rosto e algumas diferenças nas atitudes. Esperou o resultado daquela mudança que, gradativamente, foi recrudescendo. Macambúzia, imbuída duma obstinação mórbida, alheia às suas precípuas obrigações, chegando a tratar o esposo com indiferentismo. Franklin, preocupado com aquela situação pouco satisfatória, com muito tato e carinho, perguntou-lhe qual a causa daquele estado de apatia, que fosse ao médico, obtendo áspera resposta.

— Não tenho nada nem vou a médico! Quero ficar assim mesmo!

Josué ficou em atitude pensativa, e, sem revidar aos insultos da esposa, vestiu o palitô e saiu. Por mais que investi-

gasse as coisas, não chegaria a descobrir as razões do fenômeno que lhe estava abalando as colunas-mestras do lar. Subiu e desceu ruas, sem falar com pessoa nenhuma, entrou num bar, tomou uma dose de uísque e continuou andando. Às duas horas da madrugada voltou à casa, encontrando a mulher na mesma enfunção. Não lhe deu a menor atenção.

Levantou-se cedo. Mas nesse dia não foi ao escritório. Dado o seu estado de sérias apreensões, não poderia lidar com algarismos.

Como se observa, em tudo há uma razão de ser. Laura quando, há anos, veio do Recife, lá deixara um namorado — Fábio de Oliveira Sousa — com quem tinha compromisso de casamento. Agora, com a sua visita àquela capital, vira o rapaz, com ele palestrara, passeara e, por vezes, o acompanhara ao cinema, não se sabendo ao certo se, entre eles, houvera outras relações. . .

Mais ou menos quinze dias depois que Laura manifestara o inexplicável mau humor, uma tardinha, quando Josué chegou em casa, encontrou a porta fechada, mas destrancada. Abriu-a e entrou. Ao penetrar na sala de visitas, notou um pesado silêncio. Percorrendo todas as peças da casa, inclusive o jardim, certificou-se, com clareza, de não haver ali uma só pessoa humana. Voltou vasculhando tudo e nada, enquanto todos os pertences da casa permaneciam em seus lugares. O silêncio crescente, cada vez mais pesava parecendo, na expressão de Augusto dos Anjos: "...um hospital onde morreram todos os doentes".

À vista daquela triste situação, Josué, correndo um olhar retrospectivo na sua vivência com a esposa, à procura de um motivo atual ou remoto que justificasse tal atitude, tão violenta quanto insultuosa, não encontrou. Envergonhado de tamanha desgraça que, sem a sua mínima participação, vinha desmoronar-lhe a vida, sentindo-se quase morto, com as mãos trêmulas, trancou a porta, botou a chave no bolso e saiu caminhando devagar. . .

Teresina, 1972.



## SESQUICENTENÁRIO DA CONFEDERAÇÃO DO EQUADOR

*Joaryvar Macedo*

Procuraram-me, quase de última hora, para nesta solene sessão da Câmara Municipal Cratense, comemorativa dos 121 anos da elevação da Vila do Crato à categoria de Cidade, representar o Instituto Cultural do Cariri e lembrar que essas festividades revestem caráter especial, porquanto este 1974 assinala o sesquicentenário da Confederação do Equador.

A premência de tempo, vez que não fui avisado com a necessária antecedência, não me permitiu elaborar trabalho à altura.

De qualquer forma, aqui estou, na qualidade de membro titular do conceituado sodalício da intelectualidade regional.

Senhores:

O Crato teve, na Província do Ceará, participação efetiva e a mais expressiva na Confederação das Províncias Unidas do Equador. Foram os daqui, particularmente, que, com bravura e heroísmo, aos 26 de agosto de 1824, na Cidade de Fortaleza, propuseram "que à vista dos perjúrios de D. Pedro, Príncipe de Portugal (chamado Imperador do Brasil), estava roto nosso Pacto social, tantas vezes assegurado por ele, e outras tantas violado publicamente a face das Nações em afronta daqueles mesmos povos, dos quais ele de modo próprio havia tomado o Título de Defensor Perpétuo, não lhes tendo sido até agora senão um opressor encarniçado, não respeitando os foros da liberdade do Brasil, quando despoticamente e

a força d'armas aboliu a Assembléia Geral Constituinte da Nação inteira...”

Do Crato para Fortaleza, em ordem à proclamação da República do Equador, tentando salvar a Pátria do perigo em que se encontrava, a despeito de todos os sacrifícios, e jurando dar a última gota de sangue pela Confederação, partiram o seu malogrado Presidente, Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, o capitão-mor, o Governador das Armas, José Pereira Filgueiras, o padre José Martiniano de Alencar e outros.

Entre os dois heróis de 24, no entanto, agiganta-se o nome de Tristão Gonçalves, que teve atuação mais decisiva e enérgica do que mesmo o Presidente de Pernambuco, Manuel de Carvalho Paes de Andrade.

A Tristão Gonçalves de Alencar Araripe, que “se entregou de corpo e alma” ao movimento, que “na hora amarga dos desastres repetidos, soube enfrentar os sacrifícios com heroísmo invulgar”, dedicou o bardo cearense Juvenal Galeno ao de belíssima — “Tristão de Alencar” — que ora leio, nesta data magna para o Crato, em homenagem à heráldica Cidade de heróis e de mártires:

“As glórias, os feitos dum bom patriota  
Contai aos vindouros, lembrai-os, irmão;  
Foi ele um luzeiro das praias do norte,  
Seu sonho, o do livre; seu nome — Tristão!

Da Pátria era um filho dos mais extremosos,  
Dos bravos, o bravo, nas armas um rei!  
No meio das lutas clamava inspirado:  
— “Morrer ou ser livre... irmãos, aprendei!”

E nunca medrosos disseram seus lábios:  
— “As armas deponho, não posso... cansei!”  
Oh, não, que de bravo seus feitos só foram,  
Dum bravo daqueles que mais não verei!

— “Brasil, liberdade!” — foi este o seu brado  
Constante nos prélíos enquanto viveu!  
— “Brasil, liberdade!” — foi santa divisa,  
Que em sua bandeira valente escreveu!

Brasil, sua pátria, seu solo querido,  
Ainda colônia do luso mandão;  
Gentil liberdade, sua alma, seu nome  
Rompendo as cadeias de férreo grilhão!

E o povo o buscava no tempo das lutas,  
Ele era o seu chefe na hora d’ação!  
Dizer o contrário não vejo quem possa:  
Do norte era um gênio; seu nome — Tristão!

Eu vi-o cismando na sina da pátria  
Levar noite inteira sem sono e prazer;  
Uma hora sorrindo com doce esperança,  
Outrora deixando seu pranto correr!

E vi-o falando co’o forte Filgueiras,  
E os filhos do Crato no pátrio porvir;  
Ardentes discursos ouvi de seus lábios,  
Que nunca souberam ao povo mentir.

E vi-o com outros gritar: — Liberdade!  
No dia em que finda do luso o poder:  
E junta a Filgueiras seguindo garboso  
A vila de Oeiras que vai defender.

E vi-o, animoso, do povo cercado,  
Cuspindo num trono, rasgando um pendão!  
E ardente, e sentindo dos régios caprichos,  
Bradando: — “Eia, às armas! Ressurja a nação!”

Depois... oh, que dia... qu’infausto combate!  
No meio dos campos... a sós... sem ninguém,  
Debalde procura... procura salvar-se!  
Por causa dos Chaves, dos Cunhas também!

Então, cai ao golpe de torpe assassino...  
D'infames sicários da inimiga facção!  
Ai, foi um luzeiro que breve apagou-se...  
Do norte era um gênio; seu nome — Tristão!

Morreu como mártir! Nas lutas da Pátria  
Gastou sua vida, seu sangue verteu!  
Sonhava-a liberta do jugo nefário.  
Sonhava-a ditosa... lutando morreu!

E quando ferido da bala homicida,  
— "Brasil, liberdade!" — expirando bradou:  
Cumpriu seu destino! Coberto de louros  
Qual astro brilhante no ocaso tombou.

E os ares fendendo sua alma divina  
Filgueiras espera na santa mansão.  
E Andrade e Gonçalves, cantor inspirado,  
E outros... os mártires do pátrio torrão.

E os livres choravam ao vê-lo partir-se  
Da Pátria... esse esteio de tanto vigor!  
Assim como choro... Lutei a seu lado,  
E a frente beijei-lhe... sem vida, sem cor!

Morreu! Mas seu nome luzente de glória  
Jamais esquecido de todos será;  
Seus feitos heróicos escritos ficaram  
Nas lendas do povo, nos cantos de cá.

E agora os repito... chorando saudoso...  
Vindouros, ouvi-me: contai-os, irmão:  
Foi ele um luzeiro que breve apagou-se.  
Do norte era um gênio; seu nome — Tristão!

(Discurso proferido pelo prof. Joaquim Joaryvar Macedo, da Faculdade de Filosofia, em sessão solene da Câmara Municipal, no dia 17 de outubro de 1974, comemorativa do Sesquicentenário da Confederação do Equador).

## NOTICIÁRIO

### INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI VAI PARA NOVA SEDE: CONVÊNIO FIRMADO

Contrato celebrado entre o Dr. Antônio de Alencar Araripe e o Instituto Cultural do Cariri, por seu Presidente, João Lindemberg de Aquino, como abaixo se declara:

Art. 1º — Entre o Dr. Antônio de Alencar Araripe, brasileiro, casado, advogado e funcionário público estadual aposentado, domiciliado em Fortaleza, na qualidade de legatário do espólio de dona Rosa Amélia Alves de Oliveira, e o Instituto Cultural do Cariri, representado por seu Presidente, João Lindemberg de Aquino, foi contratada a locação gratuita do prédio, em parte assobradado, sito à Praça 3 de Maio, desta cidade de Crato, sob o, digo, anexo à casa sob o nº cento e oitenta (180), de um lado, e ao edifício da Micro-ondas, do outro, de acordo com as cláusulas e condições adiante estipuladas.

Art. 2º — A locação em apreço é celebrada pelo período de dez (10) anos, a contar de sua data, a fim de que ali se instale e funcione, com sua biblioteca, acrescida de livros encontrados no dito espólio, exposta à consulta de interessados, o Instituto Cultural do Cariri.

Art. 3º — Cabe à Instituição locadora efetuar o pagamento dos impostos e taxas, que porventura recaiam sobre citado prédio, a realizar os melhoramentos e adaptações, de que o mesmo necessite, sem direito a posterior indenização por parte do locador.

Art. 4º — O prédio ora locado será restituído ao poder do locador, logo esteja vencido o respectivo prazo da locação, ou, antes, se o Instituto precitado deixar de utilizá-lo de acordo com as indicações constantes do item 2º.

Art. 5º — O presente contrato poderá ser prorrogado, quando ocorrer seu vencimento, pelo decurso do prazo de vigência, uma vez que isso deliberem o locador e a locatária.

Crato, 31 de maio de 1975.

*Antônio de Alencar Araripe*  
*João Lindemberg de Aquino*

TESTEMUNHAS:

*Raimundo de Oliveira Borges*  
*José Peixoto de Alencar Cortez*  
(Firmas reconhecidas no Cartório Geraldo Lobo, Crato).

#### METAS DA NOVA DIRETORIA DO ICC

J. Lindemberg de Aquino, novo Presidente do Instituto Cultural do Cariri, falando à nossa reportagem, disse que são muitas as metas da nova Diretoria e, dependendo de recursos a serem conseguidos, todas elas serão paulatinamente atingidas. Na próxima semana, com a chegada ao Crato do ex-deputado Antônio de Alencar Araripe, será providenciada a assinatura do convênio, entre aquele senhor e o ICC, para recebimento oficial da casa da professora Rosamélia, que já está em seu poder, para que o Instituto se mude para ali, em frente ao Posto Ceará, e ali instale a sua Biblioteca.

O Presidente do ICC já esteve em contato com o sr. José Eron Pinheiro, Secretário de Obras do Município, e pediu a ajuda da municipalidade, por seu intermédio, para pintar, reformar e restaurar a Casa. O Instituto merece uma sede con-

digna, pelo muito que tem feito pelo Crato, e pela promoção de nossa terra, nos maiores centros do país. Eron Pinheiro prometeu dar a ajuda de sua secretaria, nesse setor, em reconhecimento do muito que o ICC tem feito pelo Crato.

Na Universidade Federal do Ceará o ICC vai pedir a vinda de um técnico em Biblioteca, para coleccionar, arquivar, fazer o fichário e organizar a Biblioteca do Instituto, que, então, será aberta a todo o público do Crato, prestando, assim, inestimáveis serviços à nossa coletividade. A revista *Itaytera* será impressa, em 1975, na Imprensa Universitária. Convênio nesse sentido será feito na Universidade Federal do Ceará.

Na casa nova, a sede do ICC, haverá uma sala especialmente dedicada ao folclore. A Sala Professor Pedro Teles. Ali serão guardados os materiais e vestimentas dos nossos conjuntos folclóricos, onde eles, inclusive, poderão ensaiar os seus números e apresentações. O salão principal da nova sede do Instituto será destinada a exposição permanente de produtos da terra, e exposições de artes de artistas locais, conferências, debates, lançamentos literários etc.

Funcionarão o gabinete da Presidência, a Secretaria e o arquivo, em outras salas. Em outra, será instalado, com as suas primeiras peças, o Museu da Imagem e do Som, de Crato. Outros planos estão em vistas, tudo dependendo, forçosamente, dos recursos a serem obtidos pela nova Diretoria.

(*Tribuna do Ceará*, 28-10-74.)

## INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI EXALTADO EM MINAS GERAIS

O folclorista carioca Francisco de Vasconcelos, diretor do jornal *Presença de Folclore*, editado no Rio, enviou a seguinte carta a J. Lindemberg de Aquino, Presidente do Instituto Cultural do Cariri:

“Meu prezado amigo Lindemberg de Aquino:

Em 2 do corrente, lancei, em caráter oficial, na cidade de

Januária, o meu "O Folclorista Manoel Ambrósio", trabalho que foi inserido, originariamente, em *Itaytera* nº 18.

O sucesso foi absoluto. Vendi todos os exemplares disponíveis, entre os intelectuais, alunos, professores e a própria Prefeitura adquiriu separatas para distribuí-las em todas as escolas rurais do Município.

Em todos os lances da promoção ficaram bem gravados no espírito januarense os nomes do Instituto Cultural do Cariri e da revista *Itaytera*, vanguardeiros da luta pela defesa e divulgação da cultura sertaneja e nordestina de modo geral.

Do esforço que em boa hora despendi resultaram excelentes perspectivas para a publicação do acervo de inéditos de Manoel Ambrósio. A Prefeitura de Januária vai financiar as edições tanto quanto possível. Já estou trabalhando sobre os originais de Antônio Dé. Fica, mais uma vez, patente, que a justiça tarda mas não falha: e eu faço questão de dividir os louros dessa vitória com o ICC e com *Itaytera*, que foram os veículos para que os caminhos ambrosianos fossem abertos.

Abraço do amigo e admirador

*Francisco de Vasconcelos."*

(*Tribuna do Ceará*, 30-10-74).

## PRESIDENTE DO INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI CONTINUA RECEBENDO CUMPRIMENTOS

Entre as diversas correspondências que continua o jornalista J. Lindemberg de Aquino, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, recebendo de todos os pontos, cumprimentando-o pela sua eleição para aquele posto, podemos hoje assinalar trechos das seguintes:

"Através da Imprensa tomamos conhecimento de sua eleição e posse na Presidência do Instituto Cultural do Cariri, sucedendo ao nosso saudoso e imortal confrade José Alves de Figueiredo Filho, e cuja morte, como era justo e natural, foi, por todos nós, profundamente sentida e ainda hoje lamentada.



Em meu próprio nome e em nome dos meus pares, venho lhe trazer sinceras felicitações, pela posse na Presidência dessa Casa, pedindo-lhe, ao mesmo passo, que felicite a todos os seus companheiros de Instituto pela feliz escolha que fizeram, já que, sem demérito para qualquer um deles, o eminente confrade era o natural substituto de J. de Figueiredo Filho, no alto posto, quer pelas suas qualidades pessoais e espirituais, quer pela afinidade de idéias, entre ambos, e quer, ainda, pelo amor à entidade e quer, especialmente, pelo imenso bem-querer à terra do berço. *Ribeiro Ramos*, Presidente da Academia Sobralense de Estudos e Letras."

"Acabo de voltar do Crato, onde passei breves momentos, durante os quais soube da eleição do distinto amigo para Presidente do ICC. Venho trazer-lhe os meus parabéns, de par com efusivos votos de bom sucesso à frente da mesma instituição e tomo a liberdade de sugerir:

I — A realização de Simpósios culturais específicos, conferindo-lhes, também, uma dimensão quanto possível científica, a começar pela valorização da chapada e do Vale, agora postos em realce pelo Pólo-Nordeste.

II — A edição, sob patrocínios diversos, de uma série de volumes, digamos "Série ICC", ou cousa assim, compreendendo, sempre, trabalhos de várias pessoas, a começar dos sócios, e sem prejuízo da programação normal de *Itaytera*. Por exemplo: 1 - Seleção de *Itaytera*, desde a fundação; 2 - O Cariri Cearense (compêndio geral); 3 - O Cariri Literário; 4 - O Cariri Científico; 5 - O Cariri Religioso; 6 - O Cariri Educacional; 7 - Caririenses Ilustres; 8 - Cidade do Crato; 9 - Cidades Caririenses; 10 - Crato de Outrora; 11 - Crato de hoje.

Seriam volumes de porte médio e bom gosto, mas com a cor local, tendo-se o cuidado de não omitir nenhuma das principais gráficas da terra. Confio em seu idealismo e sua capacidade realizadora. Avante. Abraços do *José Newton Alves de Sousa*."

(*Tribuna do Ceará*, 22-11-74).

## DICIONÁRIO DE TERMOS E EXPRESSÕES POPULARES

### OPINIÕES

"Em cumprimento ao que foi decidido na reunião do plenário de 25 de janeiro último e por sugestão da conselheira Rachel de Queiroz, da Câmara de Letras, foi aprovado voto de congratulações do Conselho Federal de Cultura com essa Universidade pela publicação da obra *Dicionário de Termos e Expressões Populares*, de Tomé Cabral." (Trecho do ofício 50/73-SG-CFC, de 2-2-73, dirigido pelo Conselho Federal de Cultura à Universidade Federal do Ceará).

"Posso afirmar que Tomé Cabral fez obra que honra seu escrúpulo intelectual, realizou plenamente a tarefa a que se propôs e que serve de exemplo para que se estabeleçam, para outras áreas do Brasil, levantamentos iguais ao que o autor acaba de erigir para seu querido Ceará, com especial atenção para a área do Cariri." (Evanildo Bechara, da PUC, do Rio de Janeiro, no prefácio do livro).

"O precioso dicionário de Tomé Cabral é, portanto, uma garantia de que uma grande parte do insubstituível acervo da linguagem regional não se perderá. Está ali, registrado, impresso, em 15 000 verbetes colhidos na boca do povo e autenticados por citações de escritores que já haviam recolhido em suas obras amostras do falar regional e, afora todas essas considerações de defesa da memória lingüística; afora a inegável ajuda que o glossário gigante de Tomé Cabral dará aos estudiosos do idioma; afora os seus méritos óbvios de paciência, honestidade e respeito à autenticidade; afora isso tudo, o dicionário do homem do Crato ainda tem outro mérito: é extremamente gostoso de se ler." (Rachel de Queiroz, em artigo publicado em mais de 30 jornais da rede associada, em abril e maio de 1973.)

"Seu dicionário é esforço digno de louvor e mérito, matéria-prima, ganga bruta e pura, à disposição dos pesquisado-

res da nossa língua, de nossa gente. É livro de alto mérito esse que você preparou e nos deu, sob a proteção da Imprensa Universitária do Ceará. Trabalhos assim no Brasil deveriam receber toda proteção oficial." (Danúbio Rodrigues, em *Politika*, do Rio, nº 79, de 23 a 30-4-73).

"Esse *Dicionário de Termos e Expressões Populares*, do pesquisador Tomé Cabral, é obra que não honra apenas o seu autor, mas a cultura do Ceará. Seu livro, esplendente, robusto, é obra que vem do chão generoso do Cariri, recolhendo a identidade própria do ambiente, dando-nos, por isso mesmo, em termos semânticos, os parâmetros da maneira cearense, do homem sentir, ver e ouvir — e o que é mais importante — de expressar seus sentimentos. Alguém disse com bastante propriedade que livro que não se sustenta de pé não é livro. Este, ao contrário, fica de pé e ainda ampara pelo menos dez." (Eduardo Campos, Presidente da Academia Cearense de Letras e da Associação Cearense de Imprensa e Diretor da rede associada do Ceará. — *Unitário*, de Fortaleza, de 13-1-73).

"Os méritos dessa obra vão muito além do que foi demonstrado, representando a sua elaboração o maior esforço já realizado no Brasil, visando à dicionarização da nossa lexicografia popular. Um trabalho dessa natureza é suficiente para consagrar qualquer investigador no campo da lingüística, podendo Tomé Cabral considerar-se compensado de seus quarenta e tantos anos de pesquisa. A Imprensa Universitária de Fortaleza, que tão bem sucedida já foi noutros lançamentos, que honram a bibliografia brasileira, acrescenta à sua história a publicação de mais um grande livro: o *Dicionário de Termos e Expressões Populares*. Tem razão o professor Newton Gonçalves: a Imprensa Universitária começou bem o seu programa editorial de 73." (F.S. Nascimento, da Imprensa Universitária de Fortaleza, jornalista e crítico literário, no discurso de apresentação do livro, na Reitoria da UFC, em 5-1-73).

"Tomé Cobral, com paciência de pesquisador, interpretação inteligente, cultura sólida, construiu monumental traba-

lho que se perpetuará pelos tempos porvindouros. Seu Dicionário não servirá só ao Nordeste. Será a chave da compreensão de muitas expressões de escritores do Nordeste ou de Minas, muito aproximadas de nós pela linguagem *sui generis* do sertão, filha direta dos primeiros povoadores lusos, aculturada com outros elementos étnicos, que nos formaram." (Professor J. de Figueiredo Filho, Presidente do Instituto Cultural do Cariri, membro da Academia Cearense de Letras e de outras entidades culturais e científicas do país — Impressão publicada na orelha do livro).

"O *Dicionário de Termos e Expressões Populares* é o resultado de pesquisas promovidas pelo autor na região do Cariri, durante um período de aproximadamente cinquenta anos. Veio enriquecer a bibliografia nacional, constituindo-se uma obra de valor inestimável. Como acentuou o Pró-Reitor de Extensão, Newton Gonçalves, a Imprensa Universitária começou muito bem a sua atividade editorial de 1973." (Do jornal mensal *UFC-Jornal*, de janeiro de 1973).

"Um labor que traz, da parte do autor, entre outras coisas, conhecimentos básicos de português, bem assim uma constante preocupação literária, sobretudo no tocante ao uso de expressões populares em que são pródigos livros de ficção, sobretudo os dos escritores nordestinos. Pensamos não cair em exagero ao dizer que o *Dicionário de Termos e Expressões Populares* veio preencher uma lacuna existente em nosso meio, muito embora outras empreitadas de tal gênero já tenham sido realizadas, nenhuma, antes desta, revelando tanto carinho na pesquisa, tanto amor no comparar. Livro como o dicionário a que nos reportamos valem como repositário inclusive de certos termos e expressões que, com o passar do tempo, vão ficando esquecidos." (Otacílio Colares, membro da Academia Cearense de Letras, poeta e crítico literário. — *O Povo*, de Fortaleza, de 3-1-73).

"Vibrei com o Dicionário porque nele talvez tenha me encontrado. Nos termos e expressões que já conhecia. Nasci

no sertão e a ele sempre volto. E eu duvido que quem tem raízes no sertão fique indiferente ao livro de Tomé Cabral. Sabe o que acontece? A gente fica até lamentando ter perdido o contato com a linguagem do homem do sertão, lembrando as conversas de alpendre, entre compadres, comadres, trabalhadores da enxada e do arado, plantadores de milho e de feijão, cortadores de carnaubal." (Ivone de Maia, jornalista. — *O Povo*, de Fortaleza, de 12-1-73).

O *Dicionário de Termos e Expressões Populares* é um grande livro de consulta. Não só os que se dedicam ao estudo da língua portuguesa e das formas dialetais do idioma pátrio, mas também os alunos do primeiro e segundo graus, os estudantes pré-universitários e universitários necessitam do manuseio constante desse documentário *sui generis*, notadamente em função de textos de poetas e prosadores nordestinos." (Dr. Sinésio Cabral, da Procuradoria do Estado, crítico literário e professor de Português do Liceu do Ceará. — *Correio do Ceará*, de Fortaleza, de 10-1-73).

"O *Dicionário de Termos e Expressões Populares* veio para ficar, porque seu conteúdo não é de valor transitório e sim permanente, ao contrário dos dicionários de gíria, que logo passam. Porque o que Tomé Cabral faz é registrar a fala do povo nordestino, notadamente dos habitantes do interior, no que ela tem de mais puro e de mais simples. O Dicionário, como se sabe, é um livro de consultas. Já o *Dicionário de Termos e Expressões Populares* é diferente. A gente vai do A ao Z até ficar zuruó. Zuruó é o último verbete e significa atarantado, atordoado, confuso. Estado que não é provocado pela falta de entendimento do que foi lido, mas na análise do que se vem fazendo no decorrer da leitura, sobretudo com relação à nossa falta de conhecimento de tantos termos originais, pitorescos, saborosos e principalmente judiciosos." (*Gazeta de Notícias*, de Fortaleza, 14-1-73).

"Ao longo de vários anos, Tomé Cabral pesquisou a linguagem sertaneja de seu querido Cariri e o resultado é esse

saborosíssimo *Dicionário de Termos e Expressões Populares*, com que acaba de dar a todos nós, estudiosos e leitores em geral, o prêmio maior da loteria esportiva. O livro ocupou quase uma existência, mas em compensação terá a duração da própria vida. O leitor interroga-se, em numerosos verbetes, como foi possível reunir tanto material, garimpar tanto ouro na mina do povo. Cada página palpita de vida, de calor humano. Vêem-se as pessoas conversando, gesticulando, praguejando, rindo. O "grande mestre rústico que é o povo" encontrou em Tomé Cabral não só o tesoureiro fiel como o lapidário inteligente que recolheu nesse livro notabilíssimo a sua linguagem oral, o seu frasear tosco, explicando-nos o sentido de milhares de expressões regionais. Preservou o patrimônio dialetológico de uma área importante do Ceará, o seu amado Cariri, como já o tinham feito, noutras regiões, Amadeu Amaral, em 1920, com seu *Dialeto Caipira*, e Antenor Nascentes, em 1922, com o *Linguajar Carioca*." (Abdias Lima, escritor, filólogo, crítico literário e professor de Português do Liceu do Ceará. — *Correio do Ceará*, Fortaleza, 5-4-73).

"Obra de indiscutível valor para a implantação de um possível "idioma brasileiro", nascido do povo, como o samba. Trabalho paciente e epistolar de um pesquisador de notáveis recursos, em cuja elaboração foram consumidos cerca de 50 anos, não pode ser apreciado numa simples notícia de jornal. Esse meio século de pesquisas e estudos é um atestado de autenticidade da obra que, fugindo aos regionalismos a que estão sujeitos livros dessa natureza, apresenta um cunho de autenticidade. Dá gosto aos que, como nós, fazem noticiário sobre literatura, a oportunidade de aplaudir a presença de um livro como *Dicionário de Termos e Expressões Populares*, de profunda significação étnica." (Paulo Aragão, escritor, crítico literário e consagrado poeta. — *Correio do Ceará*, 30-5-73).

"A obra, que é indiscutivelmente a mais bem sucedida tentativa de dicionarização do linguajar sertanejo e catalogação de milhares de expressões populares, tem cerca de 15 000 verbetes, alinhados ao longo de 793 páginas. Sob os mais varia-

dos aspectos, achei extraordinário o dicionário de Tomé Cabral. Obra farta de informações não somente para os estudiosos de nossa língua, mas sobretudo para tantos quantos desejarem conhecer, cada vez mais e melhor, o falar simples e expressivo da gente brasileira. Trata-se, pois, de obra destinada a quantos amam o Brasil e o pretendem conhecer na pureza simples do homem do sertão. Parabéns ao meu grande amigo Tomé Cabral pela sua valiosa contribuição à cultura lingüística nacional." (F.S. Piauí, jornalista e crítico literário. — *Correio Popular*, de Campinas, SP, 4-2-73).

"Seu minucioso Dicionário revela-nos um esforçado e hábil pesquisador e demonstra cabalmente seu devotamento à região em que nasceu. E teve ainda o condão de despertar muitas lembranças gratas de pessoas, fatos e episódios dos deliciosos tempos em que vivi no sertão." (Trecho de uma carta do Dr. José Arrais de Alencar, escritor, filólogo e latinista, datada de 5-2-73).

#### EM CIRCULAÇÃO MAIS UM NÚMERO DE *ITAYTERA*

Está circulando, em edição de 202 páginas, o conhecido órgão do Instituto Cultural do Cariri, a revista *Itaytera*, que, mais uma vez, se afirma como publicação de alta categoria e claramente demonstrativa dos créditos culturais das populações sediadas no sul do Estado. A primeira parte da apreciada revista é consignada à memória do escritor J. de Figueiredo Filho, que foi presidente da agremiação dos homens de letras da região e um dos seus principais fundadores (pp. 86-100).

Nas páginas seguintes registram-se valiosos trabalhos de colaboração, entre os quais se fazem notar: "O Folclorista Manoel Ambrósio", de Francisco Vasconcelos; "O Crato há 50 anos" e "114 anos: Inventário do filho de D. Bárbara", de A. Alencar Araripe; "O Caráter Místico do Pe. Cícero", do professor Caio Teixeira; "Santos Dumont", de J. Lindemberg de



Aquino; "Cidadão do Crato", de Cláudio Martins; "Potencialidade Econômica do Cariri", de Jósio Alencar Araripe, e "História de Mangabeira", de H. Pedrosa.

Confirma-se, assim, constituir a *Itaytera* eficiente documentário do progresso intelectual do Crato e suas circunvizinhanças. (*O Povo*).

## SIMPÓSIO REGIONAL DE EDUCAÇÃO

De 8 a 11 de junho último foi realizado, na cidade do Crato, o Simpósio Regional de Educação, dentro das comemorações do Seminário S. José, na sua festa centenária.

O Simpósio primou pela sua organização e produtividade. Assistiram-no mais de 300 simposiastas. Reitores de Universidades, educadores renomados, técnicos, autoridades — foram os conferencistas, havendo sessões de estudos e debates, tudo muito proveitoso. O Governador do Estado, cel. Aduato Bezerra, veio presidir à solenidade final, na oportunidade em que foi oficialmente instalada a Fundação Educacional Martins Filho, novo e histórico marco no desenvolvimento educacional e cultural da região caririense. Essa Fundação será a mantenedora da futura Universidade Regional do Cariri.

O ICC participou ativamente da programação.

## CIRCULANDO O BOLETIM DO ICVC

Está circulando o Boletim nº 1, do Instituto Cultural do Vale Caririense, que tem sede na cidade de Juazeiro do Norte, e que tem como Coordenador o prof. Joaquim Lobo de Macedo, Vice-Presidente do nosso Instituto. O Boletim, alentado, está repleto de excelentes colaborações, e promete ser um grande porta-voz da cultura juazeirense. Nossos votos de muitos êxitos.



## ICC NA POSSE DO REITOR DA UFC

O Instituto Cultural do Cariri, pelo seu Presidente, J. Lindemberg de Aquino, compareceu a Fortaleza, a 19-5-75, às solenidades de posse do novo Reitor da Universidade Federal do Ceará, prof. Pedro Teixeira Barroso. Na oportunidade, em palestra com o nosso Presidente, o novo Reitor da UFC garantiu todo o apoio às iniciativas culturais do Crato.

## DOIS DE OUROS EM NOVA EDIÇÃO

Causou a melhor repercussão em todos os meios culturais do Estado a nova edição do livro *Dois de Ouros*, do conhecido romancista conterrâneo Fran Martins. O livro rapidamente esgotou-se, provando a grande aceitação desse romance regional, cujos cenários se desenrolam no Crato antigo.

## DOIS LIVROS LANÇADOS NA FILOSOFIA

Quando das comemorações dos 15 anos da Faculdade de Filosofia do Crato (12 a 18-5-75), foram lançados dois livros: *A Grande Pirâmide*, do Dr. Luís de Borba Maranhão, e *Engenhos, Capelas, Fazendas e Lugares*, de Joaquim Lobo de Macedo, Vice-Presidente do ICC. Foi noite de autógrafo das mais concorridas.

## ITAYTERA

Por nímia gentileza do prezado amigo general Raimundo Teles Pinheiro, vem às mãos de Dom Camilo, como presente da maior valia, um exemplar do nº 18, deste ano de 1974, da magnífica revista *Itaytera*, órgão do Instituto Cultural do Cariri — que se edita no Crato. Referido número de *Itaytera* é dedi-

cado, pelos menos em 97 de suas 202 páginas, à memória de José Alves de Figueiredo Filho — a voz do Crato e do Cariri, que emudeceu naquele tristonho 29 de agosto de 1973. Fundador e Presidente do Instituto Cultural do Cariri, e também da revista *Itaytera*, bem que José Alves de Figueiredo Filho merece, dos seus continuadores, tão eloqüentes provas de fidelidade espiritual. Os registros feitos pela revista guardam, para a posteridade, uma prova incontestada de que o Crato, o Cariri, o Ceará souberam reconhecer o vácuo que lhes deixou tão grande perda, porque J.A. de Figueiredo Filho foi, ao longo de sua vida, o grande condutor das idéias e dos movimentos másculos de sua terra. Mas o último número de *Itaytera* continua a trajetória traçada por seu fundador e, por isso, vem referto de matéria do maior valor. O general Raimundo Teles Pinheiro escreve sobre o marechal Humberto de Alencar Castelo Branco ("Subsídio e Homenagem"). Antônio de Alencar Araripe sobre "O Crato há 50 anos". Dom Camilo é um admirador de *Itaytera* e, por isso, espera vê-la cada vez mais segura em seu roteiro.

(*Tribuna do Ceará*, 2-7-74).

#### CULTURA PROMETE AJUDAR O INSTITUTO CULTURAL DO CARIRI

O Exmo. Sr. Secretário de Cultura do Estado, Dr. Ernando Uchoa Lima, enviou o seguinte ofício ao Rotary Club do Crato, endereçado ao seu Presidente, Dr. José Peixoto de Alencar Cortez:

"Acusamos o recebimento da correspondência que nos foi enviada por esse Clube de Serviço, datada de 1º de março passado, no sentido de que o Governo do Estado favoreça "com alguma dotação" o Instituto Cultural do Cariri, a fim de que possa aquela veneranda entidade continuar as suas importantes atividades culturais.

Em resposta a seu apelo, cumpre-nos informar que, em contato com o Sr. Governador Adauto Bezerra, levamos ao conhecimento de S. Excia. a situação de dificuldades em que se encontra aquela instituição, impossibilitada que está de exercer as suas atividades por falta de meios financeiros.

O Senhor Governador mostrou-se sensível ao problema e estamos seguros de que, dentro de 60 ou 90 dias, pensamos dispor de verbas com que ajudar, na medida do possível, aquele Instituto, cuja fama e prestígio, como V.S. acentua em sua correspondência, estão além-fronteiras, dignificando a vida cultural cearense.

Passada esta fase de reorganização dos diversos setores desta Pasta, acomodando-se à inspiração dos planos do atual Governo, temos o propósito de incluir a região do Cariri no rol das nossas atividades normais, numa assistência efetiva por parte desta Secretaria de Estado, visando, assim, a um desenvolvimento conciliante com as suas tradições culturais.

Valemo-nos do ensejo para apresentar a V. Sa. protestos de estima e consideração. Ass.) *Ernando Uchoa Lima*, Secretário de Cultura, Desporto e Promoção Social do Ceará."

## ICC AGRADECE AO ROTARY CLUB

O Instituto Cultural do Cariri é devedor ao Rotary Club do Crato de um gesto que significa poderoso estímulo às suas atividades. Ciente das dificuldades financeiras da instituição, o RC do Crato, sob a presidência, então, do Dr. José Peixoto de Alencar Cortez, dirigiu, espontaneamente, ofícios com apelo para a Universidade do Ceará, para a Secretaria de Cultura do Estado e para a Prefeitura Municipal, no sentido de que ajudassem à nossa instituição. Foi gesto digno dos melhores elogios, e que, pelo prestígio de que o Rotary desfrutava, obteve o melhor resultado. Em ata dos nossos trabalhos, fizemos constar voto de louvor e agradecimento ao tradicional e querido Clube Rotário do Crato.

## ÍNDICE

Continua a jornada .....	3
Atividades do ICC em 1974 .....	5
Empossada a nova diretoria do Instituto Cultural do Cariri .....	9
Posse do Dr. José Arraes de Alencar .....	10
Ao assumir a presidência do Instituto Cultural do Cariri — <i>J. Lindemberg de Aquino</i> .....	11
Saudando Dr. José Arraes de Alencar — <i>Jefferson de Albuquerque e Sousa</i> .....	15
Monte Arraes — <i>José Arraes de Alencar</i> .....	19
Ligeiros apontamentos sobre minhá vida — <i>José Arraes de Alencar</i> ..	30
José Arraes de Alencar .....	40
Críticas e opiniões sobre os seguintes livros e outros escritos de José Arraes de Alencar .....	41
Centenário do Seminário do Crato — <i>J. Lindemberg de Aquino</i> .....	54
Crato em diagnose: 1975 — <i>Correia Coelho</i> .....	61
A regionalidade de Figueiredo Filho — <i>José Denizard Macedo de Alcântara</i> .....	81
121 anos da cidade do Crato — <i>Raimundo de Oliveira Borges</i> .....	102
Os Bezerra de Menezes e afins — <i>Gen.-Div. Raimundo Telles Pinheiro</i> ..	107
Surpreendente e condenável comportamento de Lampião no Ceará — <i>Otacílio Anselmo e Silva</i> .....	116
O Padre Cícero - I — <i>Antônio de Alencar Araripe</i> .....	124
Pretensos milagres de Juazeiro — <i>Antônio de Alencar Araripe</i> .....	140
Origens da cidade de Aurora (achegas) — <i>Joaryvar Macedo</i> .....	147
Cinqüentenário da Igreja do Rosário da Cidade de Barbalha — <i>Lyrio Callou</i> .....	163
Genealogia da família Cruz Neves — <i>Jurandir T. Neves e Napoleão Tavares Neves</i> .....	170
Em torno da "Casa do Umbuzeiro" — <i>Pe. Antônio Teodósio Nunes</i> ...	180
Escola de Educação Artística Heitor Villa-Lobos — <i>Iva Gonçalves</i> ....	189

Joaquim José da Silva — <i>J. Caliope</i> .....	192
A região do Cariri e alguns de seus folguedos — <i>Iza Maria Lima de Castilho</i> .....	195
Algumas maneiras de se adoçar o café — <i>Francisco de Vasconcelos</i> ..	206
Ode ao poeta do povo, Patativa do Assaré .....	218
Saudação a Assis Chateaubriand — <i>Pedro Bandeira</i> .....	221
Folclore regional — <i>Luís Dantas Quezado</i> .....	224
Gosto muito de ti, mamãe querida — <i>G. Lobo</i> .....	227
Dois sonetos de Dandinha Vilar .....	229
País das Pedras Verdes — <i>Petrarca Maranhão</i> .....	231
União Fatídica — <i>Alcântara Araripe</i> .....	232
Sesquicentenário da Confederação do Equador — <i>Joaryvar Macedo</i> ...	239
Noticiário .....	243

Composto e impresso na Imprensa Universitária  
da Universidade Federal do Ceará, Avenida  
da Universidade, 2932 — Fortaleza — Ceará



